

E. M. Forster

UMA PASSAGEM
PARA A ÍNDIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



EDWARD MORGAN FORSTER, filho de um arquiteto, nasceu em Londres, no dia 1º de janeiro de 1879. Estudou na Tombrigde School e no King's College, de Cambridge, onde se bacharelou em letras clássicas e história, em 1901. A partir desse ano, em companhia da mãe, passou longas temporadas na Áustria, na Itália e na Grécia. Entre 1912 e 1922 esteve duas vezes na Índia e viveu em Alexandria, de 1915 a 1919, servindo como soldado durante a Primeira Guerra Mundial.

Ainda estudante, com Lowes Dickinson e R. C. Trevelyan, fundou a *Independent Review*, na qual publicou seu primeiro conto, "The Story of a Panic". Influenciado por H. O. Meredith, chegou a ser membro da Cambridge Conversation Society, mais conhecida como "Apostles", grupo de jovens que discutiam moral e outros temas relacionados à intelectualidade. Muitos desse círculo logo se tornariam famosos: Lytton Strackey, John Maynard Keynes, Leonard Woolf e Desmond MacCarthy, entre outros.

O romance de estréia de Forster, *Where Angels Fear to Tread*, foi publicado em 1905 e alcançou rápido sucesso. A ele se seguiu, dois anos depois, *The Longest Journey* [*A mais longa jornada*].

A Room with a View [*Uma janela para o amor*], de 1908, foi adaptado para o cinema em 1985, com direção de James Ivory. Em 1987, o mesmo diretor filmou *Maurice* — romance publicado postumamente, em 1971. Sua obra mais conhecida, porém, é *Uma passagem para a Índia*, de 1924, que, em 1984, também se tornou filme, dirigido por David Lean. *Uma passagem para a Índia*, o livro, recebeu dois prêmios: The Femina / Via Heureuse Prize e The James Tait Black Memorial Prize. Sua primeira coletânea de contos, *The Celestial Omnibus*, é de 1911.

Forster foi convidado para as Clark Lectures, na Universidade de Trinity, em Cambridge, o que lhe propiciou escrever *Aspectos do romance*, publicado em 1927.

Além de romancista, contista, ensaísta e biógrafo, Forster foi também memorialista, tendo escrito alguns relatos de viagem — como *Alexandria: A History and Guide* (1922) e *Pharos and Pharillon: A Novelist's Sketchbook of Alexandria Through the Ages* (1923). De seus sete romances, dois foram publicados após sua morte, ocorrida no dia 7 de junho de 1970.

E. M. FORSTER

UMA PASSAGEM PARA A ÍNDIA

tradução:

Cristina Cupertino

prefácio:

Sandra Guardini T. Vasconcelos

GOBOLIVROS

Copyright © The Provost and Scholars of King's College,
Cambridge, 1924, 1979
Copyright da tradução © 2005 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Título original:
A passage to India

Preparação: Eugênio Vinci de Moraes
Revisão: Valquíria Della Pozza, Carmem T. S. Costa
e Beatriz de Freitas Moreira
Capa: Paula Astiz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Forster, Edward Morgan, 1879-1970

Uma passagem para a Índia / E. M. Forster ; tradução Cristina Cupertino ; prefácio Sandra Guardini. – São Paulo : Globo, 2005.

Título original: A passage to India

Bibliografia.

ISBN 978-85-250-5468-5

1. Romance inglês I. Guardini, Sandra II. Título

05-7206

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Romance : Literatura inglesa 823

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Sobre o autor](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prefácio](#)

[Dedicatória](#)

[1](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[2](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[XX](#)

[XXI](#)

[XXII](#)

[XXIII](#)

[XXIV](#)

[XXV](#)

[XXVI](#)
[XXVII](#)
[XXVIII](#)
[XXIX](#)
[XXX](#)
[XXXI](#)
[XXXII](#)

[3](#)

[XXXIII](#)
[XXXIV](#)
[XXXV](#)
[XXXVI](#)
[XXXVII](#)

[Glossário](#)

[Notas](#)

PREFÁCIO

UM IMPÉRIO SOBRE AREIA

“OS NATIVOS CHAMAM o sistema britânico de ‘*Sakar ki Churi*’, a faca de açúcar. Isto é, não há opressão, é tudo suave e doce, mas é uma faca, ainda assim.”^[1] Com essas palavras, Dadabhai Naoroji (1825-1917), o “grande ancião da Índia”, procurou pontuar as tensões que caracterizaram as relações entre a Grã-Bretanha e a Índia desde que, em princípios do século XVII, os europeus, em especial os britânicos, deram início ao comércio no subcontinente por meio da Companhia das Índias Orientais e ocuparam, de diferentes formas, seu território.

“Faca de açúcar” metaforiza, igualmente, o modo como se constroem as relações anglo-indianas no âmbito de *Uma passagem para a Índia*, de E. M. Forster (1879-1970). Último romance do escritor inglês, resultado de duas visitas de Forster à Índia, uma em 1912-1913 e outra em 1921, quando trabalhou como secretário particular do marajá de Dewas Senior, *Uma passagem para a Índia* carrega já no título a possibilidade de variadas leituras. Em um primeiro nível, mais trivial, a idéia de viagem, como é o caso aqui, nessa história que se abre com duas inglesas, a sra. Moore e Adela Quested, recém-chegadas a Chandrapore, uma cidade pequena e insignificante na Índia imperial. Em outro plano, a sugestão de um ritual de passagem, que envolve não apenas essas duas mulheres individualmente, mas todas as personagens implicadas na experiência de contato com uma cultura diversa, de trocas culturais e alteridade. Mas, sobretudo, numa citação claramente irônica, o eco do poema de Walt Whitman, “*Passage to India*” (1871), uma exortação à comunicação global e à união do Ocidente e do Oriente.

Não era a primeira vez que a Índia se transformava em tema de ficção, dentro da tradição inglesa. Havia precedentes como *Tales of the Punjab* (1894), de Flora Annie Steel, e *East of Suez* (1901), de Alice Perrin, ou *Kim* (1901), de Rudyard Kipling, decerto o mais famoso dentre todos eles. A expansão das fronteiras britânicas, empurradas e alargadas pelo projeto imperial, tornava as

colônias um tema novo para o romance. Não é de estranhar, portanto, que esses novos espaços, povos e culturas passassem a ocupar o imaginário de escritores e leitores, precisamente nessa quadra histórica.

Já em 1835, em seu “*Minute on Indian Education*”, Thomas Macaulay havia defendido a necessidade e pertinência do ensino de língua inglesa aos indianos, para que eles pudessem funcionar como mediadores do legado cultural do Ocidente entre seu próprio povo. O argumento, de quem acreditava jamais ter encontrado alguém que “pudesse negar que uma única estante de uma boa biblioteca européia valia toda a literatura nativa da Índia e da Arábia”, era cristalino:

É impossível para nós, com nossos limitados meios, tentar educar todo o povo. Devemos, no momento, fazer o possível para formar uma classe que possa ser intérprete entre nós e os milhões que governamos; uma classe de pessoas, indianos de sangue e cor, mas ingleses no gosto, nas opiniões, na moral e no intelecto. A essa classe devemos atribuir a tarefa de refinar os dialetos vernaculares do país, de enriquecer esses dialetos com termos científicos emprestados da nomenclatura ocidental, e torná-los, gradualmente, veículos adequados para levar conhecimento à grande massa da população.^[2]

Steel, Perrin e Kipling, por sua vez, assumiram a tarefa inversa, isto é, procuraram escrever a narrativa da Índia para traduzi-la para os ingleses, tratando de seus costumes e de seu povo e construindo uma Índia primitiva para não apenas assinalar a superioridade inglesa e o papel dos ingleses como portadores da civilização, mas justificar e legitimar o projeto imperial britânico. A crença na eficácia do imperialismo e no direito de domínio de uma nação sobre outra que subjaz a esses textos estará ausente do romance de Forster, que parece preferir se deter sobre as tensões e becos sem saída do encontro desigual e assimétrico entre duas culturas e experiências históricas diversas.

Dessa forma, pode-se dizer que o traço fundamental que diferencia E. M. Forster desses autores é sua atitude francamente simpática aos indianos e o olhar mais crítico que lança ao imperialismo inglês. Longe de se identificar com a posição imperial e justificar a “missão civilizatória”, isto é, a necessidade da presença britânica no subcontinente como passaporte para a entrada da Índia na modernidade, Forster expõe os impasses inerentes ao projeto ao

mesmo tempo que escolhe examinar “as possibilidades de aproximação cultural e racial”.^[3]

É bem verdade que o romance tinha atrás de si toda uma década (1909-1919) marcada por grandes transformações na história da Índia e do Império: a reivindicação de independência, reformas constitucionais, a promessa de autogoverno. Com licença outorgada pelo Parlamento inglês, a Companhia das Índias Orientais governara o subcontinente até o Motim de 1857,^[4] quando a Coroa inglesa assumiu o controle^[5] e introduziu progressos importantes tais como as ferrovias, o sistema postal e o telégrafo, com o claro propósito de facilitar seu domínio. As duas primeiras décadas do século xx foram, não obstante, um período de contestação e demandas, por parte dos indianos, e de compromisso, por parte dos britânicos, de alteração radical do arranjo político do sistema administrativo indiano. Havia, portanto, uma agitação no ar que tornava difícil para um bom escritor realista fechar os olhos às tensões que, inclusive, certamente pôde testemunhar ao vivo quando visitou o subcontinente nas duas ocasiões que mencionei acima. As cartas que enviou para casa, reunidas em *The Hill of Devi* (1953), narram as experiências do autor na corte do jovem marajá e manifestam seu “atordoamento e prazer em mergulhar em um mundo desconhecido”.^[6] Em nota sobre *Uma passagem para a Índia*, nessa correspondência, Forster dá notícia de suas dificuldades:

Comecei esse romance antes da minha visita de 1921 e levei os capítulos de abertura comigo, com a intenção de continuá-los. Mas, assim que os confrontei com o país que eles procuravam descrever, pareciam definhar e morrer, e não havia nada a fazer. Costumava examiná-los à noite, em meu quarto em Dewas, e sentia apenas aversão e desespero. A distância entre a lembrança da Índia e a vivência da Índia era demasiado grande. Quando voltei à Inglaterra, a distância diminuiu e consegui retomar. Mas ainda achava o livro ruim e é provável que jamais o tivesse completado sem o estímulo de Leonard Woolf.^[7]

A surpresa e o desconhecimento, em que pesem as visíveis simpatias de Forster pelo país, parecem colocar problemas para o romancista e levá-lo a figurar a Índia como um lugar incompreensível, inapreensível e inalcançável. A geografia, mais do que sugerir uma paisagem ou representar a Índia “real”, reconfigura o território como um espaço de encontros e trocas coloniais,

simbólico na sua construção imaginária. A meditação de Adela Quested dá bem a medida desses entraves:

Como é possível à mente apreender um país desses? Gerações de invasores tentaram, mas continuam no exílio. As cidades importantes que eles constroem são apenas refúgios; suas desavenças são o mal-estar de homens que não encontram o caminho de casa. A Índia conhece os seus problemas. Conhece os problemas do mundo inteiro, até das suas profundezas mais recônditas. Ela chama “Vem” com as suas cem bocas, com objetos ridículos e augustos. Mas vem para o quê? Ela nunca definiu. Ela não é uma promessa, apenas um chamado.

É a esse espaço indecifrável que os ingleses tentam impor alguma ordem e algum sentido, embora Ronny Heaslop, o magistrado da cidade, reconheça que a Índia “não é uma sala de visitas”, e os descompassos entre ingleses e indianos, fartamente demonstrados ao longo do romance, reiterem repetidas vezes a intimidade impossível.

Uma passagem para a Índia trata, portanto, das relações entre britânicos e indianos no contexto do “British Raj”^[8] no começo do século xx e divide-se em três partes, nomeadas a partir de uma organização espacial que, na verdade, mais do que se referir a espaços concretos, metaforiza lugares de encontros e desencontros, de diálogo e de mal-entendidos: “Mesquita”, onde o muçulmano Aziz encontra a sra. Moore pela primeira vez; “Cavernas” (as cavernas de Marabar), onde se desenrola o conflito central do romance; e “Templo”, no estado de Mau, onde, dois anos mais tarde, Aziz atua como médico do Rajah e se celebra a festa de Gokul Ashtami, durante a qual se dá a reconciliação e a despedida dos amigos Aziz e Fielding. Para alguns críticos, uma analogia com os movimentos de uma sinfonia,^[9] inclusive graças ao uso de temas e motivos recorrentes (“*Deus é amor*”), ecos internos, e o céu abobadado que abre e fecha o romance. Como linha central, o livro narra o processo de descoberta por parte das duas mulheres inglesas de uma realidade muito diversa daquela que conheciam, expostas ambas a experiências de conseqüências insuspeitadas e imprevisíveis. Para a sra. Moore e Adela, a passagem para a Índia é uma viagem de exploração de si mesmas, uma espécie de réplica do confronto de Forster com a complexidade, a força e as fraquezas de um país e um mundo desconhecidos. Defrontam-se, ambas, com a experiência da desorientação e do deslocamento. Adela deseja “ver a

verdadeira Índia”, mas tudo o que consegue é o reconhecimento de seus próprios limites; a velha sra. Moore, por sua vez, mais disposta a cruzar a barreira colonial, vive uma crise espiritual que a leva a abandonar o país e retornar à Inglaterra, sem que também alcance seu destino.

Em contraponto à racionalidade de personagens como Adela, Ronny e Fielding, a experiência da Índia se configura como complexa, multiforme, cheia de mistérios que não oferecem explicação, como demonstram os acontecimentos nas cavernas de Marabar. As vozes das “cem Índias” — “um labirinto de sons, nunca ásperos ou desagradáveis, nunca inteligíveis” — não se traduzem e não permitem interpretação. Por sobre um enredo de corte realista, Forster flerta com planos mais simbólicos de sentido, ao propor como um dos nós climáticos da narrativa a visita às cavernas, definidas pelo escritor como “uma cavidade”,^[10] um espaço vazio que o leitor gostaria de preencher com significado mas não consegue. O eco “u-bum”, que se duplica em “bu-um”, contém uma mensagem que não nos é dado decifrar. Mas ele reverbera por todo o romance, perturbador, minando certezas e obrigando as personagens a confrontar suas crenças.

Junto com Fielding, o diretor de escola inglês que se torna amigo do muçulmano Aziz, as duas inglesas se colocam no espaço fronteiro da “Anglo-Índia” e os três são as únicas personagens sinceramente interessadas em construir pontes e transpor as distâncias entre colonizadores e colonizados. Pontes efetivas e muito diversas das “festas da ponte”, a expressão inventada pelo coletor, sr. Turton, para denominar as festas que visavam promover a aproximação entre britânicos e indianos, ou, nas suas palavras, “transpor o abismo entre o Oriente e o Ocidente”.

Os desastres provocados por essas tentativas canhestras e forçadas de aproximação se contam às dezenas no romance: as falhas de comunicação, os gestos, a separação dos dois grupos em lados opostos do gramado (o narrador fala em “o lado inglês do gramado”), a língua, as normas de etiqueta. O império, na sua dimensão capilar, contamina as relações pessoais, desfila sua insolência, impede a intimidade social, sublinha as diferenças. O aparato imperial britânico revela-se nos pequenos detalhes. Os anglo-indianos, *outsiders* totais, são a face visível da arrogância e da presença imperial, e cada encontro deles com os indianos expõe seus limites, questiona sua suposta superioridade, desnuda seus preconceitos e reticência emocional. Ao olhar irônico do

narrador não escapam a estupidez, a condescendência, a falta de sofisticação e polidez de quem se arroga essa posição superior.

Não por acaso, “abismo” é uma das metáforas recorrentes ao longo de todo o romance, encerrando em si essa noção de distância, de separação, dos muros e barreiras que se erguem e dos caminhos divergentes que trilham ingleses e indianos, forçados à convivência pela sua condição de colonizadores e colonizados. *Uma passagem para a Índia* se constrói sob o signo dos hiatos, das lacunas, do intervalo. A reincidência da imagem do “abismo” reitera as distâncias que as diferenças impedem de transpor, apesar do desejo de Forster de enfatizar a necessidade dos vínculos, do contato. Da mesma forma, algumas de suas personagens, como Ronny, apenas conseguem ver, ali, o vazio: “Na Índia não há nada além do clima, minha querida mãe; o clima é o alfa e o ômega de tudo”.

Ronny é um dos exemplos do que Forster chamava de *undeveloped heart* (coração não desenvolvido), uma crítica freqüente nas descrições do comportamento dos ingleses, em Chandrapore. Mas mesmo as tentativas de contato, armadas cuidadosamente em cada uma das partes — a sra. Moore e Aziz na mesquita; Adela, Fielding e Aziz nos episódios decorrentes da visita às cavernas; Fielding e Aziz no templo de Krishna em Mau —, estão fadadas ao fracasso porque os impedimentos, além de pessoais, são da ordem da História. A condição colonial produz relações assimétricas e dificulta a comunicação e o entendimento. Como um fio a articular esses três momentos, a amizade entre Fielding e Aziz se constrói como um espaço de busca de diálogo inter-racial e intercultural mas também de desencontro. Sob a chuva do período das monções que fecha o livro, durante as festas de Krishna, a celebração do nascimento do Senhor do Universo traz promessas de vida e presságios de morte. A cena do reencontro e da despedida dos dois amigos é emblemática dos impasses a que o romance procura dar voz. Ali se corporifica de modo claro, em um livro carregado de episódios de mal-entendidos e descompassos, um dos temas essenciais de *Uma passagem para a Índia*: o abismo que separa homens, línguas e culturas. Diante do apelo de Fielding para que sejam amigos no presente e da promessa de Aziz de que o serão no futuro, a própria natureza e o mundo dos homens parecem proclamar que a fusão não é possível — nem naquele lugar, nem naquele momento:

“Por que não podemos ser amigos agora?”, disse o outro segurando-o afetuosamente. “É o que eu quero. É o que você quer.”

Mas os cavalos não queriam: eles se afastaram um do outro; a terra não queria: pôs pedras no caminho dos cavaleiros, obrigando-os a andar em fila indiana; os templos, o lago, a prisão, o palácio, os pássaros, os cadáveres putrefatos e a Casa de Hóspedes — que se tornou visível quando eles saíram do desfiladeiro e viram Mau lá embaixo — não queriam, e nas suas centenas de vozes disseram: “Não, ainda não”, e o céu disse: “Não, aí não”.

Sob essa mesma chuva, Aziz, finalmente seduzido pelo nacionalismo, expressa seu desejo de que a Índia venha a ser uma nação por força da união de hindus, muçulmanos e sikhs. Para isso, será preciso expulsar os ingleses:

“Abaixo os ingleses, de qualquer modo. Isso é certo. Sumam! Nós podemos nos odiar uns aos outros, mas, sobretudo, odiamos vocês. Se eu não conseguir expulsá-los, Ahmed conseguirá, Karim conseguirá; pode ser que leve cinquenta anos ou quinhentos, mas nós nos livraremos de vocês, sim, de qualquer maneira empurraremos todos os malditos ingleses para o mar, e então [...] você e eu seremos amigos.”

O médico anseia “escapar da rede” e sacudir o pó da Índia britânica de seus pés. Ao poema de Whitman, confiante na vitória do espírito e no poder dos homens de criar uma irmandade, o romance responde com uma visão pessimista, ao mostrar a impossibilidade de vínculos num mundo dividido por conflitos de raça, cor e religião. Igualmente, ao conjunto de questões que *Uma passagem para a Índia* levanta e para as quais não oferece resposta, acrescenta-se uma indagação absolutamente moderna: como fazer sentido de um mundo em que o sentido se perdeu?

Forster é o liberal humanista, que expressa sua crítica ao imperialismo e sua preocupação com a justiça social em um romance que não esconde suas simpatias pelo país. Seu processo de imersão no mundo indiano contou com a ajuda de Syed Ross Masood, o indiano a respeito de quem Forster escreveu, por ocasião da morte do amigo:

Minha dívida para com ele é incalculável. Ele me despertou da vida suburbana e acadêmica, me mostrou novos horizontes e uma nova civilização e me ajudou a compreender um continente. Até conhecê-lo, a Índia era uma mixórdia vaga de

rajahs, sahibs, babus e elefantes, e eu não tinha interesse por essa mixórdia: quem teria? Ele tornou tudo real e instigante assim que começou a falar e, dezessete anos mais tarde, quando escrevi *Uma passagem para a Índia*, o dediquei a ele por gratidão e por amor, pois [o romance] jamais teria sido escrito sem ele.^[11]

Esse interesse se manteve vivo mesmo depois de terminado o livro. Forster ainda voltaria à Índia em 1945, dois anos antes de o país se tornar independente, no processo liderado por Mahatma Ghandi. Desta feita, deixou mais uma vez registradas suas impressões em “*India again*”: “Ainda há pobreza e, como agora estou mais velho e mais pensativo, é a pobreza, a desnutrição, que persiste como um inchaço por baixo do palavrório agradável da minha experiência imediata. Não sei que solução política é correta. Mas eu sei que as pessoas não deveriam ser tão pobres e parecer tão doentes”.^[12]

Preocupado, em alguma medida, com a crítica social, Forster tomou direções bem diversas do experimentalismo de seus contemporâneos, James Joyce e Virginia Woolf, optando por uma escrita que mantém claros vínculos com o romance realista do século XIX. *Uma passagem para a Índia* não pode ser propriamente descrito como uma obra inovadora, do ponto de vista formal. Ao contrário. Trata-se, em grande parte, de um romance convencional, sem grandes ousadias ou lances experimentais. Seu interesse reside, no entanto, exatamente na tentativa do escritor de amalgamar materiais bastante diversos. De seu posto particular de observação, Forster se alia a uma linhagem mais estritamente realista, dentro da grande tradição do romance inglês do século XIX, ao mesmo tempo que procura incorporar elementos da cultura indiana, seu misticismo e aspectos religiosos, produzindo com isso um texto em que as lacunas e algumas desarticulações são tão eloqüentes quanto suas realizações.

São conhecidas as ligações de Forster com o Grupo de Bloomsbury, a “aristocracia intelectual” (a expressão é de Raymond Williams) da qual faziam parte escritores como Virginia Woolf e Lytton Strachey, críticos de arte como Roger Fry e Clive Bell, pintores como Vanessa Bell, e o economista John Maynard Keynes. Bloomsbury era um grupo de amigos que, reunindo-se para estudar e discutir filosofia, estética, ética, entre outros assuntos, pretendia intervir no debate cultural e propor novos caminhos para a literatura e para a arte, em reação ao vitorianismo. Foi com Virginia Woolf que Forster travou alguns diálogos interessantes sobre questões críticas, deixando claro que não partilhava com ela de seus pressupostos estéticos, embora fosse um bom leitor

da produção literária da autora de *Viagem ao farol*. Virginia Woolf também dedicou a Forster pelo menos um ensaio, em que faz um balanço do conjunto de sua obra. Ali, Woolf avalia com perspicácia a produção novelística de Forster e acerta no alvo, ao apontar seu problema mais evidente, que ela localiza numa certa ambigüidade presente nos romances, como efeito da passagem do realismo para o simbolismo — quando o “objeto que é tão intransigentemente sólido torna-se, ou deveria se tornar, luminosamente transparente”.^[13] Produz-se, dessa forma, a dúvida entre o real e o simbólico, e as cavernas de Marabar, que deveriam parecer cavernas verdadeiras, podem assumir o significado de “a alma da Índia”, ou a sra. Moore surge não apenas como uma velha senhora bondosa, mas como uma sibila. Essa hesitação é, segundo Woolf, fatal. No entanto, ela reconhece que, em que pesem as ambigüidades, ali Forster parece ter chegado o mais próximo possível da construção de uma visão única, tendo “quase conseguido o grande feito de animar esse corpo denso, compacto de observação com uma luz espiritual”.^[14]

Desse grupo de intelectuais, no entanto, Forster foi o único que se arriscou a tratar literariamente de tema tão contemporâneo e difícil, embora o colonialismo fosse condenado por todos eles. *Uma passagem para a Índia* é considerado, por muitos, seu melhor romance. Talvez seja suficiente que tenha tentado deixar claro, por meio da ficção, que, como observa o diretor de escola Fielding, “O Império britânico se assenta sobre areia”.

SANDRA GUARDINI T. VASCONCELOS

A Syed Ross Masood e aos dezessete anos da nossa amizade

I

MESQUITA

I

A NÃO SER PELAS CAVERNAS DE MARABAR — que ficam a trinta quilômetros de distância —, a cidade de Chandrapore nada apresenta de extraordinário. Margeada, mais que banhada, pelo Ganges, ela o acompanha por umas poucas milhas, quase não se distinguindo dos detritos que ele deposita tão fartamente. Não há degraus para banho na beira do rio, porquanto ali o Ganges não é sagrado; na verdade não há beira de rio, e o amplo e mutante panorama da sua corrente é vedado por bazares. As ruas são malcuidadas e os templos não têm beleza, e embora haja umas poucas casas elegantes, elas são encobertas por jardins ou ficam em becos cuja sujeira afasta quem quer que não tenha sido convidado. Chandrapore nunca foi grande ou bela, mas duzentos anos atrás ficava na estrada entre o Norte da Índia, então imperial, e o mar, e as casas elegantes datam desse período. O interesse pela decoração cessou no século XVIII, mas nunca foi democrático. Nos bazares não há pinturas e os entalhes são poucos. A própria madeira parece feita de barro; os habitantes, de barro movente. Tudo o que se mostra aos olhos é tão rasteiro, tão monótono, que quando o Ganges baixa seria legítima a expectativa de que ele tivesse feito desaparecer aquela excrescência devolvendo-a à terra. As casas caem, as pessoas se afogam e são deixadas por ali apodrecendo, mas o contorno geral da cidade persiste, inchando aqui, minguando ali, como uma débil mas indestrutível forma de vida.

Para o interior a perspectiva se modifica. Há uma esplanada oval e um hospital comprido e descorado. No terreno elevado ao lado da estação ferroviária erguem-se casas de eurasionos. Depois da ferrovia — que corre paralela ao rio — a terra afunda e em seguida volta a se erguer muito ingrememente. Nessa segunda elevação fica a pequena área residencial dos funcionários ingleses do distrito, e vista dali Chandrapore parece ser um lugar totalmente diferente. É uma cidade de jardins. Não é uma cidade, e sim uma floresta dispersa, rala, com cabanas. Um jardim de recreio tropical banhado por um rio nobre. As palmeiras suculentas, os cinamomos, as mangueiras e as figueiras-de-bengala que estavam ocultos atrás dos bazares são visíveis agora e

por sua vez ocultam os bazares. As árvores se erguem em jardins onde antigos tanques as nutrem, irrompem em arrabaldes abafadiços e ao redor de templos desprezíveis. Buscam luz e ar, e, dotadas de mais força que o homem ou suas obras, pairam sobre o sedimento inferior saudando-se umas às outras com acenos de galhos e folhas e criando uma cidade para os pássaros. Sobretudo depois das chuvas elas escondem o que se passa, mas em todas as ocasiões, mesmo quando queimadas ou desfolhadas, embelezam a cidade para os ingleses que moram no alto, e assim os recém-chegados não acreditam que Chandrapore seja tão pobre quanto costuma ser descrita, e é preciso levá-los até lá para que eles se desiludam. Quanto à área residencial dos funcionários, ela não provoca nenhuma emoção. Não encanta nem desagrada. É planejada com espírito prático, tendo no alto um Clube de tijolo vermelho e bem atrás uma mercearia e um cemitério, e as casas se dispõem ao longo de ruas que se cruzam em ângulos retos. Não há nada de repulsivo, e apenas o panorama é bonito; nada é compartilhado com a cidade, fora o céu que se arqueia sobre ambas.

O céu também tem as suas mudanças, menos pronunciadas que as da vegetação e do rio. Por vezes as nuvens lhe dão relevo, mas normalmente ele é uma cúpula de matizes mesclados, com predomínio do azul. De dia o azul empalidece até o branco, ali onde ele toca o branco da terra; depois do pôr-do-sol ele tem uma nova circunferência — alaranjada, dissolvendo-se em direção ao alto até chegar a um suavíssimo púrpura. Mas o cerne azul permanece, até mesmo à noite. Então as estrelas são como lâmpadas penduradas na imensa abóbada. A distância entre a terra e elas é um nada, confrontada com a distância além delas; e essa distância mais remota, embora esteja além da cor, finalmente se liberta do azul.

O céu tudo determina — não só climas e estações, mas a hora em que a terra deverá se embelezar. Sozinha ela pouco pode fazer — apenas débeis explosões de flores. Mas quando o céu resolve, os bazares de Chandrapore inundam-se de esplendor ou uma bênção passa de horizonte a horizonte. O céu é capaz disso por ser tão forte e tão enorme. A força lhe vem do sol, nele infundida diariamente; o tamanho, da prostração da terra. Nenhuma montanha ultrapassa a linha curva. Léguas após léguas a terra se estende plana, incha um pouco, volta a ficar plana. A extensão interminável se interrompe apenas ao sul, onde um grupo de punhos e dedos se arremete do chão. Esses punhos e dedos são as colinas de Marabar, que contêm as extraordinárias cavernas.

II

LARGANDO A BICICLETA, que caiu antes que um criado pudesse pegá-la, Aziz saltou para dentro da varanda. O jovem era pura animação:

“Hamidullah, Hamidullah! Eu me atrasei?”, gritou ele.

“Não se desculpe”, disse o anfitrião. “Você está sempre atrasado.”

“Responda, por favor, à minha pergunta. Estou atrasado? Mahmoud Ali comeu tudo? Se ele comeu, vou para outro lugar. Senhor Mahmoud Ali, como vai o senhor?”

“Obrigado, doutor Aziz, eu estou morrendo.”

“Morrendo antes do jantar? Ah, pobre Mahmoud Ali!”

“Hamidullah já está morto. Ele faleceu enquanto você vinha subindo de bicicleta.”

“Ah, sim, é isso”, disse o outro. “Imagine nós dois dirigindo-nos de um outro mundo ao senhor, de um mundo mais feliz.”

“Por acaso no seu mundo mais feliz existem narguilés?”

“Aziz, não brinque. Estamos numa conversa muito triste.”

O narguilé tinha sido preparado com o tabaco muito comprimido, conforme o costume da casa do seu amigo, e a água gorgolejava melancólica. Ele o manejou habilmente. Cedendo por fim, o tabaco saiu num jato, penetrou em seus pulmões e narinas, expulsando a fumaça das fogueiras de esterco de vaca que os havia enchido quando ele passou pedalando pelo bazar. Era delicioso. Aziz ficou ali num transe sensual mas sadio, durante o qual a conversa dos outros dois não lhe pareceu particularmente triste — eles estavam discutindo se era ou não possível ser amigo de um inglês. Mahmoud Ali sustentava que era impossível e Hamidullah discordava, mas com tantas reservas que não havia atrito entre eles. Era realmente delicioso estar deitado na ampla varanda, com a lua subindo diante deles e os criados preparando o jantar lá atrás, e sem nenhuma confusão acontecendo.

“Bom, veja a minha própria experiência esta manhã.”

“Eu só afirmo que é possível na Inglaterra”, respondeu Hamidullah, que muito tempo antes havia estado naquele país, antes da grande migração, e

tivera em Cambridge uma recepção cordial.

“Aqui é impossível. Aziz, o garoto de nariz vermelho me insultou novamente no tribunal! Eu não o culpo. Disseram-lhe que ele devia me insultar. Até recentemente ele era um garoto muito bonzinho, mas os outros tomaram conta dele.”

“É, eles não têm chance aqui, é isso que eu acho. Aparecem querendo ser cavalheiros e ouvem dizer que isso não é apropriado. Veja o Lesley, veja o Blakiston, agora é o seu garoto de nariz vermelho, e Fielding será o próximo. Ora, eu me lembro quando o Turton apareceu. Foi numa outra parte da Província. Vocês não vão acreditar, amigos, mas eu andei com o Turton na carruagem dele — o Turton! Ah, sim, houve uma época em que nós éramos muito íntimos. Ele me mostrou a sua coleção de selos.”

“Hoje ele é capaz de achar que você a roubaria. Turton! Mas o garoto de nariz vermelho será bem pior que o Turton!”

“Acho que não. No fim eles são todos iguais — nem melhores nem piores. Dou a qualquer inglês dois anos, seja ele Turton ou Burton. A diferença é apenas de uma letra. E dou a qualquer inglesa seis meses. Todas elas são exatamente iguais. Você não concorda comigo?”

“Não”, replicou Mahmoud Ali entrando no jogo e se sentindo ao mesmo tempo incomodado e consolado a cada palavra pronunciada. “De minha parte, eu vejo diferenças muito profundas entre os nossos governantes. Nariz-Vermelho resmunga, Turton fala elegantemente, a senhora Turton aceita gorjetas, a senhora Nariz-Vermelho não, e não pode, porque até agora não há nenhuma senhora Nariz-Vermelho.”

“Gorjetas?”

“Você sabia que quando os Turton foram emprestados à Índia Central para o projeto de um canal um rajá deu a ela uma máquina de costura de ouro puro para que a água corresse pela propriedade dele?”

“E correu?”

“Não, e é por isso que a senhora Turton é tão hábil. Quando nós, pobres negros, aceitamos gorjetas, nós fazemos aquilo pelo qual ela nos foi paga, e com isso a lei nos descobre. Os ingleses recebem e não fazem nada. Eu os admiro.”

“Nós os admiramos. Aziz, por favor, me passe o narguilé.”

“Ah, ainda não; o narguilé está esplêndido agora.”

“Você é um rapaz muito egoísta.” Ele ergueu a voz de repente pedindo o jantar. Os criados responderam gritando que o jantar já estava pronto. Queriam dizer que gostariam que ele estivesse pronto, e foi isso que os três entenderam, porque ninguém se mexeu. Então Hamidullah prosseguiu, mas com uma atitude diferente e visivelmente emocionado.

“Vejam o meu caso, o caso do jovem Hugh Bannister. Ele é filho dos meus queridos amigos, já falecidos, o reverendo e a senhora Bannister, cuja bondade comigo na Inglaterra jamais esquecerei e serei capaz de exprimir. Eles foram pai e mãe para mim, conversava com eles como estou conversando agora. Nas férias a residência deles era o meu lar. Eles confiavam a mim os seus filhos. Frequentemente eu levava comigo o pequeno Hugh quando saía — eu o levei ao funeral da rainha Vitória e o ergui em meus braços acima da multidão.”

“A rainha Vitória era diferente”, murmurou Mahmoud Ali.

“Hoje sei que esse rapaz está estabelecido em Cawnpore como comerciante de couros. Imaginem como eu gostaria de vê-lo e pagar sua passagem para que ele sentisse que esta casa é o lar dele. Mas isso é inútil. Os outros anglo-indianos já o devem ter influenciado há muito tempo. Ele provavelmente iria pensar que estou querendo alguma coisa, e não posso encarar isso vindo do filho de meus velhos amigos. Ah, por que é que tudo vai mal neste país, *vakil sahib*? Eu lhe pergunto.”

Aziz entrou na conversa.

“Por que ficar falando sobre os ingleses? Brrr...! Por que ser ou não ser amigo desses tipos? Vamos fechar a porta para eles e nos alegrarmos. A rainha Vitória e a senhora Bannister foram as únicas exceções, e estão mortas.”

“Não, não, eu não concordo com isso; já conheci outras.”

“Eu também”, disse Mahmoud Ali, mudando de idéia inesperadamente. “As senhoras estão longe de ser todas iguais.” O estado de espírito do grupo se alterou, e eles lembraram pequenas gentilezas e cortesias. “Ela disse ‘Muitíssimo obrigada’ de um modo tão natural...” “Ela me ofereceu uma pastilha quando a poeira irritou a minha garganta.” Hamidullah se lembrava de exemplos mais significativos de serviço angelical, mas o outro, que conhecia apenas a Índia britânica, precisou escarafunchar na memória alguma recordação, e não foi surpresa quando disse: “Mas evidentemente tudo isso é excepcional. A exceção não prova a regra. A mulher típica é como a senhora Turton, e, Aziz, você sabe o que ela é”. Aziz não sabia, mas disse que sabia.

Também ele generalizava com base nos seus desapontamentos; é difícil para as pessoas de uma raça submetida agirem de outro modo. Mesmo considerando as exceções, ele concordava em que as inglesas são arrogantes e venais. A conversa perdeu o brilho, estendendo-se interminavelmente num tom desanimado.

Um criado anunciou o jantar. Eles o ignoraram. Os homens mais velhos haviam chegado à sua eterna política e Aziz escapara para o jardim. As árvores tinham um perfume doce — champós floridos — e trechos de poesia persa vieram-lhe à cabeça. Jantar, jantar, jantar... mas, quando ele voltou à casa para jantar, Mahmoud Ali também tinha se afastado para conversar com seu *sais*. [1] “Venha ver a minha mulher”, disse Hamidullah, e eles passaram vinte minutos atrás do *pardah*. Hamidullah *begum* era tia distante de Aziz e a única parenta que ele tinha em Chandrapore, e queria lhe falar sobre uma circuncisão na família, que não tinha sido comemorada com a devida pompa. Era difícil se afastar, porque Hamidullah *begum* não podia começar a jantar enquanto eles não tivessem terminado o deles e isso a levava a estender as suas observações para não acharem que ela estava impaciente. Tendo censurado a circuncisão, ela se lembrou de assuntos familiares e perguntou a Aziz quando ele ia se casar.

Respeitoso mas irritado, ele respondeu: “Uma vez é suficiente”.

“Sim, ele cumpriu o seu dever”, disse Hamidullah. “Não o aborreça. Ele toma conta da sua família: dois garotos e a irmã deles.”

“Tia, eles vivem muito confortavelmente com a mãe da minha mulher, na casa de quem ela estava morando quando morreu. Posso vê-los sempre que quero. São crianças muito, muito pequenas.”

“E ele lhes manda todo o seu salário e vive como um funcionário sem qualificação, e não diz a ninguém o porquê disso. O que mais você quer que ele faça?”

Mas não era ali que Hamidullah *begum* queria chegar, e tendo cortesmente mudado de assunto durante alguns momentos, ela voltou e foi direto ao ponto: “O que será de todas as nossas filhas se os homens se recusarem a se casar? Elas irão se casar entre si mesmas ou...”. E ela começou a contar a surrada história de uma senhora de ascendência imperial que não encontrara marido no pequeno círculo em que sua dignidade lhe permitia se casar e agora vivia solteira, já estando com trinta anos, e morreria solteira, pois ninguém a aceitaria naquela idade. Enquanto a história estava sendo relatada, os dois homens se convenceram de que a tragédia era um estigma para toda a

comunidade; quase se diria que era melhor a poligamia do que uma mulher morrer sem as alegrias que Deus lhe destinou. Matrimônio, maternidade, autoridade na casa — para o que mais ela havia nascido, e como o homem que as negou a ela pode se erguer e encarar o criador dela e dele próprio no dia final? Aziz pediu licença dizendo: “Talvez... mas não agora”. Era a resposta que ele invariavelmente dava quando lhe faziam essa sugestão.

“Você não deve protelar o que acha que é certo”, disse Hamidullah. “É por isso que a Índia está nessa triste situação; porque nós protelamos as coisas.” Mas vendo que o jovem parente parecia preocupado, acrescentou algumas palavras amistosas e assim desfez qualquer impressão que sua mulher podia ter deixado.

Durante a ausência deles Mahmoud Ali tinha saído na sua carruagem; deixara um bilhete dizendo que estaria de volta em cinco minutos, mas eles não precisavam esperar. Os dois se sentaram para comer com Mohammed Latif, um primo distante da família sustentado por Hamidullah e cuja situação não era nem de criado nem de igual. Ele só falava quando lhe dirigiam a palavra, e uma vez que ninguém lhe dirigia a palavra se mantinha num silêncio indiferente. De vez em quando arrotava, num cumprimento à fartura da mesa. Um velho polido, feliz e desonesto, que durante toda a sua vida jamais havia trabalhado. Enquanto algum parente tivesse uma casa seu lar estava garantido, e era improvável que uma família tão grande fosse toda ela à falência. Sua mulher tinha uma existência semelhante a alguns quilômetros dali; ele não a visitava, por causa do preço da passagem de trem. Aziz gracejou com ele e também com os criados, depois começou a citar poesia: em persa, urdu e um pouco de árabe. Tinha uma boa memória, e para um homem tão jovem havia lido muito; seus temas prediletos eram a decadência do islã e a transitoriedade do amor. Eles ouviam deleitados, pois adotavam a fruição pública da poesia, e não a privada, que prevalece na Inglaterra. Nunca se aborreciam ouvindo palavras, palavras; respiravam-nas com o ar da noite fresca, analisando-as sem cessar; o nome do poeta, Hafiz, Hali, Iqbal, era garantia suficiente. A Índia — uma centena de Índias — sussurrava lá fora sob a lua indiferente, mas naquele momento pareceu uma e apenas deles, e eles readquiriram a sua grandeza perdida ao ouvirem essa perda ser lamentada, e sentiram-se novamente jovens ao serem lembrados de que a juventude se esfuma. Um empregado vestido de vermelho o interrompeu; era o *chuprassy* do cirurgião-chefe, e entregou-lhe um bilhete.

“O velho Callendar quer que eu vá até a sua casa”, disse ele sem se levantar. “Poderia ter tido a delicadeza de dizer para quê.”

“Deve ser algum doente.”

“Acho que não, acho que não é nada. Ele descobriu a hora do nosso jantar, é só isso, e resolveu nos interromper, para demonstrar seu poder.”

“Ele sempre faz isso, é verdade, mas por outro lado pode ser um caso grave, não dá para saber”, disse Hamidullah cortesmente, preparando o caminho para a obediência. “Você não limpou os dentes depois do *pan*.”

“Se os meus dentes precisam ser limpos eu não vou. Sou indiano e comer *pan* é um costume indiano. O cirurgião-chefe precisa tolerar isso. Mohammed Latif, por favor, a minha bicicleta.”

O parente pobre se levantou. Imerso apenas superficialmente no plano das coisas materiais, ele pousou a mão no selim da bicicleta, mas quem a dirigiu foi um criado. Deslizando entre os dois, ela passou sobre uma tachinha. Aziz pôs as mãos sob o jarro, secou-as, colocou o chapéu de feltro verde e então, com uma energia inesperada, saiu zunindo dos domínios de Hamidullah.

“Aziz, Aziz, que imprudência...” Mas ele já estava lá embaixo, passando pelo bazar como um azougue. Não tinha farol, campainha nem freio, mas qual a utilidade desses acessórios num país onde a única esperança do ciclista é descer sem frear, passando por um rosto após o outro e desaparecendo imediatamente antes de colidir com cada um deles? E a cidade estava bem vazia àquela hora. Quando o seu pneu esvaziou, ele saltou e gritou pedindo uma *tonga*.

Não conseguiu uma imediatamente, e além do mais precisou deixar a bicicleta na casa de um amigo. Demorou-se também limpando os dentes. Mas por fim estava chocalhando com uma vívida sensação de velocidade em direção à área residencial dos funcionários ingleses. Assim que entrou na aridez daquela arrumação impecável foi acometido pela depressão. As ruas, com nomes de generais vitoriosos e que se cruzavam em ângulos retos, evocavam a rede que a Grã-Bretanha havia lançado sobre a Índia. Ele se sentiu apanhado em suas malhas. Quando chegou aos domínios do major Callendar conteve a custo o impulso de descer da *tonga* e caminhar até a casa, não por servilismo da alma, mas sim porque seus sentimentos — os limites da sua sensibilidade — temiam uma desagradável reprimenda. Tinha acontecido um “caso” no ano anterior — um cavalheiro indiano havia ido na *tonga* até a casa de um

funcionário e fora repellido pelos criados, que lhe disseram para se aproximar de modo mais adequado —, apenas um caso entre milhares de visitas a centenas de funcionários, mas sua fama se espalhou. O jovem receou que o fato se repetisse. Numa concessão, fez o condutor parar fora da zona clareada pela luz da varanda.

O cirurgião-chefe não estava.

“Mas o *sahib* deixou algum recado para mim?”

O criado lhe disse um “não” indiferente. Aziz ficou desesperado. Era um criado a quem ele se esquecera de dar uma gorjeta, e agora era impossível fazer isso porque havia gente no vestibulo. Ele tinha certeza de que havia um recado e de que aquele homem estava ocultando-o para se vingar. Enquanto eles discutiam, as pessoas saíram. Eram duas senhoras. Aziz ergueu o chapéu. A primeira, com um vestido de noite, pôs os olhos sobre o indiano e instintivamente os desviou.

“Senhora Lesley, eu não me enganei, é uma *tonga*”, gritou ela.

“É nossa?”, indagou a segunda, vendo também Aziz e se comportando do mesmo modo.

“De qualquer forma receba as dádivas que os deuses lhe oferecem”, guinchou ela, e ambas pularam dentro do veículo. “*Tonga-wallah*, Clube. Clube! Por que o idiota não sai do lugar?”

“Vá, eu lhe pago amanhã”, disse Aziz ao condutor, e quando eles estavam saindo gritou cortesmente: “Não há de quê, senhoras”.

Elas não responderam, mergulhadas nos seus próprios assuntos.

Tinha acontecido o mesmo de sempre, então; exatamente como Mahmoud Ali havia dito. A humilhação inevitável: sua reverência ignorada, seu veículo levado. Poderia ter sido pior, pois ele se sentiu até certo ponto consolado ao ver a *tonga* arriar atrás sob o peso das senhoras Callendar e Lesley, ambas gordas. Mulheres bonitas o teriam magoado. Ele se voltou para o criado, deu-lhe duas rupias e perguntou-lhe novamente se havia um recado para ele. O homem, agora muito educado, deu a mesma resposta. O major Callendar havia saído de carro meia hora antes.

“Sem dizer nada?”

Para ser preciso, ele havia dito “Maldito Aziz” — palavras que o criado ouviu, mas era educado demais para repetir. Pode-se dar gorjeta excessiva assim como insuficiente; na verdade, a moeda que compra a verdade exata ainda não foi cunhada.

“Então vou escrever uma carta para ele.”

Conquanto o uso da casa lhe tivesse sido franqueado, Aziz era digno demais para entrar. Então o criado lhe trouxe na varanda papel e tinta, e ele começou: “Caro senhor: Por ordem expressa do senhor eu me apressei, como deve fazer um subordinado...”, e parou.

“Diga-lhe que eu vim aqui, isso é suficiente”, disse ele rasgando o protesto. “Tome o meu cartão. Chame uma *tonga* para mim.”

“*Huzoor*, estão todas no Clube.”

“Então telefone pedindo uma na estação ferroviária.” E quando o homem se afastou rapidamente para fazer isso, ele disse: “Deixe, deixe, eu prefiro ir andando”. O criado se apoderou de um fósforo e acendeu-lhe um cigarro. Essas atenções, embora compradas, o acalmaram. Durariam enquanto ele tivesse rupias, o que já era alguma coisa. Mas sacudir de si a poeira da Índia britânica! Escapar da rede e voltar às maneiras e aos gestos que ele conhecia! Começou a andar, um exercício pouco freqüente.

Aziz era um homenzinho atlético, com um corpo elegante e muito forte. Contudo, cansava-se quando caminhava, assim como todos na Índia, fora os recém-chegados. Naquele solo há algo hostil. Ou ele se rende, e nesse caso o pé afunda numa depressão, ou é inesperadamente rígido e pontiagudo, e nesse caso o pé é espetado por pedras ou cristais. Uma sucessão dessas surpresinhas esgota um homem; e Aziz estava usando sapatilhas, um calçado inadequado em qualquer país. No limite da zona das residências dos funcionários ingleses ele entrou numa mesquita para descansar.

Ele sempre havia gostado dessa mesquita. Era agradável, e sua disposição o encantava. O pátio — em que se entrava por um portão arruinado — tinha um tanque de abluções cuja água fresca e límpida estava sempre em movimento, visto que na verdade fazia parte da tubulação que abastecia a cidade. Era pavimentado com fragmentos de pedras. A parte coberta da mesquita era mais funda que habitualmente, dando a impressão de uma igreja paroquial inglesa que tivesse tido um dos lados retirado. Do ponto onde estava sentado ele via três arcadas cuja escuridão era atenuada por uma lampadazinha pendurada e pelo luar. A fachada — que recebia em cheio a luz da lua — dava a impressão de mármore, e os noventa e nove nomes de Deus inscritos no friso destacavam-se em negro, assim como o friso branco se destacava contra o céu. O contraste entre esse dualismo e o esforço das sombras para se imporem no interior agradava a Aziz, e ele tentou simbolizar todo o conjunto

numa verdade da religião ou do amor. Ao ganhar a sua aprovação, uma mesquita liberava-lhe a imaginação. Um templo de outra crença, hinduísta, cristã ou grega, o teria entediado e não chegaria a despertar seu sentimento de beleza. Ali estava o islã, o seu próprio país, mais que uma Fé, mais que um brado de guerra, mais, muito mais... o islã, uma atitude perfeita e permanente para com a vida, na qual seu corpo e seus pensamentos encontravam um lar.

Seu assento era o muro baixo que formava o limite do pátio à esquerda. O terreno sob ele se inclinava em direção à cidade, visível como uma mancha de árvores, e na quietude ele ouvia muitos pequenos ruídos. À direita, lá em cima no Clube, a comunidade inglesa colaborava numa orquestra amadora. Em algum outro lugar hinduístas tocavam tambores — ele sabia que eram hinduístas, porque o ritmo lhe era desagradável — e outros estavam chorando um cadáver — ele sabia de quem era, pois à tarde atestara aquela morte. Havia corujas, o correio de Punjab... e flores exalavam seu olor deliciosamente no jardim do chefe da estação. Mas a mesquita — era apenas ela que tinha significado, e ele deixou o atrativo complexo da noite para voltar a ela, e a adornou com significados que seu arquiteto jamais havia imaginado. Algum dia ele também iria construir uma mesquita, menor que aquela mas esteticamente perfeita, de forma a provocar em todos que por ela passassem a experiência de felicidade que ele sentia agora. E perto dela, sob um domo baixo, ficaria a sua sepultura, com uma inscrição persa:

*Ah, sem mim por milhares de anos;
A Rosa vicejará e a Primavera florescerá,
Mas os que secretamente conheceram meu coração,
Esses se aproximarão para visitar o túmulo onde descanso.*

Aziz havia visto a quadra no túmulo de um rei do Decã e a considerava cheia de profunda filosofia — ele sempre achava que o patético é profundo. O conhecimento secreto do coração! Ele repetiu a frase com lágrimas nos olhos, e, ao fazê-lo, um dos pilares da mesquita pareceu tremer. Oscilou na escuridão e se afastou. A crença em fantasmas percorreu o sangue de Aziz, mas ele continuou firme, sentado ali. Outro pilar se mexeu, um terceiro, e então uma inglesa entrou no campo de luz da lua. Ele ficou subitamente furioso e gritou:

“Senhora! Senhora! Senhora!”

“Ah! Ah!”, exclamou arquejante a mulher.

“Senhora, isto é uma mesquita; aqui a senhora não tem nenhum direito. Devia ter tirado os sapatos: este é um lugar sagrado para os muçulmanos.”

“Eu os tirei.”

“Tirou?”

“Eles estão na entrada.”

“Então eu lhe peço perdão.”

Ainda sobressaltada, a mulher se afastou, mantendo o tanque de abluções entre eles. Aziz disse em voz alta:

“Lamento realmente ter dito isso.”

“Sim, eu estava certa, não estava? Se eu tirar os sapatos, posso entrar?”

“Sim, mas são tão poucas as mulheres que se dão a esse trabalho, sobretudo se acham que não há ninguém aqui para vê-las.”

“Isso não faz diferença. Deus está aqui.”

“Senhora!”

“Por favor, deixe-me ir.”

“Ah, posso fazer algo para a senhora, agora ou em qualquer outra ocasião?”

“Não, obrigada, absolutamente nada. Boa noite.”

“Posso saber como a senhora se chama?”

Agora ela estava na sombra do pórtico, e assim ele não via o seu rosto, mas ela via o dele, e disse num outro tom de voz:

“Senhora Moore.”

“Senhora...” Aproximando-se, ele viu que era uma velha. Um prédio maior que a mesquita havia desmoronado, e ele não sabia se estava alegre ou triste. Ela era mais velha que a Hamidullah *begum*, com um rosto vermelho e cabelos brancos. A voz dela o havia enganado.

“Senhora Moore, receio tê-la assustado. Falarei com a minha comunidade — os meus amigos — sobre a senhora. Que Deus esteja aqui — muito bom, muito bom, mesmo. Acho que a senhora chegou há pouco à Índia.”

“Isso mesmo. Como o senhor sabe?”

“Pelo modo como a senhora se dirigiu a mim. Mas eu posso lhe pedir um carro?”

“Acabei de vir do Clube. Eles estão apresentando uma peça que vi em Londres, e estava muito quente lá.”

“Qual é a peça?”

“*Cousin Kate.*”^[2]

“Acho que a senhora não deve andar sozinha à noite, senhora Moore. Por todos os lados há gente ruim, e pode aparecer algum leopardo vindo das colinas de Marabar. E também há cobras.”

Ela assustou-se; tinha se esquecido das cobras.

“Por exemplo, um besouro de seis manchas”, prosseguiu ele. “Se a senhora pegar um besouro desses, ele vai picá-la e a senhora vai morrer.”

“Mas o senhor anda sozinho.”

“Ah, eu estou acostumado com isso.”

“Acostumado com cobras?”

Ambos riram.

“Eu sou médico”, disse ele. “As cobras não ousam me picar.”

Eles se sentaram um do lado do outro na entrada e deslizaram os pés para dentro dos sapatos.

“Por favor, permita-me fazer uma pergunta agora: por que a senhora veio para a capital nesta época do ano, exatamente quando o frio está acabando?”

“Eu pretendia vir antes, mas houve um atraso inevitável.”

“Logo o clima estará muito pouco saudável para a senhora. E por que a senhora veio para Chandrapore?”

“Vim visitar meu filho. Ele é o juiz municipal.”

“Ah, não, perdão, mas isso é impossível. O nome do juiz municipal é senhor Heaslop. Eu o conheço muito bem.”

“De qualquer maneira ele é meu filho”, disse ela, sorrindo.

“Mas, senhora Moore, como isso é possível?”

“Eu me casei duas vezes.”

“Ah, agora eu entendo; e o seu primeiro marido morreu.”

“Sim; e o segundo também.”

“Então estamos no mesmo barco”, disse ele enigmaticamente. “E agora o juiz municipal é toda a sua família?”

“Não; tenho dois filhos mais moços: Ralph e Stella, na Inglaterra.”

“E Ralph e Stella são meio-irmãos do cavalheiro que mora aqui?”

“Exatamente.”

“Senhora Moore, isso é muitíssimo estranho, porque, como a senhora, eu também tenho dois filhos e uma filha. Isso não nos põe de repente no mesmo barco?”

“Como é que eles se chamam? Não será Ronny, Ralph e Stella, por certo.”

A sugestão o encantou.

“Não, claro que não. Que engraçado! Os nomes são muito diferentes, e a senhora se surpreenderá com eles. Por favor, preste atenção. Vou lhe dizer os nomes dos meus filhos. O primeiro se chama Ahmed, o segundo Karim, a terceira — ela é a mais velha — Jamila. Três filhos é bastante. A senhora concorda comigo?”

“Concordo.”

Eles ficaram em silêncio durante algum tempo, pensando na família. Ela suspirou e se levantou para ir embora.

“A senhora gostaria de ir conhecer o Hospital Minto uma manhã dessas?”, perguntou ele. “Não tenho nada mais para lhe oferecer em Chandrapore.”

“Obrigada, eu já estive lá, senão teria gostado muito de ir com o senhor.”

“Imagino que o cirurgião-chefe a levou.”

“Sim, e a senhora Callendar.”

A voz dele mudou de tom.

“Ah! Uma senhora muito encantadora.”

“Pode ser, quando a conhecermos melhor.”

“O quê? A senhora não gostou dela?”

“Ela certamente estava procurando ser gentil, mas eu não cheguei a achá-la encantadora.”

Ele desatou a falar:

“Ela acabou de levar a minha *tonga* sem me pedir permissão; a senhora chama a isso ser encantadora? E o major Callendar manda me chamar noite após noite no lugar onde eu janto com meus amigos e eu vou imediatamente, acabando com um entretenimento muito agradável, e quando chego lá ele não está, nem mesmo deixa um bilhete. Por favor, me diga: isso é ser encantador? Mas o que importa tudo isso? Eu não posso fazer nada, e ele sabe disso. Sou apenas um subalterno, meu tempo não é valioso, a varanda é suficientemente boa para um indiano, sim, sim, que ele fique lá de pé, e a senhora Callendar leva o meu carro e me ignora...”

Ela prestava atenção.

Ele estava alvoroçado em parte pelas afrontas que sofrera, mas bem mais por saber que alguém entendia a sua situação. Foi o que o levou a repetir, exagerar, contradizer-se. Ela havia demonstrado sua solidariedade criticando sua conterrânea, mas antes disso ele já havia percebido essa simpatia. A chama

que nem mesmo a beleza pode nutrir estava se levantando de chofre, e, conquanto as palavras dele fossem lamuriosas, seu coração começou a brilhar secretamente e acabou explodindo nesta frase:

“A senhora me compreende, sabe o que eu sinto. Ah, se outras pessoas fossem como a senhora!”

Muito surpresa, ela respondeu:

“Não acho que eu compreenda muito bem as pessoas. Só sei se gosto ou não gosto delas.”

“Então a senhora é uma oriental.”

Na volta ao Clube ela aceitou a sua companhia, e quando chegaram ao portão disse que gostaria de ser sócia para poder convidá-lo a entrar.

“Os indianos não podem entrar no Clube de Chandrapore nem mesmo como convidados”, disse ele com simplicidade. Dessa vez não falou das afrontas sofridas, pois estava feliz. Enquanto caminhava colina abaixo sob a lua encantadora, e novamente viu a mesquita encantadora, ele parecia ser dono da terra tanto quanto qualquer outro dono. Que importância tinha o fato de uns poucos hinduístas fracos o terem precedido ali e de uns poucos ingleses frios terem se seguido a eles?

III

O TERCEIRO ATO DE COUSIN KATE já ia bem adiantado quando a sra. Moore entrou novamente no Clube. As janelas estavam fechadas para que os criados não vissem suas *memsahibs* representando, e com isso o calor era enorme. Um ventilador elétrico movimentava-se como um pássaro ferido, outro estava quebrado. Sem disposição para voltar à platéia, ela entrou na sala de bilhar, onde foi saudada com “Quero ver a *verdadeira* Índia” e a sua vida convencional voltou subitamente. Era Adela Quested, a moça esquisita, prudente, que Ronny a incumbira de trazer da Inglaterra, e Ronny era o seu filho, também prudente, com quem a srta. Quested provavelmente, mas não certamente, se casaria, e ela mesma não passava de uma senhora idosa.

“Quero vê-la também, e gostaria que isso fosse possível. Parece que os Turton vão providenciar algo para a próxima terça-feira.”

“Vai acabar sendo um passeio de elefante, sempre acaba. Veja esta noite. *Cousin Kate!* Imagine, *Cousin Kate!* Mas aonde a senhora foi? Conseguiu pegar a lua no Ganges?”

Na noite anterior as duas mulheres tinham, por acaso, visto o reflexo da lua num distante canal do rio. A água a tinha dilatado, e assim ela parecia maior que a lua verdadeira, e mais luminosa, o que as havia encantado.

“Fui até a mesquita, mas não vi a lua.”

“O ângulo deve ter se alterado; ela nasce mais tarde.”

“Cada dia mais tarde”, bocejou a sra. Moore, que estava cansada depois da caminhada. “Vejamos... daqui não se enxerga o outro lado da lua.”

“Vamos, a Índia não é tão ruim assim”, disse uma voz agradável. “É o outro lado da lua, se quiser, mas continuamos com a mesma velha lua.” Nenhuma das duas conhecia o dono daquela voz e tampouco o veriam novamente. Ele passou com sua fala amável pelos pilares de tijolo vermelho e mergulhou na escuridão.

“Não estamos vendo o outro lado do mundo; essa é a nossa queixa”, disse Adela.

A sra. Moore concordou; também ela estava desapontada demais com o tédio daquela nova vida. Elas tinham feito uma viagem tão romântica pelo Mediterrâneo e pelas areias do Egito até o porto de Bombaim para no final encontrar apenas um quadrilátero de casas. Mas, sendo quarenta anos mais velha, ela não levava tão a sério quanto a srta. Qusted o seu desapontamento e havia aprendido que a vida nunca nos dá o que queremos no momento que achamos oportuno. Aventuras há, mas não com hora marcada. Ela disse mais uma vez ter esperança de que algo interessante fosse providenciado para a terça-feira.

“Aceite um drinque”, disse outra voz agradável. “Senhora Moore — senhorita Qusted — aceitem um drinque, aceitem dois drinques.” Dessa vez elas sabiam quem era: o coletor,^[1] sr. Turton, com quem haviam jantado. Tanto quanto elas, o sr. Turton tinha achado a sala do *Cousin Kate* quente demais. Ronny, ele lhes contou, estava sendo contra-regra no lugar do major Callendar, a quem algum nativo havia deixado na mão, e saía-se muito bem; depois ele se voltou para os outros méritos de Ronny, e num tom calmo, decidido, fez muitos elogios. Não é que o jovem fosse particularmente bom nos jogos ou no dialeto, ou que tivesse um conhecimento excepcional do direito, mas — aparentemente um grande “mas” — Ronny era digno.

A sra. Moore se surpreendeu ao ouvir isso, pois a dignidade não é uma qualidade que as mães atribuem aos filhos. A srta. Qusted ouviu aquilo ansiosa, pois ainda não sabia se gostava de homens dignos. Na verdade, tentou discutir a questão com o sr. Turton, mas ele a silenciou com um bem-humorado gesto de mão e chegou ao ponto em que queria chegar. “Resumindo, Heaslop é um *sahib*; é o tipo de que precisamos, é um dos nossos.” E outro funcionário do governo britânico que estava debruçado sobre a mesa de bilhar disse: “Apoiado!”. Assim, a questão foi considerada acima de qualquer dúvida e o coletor se foi, pois outros deveres o chamavam.

Nesse meio-tempo o espetáculo terminou e a orquestra amadora passou a tocar o hino nacional. A conversa e o bilhar cessaram, os rostos se enrijeceram. Era o Hino do Exército de Ocupação. Lembrava a todos os sócios do Clube que eles eram ingleses e estavam no exílio. Provocava um certo sentimento e um proveitoso acesso de força de vontade. A melodia pobre e a lacônica série de pedidos a Jeová se fundiam numa prece desconhecida na Inglaterra, e embora não percebessem nem Realeza nem

Divindade, eles efetivamente percebiam algo, fortaleciam-se para enfrentar mais um dia. Depois saíram todos da sala e ofereceram bebida uns aos outros.

“Adela, tome um drinque; mamãe, um drinque.”

Elas recusaram — estavam cansadas de bebida —, e a srta. Qusteded, que sempre dizia exatamente o que pensava, voltou a anunciar seu desejo de ver a verdadeira Índia.

Ronny estava muito animado. O pedido lhe pareceu cômico, e ele gritou para outro passante:

“Fielding! Como é que se pode ver a verdadeira Índia?”

“Que tal ver os indianos?”, respondeu o homem e desapareceu.

“Quem era esse?”

“O diretor da nossa escola — o Colégio do Governo.”

“Como se fosse possível evitar vê-los”, suspirou a sra. Lesley.

“Eu evitei”, disse a srta. Qusteded. “Com exceção do meu criado, quase não falei com um indiano desde que desembarquei.”

“Ah, feliz de você.”

“Mas eu quero vê-los.”

Ela passou a ser o centro de um grupo animado de senhoras. Uma delas espantou-se: “Querendo ver indianos! Isso me parece uma grande novidade!”. Outra: “Nativos! Imagine!”. Uma terceira, mais séria, disse: “Vou explicar a vocês. Os nativos não têm mais respeito por uma pessoa pelo fato de a conhecerem, sabem?”.

“E continuam não tendo depois de muitos encontros.”

E a senhora, totalmente idiota e querendo ser amável, prosseguiu: “O que quero dizer é que antes de me casar era enfermeira e estive muito em contato com eles, por isso sei. De fato, sei a verdade sobre os indianos. Uma situação extremamente imprópria para uma inglesa — eu era enfermeira num estado nativo. A única saída era ficar firmemente distante”.

“Até dos seus pacientes?”

“Ora, a coisa mais generosa que se pode fazer com um nativo é deixá-lo morrer”, disse a sra. Callendar.

“E se ele fosse para o céu?”, perguntou a sra. Moore com um sorriso amável mas malicioso.

“Ele pode ir aonde quiser, desde que não venha para perto de mim. Eles me dão arrepios.”

“Para falar a verdade, pensei no que você esteve me dizendo sobre o céu, e é por isso que sou contra os missionários”, disse a sra. que tinha sido enfermeira. “Sou inteiramente a favor dos capelães, mas inteiramente contra os missionários. Vou explicar.”

Mas antes que ela pudesse fazê-lo, o coletor interveio.

“A senhorita realmente quer conhecer o irmão ariano, senhorita Quested? Pode-se combinar isso facilmente. Não imaginava que ele fosse diverti-la.” Ele pensou durante um momento. “A senhorita praticamente pode ver qualquer tipo de que goste. Escolha. Eu conheço o pessoal do governo e os proprietários rurais. O Heaslop pode pegar a equipe do tribunal, ao passo que se a senhorita quiser se especializar em educação, podemos falar com o Fielding.”

“Estou cansada de ver figuras pitorescas passando diante de mim como se fosse um friso”, explicou a moça. “Foi bonito quando desembarcamos, mas esse glamour superficial logo desapareceu.”

Suas impressões não tinham nenhum interesse para o coletor; ele só estava preocupado em lhe agradar. Será que ela iria gostar de uma Festa da Ponte? O sr. Turton explicou a ela o que era isso: uma festa que servia de ponte para transpor o abismo entre o Oriente e o Ocidente; a expressão era uma invenção dele, e todos os que o ouviram se divertiram com ela.

“Só quero conhecer os indianos que vocês encontram socialmente — seus amigos.”

“Bom, nós não os encontramos socialmente”, disse ele rindo. “Eles têm todas as virtudes, e em profusão, mas nós não, e agora já são onze e meia, tarde demais para explicar as razões.”

“Senhorita Quested, que nome!”, observou a sra. Turton para o marido no trajeto de volta. Ela não havia gostado da moça recém-chegada, considerando-a deselegante e excêntrica. Achava que ela não tinha vindo até a Índia para se casar com Heaslop, um rapaz tão simpático, embora parecesse que sim. Seu marido concordava com ela quanto a essa impressão, mas nunca fazia comentários contra uma inglesa se pudesse evitá-lo, e disse apenas que a srta. Quested certamente cometia erros. E acrescentou: “A Índia faz maravilhas com o julgamento, sobretudo durante a estação quente; fez maravilhas até para o Fielding”. A sra. Turton fechou os olhos ao ouvir esse nome e comentou que o sr. Fielding não era *pukka*. Então os dois chegaram à sua casa na área residencial, com um gramado rebaixado que parecia um prato

de sopa, beberam de mais um copo, dessa vez com uma decocção medicinal para os intestinos, e depois foram dormir. Sua retirada do Clube havia encerrado a noite, que, como todas as reuniões, teve um caráter oficial. Uma comunidade que curva o joelho para um vice-rei e para a qual a divindade que envolve um rei pode ser transplantada tem de sentir algum respeito por qualquer substituto de vice-real. Em Chandrapore os Turton eram reizinhos; em breve eles se retirariam para alguma vila na vizinhança de uma grande cidade e morreriam e Livross da glória.

“Quanta generosidade do grande homem”, tagarelou Ronny, muito satisfeito com a civilidade que havia sido demonstrada com seus convidados. “Sabem que ele nunca deu uma Festa da Ponte antes? E sendo que ele já nos ofereceu um jantar! Gostaria de poder ter providenciado alguma coisa eu mesmo, mas quando se conhece melhor os nativos percebe-se que é mais fácil para o *burra sahib* do que para mim. Eles o conhecem, sabem que ele não pode ser tapeado, e eu ainda sou relativamente novo. Ninguém pode nem começar a pensar que conhece este país antes de estar aqui há vinte anos. Mamãe, o seu casaco. Bem: para dar um exemplo dos erros que se cometem. Logo que cheguei aqui convidei um dos advogados para fumar um cigarro comigo — só um cigarro, notem bem. Depois fiquei sabendo que ele tinha mandado espalhar o fato no bazar; contaram para todos os advogados: ‘Ah, é melhor você procurar o meu *vakil* Mahmoud Ali; ele é íntimo do juiz municipal’. Desde então passei a tratá-lo muito rispidamente no tribunal. Isso me ensinou uma lição, e espero que também a ele.”

“A lição não seria que você deveria convidar todos os advogados para fumar com você?”

“Talvez, mas o tempo é limitado e a carne é fraca. Acho que prefiro fumar meu cigarro no Clube entre os do meu meio.”

“Por que não convidar os advogados ao Clube?”, insistiu a srta. Quested.

“Eles são proibidos de entrar.” Ronny foi gentil e paciente, e evidentemente sabia o que ela não sabia. Deu a entender que já havia pensado do mesmo modo que ela, embora por pouco tempo. Indo para a varanda, gritou resolutamente para a lua. Seu *sais* respondeu, e, sem baixar a cabeça, ele pediu que lhe trouxessem a charrete.

A sra. Moore, a quem o Clube havia deixado num estado de torpor, despertou ao chegar lá fora. Contemplou a lua, cujo brilho manchava de amarelo-pálido o púrpura do céu à sua volta. Na Inglaterra a lua parecia morta

e alheia; ali ela estava presa no xale da noite junto com a terra e todas as outras estrelas. Uma súbita impressão de unidade, de afinidade com os corpos celestes, percorreu a velha senhora e a abandonou, como a água que atravessa um tanque e deixa uma estranha sensação de frescor. Ela não havia desgostado de *Cousin Kate* nem do hino nacional, mas seu conteúdo tinha cedido lugar a um novo, assim como os coquetéis e charutos tinham cedido lugar a flores invisíveis. Quando a mesquita, longa e sem cúpula, cintilou na curva da estrada, ela exclamou:

“Ah, sim... é ali que eu fui... é ali que eu estive.”

“Esteve ali quando?”

“Entre o primeiro e o segundo ato.”

“Mas mamãe, a senhora não pode fazer esse tipo de coisa.”

“Não posso?”, indagou ela.

“Não, realmente não pode, neste país. Não é possível. Há o perigo de cobras, por exemplo. Elas aparecem de noite.”

“Ah, sim, o jovem que estava lá me disse isso.”

“Isso parece muito romântico”, disse a srta. Quested, que gostava muitíssimo da sra. Moore e estava contente por ela ter tido essa pequena escapada. “A senhora conhece um jovem numa mesquita e nem me conta!”

“Eu ia lhe contar, Adela, mas alguma coisa desviou a conversa e me esqueci. Minha memória está ficando deplorável.”

“Ele era simpático?”

Ela fez uma pausa e depois disse enfaticamente:

“Muito simpático.”

“Quem era ele?”, perguntou Ronny.

“Um médico. Não sei o nome dele.”

“Um médico? Não sei de nenhum médico jovem em Chandrapore. Que estranho! Como ele era?”

“Meio baixo, com um bigodinho e olhos vivazes. Ele me chamou quando eu estava na parte escura da mesquita. Por causa dos meus sapatos. Foi por isso que nós começamos a falar. Ele receava que eu estivesse calçada, mas felizmente eu havia me lembrado. Ele me falou dos seus filhos e depois nós viemos andando para o Clube. Ele conhece bem você.”

“Gostaria que a senhora tivesse me mostrado esse homem. Não faço idéia de quem seja.”

“Ele não entrou no Clube. Disse que isso não lhe era permitido.”

Então Ronny atinou com a verdade e gritou:

“Ah, meu Deus! Um muçulmano? Por que a senhora não me disse que tinha conversado com um nativo?”

“Um muçulmano! Que coisa magnífica!”, exclamou a srta. Qusted. “Ronny, não é bem típico da sua mãe? Enquanto nós ficamos aqui falando em ver a verdadeira Índia, ela vai e a vê, e depois se esquece de que a viu.”

Mas Ronny estava perturbado. A descrição feita pela sua mãe o tinha levado a achar que o médico seria o jovem Muggins, do outro lado do Ganges, e isso lhe havia trazido todas as emoções da camaradagem. Que confusão! Por que ela não tinha indicado pelo tom de voz que estava falando de um indiano? Ditatorial, ele começou a questioná-la. “Ele gritou para a senhora na mesquita? Em que tom? Atrevido? O que ele estava fazendo lá àquela hora da noite? Não, eles não rezam a essa hora.” Disse isso em resposta a uma sugestão da srta. Qusted, que estava profundamente interessada. “Então ele gritou com a senhora por causa dos seus sapatos. Isso foi uma insolência. É um velho truque. Gostaria que a senhora estivesse calçada.”

“Acho que foi insolente, mas não percebi truque algum”, disse a sra. Moore. “O rapaz estava muito nervoso — percebi isso na sua voz. Ele se acalmou assim que eu respondi.”

“A senhora não devia ter respondido.”

“Preste atenção”, disse a moça com sua lógica, “você não esperaria que um muçulmano respondesse se você lhe pedisse para tirar o chapéu numa igreja?”

“Isso é diferente, é diferente; você não compreende.”

“Sei que não, e quero compreender. Qual é a diferença? Por favor, me diga.”

Ronny gostaria que Adela não se opusesse a ele desse modo. Sua mãe não tinha importância; ela era apenas uma turista, uma companhia temporária, que voltaria para a Inglaterra com as impressões que quisesse ter. Mas ela, que cogitava passar a vida no país, era um caso mais sério; seria cansativo se ela comesse a ver a questão dos nativos de forma distorcida. Freando a égua, ele disse: “Eis o seu Ganges”.

A atenção das duas mulheres mudou de direção. Debaixo deles surgira de repente um esplendor. Não vinha nem da água nem do luar, mas permanecia como um feixe luminoso sobre os campos de trevas. Ronny lhes explicou que era onde estava se formando o novo banco de areia e que o trecho escuro e

esgarçado na parte mais alta era a areia, e que os corpos mortos vinham boiando naquela direção desde Benares, ou boiariam, se os crocodilos deixassem. “O que chega dos corpos em Chandrapore não é muito.”

“No rio também tem crocodilos, que coisa terrível!”, murmurou sua mãe. Os dois mais jovens se olharam de soslaio e sorriram; eles se divertiam com esses leves calafrios da velha senhora, e isso lhes devolveu a alegria. A sra. Moore prosseguiu: “Que rio terrível! Que rio maravilhoso!”, e suspirou. O esplendor já estava se alterando, pelo deslocamento da lua ou da areia; logo o feixe brilhante se extinguiria e um pequeno círculo, também destinado a se alterar, luziria no vazio em movimento. As mulheres discutiam se esperariam ou não a mudança, enquanto o silêncio era interrompido por intervalos de agitação e a água se arrepiava. Por causa dela os três não esperaram; seguiram para a casa do juiz municipal, onde a srta. Qusted foi para a cama e a sra. Moore teve uma breve conversa com o filho.

Ronny queria saber mais sobre o médico muçulmano que estava na mesquita. Tinha o dever de notificar a existência de pessoas suspeitas, e possivelmente seria algum reles *bakim* que estava à espreita vindo do bazar. Mas ele se sentiu aliviado quando a mãe lhe contou que era alguém ligado ao Hospital Minto, e disse que o nome do sujeito devia ser Aziz, e que, sendo assim, estava tudo bem: não havia absolutamente nada contra ele.

“Aziz! Que nome encantador!”

“Então a senhora e ele conversaram. Ele foi simpático?”

Ignorando a importância dessa pergunta, ela respondeu: “Sim, passado o primeiro momento”.

“Digo de modo geral. Ele pareceu tolerante conosco... com o inglês, o brutal conquistador, o burocrata empedernido, esse tipo de coisa?”

“Ah, sim, acho que sim, fora os Callendar; ele não gosta nem um pouco dos Callendar.”

“Hein? Então ele lhe disse isso? O major vai se interessar. Eu me pergunto o que ele teria em mente ao fazer essa observação.”

“Ronny, Ronny! Você não vai falar sobre isso com o major Callendar!”

“Claro que vou. Na verdade eu devo fazer isso!”

“Mas, meu querido...”

“Se o major ouvisse falar que algum subordinado meu antipatiza comigo, gostaria que ele me dissesse.”

“Mas, meu querido, era uma conversa particular!”

“Na Índia nada é particular. Aziz sabia disso quando falou, portanto a senhora não precisa se preocupar. Ele tinha algum objetivo ao fazer o seu comentário. Minha convicção pessoal é de que a observação não era verdadeira.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Ele ofendeu o major para impressionar a senhora.”

“Não sei o que você quer dizer, querido.”

“É a mais nova tática do nativo educado. Antes eles se curvavam servilmente, mas a geração mais jovem acredita numa exibição de independência viril. Acha que com os membros itinerantes do Parlamento isso é mais eficaz. Mas quer o nativo se curve, quer seja insolente, sempre há alguma coisa por trás de todas as observações que faz, sempre alguma coisa, e no mínimo está tentando elevar o seu *izzat*, marcar pontos. Obviamente, há exceções.”

“Na Inglaterra você nunca julgava as pessoas desse jeito.”

“A Índia não é a Inglaterra”, replicou Ronny com certa rudeza, mas, para silenciá-la, ele vinha usando frases e argumentos que havia ouvido de oficiais mais velhos, e estava um tanto inseguro. Quando disse “Obviamente, há exceções”, estava citando o sr. Turton, ao passo que “elevar o seu *izzat*” fora dito pelo próprio major Callendar. As frases tinham bom efeito e eram sempre usadas no Clube, mas ela era inteligente o bastante para perceber o que era de segunda mão e podia pedir-lhe exemplos concretos.

Ela disse apenas: “Não posso negar que isso parece muito sensato, mas você realmente não deve comunicar ao major Callendar nada do que eu lhe disse sobre o doutor Aziz”.

Ele se sentiu desleal à sua casta, mas prometeu, acrescentando: “Em troca, por favor, não fale sobre Aziz com Adela”.

“Não falar sobre ele? Por quê?”

“Lá vem a senhora outra vez, mamãe. Na verdade não posso explicar tudo. Não quero que Adela se preocupe, é isso; ela vai começar a se perguntar se nós estamos tratando direito os nativos e todo esse tipo de bobagens.”

“Mas ela veio aqui para se preocupar; foi exatamente por isso que veio. Ela falou muito sobre essa questão no navio. Nós conversamos durante muito tempo quando estivemos em terra, em Áden. Ela conhece você só informalmente, como disse ela, mas não no trabalho, e achou que devia vir e

observar, antes de se decidir — e antes de você se decidir. Ela é muito, muito honesta.”

“Eu sei”, disse ele desanimado.

O tom de ansiedade na voz de Ronny a fez sentir que ele ainda era um menininho ansioso por ter o que queria, e assim ela prometeu satisfazer a sua vontade e eles se deram um beijo de boa-noite. Contudo, ele não a havia proibido de pensar em Aziz, e foi isso que ela fez quando entrou no quarto. Com o pano de fundo dos comentários do filho, reviu a cena da mesquita para decidir quem tinha a impressão correta. Sim, aquilo poderia ter evoluído para um episódio muito desagradável. O médico começara amedrontando-a, tinha dito que a sra. Callendar era simpática e depois — vendo que o terreno era seguro — mudara; havia alternadamente se lamentado dos agravos sofridos e tratado-a com arrogância, adotara numa única frase uma dezena de modos, tinha demonstrado não ser confiável, além de curioso e fútil. Sim, era tudo verdade, mas muito falso como síntese do homem; o essencial da sua vida tinha sido destruído.

Quando ia dependurar o casaco, a sra. Moore viu que a ponta do cabide estava ocupada por uma vespinha. Ela ficara conhecendo essa vespa ou seus parentes durante o dia; diferentes das vespas inglesas, essas tinham longas pernas amarelas que se penduravam para trás quando voavam. Talvez o inseto tenha tomado o cabide por um galho — os animais indianos não tinham a percepção dos interiores: morcegos, ratos, pássaros e insetos faziam ninhos dentro da casa com a mesma facilidade com que os faziam fora dela; viam-na como um desenvolvimento normal da selva infinita, que produz alternadamente casas, árvores, casas, árvores. Grudada ali, dormia, enquanto na planície chacais ladravam seus desejos e se misturavam à percussão dos tambores.

“Queridinha”, disse a sra. Moore para a vespa. O inseto não acordou, mas a voz dela flutuou, aumentando a inquietação da noite.

IV

O COLETOR CUMPRIU A PALAVRA. No dia seguinte mandou convites para vários senhores indianos da vizinhança, declarando que os esperava no jardim do Clube entre as cinco e as sete horas da terça-feira seguinte, e também que a sra. Turton teria prazer em receber as senhoras da família que não estivessem no regime do *purdah*. Essa iniciativa provocou muito alvoroço e foi discutida em diversas esferas.

“Ele recebeu ordens do tenente-governador”, foi a explicação de Mahmoud Ali. “Turton nunca faria isso se não fosse obrigado. Os altos funcionários são diferentes; eles simpatizam conosco; o vice-rei simpatiza conosco; por causa deles seríamos tratados com cortesia. Mas eles vêm aqui muito raramente e vivem longe demais. Enquanto isso...”

“É fácil simpatizar de longe”, disse um senhor barbudo. “Eu dou mais valor à palavra gentil dita perto do ouvido. O senhor Turton pronunciou essa palavra, seja qual for o seu motivo. Ele fala, nós ouvimos. Não sei por que precisamos continuar discutindo esse assunto.” Seguiram-se citações do Alcorão.

“Não temos a sua natureza encantadora, *nawab* Bahadur, nem a sua erudição.”

“O tenente-governador pode ser um amigo muito bom, mas eu não lhe causo problemas: ‘Como vai o senhor, *nawab* Bahadur?’ ‘Muito bem, obrigado, sir Gilbert; como vai o senhor?’ E é só. No entanto, posso atormentar a vida do senhor Turton, e, se ele me convida, aceito o convite. Pretendo vir de Dilkusha especialmente para isso, embora tenha de adiar outras atividades.”

“O senhor não está se dando valor”, disse subitamente um homenzinho negro.

Houve um rebuliço de desaprovação. Quem era esse presunçoso grosseiro que criticava o principal proprietário de terras muçulmano do distrito? Mahmoud Ali, mesmo sendo da mesma opinião, sentiu-se forçado a se opor a ele. “Senhor Ram Chand!”, disse ele inclinando-se rígido para a frente com as mãos nas ancas.

“Senhor Mahmoud Ali!”

“Senhor Ram Chand, o *nawab* Bahadur pode decidir o que é se dar valor sem a sua avaliação, creio eu.”

“Não acho que isso seja me dar pouco valor”, disse o *nawab* Bahadur para o sr. Ram Chand; ele falava com muita cortesia, pois sabia que o homem havia sido descortês e queria protegê-lo das conseqüências do seu ato. Passara-lhe pela cabeça dizer: “Acho que devo me dar pouco valor”, mas descartou essa resposta por considerá-la a alternativa menos polida. “Não vejo por que isso seria nos dar pouco valor. Não vejo por quê. O convite foi feito de modo muito amável.” Sentindo que não podia reduzir mais o abismo entre si próprio e sua audiência, mandou o neto, que o estava acompanhando, trazer o carro. Quando este chegou, ele repetiu tudo o que havia dito antes, embora estendendo-se mais, e encerrou com um “Até terça-feira, então, senhores, quando espero encontrá-los nos jardins floridos do Clube”.

Essa opinião tinha muito peso. O *nawab* Bahadur era um grande proprietário de terras e um filantropo, um homem benevolente e decidido. Em todas as comunidades da província a sua reputação era elevada. Era um inimigo direto e um amigo leal, e sua hospitalidade era proverbial. “Dê; não deixe. Depois que você morrer, quem irá lhe agradecer?” era a sua observação predileta. Ele sustentava que era uma desgraça morrer rico. Quando um homem desses se dispunha a percorrer de carro quarenta quilômetros para apertar a mão do coletor, a recepção assumia outro aspecto. Pois ele não era como alguns homens eminentes, que confirmam sua presença e no último momento não vão, deixando os peixinhos a se debater. Se afirmava que ia, ele ia; nunca decepcionava quem o apoiava. Agora os senhores a quem havia feito aquela preleção instavam uns aos outros para comparecerem à festa, conquanto convencidos intimamente de que o conselho dele não tinha bons fundamentos.

Ele havia falado na salinha próxima aos tribunais, onde os advogados esperavam os clientes; estes, à espera dos advogados, estavam sentados na poeira lá fora. Não tinham recebido um convite do sr. Turton. E havia círculos até para além deles: gente que se vestia apenas com uma tanga, gente que não vestia nem mesmo isso e passava a vida batendo duas varas diante de um boneco escarlate; humanidade passando imperceptivelmente para outro grau e saindo do universo civilizado, a ponto de nenhum apelo terreno poder incluí-la.

Todos os apelos precisam vir do céu, talvez; talvez seja inútil para os homens admitir a sua própria unidade, pois eles apenas ampliam os abismos entre si quando tentam fazê-lo. De qualquer modo, era assim que pensavam o velho sr. Graysford e o jovem senhor Sorley, os dedicados missionários que moravam longe, depois dos matadouros, sempre viajavam na terceira classe dos trens e nunca iam ao Clube. Na casa do nosso Pai há muitas moradas, pensavam eles, e somente ali serão bem acolhidas e consoladas as multidões incompatíveis da humanidade. Nenhuma pessoa será repelida pelos criados naquela varanda, seja ela negra, seja ela branca; ninguém que chegue com um coração amoroso será deixado de pé. E por que a hospitalidade divina tem de parar aí? Pense, com todo o respeito, nos macacos. Pode haver também uma morada para os macacos? O velho sr. Graysford dizia que Não, mas o jovem sr. Sorley falava que Sim; ele não via razão para que não coubesse aos macacos uma parcela de bênção, e as discussões que sobre eles tinha com seus amigos hinduístas eram cheias de compreensão. E os chacais? O sr. Sorley achava que os chacais eram mesmo inferiores, mas admitia que a misericórdia divina, sendo infinita, poderia perfeitamente abranger os mamíferos. E as vespas? Quando se chegava às vespas ele ficava embaraçado e tendia a mudar de assunto. E as laranjas, os cactos, os cristais e a lama? E as bactérias que estavam no corpo do sr. Sorley? Não, não, isso está indo longe demais. Precisamos excluir alguém da nossa reunião, do contrário acabaremos ficando sem nada.

V

A FESTA DA PONTE NÃO FOI UM SUCESSO — pelo menos não foi o que a sra. Moore e a srta. Qusted consideravam uma festa bem-sucedida. Elas chegaram cedo, visto que o evento era em sua honra, mas a maioria dos convidados indianos tinha chegado ainda mais cedo e se aglomerava de pé, sem fazer nada, na extremidade mais distante dos gramados de tênis.

“São só cinco horas”, disse a sra. Turton. “Meu marido chegará do escritório daqui a pouquinho e começará a coisa. Não tenho idéia do que podemos fazer. É a primeira vez que damos uma festa como esta no Clube. Senhor Heaslop, quando eu morrer o senhor dará festas como esta? O *burra sahib* do tipo antigo é capaz de estar se revirando no túmulo por causa dela.”

Ronny riu respeitosamente. “Você queria alguma coisa que não fosse pitoresca e nós a providenciamos”, observou ele para a srta. Qusted. “O que você acha do irmão ariano de *topi* e polainas?”

Nem ela nem a mãe dele responderam. Elas estavam olhando com tristeza para o campo de tênis. Não, não era pitoresco; o Oriente, abandonando sua magnificência secular, descia por um vale cuja face mais profunda ninguém vê.

“O mais importante é lembrar que ninguém que está aqui faz diferença; os que fazem não vêm. Não é isso, senhora Turton?”

“É a pura verdade”, disse a grande senhora reclinando-se para trás. Estava “economizando” suas forças, como dizia ela; não para algo que aconteceria naquela tarde ou mesmo naquela semana, mas para uma vaga ocasião futura, quando algum alto funcionário viesse e pusesse à prova sua energia social. A maioria das suas aparições em público era marcada por esse ar de frieza.

Seguro da aprovação dela, Ronny prosseguiu: “Os indianos educados não nos servirão de nada se houver um conflito; simplesmente não vale a pena atrair a simpatia deles, e por isso eles não têm importância para nós. A maioria das pessoas que você vê é no fundo sediciosa, e o resto correria gritando. O dono de terras... esse é de outro tipo. O *pathan*... esse é um homem, admito. Mas essas pessoas... não pense que elas são a Índia”. Ele apontou para a linha escura além do campo; aqui e ali brilhava um pincenê ou um sapato se

arrastava, como se sabendo que era desprezado. A roupa européia havia se alastrado como lepra. Poucos tinham cedido completamente, mas ninguém ficara intocado. Quando ele terminou de falar houve um silêncio dos dois lados do campo; por fim, outras senhoras se reuniram ao grupo inglês, mas suas palavras pareciam morrer assim que acabavam de ser pronunciadas. Alguns milhafres pairavam, imparciais, no alto; acima dos milhafres passava uma massa de urubu, e, com uma imparcialidade que superava a de todos os demais, o céu, não profundamente colorido mas translúcido, despejava luz de toda a sua circunferência. Parecia improvável que a sucessão terminasse ali. Não haveria para além do céu algo que forme uma abóbada sobre todos os céus, mais imparcial até mesmo do que eles? Para além do quê, novamente...

Eles conversavam sobre *Cousin Kate*.

Tinham tentado reproduzir no palco a sua própria atitude em relação à vida e se vestir como os ingleses de classe média que eles efetivamente eram. No ano seguinte levariam *Quality Street* ou *The yeomen of the guard*. A não ser por essa incursão anual, eles deixavam a literatura em paz. Os homens não tinham tempo para ela e as mulheres não faziam nada que não pudessem compartilhar com os homens. Sua ignorância no tocante às artes era notória, e eles não perdiam oportunidade de proclamar isso uns para os outros; era a atitude das escolas particulares, vicejando com mais vigor do que se esperaria na Inglaterra. Se os indianos não passavam de material de trabalho, as artes são má-educação, e Ronny fez calar a mãe quando ela lhe perguntou sobre sua viola; uma viola era quase um demérito, e certamente não era o tipo de instrumento que se menciona em público. Ela observava agora como os seus julgamentos haviam se tornado tolerantes e convencionais; quando assistiram juntos a *Cousin Kate* em Londres, no passado, ele havia deplorado a peça; agora, para não ofender ninguém, fingia considerá-la boa. O jornal local tinha dado uma “nota desagradável”, “o tipo de coisa que nenhum branco poderia ter escrito”, como disse a sra. Lesley. A peça foi elogiada, é verdade, assim como sua direção e os desempenhos de modo geral, mas o comentário continha a seguinte frase: “A senhorita Derek, embora com a aparência encantadora da personagem, não tinha a experiência necessária e algumas vezes esqueceu as falas”. Essa modesta manifestação de crítica genuína havia ofendido profundamente não a srta. Derek, que era uma pessoa absolutamente fria, mas sim os seus amigos. A srta. Derek não vivia em Chandrapore. Estava passando duas semanas na cidade com os McBrydes, da polícia, e tinha sido muito

bondosa preenchendo uma lacuna no elenco no último momento. Que boa impressão da hospitalidade local ela levaria consigo!

“Ao trabalho, Mary, ao trabalho”, gritou o coletor, tocando com um chicote o ombro de sua mulher.

A sra. Turton levantou-se desajeitada. “O que você quer que eu faça? Ah, essas mulheres no *purdab*! Nunca imaginei que alguma delas viria. Ah, meu Deus!”

Um grupinho de senhoras indianas se reunira numa terceira parte do terreno, perto de um pequeno pavilhão onde as mais tímidas já haviam se refugiado. As outras continuavam dando as costas para a festa, de pé e com o rosto apertado contra uma fileira de arbustos. A alguma distância estavam seus parentes masculinos, atentos ao risco. A cena era significativa: uma ilha que a mudança da maré pusera a descoberto e que fatalmente iria crescer.

“Acho que eles devem vir me encontrar aqui.”

“Venha, Mary, vamos enfrentar isso.”

“Eu me recuso a apertar a mão de qualquer um dos homens, a menos que seja o *nawab* Bahadur.”

“Quem já chegou?” Ele relanceou os olhos pelo grupo. “Hum! Hum! Exatamente o esperado. Sabemos por que aquele está aqui, acho eu — por causa de um contrato —, e aquele quer estar bem comigo tendo em vista o *Moburram*, e aquele é o astrólogo que quer burlar as normas municipais de construção, e aquele é o parse, e aquele é... opa! Lá vai ele; vai trombar com as nossas malvas-rosa. Puxou a rédea esquerda quando deveria ter puxado a direita. Como sempre, tudo como sempre.”

“Não devíamos ter permitido que eles entrassem de carro aqui; é muito difícil para eles”, disse a sra. Turton, que finalmente havia começado a cumprir o trajeto até a casa de verão, acompanhada da sra. Moore, da srta. Qusted e de um *terrier*. “Por que eles vêm, eu não sei. Eles detestam isso tanto quanto nós. Fale com a senhora McBryde. O marido dela a fez dar festas com *purdab* até ela ter um infarto.”

“Isso não é uma festa com *purdab*”, corrigiu a srta. Qusted.

“Ah, não?”, foi a resposta arrogante.

“Por favor, diga-nos quem são essas senhoras”, pediu a sra. Moore.

“Vocês são superiores a elas, de qualquer maneira. Não se esqueçam disso. Vocês são superiores a todo mundo na Índia, fora uma ou duas ranis, que estão no seu nível.”

Avançando, a sra. Turton apertou as mãos de um grupo e disse umas poucas palavras de boas-vindas em urdu. Ela havia aprendido o dialeto, mas apenas para falar com os criados, e assim não conhecia as fórmulas educadas e dos verbos sabia apenas o imperativo. Ao terminar de falar, perguntou imediatamente às suas acompanhantes: “É o que vocês queriam?”.

“Por favor, diga a essas senhoras que eu gostaria de falar a língua delas, mas acabamos de chegar ao país.”

“Acho que falamos um pouco da sua”, disse uma das senhoras.

“Imagine só, ela entende!”, exclamou a sra. Turton.

“Eastbourne, Piccadilly, High Park Corner”, disse uma outra senhora.

“Ah, claro, elas falam inglês.”

“Então nós podemos conversar; que maravilhoso!”, gritou Adela.

“Ela conhece Paris também”, disse um dos observadores.

“No caminho elas passam por Paris, sem dúvida”, disse a sra. Turton como se estivesse descrevendo os movimentos de pássaros migratórios. Seus modos tinham se tornado mais distantes desde a descoberta de que algumas mulheres do grupo eram ocidentalizadas e poderiam aplicar-lhe critérios iguais aos dela.

“A senhora mais baixa é minha esposa, a senhora Bhattacharya”, explicou o observador. “A senhora mais alta é minha irmã, a senhora Das.”

A senhora mais baixa e a senhora mais alta ajustaram o sári e sorriram. Havia em seus gestos uma curiosa insegurança, como se elas estivessem procurando uma nova fórmula que nem o Oriente nem o Ocidente podiam oferecer. Quando seu marido falou, a sra. Bhattacharya lhe deu as costas, mas não se importou de ver os outros homens. Na verdade, todas as senhoras estavam inseguras, curvando-se, empertigando-se, reprimindo risadinhas, fazendo minúsculos gestos de desculpas ou de aflição a propósito de tudo o que era dito, ora acarinhando, ora se esquivando do *terrier*. A srta. Quested tinha agora sua almejada oportunidade: tinha diante de si algumas indianas cordiais; ela tentou fazê-las falar mas não conseguiu, esforçando-se em vão contra as muralhas ressonantes da sua civilidade. O que quer que ela falasse suscitava um murmúrio de desculpa, que se transformou num murmúrio de preocupação quando seu lenço caiu. Ela tentou não fazer nada, para ver o que resultava disso, e elas nada fizeram. A sra. Moore foi igualmente malsucedida. A sra. Turton esperou-as com uma expressão desinteressada; ela sabia desde o início que aquilo era uma tolice.

Quando elas se despediram, a sra. Moore teve um impulso e disse à sra. Bhattacharya, cuja aparência lhe havia agradado: “Será que nós poderíamos visitá-los um dia destes?”.

“Quando?”, respondeu ela inclinando-se de um modo encantador.

“Quando for conveniente para vocês.”

“Todos os dias são convenientes.”

“Quinta-feira...”

“Mas é claro.”

“Vamos gostar muito, será mesmo um prazer. E quanto à hora?”

“A qualquer hora.”

“Diga-nos a hora que vocês preferem. Somos estranhas no país de vocês; não sabemos quando vocês recebem visitas”, disse a srta. Quested.

A sra. Bhattacharya parecia igualmente não saber. Seu gesto sugeria que sabia, desde que começaram as quintas-feiras, que as senhoras inglesas iriam visitá-la numa delas, e assim ficava sempre em casa. Tudo a encantava, nada a surpreendia. Então acrescentou: “Hoje nós vamos para Calcutá”.

“Ah, vão?”, disse Adela sem perceber inicialmente o que isso implicava. Depois exclamou: “Ah, mas então vocês não estarão lá quando nós formos”.

A sra. Bhattacharya não contestou. Mas seu marido gritou de longe: “Sim, sim, as senhoras vão lá na quinta-feira”.

“Mas vocês vão estar em Calcutá.”

“Não, não, não estaremos.” Apressadamente ele disse algo em bengali para a mulher. “Nós as esperaremos na quinta-feira.”

“Quinta-feira”, repetiu a mulher.

“Espero que vocês não tenham desistido de ir por nossa causa. Isso seria muito desagradável”, exclamou a sra. Moore.

“Não, claro que não, nós não somos assim”, disse rindo o sr. Bhattacharya.

“Acho que foi isso mesmo que aconteceu. Ah, por favor; eu fico realmente muito contrafeita.”

Todos estavam rindo, mas nada indicava que algo errado fora dito. Seguiu-se uma conversa vazia, durante a qual a sra. Turton se retirou, sorrindo de si para si. A conclusão foi que eles iriam na quinta-feira, mas no início da manhã, para atrapalhar o mínimo possível os planos dos Bhattacharya, e o sr. Bhattacharya mandaria a sua carruagem buscá-las, com criados para indicar o caminho. Ele sabia onde elas estavam? Sim, claro que sabia, ele sabia de tudo; e

riu novamente. Eles partiram no meio de uma confusão de cumprimentos e sorrisos, e três senhoras, que até então não haviam participado da recepção, de repente se precipitaram para fora da casa de verão como andorinhas lindamente coloridas e lhes fizeram um *salaam*.

Enquanto isso o coletor havia dado uma volta. Fez observações agradáveis e contou algumas piadas, entusiasticamente aplaudidas, mas ele sabia algo que desabonava quase todos os seus convidados, e por isso foi superficial. Quando não o tinham traído, o problema era *bhang*, mulheres ou pior, e até os mais recomendáveis queriam obter dele alguma coisa. Ele achava que uma Festa da Ponte faria mais bem do que mal, do contrário não a teria providenciado, mas não nutria ilusões, e na hora certa se retirou para o lado inglês do gramado. As impressões que deixou atrás de si eram diversas. Muitos dos convidados, sobretudo os mais humildes e menos anglicizados, ficaram genuinamente gratos. Receber a atenção de um funcionário tão graduado era um trunfo permanente. Não lhes importava quanto tempo eles ficavam de pé ou se acontecia muito pouca coisa e, quando batiam sete horas, eram mandados embora. Outros eram mais inteligentes em sua gratidão. O *nawab* Bahadur, despreocupado consigo mesmo e com a distinção que lhe concediam, comovia-se com a simples bondade que seguramente havia suscitado o convite. Ele sabia das dificuldades. Hamidullah também achava que o coletor tinha se congado bem. Mas outros, como Mahmoud Ali, eram cétricos; estavam firmemente convencidos de que os superiores de Turton o tinham compelido a dar a festa e de que durante todo o tempo ele estava sendo consumido por uma raiva impotente, e esses cétricos contaminaram alguns que se inclinavam por uma opinião mais saudável. Mas mesmo assim Mahmoud Ali estava feliz por ter ido. Os santuários fascinam, principalmente quando só de raro em raro são abertos, e ele se divertia observando o ritual do Clube inglês, do qual posteriormente zombava, para os amigos.

Depois do sr. Turton o funcionário que melhor cumpriu seu dever foi o sr. Fielding, diretor do pequeno Colégio do Governo. Ele sabia pouca coisa sobre o distrito e ainda menos sobre seus habitantes, por isso seu estado de espírito não era tão cétrico. Atlético e animado, ele brincava ruidosamente, cometendo gafes que os pais de seus alunos tentavam encobrir, pois os garotos gostavam dele. Quando chegou a hora dos refrescos ele não voltou para o lado inglês, mas queimou a boca com *gram*. Conversava com todos e comia de tudo. Entre outras coisas estranhas ao meio, ficou sabendo que as duas novas

senhoras inglesas tinham sido um grande sucesso e que a sua educação ao pedirem para visitar a sra. Bhattacharya havia agradado não só a esta como a todos os indianos que souberam do fato. E também ao sr. Fielding. Ele mal conhecia as duas novas senhoras, mas mesmo assim resolveu falar-lhes da satisfação que seu gesto amável lhe dera.

Encontrou a mais jovem delas sozinha. Por uma brecha da cerca viva de cactos ela olhava para as distantes colinas de Marabar, que haviam se aproximado furtivamente, como acontecia no crepúsculo; se o crepúsculo durasse mais tempo elas chegariam à cidade, mas ele era rápido, pois era tropical. O sr. Fielding deu a ela essa informação e ela gostou tanto e lhe agradeceu tão cordialmente que ele a convidou e também à outra senhora para tomarem chá.

“Eu realmente gostaria muito de ir, e também a senhora Moore, tenho certeza.”

“Eu sou um tanto eremita, sabe?”

“É o melhor, neste lugar.”

“Por causa do meu trabalho, não venho muito ao Clube.”

“Sei, sei, e nós nunca saímos dele. Eu o invejo, porque o senhor convive com os indianos.”

“Você quer conhecê-los?”

“Muito, muito mesmo; é isso que mais desejo fazer. Esta festa hoje me deixa irritada e desconsolada. Acho que os meus conterrâneos daqui devem ter enlouquecido. Imagine, convidar pessoas e não as tratar bem! O senhor e o senhor Turton, e talvez o senhor McBryde, são as únicas pessoas que demonstraram alguma educação. O resto me deixa simplesmente envergonhada, e está ficando cada vez pior.”

E havia ficado. Os ingleses tinham tido a intenção de se comportar melhor, mas foram impedidos de fazê-lo pelas mulheres, a quem eles tinham de dar atenção, providenciar chá, orientar sobre cães etc. Quando começou o jogo de tênis a barreira tornou-se intransponível. Tinha-se pensado em organizar alguns *sets* entre Oriente e Ocidente, mas esqueceu-se isso e as quadras foram monopolizadas pelas duplas habituais do Clube. Fielding também se ressentiu disso, mas não comunicou à moça a sua opinião, pois viu algo de teórico na explosão dela. Ele perguntou se ela gostava de música indiana; na escola havia um velho professor que cantava.

“Ah, é exatamente o que nós queremos ouvir. E o senhor conhece o doutor Aziz?”

“Sei tudo sobre ele. Não o conheço. Quer que ele também seja convidado?”

“A senhora Moore diz que ele é muito simpático.”

“Muito bem, senhorita Quested. Quinta-feira está bem para você?”

“Está ótimo, e na manhã de quinta-feira nós iremos à casa dessa senhora indiana. Todas as coisas boas acontecerão na quinta-feira.”

“Não vou pedir ao juiz municipal que as leve. Sei que ele estará ocupado nessa hora.”

“Sim, Ronny está sempre trabalhando muito”, respondeu ela, contemplando as colinas. Como subitamente elas tinham se tornado lindas! Mas ela não as podia tocar. Diante dela, como uma persiana corrida, surgiu uma imagem da sua vida de casada. Ela e Ronny dariam uma passada no Clube como nesse anoitecer, depois iriam para casa e se aprontariam; visitariam os Lesley e os Callendar e os Turton e os Burton, e os convidariam e seriam convidados por eles, enquanto a verdadeira Índia passaria despercebida. A cor permaneceria: o desfile de pássaros no começo da manhã, corpos morenos, turbantes brancos, ídolos cuja carne era escarlata ou então azul; e o movimento permaneceria enquanto houvesse multidões no bazar e banhistas nos tanques. Empoleirada no assento de um *tum-tum*, ela os veria. Mas a força existente por trás da cor e do movimento lhe escaparia de modo ainda mais efetivo do que agora. A Índia seria vista sempre como um friso, nunca como um espírito, e ela supunha que a sra. Moore tinha tido um vislumbre desse espírito.

E realmente ao cabo de poucos minutos eles deixaram o Clube, aprontaram-se, e a srta. Derek e os McBryde foram jantar com eles, e o cardápio foi sopa Juliana com ervilhas enlatadas duras como pedras, pão pretensamente caseiro, um peixe cheio de espinhas que se fazia passar por linguado, mais ervilhas enlatadas com costeletas, trifle,^[1] sardinhas sobre torradas — o cardápio da Índia britânica. Poder-se-ia acrescentar ou subtrair um prato conforme se subia ou se descia na escala oficial, as ervilhas podiam chocalhar mais ou menos, as sardinhas e o vermute podiam ser importados por uma empresa diferente, mas a tradição persistia: comida de eLivross, preparada por criados que não a conheciam. Adela pensava nos jovens, homens e mulheres que haviam chegado antes dela, em idas e vindas em

vapores lotados, e desembarcaram para adotar as mesmas comidas e as mesmas idéias, e tinham sido repreendidos do mesmo modo bem-humorado até aderirem totalmente aos temas sancionados e começarem a repreender os outros. “Eu nunca ficarei assim”, pensou ela, pois era jovem; de qualquer maneira, sabia que estava se defrontando com algo insidioso e inflexível, e contra o que precisaria ter aliados. Seria necessário reunir em torno de si em Chandrapore umas poucas pessoas que pensassem do mesmo jeito, e ela estava contente por ter conhecido o sr. Fielding e a senhora indiana de nome impronunciável. Ali, em todo caso, já havia um núcleo; nos próximos dois dias ela deveria ficar sabendo bem melhor onde estava.

A srta. Derek era acompanhante da *maharani* de um remoto estado nativo. Era simpática e alegre, e fez todo o grupo rir ao contar sobre sua licença, que ela havia tirado por sentir necessidade e não porque a *maharani* lhe permitiu tirá-la. Agora ela queria pegar o carro a motor do marajá; o carro havia ido para uma Conferência de Chefes em Délhi e ela arquitetara um grande plano para roubá-lo no entroncamento, quando ele voltasse no trem. Ela foi igualmente divertida quando falou sobre a Festa da Ponte — na verdade considerava toda a península uma ópera-bufa. “Se não pudermos ver o lado engraçado desse povo, estamos arruinados”, disse a srta. Derek. A sra. McBryde — ela havia sido a babá da *maharani* — não parava de exclamar: “Ah, Nancy, que ótimo! Ah, Nancy, você é impagável! Eu gostaria de ver as coisas desse modo”. O sr. McBryde não falava muito; parecia simpático.

Quando os convidados se retiraram e Adela foi para a cama, houve outra conversa entre mãe e filho. Ele queria a orientação e o apoio dela — conquanto se ressentisse da interferência. “Adela conversa muito com a senhora?”, começou ele. “Fico muito voltado para o meu trabalho, não a vejo tanto quanto gostaria, mas espero que ela esteja achando tudo satisfatório por aqui.”

“Adela e eu conversamos muito sobre a Índia. Querido, já que você tocou no assunto: é verdade, vocês precisam ficar a sós por mais tempo do que têm ficado.”

“Sim, talvez, mas as pessoas comentam.”

“Bem, elas sempre vão comentar! Que comentem.”

“As pessoas são muito estranhas aqui; não é como na Inglaterra... Estamos sempre na ribalta, como disse o *burra sahib*. Veja este pequeno exemplo tolo: quando Adela foi até o limite dos domínios do Clube e Fielding

a seguiu, vi que a senhora Callendar notou o fato. Eles notam tudo enquanto não têm total certeza de que você é um deles.”

“Acho que Adela jamais virá a ser um deles — ela tem muita personalidade.”

“Eu sei, e é isso que é extraordinário nela”, disse ele pensativo. A sra. Moore achou que ele estava um tanto confuso. Acostumada à privacidade de Londres, ela não compreendia como a Índia, aparentemente tão misteriosa, precisasse dela, e que por isso as convenções tivessem mais força. “Talvez ela não esteja preocupada com nada”, prosseguiu ele.

“Pergunte a ela, pergunte você mesmo a ela, meu querido.”

“Ela talvez tenha ouvido histórias sobre o calor, mas evidentemente eu a mandaria para as colinas todo mês de abril — não sou do tipo capaz de deixar a mulher torrando na planície.”

“Ah, mas o problema não seria o clima.”

“Na Índia não há nada além do clima, minha querida mãe; o clima é o alfa e o ômega de tudo.”

“Sim, ouvi o senhor McBryde dizendo isso, mas muito mais que o clima o que pode transtornar Adela são os anglo-indianos. Ela acha que eles não se comportam cordialmente com os indianos.”

“Não falei exatamente isso para a senhora?”, exclamou ele perdendo os modos tranquilos. “Pressenti isso na semana passada. Ah, mas ela é exatamente o tipo de mulher que se preocupa com uma questão secundária!”

Surpresa, até se esqueceu de Adela. “Uma questão secundária, uma questão secundária?”, repetiu ela. “Como é que você pode dizer isso?”

“Nós não estamos aqui para nos comportar cordialmente!”

“O que você quer dizer?”

“O que eu disse. Nós não estamos aqui para fazer justiça e manter a paz. Essa é a minha opinião. A Índia não é uma sala de visitas.”

“A sua opinião é a de um deus”, disse ela calmamente, mas o que a aborrecia era o jeito dele, mais que a opinião.

Tentando se controlar, ele disse: “A Índia gosta de deuses”.

“E os ingleses gostam de posar de deuses.”

“Essa discussão não leva a nada. Nós estamos aqui e vamos ficar, e o país vai nos tolerar, deuses ou não deuses. Ah, olhe aqui”, explodiu ele um tanto patético, “o que a senhora e Adela querem que eu faça? Que fique contra a minha classe, contra todas as pessoas que respeito e admiro aqui? Porque o

meu comportamento não é cordial vou perder o poder que tenho para fazer o bem neste país? Nenhuma de vocês duas compreende o que é trabalho, do contrário nunca viriam com essa conversa fiada. Detesto falar assim, mas de vez em quando é preciso. Continuar assim como Adela e a senhora é um comportamento de uma sensibilidade mórbida. Observei vocês duas no Clube hoje, depois de todos os problemas que o coletor teve de enfrentar para diverti-las. Vim aqui para trabalhar, preste atenção, para dominar à força este país deplorável. Não sou missionário ou membro do Partido Trabalhista, ou um confuso homem de letras sentimental e compreensivo. Sou apenas um funcionário do governo; é a profissão que a senhora quis que eu escolhesse, e assim é. Não somos cordiais na Índia, e não pretendemos ser cordiais. Temos coisas mais importantes a fazer.”

Ele falou com sinceridade. Todo dia ele trabalhava arduamente no tribunal, tentando decidir qual de dois relatos inverídicos era o menos inverídico, tentando destemidamente administrar justiça, proteger o fraco contra o menos fraco, o incoerente contra o plausível, cercado de mentiras e bajulação. Naquela manhã ele havia condenado um funcionário da ferrovia acusado de cobrar mais caro pelas passagens que vendera a peregrinos e também um afegão que tentara cometer estupro. Não esperava nenhuma gratidão, nenhum reconhecimento por isso, e tanto o funcionário quanto o afegão poderiam entrar com recurso, nesse ínterim ser mais eficientes no suborno das testemunhas e conseguir reverter as sentenças. Era esse o seu dever. Mas ele esperava simpatia do seu próprio povo, e, com exceção das recém-chegadas, essa simpatia lhe era dada. Na verdade ele achava que não devia se preocupar com Festas da Ponte no fim do dia, quando queria jogar tênis com seus iguais ou descansar as pernas numa espreguiçadeira.

Ronny falou com sinceridade, mas a sra. Moore teria gostado que fosse com menos entusiasmo. Como ele se deleitava com os inconvenientes da sua situação! Como ele repisou que não estava na Índia para se comportar cordialmente, e era evidente que se comprazia com isso! Ela rememorou a época em que o filho estava ainda na escola particular, antes da universidade. Os resquícios de humanismo da juventude haviam desaparecido e ele falava como um rapaz inteligente e amargurado. Aquelas palavras sem a sua voz poderiam tê-la impressionado, mas, ao ouvir a cadência afetada com que elas foram ditas, ao ver a boca se movimentando de modo tão complacente e competente sob o narizinho vermelho, ela sentiu um tanto illogicamente que

aquela não era a última palavra sobre a Índia. Um toque de pesar — não o sucedâneo conveniente, mas o verdadeiro pesar vindo do coração — teria feito dele um outro homem e do Império britânico uma instituição diferente.

“Pois vou defender isso, e mais, vou pregar por aí”, disse ela retinindo os anéis. “Os ingleses vieram aqui para ser cordiais, sim.”

“Como é que a senhora chegou a essa conclusão, mamãe?”, perguntou ele voltando a falar com delicadeza, envergonhado de sua irritabilidade.

“Porque a Índia faz parte da terra. E Deus nos pôs na terra para sermos cordiais uns com os outros. Deus... é amor.” Ela hesitou, vendo como a discussão desagradava ao filho, mas algo a fez prosseguir. “Deus nos pôs na terra para amarmos nossos vizinhos e demonstrarmos isso, e Ele é onipresente, mesmo na Índia, para ver como é que nós estamos nos saindo.”

Ele parecia sombrio e um pouco ansioso. Conhecia os impulsos religiosos da mãe e sabia que eram um sintoma de má saúde; na época da morte de seu pai adotivo isso se manifestara com intensidade. Ele pensou: “É claro que ela está envelhecendo, e nada do que diz deve me aborrecer”.

“O desejo de se comportar cordialmente agrada a Deus... O desejo sincero, mesmo se impotente, ganha a Sua bênção. Acho que todo mundo falha, mas há muitos tipos de falha. Boa vontade e mais boa vontade e mais boa vontade. Ainda que eu fale a língua dos...”

Ele esperou que ela terminasse e então disse suavemente: “Entendo. Acho que agora tenho de voltar aos meus arquivos e a senhora vai para a cama”.

“Acho que sim, acho que sim.” Eles ainda levaram alguns minutos para se separar, mas a conversa tinha se tornado irreal desde que se falou no cristianismo. Ronny aprovava a religião contanto que ela endossasse o hino nacional, mas objetava à sua tentativa de influenciar-lhe a vida. Quando sentia isso, ele dizia num tom respeitoso mas decidido: “Acho que essas coisas não devem ser discutidas; toda pessoa precisa construir a sua própria religião”, e quem quer que o ouvisse murmurava: “Muito bem!”.

A sra. Moore sentiu que havia cometido um erro mencionando Deus, mas à medida que envelhecia achava cada vez mais difícil evitá-Lo, e Ele tinha estado sempre nos seus pensamentos desde que ela entrara na Índia, muito embora, estranhamente, a satisfizesse menos. Ela precisava pronunciar o Seu nome freqüentemente, como o mais magnífico que ela conhecia, mas nunca o havia achado menos eficaz. Depois do arco sempre parecia haver outro arco, para além do eco mais remoto um silêncio. E mais tarde ela lamentou ter se

afastado do assunto sério que a havia levado a visitar a Índia, o relacionamento de Ronny e Adela. Eles conseguiriam levá-lo até um noivado e um futuro casamento?

VI

AZIZ NÃO TINHA IDO À FESTA DA PONTE. Imediatamente depois do seu encontro com a sra. Moore ele foi desviado para outras questões. Muitas cirurgias o mantiveram ocupado. Ele deixou de ser o pária ou o poeta para se tornar o estudioso de medicina, muito alegre e sempre em dia com os detalhes das operações, os quais ele despejava nos ouvidos avessos dos amigos. Sua profissão o fascinava às vezes, mas ele exigia que ela fosse emocionante, e era a sua mão que era científica, não sua mente. Ele amava a faca e usava-a habilmente, e também gostava de injetar os soros que acabavam de surgir. Mas a dieta e a higiene o repugnavam, além de entediá-lo; e depois de aplicar uma vacina contra febre tifóide ele ia beber água impura. “O que se pode esperar desse sujeito?”, dizia o inflexível major Callendar. “Sem coragem, sem energia.” Mas no íntimo ele sabia que se no ano anterior Aziz, e não ele, tivesse operado o apêndice da sra. Graysford, a velha teria sobrevivido. E isso não diminuía nem um pouco sua má vontade em relação ao subordinado.

Tinha havido uma discussão na manhã seguinte ao episódio da mesquita — eles estavam sempre discutindo. O major, que ficara de pé metade da noite, queria terrivelmente saber por que Aziz não havia ocorrido quando chamado.

“Sir, perdoe-me, eu fui. Montei em minha bicicleta e o pneu murchou na frente do Hospital da Vaca. Então eu tive de encontrar uma *tonga*.”

“Murchou na frente do Hospital da Vaca, é verdade? E como é que você foi parar lá?”

“Perdão, não estou entendendo.”

“Ah, meu Deus, meu Deus! Se eu moro aqui” — ele cutucou o cascalho — “e você mora ali, a menos de dez minutos de mim, e o Hospital da Vaca fica à mesma distância mas do outro lado, *ali*, como é que você pôde passar pelo Hospital da Vaca a caminho da minha casa? Vamos, trabalhe um pouco, para variar.”

Ele se afastou pisando duro, sem esperar pela explicação, que era lógica: o Hospital da Vaca ficava em linha reta entre a casa de Hamidullah e a dele, sendo portanto uma passagem natural. O major Callendar nunca percebeu que

os indianos educados sempre se visitavam e estavam tecendo, conquanto penosamente, um novo tecido social. A casta “ou algo do tipo” lhes teria impedido isso. Embora estivesse no país há vinte anos, a única coisa que ele sabia era que ninguém jamais lhe dizia a verdade.

Contente, Aziz observou-o se afastar. Quando estava de bom humor ele achava que os ingleses eram uma instituição cômica e gostava de que não o entendessem bem. Mas isso era uma diversão das emoções e dos nervos, que um acidente ou a passagem do tempo destruíam, diferentemente da alegria pura que ele sentia quando estava com as pessoas em quem confiava. Ocorreu-lhe uma comparação descortês sobre a sra. Callendar. “Preciso contar isso para o Mahmoud Ali; ele vai gostar”, pensou. Depois começou a trabalhar. Aziz era competente e indispensável, e sabia disso. Enquanto exercia sua habilidade profissional ele esqueceu a comparação.

Durante esses dias agradáveis e ocupados ele ouviu falar vagamente que o coletor estava dando uma festa e que de acordo com o *nawab* Bahadur todos deviam ir. A perspectiva deixara em êxtase seu assistente, o dr. Panna Lal, que o tinha importunado insistindo para que os dois fossem juntos em sua nova carruagem. Isso conviria a ambos. Aziz seria poupado da indignidade de uma bicicleta ou da despesa do aluguel, enquanto o dr. Panna Lal, que era tímido e mais velho, garantiria alguém para guiar seu cavalo. Ele próprio poderia fazer isso, mas a custo, e temia os carros a motor e a curva na entrada do Clube, que ele desconhecia. “Pode acontecer um desastre”, disse ele polidamente, “e a gente precisa chegar lá sãos e salvos de qualquer maneira, mesmo se não voltar.” E com mais lógica: “Acho que ia dar uma boa impressão dois médicos chegando juntos”.

Mas quando chegou a hora, Aziz foi tomado por uma reação súbita e decidiu não ir. Em primeiro lugar sua temporada de trabalho, concluída recentemente, o levava a sentir-se independente e saudável. E, além disso, a festa acontecia no dia do aniversário da morte de sua esposa. Ela havia morrido logo depois de ter inspirado em Aziz a paixão; ele não a amara inicialmente. Influenciado pelo Ocidente, não gostava da idéia da união com uma mulher que nunca vira antes; além do mais, quando a viu ficou desapontado, e gerou seu primeiro filho dominado pela pura animalidade. A mudança começou depois do nascimento da filha. Ele foi conquistado pelo amor que ela lhe tinha, pela lealdade que transcendia a submissão e pelos esforços que ela fazia preparando-se para a retirada do *pardah*, que viria na

próxima geração, se não na deles. Ela era inteligente e ao mesmo tempo tinha um encanto *démodé*. Aos poucos ele esqueceu a opinião de que seus parentes tinham feito uma escolha errada. O prazer sensual — bem, mesmo que o tivesse tido, se embotaria depois de um ano; e no lugar desse prazer ele havia ganho algo que parecia aumentar com a convivência. Ela se tornou mãe de um filho... e morreu ao lhe dar um segundo menino. Então ele soube o que havia perdido e que nenhuma mulher jamais ocuparia o lugar dela; um amigo estaria mais próximo do que qualquer outra mulher. Ela se fora, não havia ninguém igual, e o que é essa singularidade senão amor? Ele se divertia, às vezes a esquecia; mas outras vezes sentia que ela havia levado para o Paraíso toda a beleza e alegria do mundo, e pensava em se suicidar. Iria encontrá-la no além-túmulo? Existe esse lugar de encontro? Embora fosse ortodoxo, ele não sabia. A unidade de Deus era indubitável e indubitavelmente anunciada, mas quanto a todas as demais questões ele vacilava como os cristãos em geral; sua crença na vida por vir empalidecia até se tornar uma esperança, desvanecia-se, reaparecia, tudo numa única frase ou numa dezena de batidas do coração, de tal modo que os corpúsculos do seu sangue, e não ele, pareciam resolver que opinião ele iria sustentar ou por quanto tempo. Era assim com todas as suas opiniões. Nada permanecia, nada passava que não voltasse: a circulação era incessante e o mantinha jovem, e ele pranteava sua mulher com extrema sinceridade porque a pranteava raramente.

Teria sido mais simples dizer ao dr. Lal que ele havia mudado de idéia sobre a festa, mas até o último minuto essa mudança não lhe ocorrera; na verdade ele não tinha mudado de idéia, e sim a idéia mudara por si mesma. Brotou nele uma invencível aversão.

A sra. Callendar, a sra. Lesley... não, naquela tristeza ele não conseguiria suportá-las; elas adivinhariam isso — pois ele dotava a matrona inglesa de uma estranha percepção — e se deleitariam torturando-o, zombariam dele com o marido. Na hora em que deveria estar pronto ele estava na agência do correio redigindo um telegrama para seus filhos, e ao voltar soube que o dr. Lal o havia procurado e tinha ido sozinho. Ora, ele que fosse, como convinha à rusticidade da sua natureza. Quanto a si próprio, ia conversar com a morta.

E, abrindo uma gaveta, tirou a foto da mulher. Olhou para ela e as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Pensou: “Como eu sou infeliz!”. Mas por que estava realmente infeliz outra emoção logo se misturou à autocomiseração: ele queria se lembrar de sua mulher e não conseguia. Por que ele se lembrava de

peças que não amava? Elas eram sempre tão vívidas para ele, ao passo que, quanto mais ele olhava para a foto, menos via. Sua mulher lhe havia escapado desde que a levaram para a sepultura. Ele sabia então que ela não estaria mais em suas mãos e em seu olhar, mas achava que viveria na sua mente, sem perceber que o próprio fato de amarmos a pessoa morta aumenta a sua irrealdade e que, quanto mais a invocamos, para mais longe ela se retira. Um cartão castanho e três filhos era tudo o que tinha restado de sua mulher. Era insuportável, e pensou novamente: “Como eu sou infeliz!”, e ficou mais feliz. Havia respirado por um instante o ar mortal que cerca os orientais e todos os homens, e se afastou dele com uma exclamação, pois era jovem. “Nunca, nunca vou superar isso”, disse para si mesmo. “Certamente a minha carreira será um fracasso e meus filhos serão mal-educados.” Já que isso era inevitável, ele se esforçou por desviar o pensamento e foi examinar algumas anotações que tinha feito sobre um caso do hospital. Talvez algum dia uma pessoa rica viesse a precisar dessa operação e então ganharia muito dinheiro. As anotações o interessavam, e Aziz voltou a guardar a foto. Seu momento havia acabado e não pensou mais na mulher.

Depois do chá melhorou de humor e então foi ver Hamidullah. Hamidullah tinha ido à festa, mas seu pônei não, e assim Aziz o pegou emprestado, como também os calções de cavalgar e o bastão de pólo do amigo. Dirigiu-se para o *maidan*. O campo estava deserto, com exceção da sua orla, onde treinavam alguns jovens do bazar. Treinavam para o quê? Os rapazes achavam difícil dizer, mas a palavra estava no ar. Eles corriam em volta, mirrados e cambaios — a constituição física local era lamentável —, com uma expressão não tanto de determinação quanto de uma determinação de ser determinado. “Marajá, *salaam*”, disse ele brincando. Os jovens pararam e riram. Ele os aconselhou a não se esforçarem excessivamente. Os jovens prometeram não fazê-lo e voltaram a correr.

Cavalgando no meio, Aziz começou a bater a bola de um lado para outro. Ele não jogava, mas seu pônei jogava, e ele se pôs a aprender, livre de qualquer preocupação. Esqueceu toda a maldita vida enquanto corria pelo disco do *maidan* sentindo na testa o vento da tardinha e com as árvores em volta acalmando-lhe os olhos.

A bola disparou até um jovem oficial que também estava se exercitando; ele a jogou de volta para Aziz e gritou: “Mande-a novamente”.

“Está bem.”

O oficial recém-chegado tinha alguma idéia do que fazer, mas seu cavalo não tinha nenhuma, e assim as forças eram iguais. Concentrados na bola, eles de certa forma simpatizaram um com o outro, e sorriram quando frearam para descansar. Aziz gostava dos soldados: eles o aceitavam ou o xingavam, o que era preferível à arrogância dos civis; e o oficial gostava de qualquer pessoa que cavalgasse.

“O senhor joga sempre?”, perguntou ele.

“Nunca.”

“Vamos jogar outra partida.”

Quando ele bateu na bola o cavalo corcoveou e ele caiu, gritando: “Ah, meu Deus!”, e pulou de volta. “O senhor não cai nunca?”

“Muitas vezes.”

“Não, o senhor não.”

Eles frearam novamente, nos olhos a chama da boa camaradagem. Mas esse fogo se acalmou junto com os seus corpos, pois o calor do atletismo não é duradouro. A nacionalidade estava voltando, mas antes que ela pudesse exercer o seu veneno eles se saudaram e se separaram. “Se todos fossem assim”, pensaram ambos.

O sol já estava se pondo. Alguns dos correligionários de Aziz haviam ido para o *maidan* e estavam rezando com o rosto voltado para Meca. Um touro brâmane encaminhava-se para eles, e Aziz, conquanto não estivesse disposto a rezar, não via por que eles deviam ser incomodados pelo animal estouvado que era objeto de idolatria. Deu-lhe uma cutucada com o taco. Quando fez isso, da estrada uma voz o saudou: era o dr. Panna Lal voltando muito aflito da festa do coletor.

“Doutor Aziz, doutor Aziz, onde é que o senhor estava? Esperei dez minutos na sua casa e depois fui embora.”

“Sinto muitíssimo. Fui obrigado a ir ao correio.”

Alguém do seu círculo teria aceito isso como significando que ele havia mudado de idéia, coisa comum demais para merecer censura. Mas o dr. Lal, sendo de origem inferior, não tinha certeza de que não havia intenção de insulto, e estava ainda mais aborrecido porque Aziz tinha cutucado o touro brâmane. “Correio? O senhor não manda os seus criados?”, perguntou ele.

“Eu tenho tão pouco... meu padrão é muito baixo.”

“Falei com o seu criado. Vi o seu criado.”

“Mas, doutor Lal, pense bem. Como é que eu podia mandar o meu criado quando o senhor estava indo lá? O senhor chega, nós vamos, a casa fica sozinha, meu criado volta e talvez nesse meio-tempo toda a minha propriedade seja levada por maus elementos. Percebe? O cozinheiro é surdo, e por isso eu não posso contar com ele; e o menino é apenas um garotinho. Nunca, nunca Hassan e eu saímos ao mesmo tempo. É uma norma lá em casa.” Ele disse tudo isso e muito mais por civilidade, querendo evitar constrangimento para o dr. Lal. A explicação não tinha a pretensão de ser verdade e não devia ser criticada como tal. Mas o outro a demoliu — uma tarefa fácil e ignóbil. “Mesmo que fosse isso, por que o senhor não deixou um bilhete dizendo aonde tinha ido?”, e assim por diante. Aziz detestava pessoas malcriadas, e fez seu pônei saltar. “Chega para lá, senão o meu vai começar a pular também, para fazer igual ao seu”, queixou-se o outro, e então revelou a verdadeira fonte da sua irritação. “Durante a tarde inteira esse cavalo foi um diabo. Estragou flores muito caras no jardim do Clube e precisou de quatro homens para puxá-lo de volta. As mulheres e os homens ingleses ficaram olhando, e até o *sahib* coletor não tirou o olho do carro. Mas, doutor Aziz, não vou tomar o seu tempo precioso. O senhor, com tantos compromissos e telegramas, não se interessa por isso. Eu sou só um pobre médico velho que acho que é certo aparecer quando e onde me convidam. Estavam comentando a sua ausência.”

“Que se danem!”

“É bom ser jovem. Que se danem! Ah, muito bem. Com quem o senhor se importa?”

“Eu vou aonde tenho vontade de ir.”

“Mas o senhor me prometeu, e depois inventou essa história do telegrama. Vamos, Malhado.”

Eles se puseram em movimento, e Aziz teve ganas de fazer um inimigo para o resto da vida. Isso seria fácil: bastaria galopar junto do médico. E foi o que ele fez. Malhado disparou. O cavalo de Aziz estrondeou voltando para o *maidan*. A glória do jogo com o oficial permaneceu por algum tempo; Aziz galopou tanto que gotejou de suor, e até devolver o pônei no estábulo de Hamidullah sentiu-se em pé de igualdade com qualquer outro homem. Quando se pôs no chão, insinuaram-se temores. Ele teria caído em desgraça com os poderes estabelecidos? Teria ofendido o coletor deixando de comparecer? O dr. Panna Lal era uma pessoa sem importância, mas teria sido

sensato discutir até mesmo com ele? Começou a ver as coisas do lado político, e não do humano. Já não pensava “Posso me dar bem com as pessoas?”, mas “Elas não são mais fortes do que eu?”, respirando o miasma reinante.

Ao chegar em casa encontrou um bilhete com o selo do governo. Estava na mesa como um explosivo potente, que a um toque seu reduziria a pedacinhos sua frágil moradia. Ele seria demitido por não ter aparecido na festa. Quando abriu o envelope, viu que seu conteúdo era bem diferente: o sr. Fielding, diretor do Colégio do Governo, convidava-o para dali a dois dias ir a um chá na casa dele. Seu ânimo voltou com toda a energia. Teria voltado de qualquer modo, pois sua alma era capaz de sofrer mas não de se sufocar, e levava uma vida inabalável sob a mutabilidade da sua pessoa. Mas esse convite lhe deu uma alegria especial, porque um mês antes Fielding o havia chamado para um chá e ele se esquecera: não respondeu, não foi, simplesmente se esqueceu. E agora chegava outro convite, sem uma censura, nem mesmo uma referência àquele deslize. Isso era cortesia de verdade, a ação que revela um coração generoso, e pegando a caneta escreveu uma resposta calorosa; depois saiu novamente às pressas para a casa de Hamidullah em busca de notícias, pois não conhecia o diretor e achava que agora a única lacuna séria da sua vida seria preenchida. Ansiava por saber tudo sobre aquele sujeito esplêndido: seu salário, suas preferências, seus antecedentes, qual o melhor modo de agradar-lhe. Mas Hamidullah ainda não havia voltado e Mahmoud Ali, que estava na casa, apenas fez brincadeiras indelicadas e tolas sobre a festa.

VII

O SR. FIELDING tinha ido parar tardiamente na Índia. Estava com mais de quarenta anos quando transpôs aquele antiqüíssimo portal, o terminal Victoria em Bombaim, e — depois de corromper um inspetor de passagens europeu — pôs a bagagem na cabine do seu primeiro trem tropical. A viagem permaneceu-lhe na memória como significativa. Um dos seus dois companheiros no vagão era jovem, recém-chegado do Ocidente como ele; o outro era um experiente anglo-indiano da sua idade. Um abismo o separava de ambos: ele já vira cidades e homens demais para que aquelas ou estes fossem os primeiros ou se tornassem os segundos. Impressões novas amontoavam-se nele, mas não eram as impressões novas ortodoxas; o passado as condicionava, e o mesmo aconteceu com os seus erros. Olhar para um indiano como se ele fosse um italiano não é, por exemplo, um erro comum nem talvez um erro fatal, e Fielding freqüentemente tentava fazer analogias entre essa península e a outra, menor e com um contorno mais primoroso, que se alonga contra as águas clássicas do Mediterrâneo.

Sua carreira, conquanto acadêmica, era variada e havia incluído incursões em caminhos condenados e posteriores arrependimentos. Agora ele estava no limiar da meia-idade e era um sujeito calmo, obstinado e inteligente que acreditava na educação. Era-lhe indiferente para quem ensinava: garotos das escolas particulares, deficientes mentais e policiais, todos haviam cruzado o seu caminho, e ele não fazia a menor objeção em acrescentar indianos àquela lista. Por meio da influência de amigos foi nomeado diretor do pequeno colégio de Chandrapore, gostava dele e achava que estava tendo êxito. Era efetivamente bem-sucedido com os alunos, mas o abismo que o separava dos seus conterrâneos, que já no trem ele observara, se ampliava de modo aflitivo. De início não percebeu o que havia de errado. Ele era patriota como os outros, sempre se dera bem com os ingleses na Inglaterra e todos os seus melhores amigos eram ingleses; assim, por que o mesmo não acontecia ali? Seu aspecto, um tipo alto e desgrenhado, com pernas e braços desajeitados e olhos azuis, transmitia confiança até ele começar a falar. Então algo em seu modo intrigava

as pessoas e mantinha a desconfiança que sua profissão sempre inspirava. Esse mal que é a inteligência forçosamente tem de existir na Índia, isso é inevitável, mas pobre daquele por meio de quem ele se difunde! Disseminou-se a opinião de que o sr. Fielding era uma força destruidora, e justificadamente, pois as idéias são fatais para a casta e ele as usava pelo método mais eficaz: a troca. Não sendo nem missionário nem estudioso, ficava sumamente feliz em meio ao intercâmbio de uma conversa particular. O mundo, acreditava ele, é um globo de homens que tentam alcançar uns aos outros e podem fazê-lo melhor com a ajuda da boa vontade acrescida da cultura e da inteligência — uma crença inadequada para Chandrapore, mas ele havia chegado ali tarde demais para perdê-la. Não tinha opiniões racistas, não por ser superior aos seus compatriotas, mas por ter amadurecido num clima diferente, onde o instinto do rebanho não vicejava. A observação que mais o havia prejudicado no Clube tinha sido um comentário tolo: disse que a chamada raça branca na verdade é pardo-rosada. Pretendia apenas ser jovial, mas não percebeu que “branco” tem com a cor a mesma relação que “Deus salve o Rei” tem com qualquer deus, e que considerar o que a palavra sugere é o auge da impropriedade. O homem pardo-rosado a quem ele se dirigia ficou sutilmente escandalizado; seu senso de insegurança despertou e ele o comunicou para o restante da manada.

Mas os homens o toleravam por causa do seu bom coração e do corpo forte; foram as mulheres quem resolveram que não era realmente um *sahib*. Elas antipatizavam com ele. Ele nem sequer as notava, e isso, que teria passado sem nenhum comentário na Inglaterra feminista, lhe foi danoso numa comunidade em que se espera dos homens que sejam cordiais e prestimosos. O sr. Fielding nunca as orientava com relação a cães e cavalos, nem jantava com elas ou retribuía as visitas feitas no meio da tarde, nem decorava árvores para os filhos delas no Natal, e, conquanto fosse ao Clube, fazia-o apenas para jogar tênis ou bilhar e depois ir embora. Isso era verdade. Ele tinha descoberto que é possível se relacionar em bons termos com os ingleses e os indianos, mas quem quiser se relacionar bem com as inglesas precisa desistir dos indianos. Os dois não combinam. Era inútil culpar um dos lados; inútil culpá-los por se culparem mutuamente. As coisas eram assim e era preciso escolher. A maioria dos ingleses preferia se casar com inglesas, que, chegando em números sempre maiores, a cada ano tornavam mais possível reproduzir os padrões de vida britânicos. Ele havia achado conveniente e agradável se relacionar com os indianos e tinha de pagar um preço por isso. De modo geral,

as inglesas só entravam no seu colégio nas funções oficiais, e se ele convidou a sra. Moore e a srta. Quested para o chá foi por elas serem recém-chegadas que veriam tudo com uma visão neutra, embora superficial, e não usariam uma voz especial quando falassem com seus demais convidados.

O prédio do colégio tinha sido construído sem nenhum esmero pelo Departamento de Obras Públicas, mas seu terreno incluía um jardim antigo e um pavilhão onde Fielding vivia durante a maior parte do ano. Ele estava se vestindo depois do banho quando o dr. Aziz foi anunciado. Erguendo a voz, gritou do quarto: “Por favor, sinta-se em casa”. Assim como a maioria das suas ações, a sugestão não tinha sido premeditada; foi o que ele se sentiu inclinado a dizer.

Para Aziz a frase teve um significado muito definido. “Posso mesmo, senhor Fielding? É muita bondade sua”, respondeu ele; “gosto muito do comportamento informal.” Subitamente animado, ele relanceou o olhar pela sala. Havia nela algum luxo, mas nenhuma ordem — nada que intimidasse os indianos pobres. Era também uma sala muito bonita, que se abria para um jardim através de três arcos de madeira. “O fato é que eu venho querendo conhecê-lo há muito tempo”, prosseguiu ele. “Tenho ouvido o *nawab* Bahadur falar do seu grande coração. Mas onde é que se pode encontrar as pessoas num lugar deplorável como Chandrapore?” Ele se aproximou da porta. “Vou lhe dizer uma coisa: quando era recém-chegado aqui eu esperava que o senhor adocesse para que assim nós pudéssemos nos conhecer.” Eles riram, e incentivado pelo seu sucesso ele começou a improvisar. “Eu me dizia: ‘Como é que o senhor Fielding está hoje? Talvez pálido. E o cirurgião-chefe também está pálido; não poderá cuidar dele quando começarem os calafrios’. Deviam ter me mandado no lugar dele. Assim nós teríamos conversado agradavelmente, pois o senhor é um respeitado estudioso de poesia persa.”

“Então você me conhece de vista.”

“Claro, claro. O senhor me conhece?”

“Conheço-o de nome, muito bem.”

“Eu passo muito pouco tempo aqui, e sempre no bazar. Não é de espantar que o senhor nunca tenha me visto, e não imagino como é que o senhor sabe o meu nome. Escute, senhor Fielding.”

“Sim?”

“Vamos fazer uma brincadeira. Antes de sair, imagine como eu sou.”

“Você tem um metro e setenta e cinco de altura”, disse Fielding calculando a medida através do vidro fosco da porta do banheiro.

“Muito bem. E depois? Eu tenho uma respeitável barba branca?”

“Diabo!”

“Algum problema?”

“Pisei no meu último botão de colarinho.”

“Pegue o meu, pegue o meu.”

“Você tem um de reserva?”

“Tenho, tenho; um minuto.”

“Não se for o que você está usando.”

“Não, não é; está no meu bolso.” Dando um passo para o lado, de forma a fazer desaparecer seu contorno, ele retirou da camisa o botão de trás, um botão de ouro que fazia parte do conjunto trazido da Europa pelo seu irmão.

“Venha me entregar, se você não se importa com a informalidade.”

“Um minuto, novamente.” Recolocando o colarinho, Aziz rezou para que durante o chá a parte posterior dele não saltasse.

O criado de Fielding, que estava ajudando-o a se vestir, abriu a porta para ele.

“Muito obrigado.” Eles apertaram-se as mãos sorrindo. Aziz começou a examiná-lo, como teria feito com um velho amigo. Fielding não se surpreendeu com a rapidez da intimidade que se estabeleceu entre eles. Com aquele povo tão emocional ela era capaz de acontecer imediatamente ou nunca, e ele e Aziz, tendo ouvido apenas boas palavras um sobre o outro, podiam se dar ao luxo de dispensar as preliminares.

“Eu sempre achei que os ingleses mantinham a casa muito arrumada. Parece que não é bem assim. Não preciso me envergonhar.” Ele se instalou alegremente na cama; então, esquecendo-se por completo de si mesmo, levantou as pernas e sentou-se sobre elas. “Tudo emprateiradinho, muito frio, era o que *eu* esperava... Então, senhor Fielding, o botão está entrando?” Fielding respondeu com um sotaque que tornava sua frase ininteligível para Aziz, levando-o a perguntar: “O que é que o senhor disse, por favor? Se me explicar, eu vou aprender uma coisa nova e melhorar a minha linguagem”.

Fielding duvidava que “tudo emprateiradinho, muito frio” pudesse ser melhorado. Ele freqüentemente se impressionava com a agilidade com que a geração mais jovem lidava com uma língua estrangeira. Eles alteravam o idioma, mas podiam dizer rapidamente o que quisessem, sem nenhum dos barbarismos que lhes atribuíam no Clube. Mas o Clube se movia lentamente;

ali ainda se declarava que poucos muçulmanos e nenhum hinduísta poderiam comer à mesa de um inglês e que todas as senhoras indianas viviam num *pardah* impenetrável. Individualmente se tinha um conhecimento melhor; porém a instituição Clube se recusava a mudar.

“Deixe que eu lhe coloque o botão. Ah, a casa da camisa é menor que o botão, e aumentá-la seria uma pena.”

“Diabo! Afinal de contas por que é que nós temos de usar colarinho?”, grunhiu Fielding com o pescoço dobrado.

“Nós o usamos para escapar da polícia.”

“O quê?”

“Se eu estou pedalando de roupa inglesa — colarinho duro, chapéu de aba curva — eles nem me vêem. Quando estou de fez eles gritam ‘Farol quebrado!’. Lorde Curzon não pensou nisso quando insistiu com os nativos da Índia para que eles conservassem suas roupas pitorescas. — Viva! O botão entrou. — Às vezes fecho os olhos e sonho que de novo tenho roupas esplêndidas e estou num combate cavalgando atrás de Alamgir. Senhor Fielding, o senhor não acha que a Índia deve ter sido bonita então, com o império mongol em seu apogeu e Alamgir reinando em Délhi sentado no Trono do Pavão?”

“Duas senhoras estão vindo tomar chá para encontrá-lo. Acho que você as conhece.”

“Encontrar-me? Não conheço nenhuma senhora.”

“Você não conhece a senhora Moore e a senhorita Qusted?”

“Ah, sim, me lembro.” A história da mesquita havia saído de sua mente tão logo se encerrara. “Uma senhora já idosa; mas o senhor, por favor, pode repetir o nome da acompanhante dela?”

“Senhorita Qusted.”

“Como o senhor quiser.” Aziz estava desapontado com o fato de haver outros convidados, pois teria preferido ficar sozinho com seu novo amigo.

“Você pode conversar com a senhorita Qusted sobre o Trono do Pavão, se quiser; dizem que ela gosta de arte.”

“Ela é pós-impressionista?”

“Pós-impressionista, essa é boa! Venha tomar chá. Este mundo está ficando demais para mim.”

Aziz se ofendeu. A observação sugeria que ele, um obscuro indiano, não tinha direito de ter ouvido falar no pós-impressionismo — um privilégio

reservado à classe dominante. Ele disse num tom formal: “Não considero a senhora Moore minha amiga; eu apenas a encontrei acidentalmente na mesquita”, e começou a acrescentar: “Um único encontro é pouco demais para fazer um amigo”, mas antes que terminasse a frase ela já havia sido esvaziada de toda formalidade, porque Aziz sentiu a boa vontade essencial de Fielding. A sua própria boa vontade aproximou-se da dele e as duas se uniram sob as cambiantes marés da emoção, que sozinhas podem sustentar o viajante até uma ancoragem mas também podem levá-lo a arremeter contra as rochas. Ele estava realmente a salvo, tão a salvo quanto o habitante da terra firme que só conhece a estabilidade e supõe que todos os navios irão naufragar, e tinha sensações que o habitante da terra firme não pode conhecer. Na verdade ele mais sentia do que reagia. Descobria um significado em todas as observações, mas nem sempre o significado real, e sua vida, embora intensa, era em grande parte uma fantasia. Fielding, por exemplo, não quis dizer que os indianos são insignificantes, mas sim que o pós-impressionismo o é; um abismo separava a sua frase do “Ah, claro, elas falam inglês” da sra. Turton, mas para Aziz o som delas era semelhante. Fielding notou que alguma coisa tinha entortado e em seguida sentiu que tudo havia endireitado, mas não se inquietou, pois no tocante às relações pessoais era um otimista, e a conversa dos dois continuou rumorejando como antes.

“Além das duas senhoras, estou esperando um dos meus assistentes: Narayan Godbole.”

“Ah! O brâmane do Decã.”

“Ele também quer o passado de volta, mas não exatamente Alamgir.”

“Acho que não. O senhor sabe o que dizem os brâmanes do Decã? Que a Inglaterra tomou deles a Índia; deles, imagine, e não dos mongóis. Isso não está bem de acordo com eles? Eles até pagaram para que isso aparecesse nos livros didáticos, pois esse pessoal é muito astuto e imensamente rico. O professor Godbole deve ser bem diferente de todos os brâmanes do Decã, pelo que já ouvi falar dele. Uma pessoa muito sincera.”

“Por que vocês não têm um clube em Chandrapore, Aziz?”

“Talvez... um dia... Estão chegando a senhora Moore e a... como é o nome dela?”

Que sorte a festa ser “informal”, com as convenções afastadas! Graças a isso Aziz achou fácil conversar com as senhoras inglesas, tratando-as como homens. A beleza o teria perturbado, pois impõe regras exclusivas, mas a sra.

Moore era muito velha e a srta. Quested era tão magra que essa ansiedade lhe foi poupada. Para os seus olhos o corpo anguloso de Adela e as sardas em seu rosto eram defeitos terríveis, e ele se perguntou como Deus pôde ter sido tão cruel com uma forma feminina. E assim sua atitude em relação a ela foi absolutamente sincera.

“Quero lhe perguntar uma coisa, doutor Aziz”, começou ela. “A senhora Moore me disse como o senhor foi atencioso com ela na mesquita, e disse também que o senhor é muito interessante. Naquela conversa de poucos minutos ela aprendeu mais sobre a Índia do que nas três semanas decorridas desde o nosso desembarque.”

“Ah, por favor, não mencione uma coisa tão insignificante assim. Posso lhes contar alguma outra coisa sobre o meu país?”

“Quero que o senhor explique um desapontamento que tivemos esta manhã; deve ser uma questão de etiqueta indiana.”

“Honestamente, isso não existe”, respondeu ele. “Somos por natureza um povo informalíssimo.”

“Receio termos dito algum disparate ou cometido uma ofensa”, disse a sra. Moore.

“Isso é ainda mais impossível. Mas eu posso saber o que houve?”

“Uma senhora e um cavalheiro indianos deviam nos mandar a sua carruagem hoje às nove da manhã. A carruagem não veio. Nós esperamos, esperamos, esperamos; não podemos imaginar o que aconteceu.”

“Algum mal-entendido”, disse Fielding, percebendo imediatamente que aquele era o tipo de incidente que seria melhor não tentar esclarecer.

“Ah, não, não foi”, insistiu a srta. Quested. “Eles até desistiram de ir a Calcutá para nos receber. Devemos ter dito algum disparate estúpido, nós duas temos certeza disso.”

“Eu não me preocuparia com isso.”

“Foi exatamente o que o senhor Heaslop me disse”, replicou ela ruborizando-se um pouco. “Mas se não nos preocuparmos, como iremos entender?”

O anfitrião estava disposto a passar para outro tema, mas Aziz abraçou entusiasticamente aquele, e ao ouvir fragmentos dos nomes dos faltosos disse que eram hinduístas.

“Hinduístas negligentes. Eles ignoram o que é sociedade; eu os conheço muito bem por causa de um médico do hospital. Um sujeito muito negligente

e impontual. Foi bom as senhoras não terem ido à casa deles, pois ficariam com uma idéia errada da Índia. Não há higiene. Tenho para mim que ficaram envergonhados da casa deles e por isso não mandaram buscá-las.”

“É uma idéia”, disse o outro homem.

“Eu realmente detesto mistérios”, anunciou Adela.

“Nós, ingleses, detestamos.”

“Não os detesto por ser inglesa; é uma opinião pessoal”, corrigiu ela.

“Gosto de mistério, mas as confusões me desagradam bastante”, disse a sra. Moore.

“Um mistério é uma confusão.”

“Ah, o senhor acha, senhor Fielding?”

“‘Mistério’ é apenas uma palavra bonita para confusão. Nada de bom pode vir do fomento de nenhum deles. Aziz e eu sabemos bem que a Índia é uma confusão.”

“A Índia é... ah, que idéia alarmante!”

“Não haverá confusão quando as senhoras forem me visitar”, exclamou Aziz sem se dar plena conta do que dizia. “Senhora Moore e todos: eu os convido a todos. Ah, por favor.”

A sra. Moore aceitou: ela ainda achava o jovem médico muito simpático; além disso um sentimento novo, misto de languidez e alvoroço, a fazia inclinar-se por qualquer caminho novo. A srta. Qusted aceitou pela aventura. Ela também gostou de Aziz, e acreditava que quando o conhecesse melhor ele lhe revelaria a Índia. O convite lhe agradou e ela pediu-lhe o seu endereço.

Horrorizado, Aziz pensou na sua casa. Era uma cabana detestável próxima a um bazar ordinário. Praticamente se compunha de um cômodo único infestado de moscas pretas. “Ah, mas agora vamos falar de outra coisa”, exclamou ele. “Eu gostaria de morar aqui. Olhem esta bela sala! Vamos admirá-la juntos um pouco. Vejam as curvas dos arcos. Que delicadeza! É a arquitetura da Pergunta e Resposta. Senhora Moore, a senhora está na Índia; não estou brincando.” A sala inspirou-o. Era uma sala de audiências construída no século XVIII para um alto funcionário, e mesmo sendo feita de madeira havia lembrado a Fielding a Loggia de’ Lanzi em Florença. Cômodos pequenos, agora europeizados, ligavam-se a ela dos dois lados, mas o *hall* central não tinha cortina nem vidros, e assim o ar do jardim entrava livremente nela. Sentava-se em público — em exibição, por assim dizer —, à vista dos jardineiros que gritavam para os pássaros e do homem que alugava o tanque

para cultivar abrolhos-aquáticos. Fielding também arrendou as mangueiras — era impossível saber quem poderia entrar ali —, e os criados ficavam sentados nos degraus dia e noite para intimidar os ladrões. Era mesmo bonita a sala, e os ingleses não haviam estragado nada, ao passo que Aziz, num momento ocidental, teria pendurado obras de Maude Goodman^[1] nas paredes. No entanto, não havia dúvida quanto a quem realmente era o dono da sala.

“Estou aqui fazendo justiça. Uma viúva pobre que foi roubada vem aqui e lhe dou cinqüenta rupias, para outra, cem, e assim por diante. Eu gostaria de fazer isso.”

A sra. Moore sorriu pensando no método moderno, do qual seu filho era um exemplo. “Acho que as rupias não duram para sempre”, disse ela.

“As minhas duram. Deus me mandará outras quando vir que eu dei. Sempre presenteando, como o *nawab* Bahadur. Meu pai fazia o mesmo, por isso morreu pobre.” E, apontando aqui e ali na sala, ele a povoou de funcionários, graduados e não graduados, todos eles benevolentes porque tinham vivido havia muito tempo. “Nós nos sentaríamos e doaríamos sempre; num tapete, e não em cadeiras — essa é a principal mudança entre agora e antes —, mas acho que nunca puniríamos ninguém.”

As senhoras concordaram.

“Pobre criminoso, dê-lhe outra oportunidade. Ir para a prisão e ser corrompido é uma coisa que só piora a pessoa.” Seu rosto ficou muito brando; um homem com aquela brandura seria incapaz de administrar justiça e de perceber que se o pobre criminoso for deixado livre ele voltará a roubar a viúva pobre. Aziz era brando com todos, com exceção de alguns inimigos da família que ele não considerava humanos; desses, queria se vingar. Ele era brando até com os ingleses; sabia no fundo que eles não podiam evitar ser tão frios e estranhos e circular pela sua terra como um sorvete. “Nós não punimos ninguém, ninguém”, repetiu ele, “e à noite damos um grande banquete com *nautch*, e dos dois lados do tanque moças encantadoras brilham com fogos de artifício nas mãos e tudo é festa e felicidade até o dia seguinte, quando haverá justiça como antes: cinqüenta rupias, cem, mil... até chegar a paz. Ah, por que nós não vivemos nessa época? Mas as senhoras estão admirando a casa do senhor Fielding? Vejam como os pilares são pintados de azul e as varandas, pavilhões — como é que se chama isso? — acima de nós, também são azuis por dentro. Vejam os entalhes nos pavilhões. Pensem no tempo que isso levou para ser feito. O teto delicado é curvo para imitar bambu. Tão lindo... e os

bambus que balançam do lado do tanque, lá fora! Senhora Moore! Senhora Moore!”

“Sim?”, disse ela rindo.

“A senhora se lembra da água na nossa mesquita? Ela desce e enche esse tanque. Foi uma providência habilidosa dos imperadores, quando pararam aqui a caminho de Bengala. Eles adoravam água. Criaram fontes, jardins, *hammans*, em todos os lugares onde estiveram. Eu estava dizendo ao senhor Fielding que daria tudo para servir a eles.”

Ele estava errado quanto à água, que nenhum imperador, por mais hábil que seja, pode fazer correr montanha acima; entre a mesquita e a casa de Fielding há uma depressão de certa profundidade onde está toda Chandrapore. Ronny o teria corrigido; Turton teria sido tentado a corrigi-lo, mas se conteria. Fielding nem sequer teve vontade de corrigi-lo; ele havia feito embotar sua ânsia pela verdade verbal e se importava principalmente com a verdade da disposição de espírito. Quanto à srta. Qusted, aceitava como verdade tudo o que Aziz dizia. Em sua ignorância, considerava-o “a Índia”, e nunca presumia que sua visão era limitada e seu método era errôneo, e que ninguém é a Índia.

Ele estava muito excitado, conversando bastante e até praguejando quando se atrapalhava nas frases. Falou da sua profissão e das operações a que havia assistido ou que tinha realizado, e entrou em detalhes que assustaram a sra. Moore, conquanto a srta. Qusted de forma equivocada os tenha considerado uma prova da sua largueza de espírito; ela havia ouvido conversas assim na Inglaterra, em círculos acadêmicos avançados, deliberadamente livres. Supôs que ele fosse emancipado e também confiável, e o colocou num pináculo onde não podia se manter. Aziz estava suficientemente alto para aquele momento, é verdade, mas não num pináculo. Fora alçado por asas e despencaria nas lajes do pavimento.

A chegada do professor Godbole acalmou-o um pouco, mas a tarde continuou sendo dele. O brâmane, educado e enigmático, não impediu a sua eloquência e até a aplaudiu. Espichando-se para trás, serviu-se de chá a uma pequena distância daqueles indivíduos sem casta, numa mesa baixa que estava logo atrás dele, e encontrou comida acidentalmente, por assim dizer; todos fingiram estar indiferentes ao chá do professor Godbole. Ele era velho e enrugado, com um bigode grisalho e olhos azul-acinzentados, e tinha a pele clara como a de um europeu. Usava um turbante que parecia feito de macarrão púrpura-claro, paletó, colete, *dhoti*, meias com bordado nas laterais. Os

bordados combinavam com o turbante, e seu aspecto geral sugeria harmonia — como se ele houvesse conciliado os produtos do Ocidente e do Oriente, tanto os mentais como os físicos, e não pudesse jamais ser dividido. As senhoras estavam interessadas nele, e esperavam que ele complementasse o dr. Aziz falando algo sobre religião. Mas ele apenas comia; comia e comia, sorrindo, nunca deixando seus olhos encontrarem sua mão.

Abandonando os imperadores mongóis, Aziz passou para tópicos que não podiam afligir ninguém. Falou sobre o amadurecimento das mangas e sobre como em sua infância ele corria debaixo de chuva para um grande mangueiral de um tio seu e ali se empanturrava. “Depois voltava com a água escorrendo pelo corpo e talvez uma dorzinha dentro. Mas eu não me importava. Todos os meus amigos sentiam dor junto comigo. Temos um provérbio em urdu: ‘O que importa a infelicidade quando todos somos infelizes juntos?’, que depois das mangas é muito adequado. Senhorita Quested, espere pelas mangas. Por que a senhorita não fica para sempre na Índia?”

“Acho que não posso fazer isso”, disse Adela. Ela deu essa resposta sem pensar no seu significado. Para ela, assim como para os três homens, a frase pareceu em sintonia com o resto da conversa, e só depois de passados muitos minutos — na verdade meia hora — ela percebeu que aquela era uma observação importante que devia ter sido feita em primeira mão para Ronny.

“Visitantes como as senhoras são muito raros.”

“São mesmo”, disse o professor Godbole. “Raramente vimos tanta afabilidade. Mas o que podemos lhes oferecer para retê-las?”

“Mangas, mangas.”

Eles riram. “Hoje em dia se pode ter até mangas na Inglaterra”, disse Fielding. “Eles as enviam em compartimentos refrigerados. Parece que é possível ter a Índia na Inglaterra da mesma forma como é possível ter a Inglaterra na Índia.”

“Terrivelmente caro em ambos os casos”, disse a moça.

“Creio que sim.”

“E tudo é ruim.”

Mas o anfitrião não queria permitir que a conversa tomasse esse rumo enfadonho. Voltou-se para a anciã, que parecia aturdida e distante — ele não podia imaginar por quê —, e lhe perguntou o que ela gostaria de fazer. Ela respondeu que queria conhecer o colégio.

Todos se levantaram imediatamente, com exceção do professor Godbole, que estava terminando de comer uma banana.

“Não venha, Adela; você não gosta de instituições.”

“É isso mesmo”, disse a srta. Qusted sentando-se novamente.

Aziz hesitou. Seu público estava se dividindo. A metade mais conhecida se ia, mas a mais atenta continuava. Ponderando que a tarde era “informal”, ele resolveu ficar.

A conversa continuou como antes. Alguém poderia oferecer a elas uma sobremesa de mangas verdes? “Agora falo como médico: não.” Então o velho disse: “Mas vou lhes mandar uns doces saudáveis. Vou me dar esse prazer.”

“Senhorita Qusted, os doces do professor Godbole são deliciosos”, disse Aziz num tom melancólico, pois ele também queria mandar doces e não tinha esposa para cozinhá-los. “Eles lhe darão um autêntico festim indiano. Ah, na minha situação não posso lhes oferecer nada.”

“Não sei por que o senhor diz isso, visto que foi tão gentil nos convidando para ir à sua casa.”

Novamente ele pensou horrorizado na sua casa. Céus, a moça bobinha havia levado ao pé da letra a sua conversa! O que ele iria fazer? “Sim, está tudo acertado”, gritou ele. “Convido todos vocês para me visitarem nas cavernas de Marabar.”

“Eu adoraria.”

“Ah, isso é um divertimento muito mais magnífico do que os meus pobres doces. Mas a senhorita Qusted ainda não visitou as nossas cavernas?”

“Não. Nem ouvi falar nelas.”

“Não ouviu falar?”, gritaram ambos. “As cavernas de Marabar nas colinas de Marabar?”

“No Clube não se ouve nada de interessante. As pessoas apenas falam sobre tênis e fazem mexericos ridículos.”

O velho ficou silencioso, talvez sentindo ser algo inusitado ela criticar seu povo, talvez temendo concordar e ser denunciado por deslealdade. Mas o jovem pronunciou um lacônico “Sei”.

“Então me diga tudo o que quiserem, do contrário jamais chegarei a conhecer a Índia. São as colinas que às vezes vejo à tardinha? O que são essas cavernas?”

Aziz começou a explicar, mas então ficou claro que ele nunca havia visitado as cavernas; sempre “tencionava” ir, mas o trabalho ou assuntos

particulares o impediam de fazê-lo e elas ficavam muito longe. O professor Godbole brincou com ele amavelmente. “Meu querido jovem, o roto falando do rasgado! Você já ouviu esse provérbio valioso?”

“São cavernas grandes?”, perguntou ela.

“Não, não são grandes.”

“O senhor pode descrevê-las para mim, professor Godbole?”

“Será uma grande honra.” Ele aproximou a cadeira e seu rosto assumiu uma expressão de tensão. Pegando a cigarreira, ela ofereceu cigarros para ele e para Aziz, e acendeu-os. Depois de uma pausa, disse: “Há uma entrada na rocha e por ela se entra na caverna”.

“É parecida com as cavernas de Elefanta?”

“Ah, não, de jeito algum; em Elefanta há esculturas de Shiva e Parvati. Nas cavernas de Marabar não há esculturas.”

“Elas são muitíssimo sagradas, claro”, disse Aziz querendo colaborar na narração.

“Ah, não, ah, não.”

“Mas de certo modo são ornamentadas.”

“Ah, não.”

“Então por que elas são tão famosas? Todos nós falamos das cavernas de Marabar. Talvez seja uma fanfarronice nossa, uma fanfarronice vazia.”

“Não, eu não diria isso.”

“Então descreva-as para essa moça.”

“Será um grande prazer.” Mas Godbole ficava adiando esse prazer e Aziz percebeu que ele estava ocultando algo sobre as cavernas. Percebeu isso porque ele próprio freqüentemente experimentava inibições semelhantes. Às vezes, para a exasperação do major Callendar, ele omitia o único fato pertinente numa situação e ficava se alongando sobre cem outros irrelevantes. O major o acusava de insinceridade, e até certo ponto tinha razão, mas apenas até certo ponto. Uma força que ele não conseguia controlar silenciava a sua mente. Agora a mente de Godbole tinha sido silenciada; contra a sua vontade, sem dúvida, ele estava ocultando algo. Uma intervenção sutil poderia levá-lo a readquirir o controle e anunciar que as cavernas de Marabar eram... repletas de estalactites, talvez. Aziz esteve a ponto de dizer isso, mas elas não eram.

O diálogo continuou leve e amigável, e Adela não tinha idéia de tudo o que não chegava a aflorar à superfície dele. Não sabia que a mente relativamente simples do muçulmano estava se deparando com a Noite Antiga.

Aziz jogava um jogo emocionante. Estava manejando um brinquedo humano que se recusava a funcionar, e sabia disso muito bem. Se funcionasse, nem ele nem o professor Godbole teriam a menor vantagem, mas a tentativa o fascinava e se parecia com o pensamento abstrato. Ele continuou tagarelando, derrotado a cada passo por um opositor que não admitia nem mesmo que ele dera um passo, e mais distante do que nunca de descobrir o que era extraordinário nas cavernas de Marabar — se é que havia ali algo de extraordinário.

Nesse momento Ronny apareceu.

Com uma irritação ostensiva, ele gritou do jardim: “O que aconteceu com Fielding? Onde está a minha mãe?”.

“Boa tarde!”, respondeu Adela com frieza.

“Venham imediatamente, vocês duas. Vai haver uma partida de pólo.”

“Achei que não haveria pólo.”

“Mudou tudo. Chegaram uns soldados. Venha e eu lhe conto o que houve.”

“Sua mãe vai voltar logo, senhor”, disse o professor Godbole, que se levantara respeitosamente. “Não há muita coisa a ver no nosso pobre colégio.”

Ronny não notou o comentário; continuou a dirigir suas observações a Adela. Ao sair do trabalho ele tinha se apressado para levá-la ao jogo de pólo, achando que isso lhe seria prazeroso. Não quis ser rude com os dois homens, mas a única ligação que ele concebia com um indiano era a oficial, e nenhum deles era seu subordinado. Como pessoas privadas ele os esqueceu.

Infelizmente Aziz não estava disposto a ser esquecido. Não desistiria do tom seguro e íntimo da hora que acabara de viver. Ao contrário de Godbole, ele não se levantou, e agora, ofensivamente amistoso, gritou de sua cadeira: “Venha para cá, em cima, e fique conosco, senhor Heaslop; até a volta da sua mãe”.

Ronny respondeu ordenando a um dos criados de Fielding que chamasse seu patrão imediatamente.

“Ele não deve ter entendido. Permita-me...” Aziz repetiu o convite, numa formulação mais polida.

Ronny ficou tentado a replicar; ele conhecia o tipo; conhecia todos os tipos, e esse era o que se arruinara ao se ocidentalizar. Mas sendo um funcionário do governo que tinha o dever de evitar “incidentes”, ele não disse nada e ignorou Aziz, que não parava de provocá-lo. Tudo o que dizia tinha um

sabor impertinente ou o irritava. Suas asas estavam a ponto de falhar, mas ele se recusava a cair sem lutar. Não queria ser impertinente com o sr. Heaslop, que não lhe tinha feito nenhum mal, mas ali estava um anglo-indiano que precisava se tornar um homem para que todos voltassem a se sentir à vontade. Não pretendia exagerar no tom melífluo e confidencial com a srta. Qusteded, apenas queria garantir o seu apoio; tampouco queria ser demasiado veemente e efusivo com o professor Godbole. Um quarteto estranho: ele adejando em direção ao chão, ela perplexa com a súbita fealdade da situação, Ronny furioso, o brâmane observando os três mas com os olhos baixos e de mãos cruzadas, como se não notasse nada. Uma cena de peça, pensou Fielding, que agora, do outro lado do jardim, os viu agrupados entre os pilares azuis de sua bela sala.

“Não é preciso vir, mamãe”, gritou Ronny; “nós já estamos saindo.” Então ele se precipitou ao encontro de Fielding, levou-o até um canto e disse afetando espontaneidade: “Desculpe, mas acho que você não devia ter deixado a senhorita Qusteded sozinha”.

“Sinto muito, o que aconteceu?”, respondeu Fielding tentando também ser afável.

“Escute, não há dúvida de que sou um burocrata empedernido; mas não gosto de ver que deixaram uma moça inglesa fumando com dois indianos.”

“Ela ficou e está fumando porque quis.”

“Sim. Na Inglaterra estaria tudo bem.”

“Na verdade não vejo nenhum problema.”

“Se você não vê, não vê... você não vê que aquele sujeito é um grosseirão?”

Aziz assentia, gesticulando espalhafatosamente para a sra. Moore.

“Ele não é um grosseirão”, protestou Fielding. “Está muito tenso, é só isso.”

“O que foi que perturbou os seus preciosos nervos?”

“Não sei. Ele estava bem quando eu saí.”

“Bom, não foi nada que eu tenha falado”, disse Ronny num tom apaziguador. “Eu nunca falei com ele.”

“Ora, venha e leve as suas senhoras; a catástrofe acabou.”

“Fielding... não ache que estou fazendo drama ou algo do tipo... Suponho que você não virá ao jogo conosco. Isso nos agradaria muito.”

“Acho que não posso, mas, de qualquer maneira, obrigado. Lamento muitíssimo você achar que eu fui negligente. Não tive essa intenção.”

E assim começou a retirada. Todos estavam zangados ou infelizes. Era como se a irritação brotasse do solo. Alguém poderia ser tão mesquinho numa charneca escocesa ou num monte italiano?, pensou Fielding em seguida. Na Índia parecia não haver reserva de tranqüilidade de que se pudesse lançar mão. Ou não havia nenhuma ou, do contrário, a tranqüilidade tragava tudo, como aparentemente acontecia com o professor Godbole. Ali estavam Aziz, todo pretensioso e odioso, a sra. Moore e a srta. Quested, tolas, ambas, e ele próprio e Heaslop, aparentemente dignos mas na verdade detestáveis e se detestando.

“Até logo, senhor Fielding, e muito obrigada. Que prédios encantadores os da escola!”

“Até logo, senhora Moore.”

“Até logo, senhor Fielding. Foi uma tarde muito interessante.”

“Até logo, senhorita Quested.”

“Até logo, doutor Aziz.”

“Até logo, senhora Moore.”

“Até logo, doutor Aziz.”

“Até logo, senhorita Quested.” Ele sacudiu vigorosamente a mão dela para mostrar que estava à vontade. “Não se esqueça das cavernas, por favor. Eu preparo tudo bem rápido.”

“Obrigada.”

Tendo o diabo lhe inspirado um esforço final, ele acrescentou: “Que pena que a senhorita vai deixar a Índia tão depressa! Ah, por favor, reconsidere a sua decisão; fique”.

“Até logo, professor Godbole”, continuou ela, subitamente agitada. “Pena não termos ouvido o senhor cantar.”

“Eu posso cantar agora”, respondeu ele, e o fez.

Sua débil voz se elevou e emitiu um som após outro. Às vezes parecia haver ritmo, às vezes se tinha a impressão de uma melodia ocidental. Mas o ouvido, seguidamente desapontado, logo perdeu todas as pistas e vagou num labirinto de sons, nunca ásperos ou desagradáveis, nunca inteligíveis. Era a música de um pássaro desconhecido. Apenas os criados a conheciam. Eles começaram a assobiar uns para os outros. O homem que estava colhendo os abrolhos-aquáticos saiu nu do tanque, os lábios abertos em deleite deixando ver a língua escarlate. Os sons continuaram e depois de alguns momentos cessaram de modo tão descontraído como tinham começado — aparentemente no meio de um compasso e na subdominante.

“Muito obrigado; o que era?”, perguntou Fielding.

“Vou explicar detalhadamente. É uma música religiosa. Eu me coloquei no papel de uma donzela ordenhadora. Eu digo para Shri Krishna: ‘Vem! Vem só para mim’. O Deus se recusa a vir. Eu fico humilde e digo: ‘Não vem só para mim. Multiplica-te em cem Krishnas e que venha um para cada uma das minhas cem companheiras, mas vem também para mim, ó Senhor do Universo’. Ele se recusa a vir. Isso se repete várias vezes. A música é composta numa *raga* adequada para esta hora, a tardinha.”

“Mas Ele vem numa outra música, imagino”, disse a sra. Moore amavelmente.

“Ah, não, Ele se recusa a vir”, repetiu Godbole, talvez sem entender a pergunta. “Eu digo a Ele: Vem, vem, vem, vem, vem, vem. Ele não se dá ao trabalho de vir.”

Os passos de Ronny tinham se dissipado e houve um momento de silêncio absoluto. Nenhuma ondulação agitou a água, nenhuma folha se mexeu.

VIII

EMBORA A SRTA. QUESTED tivesse convivido bastante com Ronny na Inglaterra, ela achou sensato visitá-lo antes de se decidir pelo casamento. A Índia havia desenvolvido aspectos do caráter dele que ela não admirava. Sua autocomplacência, a tendência a sempre julgar e condenar, a falta de sutileza, tudo isso ficou claro sob o céu tropical; ele se mostrava mais indiferente ao que se passava na mente dos outros, mais seguro de que estava certo quanto a eles, e não se importava caso estivesse errado. A menos que ela lhe demonstrasse isso, o que lhe deixava particularmente irritado; para ele isso não era necessário. A questão que ela defendia nunca era pertinente, seus argumentos, apesar de conclusivos, eram estéreis. Ele fazia questão de dizer que tinha conhecimento especializado, e ela, nenhum; e que a experiência não lhe ajudaria, porque ela não saberia usá-la. Ele dizia que somente uma escola particular, a Universidade de Londres, um ano de especialização, uma determinada seqüência de postos em uma província, uma queda de cavalo e uma ponta de febre eram a única formação com a qual se pode entender os indianos e todos os moradores desse país; melhor dizendo: a única formação que ela podia compreender, claro, pois acima disso obviamente se estendiam os reinos mais elevados do conhecimento, habitados pelos Callendar e pelos Turton, que não tinham chegado à Índia havia apenas um ano e sim, vinte, e cujas aptidões naturais eram sobre-humanas. Para si, não reclamava nada de extraordinário; ela até gostaria disso. Eram as qualidades ostensivas de funcionário imaturo, o “Não sou perfeito, mas...” que lhe davam nos nervos.

Como ele havia sido grosseiro na casa do sr. Fielding — acabou com a conversa e foi embora no meio daquela canção inesquecível! Enquanto ele as levava no *tum-tum*, a irritação de Adela chegava ao limite, mas ela não percebeu que grande parte desse sentimento se dirigia contra si mesma. Ela ansiava por uma oportunidade de explodir com ele, e visto que ele também estava zangado e que estavam ambos na Índia, logo apareceu uma oportunidade. Mal eles tinham deixado o terreno do colégio, ela o ouviu perguntar para a mãe, que

estava ao lado dele no assento dianteiro: “Que história era aquela de cavernas?”. Imediatamente ela abriu fogo.

“Senhora Moore, o seu simpaticíssimo médico resolveu fazer um piquenique, em vez de uma festa na casa dele; vamos encontrá-lo lá: a senhora, eu, o senhor Fielding, o professor Godbole — exatamente o mesmo grupo.”

“Onde?”, perguntou Ronny.

“Nas cavernas de Marabar.”

“Céus!”, murmurou ele depois de uma pausa. “Ele entrou em detalhes?”

“Não. Se você tivesse lhe dirigido a palavra nós poderíamos ter combinado melhor.”

Ele balançou a cabeça, rindo.

“Eu disse alguma coisa engraçada?”

“Eu só estava pensando no colarinho do honrado médico, levantado em sua nuca.”

“Achei que estávamos falando sobre as cavernas.”

“E estou. Aziz estava muito bem-vestido, desde o alfinete de gravata até as polainas, mas se esqueceu de colocar o botão de trás do colarinho, revelando para vocês o rematado indiano: desatenção com os detalhes; a negligência essencial que trai a raça. Assim como o ‘encontrarem-se’ nas cavernas, como se fosse o relógio da Charing Cross, quando elas ficam a milhas de uma estação e a milhas uma da outra.”

“Você já esteve lá?”

“Não, mas sei tudo sobre elas, claro.”

“Ah, claro!”

“A senhora também se comprometeu a participar dessa expedição, mamãe?”

“Mamãe não se comprometeu com nada”, disse a sra. Moore inesperadamente. “E muito menos com esse pólo. Quero que você me deixe em casa, por favor. Prefiro descansar.”

“E eu também”, disse Adela. “E tampouco quero ver a partida de pólo, disso tenho certeza.”

“É mais simples deixar o pólo”, disse Ronny. Cansado e desapontado, ele se descontrolou totalmente e acrescentou, erguendo a voz num tom de sermão: “Não quero mais ver vocês metendo-se em confusão com indianos! Se quiserem conhecer as cavernas de Marabar, irão sob a proteção dos ingleses”.

“Nunca ouvi falar nessas cavernas, não sei o que elas são ou onde estão”, disse a sra. Moore, “mas”, dando uma pancada na almofada ao seu lado, “não agüento mais essa discussão e tanto aborrecimento!”

Os jovens ficaram envergonhados. Deixaram-na em casa e foram os dois para a partida de pólo, sentindo que era o mínimo que podiam fazer. O mau humor havia desaparecido, mas eles continuavam soturnos; as tempestades trovejantes raramente limpam o ar. A srta. Qusted estava refletindo sobre o seu próprio comportamento e não gostava dele, absolutamente. Em vez de examinar Ronny e a si própria, e de chegar a uma conclusão ponderada sobre o casamento, ela casualmente, durante uma conversa sobre mangas, comentou com pessoas estranhas que não pretendia ficar na Índia — o que significava que ela não ia se casar com Ronny. Que maneira de anunciar o fato, que comportamento para uma jovem civilizada! Ela lhe devia uma explicação, mas infelizmente não havia nada a explicar. A “conversa honesta”, tão cara aos seus princípios e à sua índole, havia sido adiada demais. Pareceu-lhe que não tinha sentido ser desagradável com Ronny e formular queixas contra a personalidade dele a essa hora do dia, quando já caía a tarde... O pólo foi jogado no *maidan*, perto da entrada da cidade de Chandrapore. O sol já estava quase declinando e havia em cada árvore uma premonição de noite. Eles caminharam até um banco mais afastado, distanciando-se do grupo dos funcionários, e lá, sentindo ser um dever dela e um direito dele, a duras penas Adela extraiu de si a observação indigesta: “Acho que precisamos ter uma conversa honesta, Ronny”.

“Eu estava de péssimo humor, tenho de me desculpar”, foi o que ele respondeu. “Não pretendia dar ordens a você e à mamãe, mas o modo como aqueles bengalis a humilharam hoje de manhã me aborreceu, e não quero que esse tipo de coisa continue acontecendo.”

“Não tem nada a ver com eles o que eu...”

“Não, mas Aziz faria a mesma confusão com as cavernas. Ele não levou a sério o convite, posso lhe garantir pelo tom de voz dele; é o jeito que eles têm de ser gentis.”

“O que quero conversar com você é uma coisa muito diferente, sem nenhuma relação com as cavernas.” Ela olhou para a grama descorada. “Finalmente resolvi que nós não vamos nos casar, meu querido.”

A notícia magoou muito Ronny. Ele havia ouvido Aziz anunciar que ela não ficaria na Índia, mas não prestara atenção ao comentário, pois nunca

imaginaria que um indiano seria um canal de comunicação entre dois ingleses. Ele se controlou e disse suavemente: “Você nunca afirmou que nós íamos nos casar, minha querida; nunca se comprometeu ou me comprometeu. Não precisa se preocupar com isso”.

Ela se sentiu envergonhada. Como Ronny era correto! Conquanto fosse capaz de se esforçar para impor-lhe suas opiniões, ele não a pressionou a se decidir por um “noivado” porque acreditava, do mesmo modo que ela própria, no caráter sagrado das relações pessoais; fora isso que os havia atraído um para o outro quando eles se encontraram pela primeira vez, no magnífico cenário dos lagos ingleses. A provação de Adela havia acabado, mas era como se ela devesse ter sido mais dolorosa e longa. Adela não vai se casar com Ronny. Tudo parecia estar se desvanecendo como um sonho.

“Vamos conversar”, disse ela, “tudo é assustadoramente importante, não podemos errar. Agora gostaria de ouvir a sua opinião sobre mim; isso poderia nos ajudar.”

Ele tinha um ar infeliz e se comportava de forma reservada. “Não acredito muito nessas discussões — além do mais estou muito cansado por causa do trabalho extra que o Mohurram está me dando e preferia que você não me pedisse isso.”

“Só quero que tudo fique absolutamente claro entre nós e não gostaria de deixar sem resposta alguma coisa que você queira saber sobre a minha conduta.”

“Mas não há nada que eu queira saber. Você agiu conforme o seu direito. Fez muito bem em vir me ver trabalhando; foi um plano excelente, e de qualquer maneira já não adianta nada ficar falando nisso... É melhor poupar nossas energias.” Ele estava zangado e ferido; era orgulhoso demais para tentar demovê-la, mas não achou que ela havia se comportado mal, porque ele sabia ser generoso quando se tratava dos seus conterrâneos.

“Então creio que não haja mais nada; é imperdoável da minha parte ter dado a você e à sua mãe todo esse aborrecimento”, disse pausadamente a srta. Quested, e franzindo o cenho olhou para a árvore sob a qual eles estavam sentados. Um passarinho verde a estava observando, tão brilhante que poderia ter pulado para ali diretamente da vitrine de uma loja. Ao encontrar o olhar da moça ele fechou os olhos, deu um saltinho e se preparou para ir para a cama. Algum pássaro selvagem indiano. “Sim, mais nada”, repetiu ela, sentindo que

um discurso profundo e apaixonado deveria ser feito por um deles ou pelos dois. “Fomos terrivelmente britânicos, mas acho que está certo.”

“Uma vez que somos ingleses, acho que sim.”

“De qualquer maneira nós não brigamos, Ronny.”

“Ah, isso teria sido absurdo demais. Por que nós iríamos brigar?”

“Acho que ficaremos amigos.”

“Sei que ficaremos.”

“Claro.”

Logo que concordaram nisso, uma onda de alívio percorreu os dois, em seguida se transformou numa onda de ternura e desapareceu. Sua própria honestidade os havia abrandado, e eles começaram a se sentir solitários e tolos. As experiências, e não a personalidade, os separavam; como seres humanos eles não eram diferentes; na verdade, quando comparados com as pessoas que estavam mais próximas deles, eles se tornavam praticamente idênticos. O *bhil* que estava segurando o pônei de pólo de um oficial, o eurasiático que dirigia o carro do *nawab* Bahadur, o próprio *nawab* Bahadur, o debochado neto do *nawab* Bahadur — nenhum deles teria examinado uma dificuldade com tanta franqueza e compostura. O simples fato de examiná-la a diminuía. Por certo eles eram amigos, e para sempre. “Você sabe o nome desse pássaro verde que está em cima de nós?”, perguntou ela aproximando bastante o ombro do dele.

“Abelheiro.”

“Ah, não, Ronny, ele tem listras vermelhas nas asas.”

“Papagaio”, arriscou ele.

“Pelo amor de Deus, não.”

O pássaro em questão mergulhou na copa de uma árvore. Era uma ave sem importância, mas eles teriam gostado de identificá-la; isso de certo modo os consolaria. Mas na Índia nada é identificável. A simples formulação de uma pergunta a leva a desaparecer ou a se fundir em outra coisa.

“McBryde tem um livro ilustrado sobre pássaros”, disse ele desanimado. “Eu não sou nada bom em pássaros; para dizer a verdade, sou inútil para qualquer informação fora do meu trabalho.

É uma pena.”

“Eu também. Sou inútil em tudo.”

“O que é que eu estou ouvindo?”, gritou o *nawab* Bahadur o mais alto que pôde, assustando os dois. “Que coisa mais inacreditável eu ouvi? Uma dama

inglesa inútil? Não, não, não, não, não.” Ele riu amavelmente, certo de ser, dentro dos limites, bem-vindo.

“Olá, *nawab* Bahadur! Estava vendo o pólo novamente?”, perguntou Ronny, caloroso.

“Estava, *sahib*, estava.”

“Como vai o senhor?”, disse Adela, igualmente refazendo-se. Ela lhe estendeu a mão. O velho cavalheiro viu pelo gesto tão lascivo que ela era uma recém-chegada ao país, mas não deu atenção. As mulheres que expõem o rosto tornavam-se por esse simples ato tão misteriosas a seu ver que ele as considerava pela avaliação dos ingleses, e não pela dele. Talvez elas não fossem imorais, e de qualquer modo ele não tinha nada com isso. Ao ver o juiz municipal sozinho, com uma senhorita ao crepúsculo, ele havia se aproximado com um objetivo hospitaleiro. Tinha um carrinho novo e queria colocá-lo à disposição deles; o juiz municipal resolveria se a oferta era aceitável.

A essa altura Ronny estava muito envergonhado do seu laconismo com Aziz e Godbole, e viu ali uma oportunidade de mostrar que era capaz de tratar os indianos com consideração quando eles a mereciam. Assim, perguntou a Adela, com a mesma afabilidade melancólica que havia empregado quando eles discutiram sobre o pássaro: “Você gostaria de dar uma volta de meia hora?”.

“Não seria melhor voltarmos para casa?”

“Por quê?” Ele a olhou fixamente.

“Acho que talvez eu devesse ir encontrar a sua mãe e discutir os planos para o futuro.”

“Tudo bem. Mas não há pressa, há?”

“Levo vocês para casa depois de darmos uma voltinha”, gritou o velho, e se precipitou para o carro.

“Ele pode lhe mostrar algum aspecto da terra que eu não posso, e é um autêntico legalista. Acho que você vai gostar de mudar um pouco.”

Resolvida a não aborrecê-lo mais, ela concordou, mas subitamente seu desejo de ver a Índia diminuía. Tinha havido nele um elemento artificial.

Como eles iam se sentar no carro? O neto elegante precisava ser deixado no *maidan*. O *nawab* Bahadur postou-se na frente, pois não tinha intenção de se sentar ao lado de uma moça inglesa. “Apesar da minha idade meio avançada, estou aprendendo a dirigir”, disse ele. “Um homem pode aprender tudo; basta se dispor a tentar.” E antevendo mais uma dificuldade, acrescentou: “Na

verdade, não dirijo. Eu me sento e faço perguntas ao meu motorista, e assim aprendo a razão de tudo antes de fazer qualquer coisa. Com esse método evitam-se acidentes graves e outros constrangimentos, como um a que eu assisti durante aquela encantadora recepção no Clube inglês, provocado por um dos meus patrícios. Nosso bom Panna Lal! Espero, *sahib*, que suas flores não tenham sofrido demais. Vamos dar a nossa voltinha descendo a estrada para Gangavati. Meia légua à frente!”. Ele adormeceu.

Ronny disse ao motorista que pegasse a estrada para Marabar, em vez de seguir pela de Gangavati, que estava em más condições, e se pôs ao lado da dama que ele havia perdido. O carro deu um ronco e se precipitou pela *chaussée* que se estendia num aterro sobre campos desolados. Árvores mirradas ladeavam a estrada, e na verdade todo o cenário era reles e sugeria que o campo era vasto demais para possibilitar algo notável. Em vão tudo gritava: “Vem, vem”. Não havia deus suficiente para todos. Os dois jovens entretinham uma conversa débil e se sentiam insignificantes. Quando a noite começou a baixar, a escuridão pareceu brotar da escassa vegetação, cobrindo inteiramente os campos dos dois lados da estrada antes de transbordar para ela. O rosto de Ronny ficou sombrio — o que sempre aumentava o apreço de Adela pela sua personalidade. Num solavanco a mão dela tocou a dele e uma das emoções muito freqüentes no reino animal os atravessou e anunciou que todas as suas dificuldades não passavam de uma rusga de apaixonados. Os dois eram orgulhosos demais para aumentarem a pressão, mas nenhum deles retirou a mão, e uma falsa unidade desceu sobre eles, tão local e temporária quanto a cintilação de um vaga-lume. Ela se dissiparia dali a pouco, e quem sabe reapareceria, porque só a escuridão é permanente. E a noite que os envolvia, embora parecendo absoluta, era ela própria uma falsa unidade, modificada pelas estrelas e pela claridade do dia que ainda se espalhava na orla da terra.

Eles se seguraram. Um solavanco, sobressalto, uma guinada, duas rodas suspensas no ar, freada, choque numa árvore no barranco, imobilidade. Um acidente. Leve. Ninguém se machucou.

O *nawab* Bahadur despertou. Gritou em árabe e deu um violento puxão na barba.

“O carro quebrou?”, perguntou Ronny depois de um momento de pausa que ele se permitiu para então assumir o controle da situação. O eurasiático, que

já ia entrando em pânico, recompôs-se ao ouvir a sua voz e, inglês da cabeça aos pés, respondeu: “Em cinco minutos eu posso levá-los a qualquer lugar”.

“Assustada, Adela?”, perguntou Ronny, retirando a mão.

“Nem um pouco.”

“Acho que ‘nem um pouco assustada’ é o auge da loucura”, gritou muito rude o *nawab* Bahadur.

“Bem, já acabou, é inútil chorar”, disse Ronny descendo do carro. “Foi sorte trombarmos com aquela árvore.”

“Acabou... ah, tudo bem, o perigo passou. Vamos fumar, vamos fazer qualquer coisa agradável. Ah, sim... divirtam-se. Ah, meu Deus misericordioso...”, e novamente falava em árabe.

“Não foi a ponte. Nós derrapamos.”

“Não derrapamos”, disse Adela, que tinha visto a causa do acidente e achava que todos tinham visto o que havia ocorrido. “Nós atropelamos um animal.”

O velho gritou alto; seu terror era desproporcional e ridículo.

“Um animal?”

“Um animal grande atravessou no escuro, vindo da direita, e bateu no carro.”

“Meu Deus, ela tem razão”, exclamou Ronny. “A pintura se foi.”

“Meu Deus, a sua senhora tem razão”, repetiu o eurasiático.

“A porta está amassada perto das dobradiças, e está difícil de abrir inclusive.”

“Claro que tenho razão. Vi muito bem as suas costas peludas.”

“Então, Adela, que animal era?”

“Não conheço os animais daqui melhor que os pássaros. Era grande demais para ser uma cabra.”

“Certo, grande demais para ser uma cabra...”, repetiu o velho.

“Vamos examinar; vejamos as pegadas”, disse Ronny.

“Claro!, o senhor vai precisar desta lanterna.”

Os dois ingleses deram uma volta no escuro, juntos e felizes. Jovens e educados que eram, não estavam perturbados com o que havia ocorrido. Rastreamos as marcas dos pneus até o local do acidente, logo depois da saída de uma ponte; o animal provavelmente tinha chegado ali vindo do *nullab*. As marcas do carro eram firmes e lisas, faixas ordenadamente entalhadas com losangos; então todos se exasperaram. Decerto alguma força externa havia se chocado contra o carro, mas a estrada tinha marcas demais para que qualquer

pista isolada pudesse ser decifrável e a lanterna gerava uma luz tão forte e sombras tão escuras que não era possível interpretar o que ela revelava. Além disso Adela, alvoroçada, ajoelhou-se e sua saia se arrastou pelo chão, a ponto de parecer que era ela quem tinha atacado o carro. O incidente foi um grande alívio para ambos. Eles esqueceram sua relação pessoal malograda e se sentiram felizes avançando atabalhoadamente na escuridão.

“Acho que foi um búfalo”, disse ela para seu anfitrião, que não os havia acompanhado.

“Isso mesmo.”

“A menos que tenha sido uma hiena.”

Ronny aprovou a última hipótese. As hienas rondam nos *nullabs* e os faróis as deixam tontas.

“Claro, uma hiena”, disse o indiano, irônico e irritado, gesticulando na escuridão. “Senhor Harris!”

“Um momento. Dê-me dez minutos.”

“O *sahib* falou em hiena.”

“Não atrapalhe o senhor Harris. Ele nos salvou de um desastre muito pior. Harris, muito bem!”

“Um desastre, *sahib*, que não teria acontecido se ele me obedecesse e tivesse nos levado para Gangavati, em vez de Marabar.”

“Foi culpa minha. Eu lhe disse para vir por aqui porque a estrada é melhor. O senhor Lesley a deixou boa até as colinas.”

“Ah, agora eu estou começando a entender.” Parecendo se recuperar, ele pediu detalhadas e pausadas desculpas pelo transtorno. Ronny murmurou: “Não foi nada”, mas o dever dele era desculpar-se, e devia tê-lo feito antes; o fato de os ingleses serem tão calmos numa crise não o eximia disso. O *nawab* Bahadur não havia se comportado muito bem.

Nesse momento um carro grande se aproximou, vindo da outra direção. Ronny avançou alguns passos na estrada e com autoridade na voz e no gesto o fez parar. De um lado a outro do capô lia-se a inscrição “Estado de Mudkul”. E, sentada no interior, muito brincalhona e amigável, estava a srta. Derek.

“Senhor Heaslop, senhorita Quested, por que os senhores estão retendo uma mulher inocente?”

“Tivemos uma pane.”

“Mas que horror!”

“Atropelamos uma hiena!”

“Que coisa mais desagradável!”

“Pode nos dar uma carona, senhorita Derek?”

“Claro.”

“Eu vou também”, disse o *nawab* Bahadur.

“Ei, e eu?”, gritou o sr. Harris.

“Mas o que é isso? Eu não sou ônibus”, protestou, decidida, a srta. Derek. “Tenho um harmônio e dois cachorros aqui comigo, para dizer a verdade. Levo três de vocês se um se sentar na frente e afagar um buldogue. Não mais que isso.”

“Eu vou na frente”, disse o *nawab* Bahadur.

“Então entre; eu não tenho idéia de quem é o senhor.”

“Ei, e o meu jantar? Vocês não podem me deixar aqui sozinho a noite toda”, disse agressivamente o motorista tentando parecer e se sentir europeu. Apesar da escuridão ele ainda estava de *topi*, e seu rosto, para o qual a raça dominante tinha contribuído com muito pouca coisa além dos dentes ruins, perscrutava pateticamente sob ele e parecia dizer: “O que está acontecendo? Não me atormentem tanto, negros e brancos. Aqui estou eu, metido nesta porcaria de Índia do mesmo modo que vocês, e vocês têm de me acomodar aqui melhor do que isso”.

“Nussu vem de bicicleta trazer um jantar decente para o senhor”, disse o *nawab* Bahadur, que tinha recuperado a sua dignidade. “Vou mandar que ele venha o mais rápido possível. Enquanto isso o senhor conserta o carro.”

Eles se foram rapidamente e o sr. Harris, depois de um olhar de censura, acocorou-se à beira da estrada. Quando havia ingleses e indianos presentes, ele ficava constrangido, porque não sabia a quem pertencia. Durante algum tempo ficava vexado por correntes opostas em seu sangue, depois elas se misturavam e ele pertencia apenas a si mesmo.

Mas a srta. Derek estava num humor esplêndido. Conseguira roubar o carro do estado de Mudkul. O marajá ficaria terrivelmente aborrecido, mas ela não se importava; que ele a demitisse, se quisesse. “Eu não acredito que essas pessoas sejam desleais conosco”, disse ela. “Se não me defendesse com unhas e dentes eu não estaria em lugar algum. Ele não quer o carro, o bobão! Certamente se durante a minha licença eu for vista dentro dele em Chandrapore o conceito do seu estado melhorará. Ele deve ver as coisas assim. De qualquer modo, terá de ver as coisas assim. A minha *maharani* é diferente — a minha *maharani* é um amor. Esse é o fox terrier dela, coitadinho. Eu

apanhei os dois e também o motorista. Imagine, levar cães para uma Conferência de Chefes! Tão sensato quanto levar chefes, talvez.” Ela deu uma risada estridente. “O harmônio — o harmônio foi um errinho meu, admito. Eles prefeririam que eu ficasse, e não o harmônio. Eu pretendia deixá-lo no trem. Ah, meu Deus!”

Ronny riu discretamente. Ele não aprovava que os ingleses trabalhassem para os estados nativos, onde adquirem certa influência à custa do prestígio geral. Mas para o administrador os pequenos e divertidos triunfos de alguém que trabalha por sua própria conta não são de nenhuma valia, e ele disse à srta. Derek que ela superaria os indianos no próprio jogo deles se continuasse daquele jeito.

“Eles sempre me demitem antes que isso aconteça, e então eu arrumo outro emprego. Toda a Índia fervilha com *maharanis* e *ranis* e *begums* que procuram gente como eu.”

“Realmente. Eu não tinha idéia.”

“Como é que o senhor poderia ter alguma idéia, senhor Heaslop? O que ele poderia saber sobre *maharanis*, senhorita Qusted? Nada. Pelo menos é o que eu espero.”

“Suponho que essas pessoas importantes não sejam muito interessantes”, disse Adela calmamente, contrariada com o tom da jovem. Na escuridão, sua mão encostou de novo na de Ronny e dessa vez à emoção animal acrescentou-se uma coincidência de opinião.

“Ah, nesse ponto você está enganada. Eles não têm preço.”

“Eu não chegaria a contestá-la”, manifestou-se o *nawab* Bahadur de seu isolamento no assento dianteiro, onde ficara relegado. “Num estado nativo, num estado hinduísta, a mulher de um dirigente pode sem dúvida ser uma dama muito virtuosa, e não pensem nem por um momento que estou sugerindo algo contra o caráter de sua alteza a *maharani* de Mudkul. Mas desconfio que ela é meio inculta, desconfio que ela é supersticiosa. Na verdade, como é que poderia ser outra coisa? Que oportunidade de educação teve uma dama dessas? Ah, a superstição é terrível, terrível! É o maior defeito do nosso caráter indiano!” — e como se para reforçar essa crítica as luzes da área residencial inglesa surgiram numa elevação à direita. Ele tornara-se prolixo. “Ah, é dever de todos os cidadãos livrar-se da superstição, e embora eu conheça muito pouco os estados hinduístas, nem esse em particular, a saber, o Mudkul (seu dirigente deve ter uma saudação de apenas onze tiros de canhão),

não acho que eles são tão bem-sucedidos quanto a Índia britânica, onde vemos a razão e a ordem presentes por toda parte, como uma inundação de saúde!”

“Deus do céu!”, exclamou a srta. Derek.

Sem se inibir com o comentário, o *nawab* prosseguiu. Sua língua se soltara e sua mente tinha várias questões para defender.

O velho queria apoiar a observação da srta. Qusted de que as pessoas importantes não são interessantes, porque ele era mais importante do que muitos chefes independentes; ao mesmo tempo, não devia nem lembrá-la nem informá-la de que era importante, do contrário ela acharia que tinha cometido uma gafe. Era esse o fundamento do seu discurso, que considerava sua gratidão à srta. Derek pela carona, sua disposição de segurar nos braços um cão repulsivo e seu desapontamento pelo transtorno que ele havia causado à raça humana naquele fim de tarde. Além disso, ele queria ser deixado próximo à cidade para falar com o lavador de carros. E para ver que travessura seu neto estava aprontando. Enquanto tecia todas essas ansiedades numa única corda, ele suspeitou que seu público não estava interessado e que o juiz municipal acariciava as donzelas protegido pelo harmônio, mas a boa educação o compeliu a prosseguir; era-lhe indiferente o fato de os três estarem entediados, porque ele não sabia o que é tédio, e era-lhe indiferente o fato de eles serem licenciosos, porque Deus criou todas as raças para serem diversas. O acidente estava encerrado e sua vida, uniformemente útil, ilustre, feliz, continuou como antes e se exprimiu em torrentes de palavras bem escolhidas.

Quando esse velho gêiser os deixou, Ronny não fez nenhum comentário, preferindo falar superficialmente sobre pólo; Turton lhe havia ensinado que é melhor não fazer comentários sobre um homem imediatamente, e ele reservou para a noite o que tinha a dizer sobre a personalidade do *nawab*. Sua mão, que ele havia movido para se despedir, voltou a se encostar na de Adela; ela a acariciou inequivocamente, ele respondeu, e a pressão firme e mútua de ambos decerto significava algo. Eles se entreolharam quando chegaram em casa, pois a sra. Moore estava lá dentro. Cabia à srta. Qusted falar; e, nervosa, disse: “Ronny, eu gostaria de retirar o que disse no *maidan*”. Ele assentiu e conseqüentemente ficaram noivos.

Nenhum dos dois tinha antevisto isso. Adela havia pretendido reverter à condição anterior de incerteza ativa e cultivada, mas na hora certa isso tinha ficado fora do seu alcance. Ao contrário do pássaro verde ou do animal peludo, ela agora estava rotulada. Sentiu-se novamente humilhada, pois

desaprovava os rótulos, e também sentiu que naquele momento a cena entre o namorado

e ela deveria ter sido outra, algo dramático e longo. Ronny ficou contente em vez de aflito, ficou surpreso, mas não disse nada. Na verdade, o que se podia dizer? Ser ou não ser casado, eis a questão, e eles a decidiram afirmativamente.

“Vamos entrar e contar à mamãe”, disse Ronny abrindo a porta de zinco vazada que protegia a casa dos enxames de criaturas aladas. O ruído despertou a sra. Moore. Ela sonhava com Ralph e Stella, os filhos ausentes tão raramente mencionados, e não percebeu de imediato o que queriam com ela. Também ela havia se acostumado àquela procrastinação previdente e se sentiu alarmada com o seu fim.

Quando o anúncio foi concluído, Ronny fez uma observação bondosa e sincera. “Escutem, vejam a Índia se quiserem e como quiserem, sei que fui muito ridículo na casa de Fielding, mas... agora é diferente. Eu estava meio inseguro.”

“Meus deveres aqui evidentemente terminaram. Agora eu não quero mais ver a Índia; quero apenas a minha passagem de volta”, foi o que a sra. Moore pensou. Ela se lembrou de tudo o que significa um casamento feliz e dos seus dois casamentos felizes, um dos quais havia produzido Ronny. Os pais de Adela também tinham sido felizes no casamento, e era ótimo ver o fato se repetir com a geração seguinte. E assim por diante! O número dessas uniões certamente aumentaria à medida que a educação se disseminasse, os ideais se elevassem e as personalidades se tornassem mais firmes. Mas ela estava cansada da visita ao Colégio do Governo, seus pés doíam, o sr. Fielding havia andado muito e muito rápido, tinha se aborrecido com o casal no *tum-tum*, o que a fez supor que estavam rompendo o namoro, e mesmo estando agora tudo bem ela não podia falar tão entusiasticamente como deveria sobre casamento ou qualquer outra coisa. Ronny estava bem, e agora ela precisava voltar para a Inglaterra e ajudar os outros, se eles quisessem. Ela já passara da idade de se casar, embora lamentasse isso; sua função era ajudar os outros, sua recompensa era ser informada de que era solidária. As senhoras idosas não devem esperar mais do que isso.

Eles jantaram sozinhos. Conversaram bastante sobre o futuro, uma conversa agradável e afetuosa. Mais tarde falaram sobre coisas que estavam acontecendo e Ronny analisou e relatou o dia segundo o seu ponto de vista. Seu dia tinha sido diferente do das mulheres, porque enquanto elas haviam se

divertido e divagado, ele tinha trabalhado. Com a aproximação do Mohurram os muçulmanos de Chandrapore estavam, como sempre, construindo torres de papel de uma altura que excedia a dos galhos de uma determinada árvore-dos-pagodes sob a qual passariam. Sabia-se o que aconteceria então: a torre encalharia, um muçulmano subiria na árvore e cortaria o galho, os hinduístas protestariam, haveria um tumulto religioso e sabe-se lá mais o que, talvez com os soldados intervindo. Houve missões e Comissões de Conciliação sob os auspícios de Turton, e todo o trabalho normal de Chandrapore tinha sido suspenso. A procissão deve ter outro percurso ou as torres devem ser mais baixas? Os muçulmanos apoiavam a primeira alternativa, os hinduístas insistiam na última. O coletor tinha ficado a favor dos hinduístas, mas depois suspeitou que eles haviam inclinado artificialmente a árvore, aproximando-a do chão. Eles disseram que ela havia cedido por si mesma. Medições, planos, uma visita oficial ao lugar. Mas o dia não tinha desagradado a Ronny, pois provara que os ingleses eram necessários à Índia; sem eles certamente teria havido derramamento de sangue. Sua voz reassumiu o tom complacente. Ele não estava no país para ser amável, e sim para manter a paz, e agora que Adela tinha se comprometido a ser sua mulher sem dúvida ela o compreenderia.

“E o nosso velho cavalheiro do carro, o que é que ele acha?”, perguntou ela, e sua inflexão indiferente era exatamente o que ele queria.

“Nosso velho cavalheiro foi útil e correto, como invariavelmente é nas questões públicas. Ele é um modelo exemplar de indiano.”

“É mesmo?”

“Acho que sim. Eles não são inacreditáveis? Inclusive os melhores entre eles? Todos! E todos esquecem o botão de trás do colarinho, mais cedo ou mais tarde. Você lidou com três tipos de indianos hoje, os Bhattacharyas, Aziz e esse sujeito, e não é coincidência o fato de todos eles a terem desapontado.”

“Eu gosto de Aziz, Aziz é meu amigo de verdade”, atalhou a sra. Moore.

“Quando o animal se precipita na nossa direção o *nanab* perde a cabeça, abandona o seu infeliz motorista, mete-se no carro da senhorita Derek... não são grandes crimes, não são grandes crimes, mas nenhum branco teria feito isso.”

“Que animal?”

“Ah, tivemos um pequeno acidente na estrada para Marabar. Adela acha que foi uma hiena.”

“Um acidente?”, gritou ela.

“Nada de grave; ninguém se machucou. Nosso excelente anfitrião despertou dos seus sonhos muito irritado, aparentemente achou que a culpa era nossa e ficou salmodiando ‘certo, certo.’”

A sra. Moore teve um calafrio: “Um fantasma!”. Mas a idéia de um fantasma mal passou pelos seus lábios. Os jovens não a perceberam, ocupados com os seus próprios pontos de vista, e destituída de apoio ela morreu ou foi reabsorvida por essa parte da mente que raramente fala.

“Sim, nada de criminoso”, resumiu Ronny, “mas isso é o nativo, e essa é uma das razões pelas quais nós não o admitimos nos nossos clubes, e o fato de uma moça decente como a senhorita Derek trabalhar para nativos me deixa perplexo... Mas preciso continuar o meu trabalho. Krishna!”

Krishna era o mensageiro que trazia os arquivos do seu escritório. Ele não havia aparecido, e então começou uma terrível confusão. Ronny se enfureceu, gritou, ganiu, e apenas alguém experiente poderia dizer que ele não estava zangado, não queria os arquivos e aprontou uma confusão somente porque esse era o costume.

Os criados, que sabiam muito bem disso, puseram-se a correr lentamente em círculos, com lanternas de furacão^[1] nas mãos. Krishna, respondia a terra, Krishna, respondiam as estrelas, até que o inglês se acalmou com esses ecos, multou em oito anás o mensageiro ausente, sentou-se na sala ao lado e começou a pôr suas obrigações em dia.

“Você joga paciência com a sua futura sogra, querida Adela, ou isso lhe parece muito maçante?”

“Jogo com prazer; não estou nem um pouco agitada. Estou apenas contente por ter finalmente me resolvido, mas não percebo grandes mudanças. Nós três continuamos as mesmas pessoas.”

“Não se pode ter impressão mais acertada.” Ela dispôs a primeira mão de cartas.

“Acho que sim”, disse a moça, pensativa.

“Na casa do senhor Fielding tive receio de que sua decisão seria outra... Valete preto sobre rainha vermelha...”

Elas tagarelaram tranqüilamente enquanto jogavam.

“Eu disse ao doutor Aziz e ao professor Godbole que eu não ia ficar no país, a senhora ouviu. Se eu não estava pensando nisso, por que fiz isso? Sinto que não fui... franca o suficiente, atenta o suficiente, ou algo assim. É como se eu estivesse vendo tudo fora de proporção. A senhora tem sido muito boa

comigo e eu queria ser boa quando embarquei, mas de certo modo não tenho sido. Senhora Moore, se uma pessoa não é absolutamente honesta, para que viver?”

A sra. Moore continuou dispondo as cartas. As palavras eram obscuras, mas ela conhecia a apreensão que as produzia. Experimentara-a duas vezes, durante seus noivados — um vago arrependimento e dúvida. Tudo tinha dado bastante certo depois e certamente daria agora; o casamento faz com que a maioria das coisas endireite. “Eu não me preocuparia”, disse ela. “Em parte é o ambiente estranho; você e eu ficamos atentas a bagatelas e esquecemos o que é importante; somos o que aqui chamam de ‘novatas’.”

“A senhora quer dizer que as minhas preocupações se mesclam com a Índia?”

“A Índia é...”, ela se calou.

“O que levou a senhora a falar em fantasma?”

“Falar em fantasma a propósito de quê?”

“A senhora chamou de fantasma o animal que se chocou contra o carro. A senhora disse: ‘Ah, um fantasma’ acidentalmente?”

“Eu não estava pensando no que falei.”

“Acho que era mesmo uma hiena.”

“Ah, decerto.”

E elas continuaram com a paciência. Em Chandrapore o *nawab* Bahadur esperou pelo carro. Sentou-se nos fundos de sua casa da cidade (uma casinha sem mobília onde ele raramente entrava), no centro do pequeno pátio que sempre se improvisa nas casas dos indianos bem situados. Como se turbantes fossem o produto natural da escuridão, de quando em quando um turbante novo surgia na sua frente, fazia-lhe uma medida e se retirava. Ele estava preocupado, sua elocução era própria para a exposição de um tema religioso. Nove anos antes, quando pela primeira vez comprou um carro, ele havia atropelado um bêbado e o matara, e desde então aquele homem tinha estado à espera dele. O *nawab* Bahadur era inocente perante Deus e perante a lei, e pagara o dobro da indenização devida; mas nada disso adiantava: o homem continuava esperando-o de uma forma inexprimível, perto do cenário da sua morte. Nenhum inglês sabia disso, tampouco seu motorista; era um segredo racial que se transmitia mais pelo sangue do que por palavras. Agora ele falava horrorizado sobre as circunstâncias especiais: ele pusera em perigo outras pessoas, arriscara a vida de dois convidados inocentes e dignos. E ficava

repetindo: “Se eu tivesse morrido, e daí? Algum dia isso tem de acontecer. Mas eles confiaram em mim...”. As pessoas que o visitavam estremeçeram e invocaram a misericórdia divina. Só Aziz ficou distante, porque uma experiência pessoal o dominava: não era obra de fantasmas zombadores ele ter conhecido a sra. Moore? “Sabe, Nureddin”, sussurrou ele para o neto do *nawab* Bahadur, um jovem efeminado cujo convívio ele apreciava nas raras vezes em que o encontrava mas que invariavelmente era esquecido, “sabe, meu caro companheiro, nós, muçulmanos, simplesmente precisamos nos livrar dessas superstições, ou a Índia nunca vai avançar. Por quanto tempo eu ainda vou ouvir falar no porco selvagem da estrada de Marabar?” Nureddin olhava para baixo. Aziz prosseguiu: “Seu avô pertence a outra geração, e eu respeito e amo os velhos, como você sabe. Não digo nada contra ele, apenas que isso é errado para nós, que somos jovens. Quero que você declare para mim, Nureddin, você está me ouvindo?, que não acredita em maus espíritos e que se eu morrer (porque minha saúde está ficando fraca) vai criar meus três filhos negando-os também”. Nureddin sorriu e uma resposta apropriada assomou aos seus lindos lábios, mas antes que ele pudesse pronunciá-la o carro chegou e seu avô o levou embora.

O jogo de paciência na área residencial inglesa ainda prosseguiu por algum tempo. A sra. Moore continuou murmurando “Dez vermelho sobre valete preto”, a srta. Quested ajudando-a e entremeando às complexidades do jogo detalhes sobre a hiena, o noivado, a *maharani* de Mudkul e os Bhattacharyas e o dia de modo geral, cuja superfície áspera e dessecada à medida que retrocedia adquiria um contorno definido, como aconteceria com a própria Índia se fosse vista da Lua. Então as jogadoras foram para a cama, mas não antes de outras pessoas terem se levantado alhures, pessoas cujas emoções elas não podiam compartilhar e cuja existência ignoravam. Nunca tranqüila, nunca absolutamente escura, a noite se consumia, distinguindo-se de outras noites por duas ou três rajadas de vento que pareceram incidir perpendicularmente do céu e ricochetear de volta para ele, duras e compactas, sem deixar atrás de si nenhuma frescura: a estação quente estava se aproximando.

IX

AZIZ FICOU DOENTE, como havia profetizado — ligeiramente doente. Três dias depois ele estava acamado em sua casa, fingindo-se muito doente. Era uma ponta de febre, que ele teria ignorado se houvesse algo importante no hospital. De vez em quando ele gemia e pensava que ia morrer, mas isso não durava muito, e por pouco tempo o distraía. Era domingo, sempre um dia ambíguo no Oriente e uma desculpa para descansar. Enquanto cochilava, ele ouvia os sinos das igrejas, tanto os da área residencial quanto os dos missionários, para além do matadouro — sinos diferentes e que indicavam propósitos diferentes, pois um conjunto estava convocando firmemente a Índia britânica e o outro convocava debilmente a humanidade. Ele não objetou ao primeiro conjunto; o outro ele ignorou, sabendo da sua ineficiência. O velho sr. Graysford e o jovem sr. Sorley conseguiram fazer conversões durante um período de penúria, porque distribuíram comida; mas quando os tempos melhoraram eles foram deixados de novo sozinhos, como era de esperar, e, conquanto surpresos e magoados toda vez que isso acontecia, nunca aprendiam a ser sensatos. “Nenhum inglês nos compreende, fora o senhor Fielding”, pensou Aziz; “mas como eu vou fazer para encontrá-lo novamente? Se ele entrasse nesta sala, a pobreza dela me mataria.” Ele chamou Hassan para dar uma arrumação no cômodo, mas Hassan, que estava testando o seu salário fazendo-o tilintar no degrau da varanda, achou que era possível não ouvi-lo; ele o ouviu e não o ouviu, assim como Aziz o chamara e não o chamara. “Isso é a Índia... assim somos nós... cá estamos nós...” Ele cochilou novamente e seus pensamentos vagaram pela superfície variada da vida.

Pouco a pouco eles se fixaram num ponto determinado — o Poço Sem Fundo, segundo os missionários, mas Aziz nunca o havia considerado como mais que um buraco. Sim, ele queria de fato passar uma noite com algumas moças, cantando e tudo o mais, a vaga alegria que culminaria na volúpia. Sim, era isso que ele queria de fato. Como seria possível consegui-lo? Se o major Callendar fosse indiano, ele se lembraria de como são os jovens e sem fazer perguntas lhe permitiria fazer uma viagem de dois ou

três dias a Calcutá. Mas o major supunha que seus subordinados eram feitos de gelo ou então que eles freqüentavam os bazares de Chandrapore — idéias igualmente repulsivas. O sr. Fielding era o único que...

“Hassan!”

O criado veio correndo.

“Olhe essas moscas, irmão.” E ele apontou para a horrível massa que pendia do teto. Seu núcleo era um fio que fora colocado ali como uma homenagem à eletricidade. A eletricidade não lhe tinha dado atenção, e no lugar dela viera uma colônia de moscas que enegrecia com seus corpos as espirais.

“*Huzoor*, são moscas.”

“Certo, certo, são moscas, excelente, mas por que foi que eu o chamei?”

“Para levá-las para outro lugar”, disse Hassan depois de uma penosa reflexão.

“Quando são levadas para outro lugar elas sempre voltam.”

“*Huzoor*.”

“É preciso tomar alguma providência contra as moscas; é para essas coisas que você é meu criado”, disse Aziz suavemente.

Hassan mandaria o garotinho tomar emprestada a escada da casa de Mahmoud Ali; pediria ao cozinheiro que acendesse o fogareiro e aquecesse água; subiria pessoalmente os degraus com um balde nos braços e mergulharia nele o fio inteiro.

“Certo, está certo. Então o que você tem de fazer?”

“Matar moscas.”

“Certo. Faça isso, então.”

Hassan se retirou com o plano quase totalmente alojado na cabeça e começou a procurar o garotinho. Não o encontrando, seus passos ficaram mais lentos e ele voltou para a varanda, mas não continuou a testar as rupias porque seu senhor poderia ouvi-las tilintar. Os sinos dominicais continuavam alvoroçados; o Oriente tinha voltado ao Oriente depois de passar pelos subúrbios da Inglaterra e de se tornar ridículo durante esse desvio.

Aziz continuava pensando em mulheres bonitas.

Quanto a isso, sua mente era dura e direta, embora não fosse brutal. Ele havia aprendido muitos anos antes tudo o que era necessário com relação à sua própria constituição, graças à ordem social em que nascera, e quando foi estudar medicina sentiu-se vexado com o pedantismo e o espalhafato com que

a Europa catalogava os fatos do sexo. A ciência parecia discutir tudo do ponto de vista errado. Não interpretou as suas experiências quando ele as encontrou num manual alemão, porque por estarem lá elas deixavam de ser as suas experiências. O que fora aprendido do pai ou da mãe, ou dos criados, essas eram as informações úteis para ele, e ele as passava para outros quando havia oportunidade.

Mas ele não podia causar nenhuma vergonha aos filhos com uma escapada tola. Imagine se a notícia de que ele não era responsável se espalhasse! Sua situação profissional também precisava ser considerada, independentemente do que o major Callendar pensasse. Aziz defendia as convenções sociais, embora não as revestisse de nenhum halo moral, e era principalmente nisso que ele diferia dos ingleses. Suas convenções eram estritamente sociais. Não há mal em enganar a sociedade se não somos flagrados por ela, porque só a lesamos quando ela nos flagra; a sociedade não é como um amigo ou como Deus, que são prejudicados pela simples existência da deslealdade. Tendo muita clareza quanto a isso, ele começou a pensar na mentira que diria para ir a Calcutá e se lembrou de um homem de lá que era confiável e poderia lhe mandar um telegrama e uma carta que ele mostraria ao major Callendar, mas nesse momento ouviu-se o ruído de rodas em sua casa. Alguém vinha visitá-lo. Ao pensar que estavam se compadecendo dele sua febre aumentou, e, com um gemido sincero, ele se envolveu na colcha.

“Aziz, meu querido rapaz, nós estamos muito preocupados”, disse a voz de Hamidullah. Um, dois, três, quatro solavancos enquanto os homens se sentavam na sua cama.

“Quando um médico fica doente o problema é sério”, disse a voz do sr. Syed Mohammed, o engenheiro assistente.

“Quando um engenheiro fica doente também é”, disse a voz do sr. Haq, inspetor da polícia.

“Ah, sim, somos todos muito importantes; nossos salários provam isso.”

“O doutor Aziz tomou chá com o diretor na tarde da quinta-feira passada”, esganiçou Rafi, o sobrinho do engenheiro. “O professor Godbole, que estava lá com ele, também adoeceu, o que parece uma coisa muito curiosa, senhor, não parece?”

Chamas de suspeita pularam no peito de todos os homens. “Mentira!”, exclamou Hamidullah num tom autoritário, reprimindo-os.

“Mentira, claro”, repetiram os outros, envergonhados de si mesmos. O estudante maledicente, não tendo conseguido começar um escândalo, perdeu a confiança e ficou de pé, as costas apoiadas contra a parede.

“O professor Godbole está doente?”, perguntou Aziz registrando a notícia. “Sinto muito, sinceramente.” Inteligente e compassivo, seu rosto espiava para fora das dobras vermelhas da colcha. “Como vão os senhores, senhor Syed Mohammed, senhor Haq? Que gentileza quererem saber da minha saúde! Como vai você, Hamidullah? Mas vocês me trazem uma notícia ruim. O que há de errado com aquele excelente sujeito?”

“Por que você não responde, Rafi? Você é a grande autoridade”, disse o tio do garoto.

“Sim, Rafi é o grande homem”, disse Hamidullah insistindo na idéia. “Rafi é o Sherlock Holmes de Chandrapore. Fale, Rafi.”

Humilhado, o estudante murmurou a palavra “diarréia”, mas bastou pronunciá-la para criar coragem, pois ela melhorou sua situação. Chamas de suspeita se acenderam novamente no peito dos mais velhos, embora numa direção diferente. O que se estava chamando de diarréia poderia ser na verdade um caso de cólera?

“Se assim for, é uma coisa muito séria; mal estamos no fim de março. Por que não fui informado?”, gritou Aziz.

“O doutor Panna Lal está atendendo o professor, senhor.”

“Ah, sim, ambos hinduístas; eles ficam unidos como moscas e deixam todos no escuro. Rafi, venha cá. Sente-se. Conte-me alguns detalhes. Ele também está vomitando?”

“Ah, sim, senhor, e com dores fortes.”

“Isso decide a questão. Em vinte e quatro horas ele estará morto.”

Todos pareciam realmente chocados, mas o professor Godbole tinha diminuído seu prestígio ao se ligar a um correligionário. Ele os emocionava menos do que quando acharam que seu sofrimento era solitário. Logo depois já o estavam condenando como uma fonte de infecção. “Toda doença procede dos hinduístas”, disse o sr. Haq. O sr. Syed Mohammed havia visitado feiras religiosas em Allahabad e em Ujjain, e se referia a elas com um desprezo cáustico. Em Allahabad havia água corrente, que levava embora as impurezas, mas em Ujjain o riacho Sipra tinha sido represado e milhares de banhistas depositavam seus germes no lago. Ele falava enojado sobre o sol quente, o esterco de vaca e os cravos-de-defunto, e também do acampamento de *saddhus*,

alguns dos quais passeavam pelas ruas totalmente nus. Quando lhe perguntaram o nome do principal ídolo de Ujjain, ele respondeu que não sabia; que tinha desprezado esse conhecimento porque não podia perder tempo com essas bobagens. Sua explosão durou algum tempo, e em sua agitação ele passou a falar em panjabi (ele vinha dessa região) e se tornou ininteligível.

Aziz gostava de ouvir louvarem a sua religião. Isso lhe acalmava a superfície da mente, permitindo que na parte mais profunda se formassem belas imagens. Quando o engenheiro concluiu a sua ruidosa invectiva, ele disse: “É exatamente isso que eu penso”. Ele ergueu a mão, com a palma voltada para cima, seus olhos começaram a brilhar, seu coração a se encher de ternura. Afastando ainda mais a colcha, recitou um poema de Ghalib. Embora sem nenhuma ligação com nada do que havia acontecido antes, o poema saiu do seu coração e falava ao dos outros. Os homens foram dominados pelo seu *pathos*; o *pathos*, concordavam eles, era a qualidade mais elevada da arte; um poema deve tocar o ouvinte fazendo-o perceber sua própria fraqueza, e deve estabelecer uma comparação entre a humanidade e as flores. O quarto sórdido ficou silencioso; as intrigas tolas, os mexericos e o descontentamento frívolo se aquietaram enquanto as palavras aceitas como imortais enchiam o ar indiferente. Não como um grito de batalha, mas como uma calma confiança invadiu-os o sentimento de que a Índia era uma unidade. Muçulmana. Sempre tinha sido; uma confiança que durou até eles olharem para fora. O que quer que Ghalib tenha sentido, de qualquer modo ele havia vivido na Índia, e assim a consolidara para eles; ele se fora com suas tulipas e rosas, mas tulipas e rosas não se vão. E os reinos irmãos do norte — Arábia, Pérsia, Ferghana, Turquestão — estenderam as mãos e cantaram, tristes, porque toda beleza é triste, e saudaram a ridícula Chandrapore, onde todas as ruas e casas se posicionavam umas contras as outras, e disseram que ela era um continente e uma unidade.

No grupo, apenas Hamidullah tinha algum conhecimento de poesia. A mente dos outros era inferior e rude. Mas eles ouviram com prazer, porque a literatura não havia se divorciado da sua civilização. O inspetor da polícia, por exemplo, não achava que Aziz se rebaixara ao recitar nem tampouco irrompeu na gargalhada folgazã com que o inglês evita ser contaminado pela beleza. Apenas ficou sentado com a mente vazia, e quando seus pensamentos, que eram principalmente ignóbeis, voltaram a ela, havia neles um frescor agradável. O poema não tinha feito “bem” a ninguém, mas foi um lembrete passageiro,

um alento dos lábios divinos da beleza, um rouxinol entre dois mundos confusos. Menos explícito que o apelo a Krishna, ele exprimia todavia a nossa solidão, o nosso isolamento, a nossa necessidade do Amigo que nunca vem mas a quem não renunciamos de todo. Aziz foi novamente deixado pensando nas mulheres, mas de um modo diferente: menos definido, mais intenso. Às vezes a poesia tinha esse efeito sobre ele, às vezes ela aumentava os seus desejos definidos, e ele nunca sabia de antemão qual seria o efeito; não podia descobrir nenhuma regra para isso ou para qualquer outra coisa na vida.

Hamidullah havia passado na casa de Aziz a caminho de uma aborrecida Comissão de Notáveis, de tendência nacionalista, onde hinduístas, muçulmanos, dois *sikhs*, dois parses, um jainista e um cristão nativo esforçavam-se por gostar uns dos outros mais do que seria natural. Contanto que alguém falasse mal dos ingleses, tudo ia bem, mas não se tinha conseguido nada de construtivo, e se os ingleses deixassem a Índia a comissão também evaporaria. Alegrava-o o fato de Aziz, de quem ele gostava e cuja família era ligada à sua, não se interessar por política, pois isso arruinaria sua personalidade e sua carreira, a despeito de não se conseguir nada sem ela. Ele pensou em Cambridge — com tristeza, como se Cambridge fosse outro poema que tivessem acabado de declamar. Como ele fora feliz lá, vinte anos antes! A política não importava na residência do sr. e sra. Bannister. Ali, jogos, trabalho e alegre associação se entreteciam, e pareciam ser uma base suficiente para uma vida nacional. Aqui tudo eram maquinações e medo. Era impossível confiar nos srs. Syed Mohammed e Haq, embora eles tivessem ido na sua carruagem, e o garoto era um escorpião. Curvando-se, ele disse: “Aziz, Aziz, meu querido, precisamos ir, já estamos atrasados. Não demore a ficar bom, pois não sei o que o nosso pequeno círculo fará sem você”.

“Não vou esquecer essas palavras afetuosas”, respondeu Aziz.

“Considere minhas as palavras dele”, disse o engenheiro.

“Obrigado, senhor Syed Mohammed, farei isso.”

“E minhas também”, “E aceite as minhas, doutor Aziz”, disseram os outros, cada um se manifestando de acordo com a sua capacidade de ser benevolente. Chamazinhas inextinguíveis e ineficazes! O grupo continuou sentado no leito mascando cana-de-açúcar, que Hassan havia corrido ao bazar para comprar, e Aziz bebeu um copo de leite com especiarias. Então se ouviu o som de outra carruagem. O dr. Panna Lal tinha chegado, levado pelo

horrível sr. Ram Chand. Imediatamente se restabeleceu o clima de um quarto de doente e o enfermo voltou a se cobrir.

“Cavalheiros, desculpem-me, vim verificar por ordem do major Callendar”, disse o hinduísta, nervoso ao ver que sua curiosidade o havia levado a um antro de fanáticos.

“Aí está ele”, disse Hamidullah indicando a figura prostrada.

“Doutor Aziz, doutor Aziz, vim verificar.”

Aziz olhou com um rosto inexpressivo para o termômetro que lhe era oferecido.

“Sua mão também, por favor.” Ele tomou-a, olhou para as moscas no teto e finalmente anunciou: “Um pouco de febre”.

“Acho que não é muita”, disse Ram Chand, querendo criar confusão.

“Um pouco; ele deve continuar na cama”, repetiu o dr. Panna e sacudiu o termômetro, o que deixou para sempre ignorada a febre. Desde o acidente com Malhado, ele detestava seu jovem colega, e com prazer teria sido desleal dizer ao major Callendar que tudo não passava de fingimento. Mas ele próprio poderia querer um dia desses ficar de cama também — além disso, embora o major Callendar sempre pensasse o pior sobre os nativos, ele nunca acreditava quando algum deles denunciava um outro. A solidariedade parecia ser o melhor caminho. “Como está passando o estômago?”, perguntou ele. “E a cabeça, como está passando?” E vendo o copo vazio, recomendou uma dieta de leite.

“Isso é um grande alívio para nós. É muita bondade sua fazer essa visita, doutor *sahib*”, disse Hamidullah adulando-o um pouquinho.

“É o meu dever.”

“Sabemos quanto o senhor é ocupado.”

“Isso é verdade.”

“E quanta doença há na cidade.”

O médico suspeitou de uma armadilha nessa observação; admitindo que havia ou que não havia doença, qualquer dessas declarações poderia ser usada contra ele. “Sempre há doenças”, respondeu ele, “e eu sempre estou ocupado — a vida do médico é assim.”

“Ele não tem um minuto. Agora é esperado no Colégio do Governo”, disse Ram Chand.

“Vai até lá ver o professor Godbole, talvez?”

O médico assumiu um ar profissional e ficou em silêncio.

“Esperamos que a diarreia dele esteja passando.”

“Ele está melhorando, mas não de diarreia.”

“Estamos um pouco ansiosos por notícias dele; ele e o doutor Aziz são grandes amigos. Nós lhe ficaremos muito gratos se o senhor puder nos dizer qual é o mal dele.”

Depois de uma pausa cautelosa, ele disse: “Hemorroidas”.

“Ou seja: o seu cólera, meu querido Rafi, virou hemorroidas”, gritou Aziz, incapaz de se conter.

“Cólera, cólera! E depois disso, o que é que vão falar?”, gritou o médico fazendo um grande espalhafato. “Quem fica espalhando essas notícias falsas sobre os meus pacientes?”

Hamidullah apontou para o réu.

“Já ouvi as pessoas falarem em cólera, em peste bubônica, uma porção de mentiras. Às vezes eu pergunto onde é que isso vai parar. Esta cidade está cheia de notícias erradas, e quem inventa essas coisas precisa ser descoberto e punido exemplarmente.”

“Rafi, ouviu isso? E então, por que você nos conta essas mentiras?”

O garoto murmurou que outro menino havia comentado com ele, e também que a gramática inglesa que o governo os obrigava a usar era ruim e freqüentemente dava um significado errado às palavras, levando os alunos a cometer erros.

“Isso não é razão para você fazer uma acusação contra um médico”, disse Ram Chand.

“Exatamente, exatamente”, concordou Hamidullah, querendo evitar uma cena desagradável. As brigas se espalham muito rápido e chegam muito longe, e os srs. Syed Mohammed e Haq pareciam zangados e prestes a explodir. “É preciso pedir desculpas, Rafi, vejo que seu tio está querendo isso”, disse ele. “Você ainda não disse que lamenta o aborrecimento causado a esse senhor pela sua displicência.”

“Ele é um garoto”, disse o apaziguado dr. Pannal Lal.

“Até os garotos precisam aprender”, protestou Ram Chand.

“Mas o seu próprio filho não se comporta nem de acordo com os mínimos padrões, na minha opinião”, disparou Syed Mohammed.

“Ah, é mesmo? Pode ser. Ele não tem a vantagem de ter um parente na Imprensa da Prosperidade.”

“Nem o senhor de continuar cuidando dos processos dela nos tribunais.”

Ergueram a voz. Eles se atacaram mutuamente com alusões ambíguas e tiveram uma altercação tola. Hamidullah e o médico tentaram apaziguá-los. No meio da gritaria alguém disse: “Ei! Ele está ou não está doente?”. O sr. Fielding tinha entrado sem que ninguém notasse. Todos se puseram de pé e Hassan, num gesto de deferência a um inglês, bateu com uma cana-de-açúcar no fio cheio de moscas.

“Sente-se”, disse Aziz friamente. Que quarto! Que reunião! Sujeira e briga, o chão juncado de pedacinhos de cana e nozes, manchado de tinta, nas paredes imundas imagens tortas, nada que fosse *punkab!* Ele jamais quis viver daquele jeito ou entre aquelas pessoas de terceira categoria. E, aflito, ele só pensava no insignificante Rafi, de quem ele e os outros, com a sua permissão, haviam zombado. O menino precisava ir embora contente, ou sua hospitalidade seria um malogro absoluto.

“O senhor Fielding é muito amável condescendendo em visitar o nosso amigo”, disse o inspetor da polícia. “Estamos tocados com a sua grande bondade.”

“Não fale com ele assim, ele não gosta. E, além disso, ele não precisa de três cadeiras; ele é *um* inglês, não três”, disparou Aziz. “Rafi, venha cá. Sente-se novamente. Gostei muito de você ter vindo com o senhor Hamidullah, meu caro garoto; ver você vai me ajudar a me recuperar.”

“Perdoe os meus erros”, disse Rafi para firmar sua posição.

“Bem, você está doente, Aziz, ou não está?”, repetiu Fielding.

“Com certeza o major Callendar lhe disse que eu estou fingindo.”

“Bem, e você está?” O grupo riu, afável e satisfeito — “Um inglês no que os ingleses têm de melhor”, pensaram eles; “tão jovial.”

“Pergunte ao senhor Panna Lal.”

“Você tem certeza de que eu não o canso com essa visita?”

“Claro que não! No meu pequeno quarto já há seis pessoas. Por favor, fique sentado, se me perdoar a informalidade.” Ele se virou e continuou a se dirigir a Rafi, mas o menino estava aterrorizado com a chegada do seu diretor, pois havia espalhado uma calúnia sobre ele, e estava ansioso para ir embora.

“Ele está doente e não está”, disse Hamidullah oferecendo um cigarro. “E eu acho que a maioria de nós também.”

Fielding concordou; ele e o advogado sensível e cordial se deram bem. Estavam bastante íntimos e começando a confiar um no outro.

“O mundo inteiro parece estar morrendo mas não morre, e assim precisamos aceitar a existência de uma Providência benéfica.”

“Ah, isso é verdade, como é verdade!”, disse o policial, achando que haviam louvado a religião.

“O senhor Fielding acha que é verdade?”

“Que o mundo está morrendo? Tenho certeza que não!”

“Não, não, eu estou falando da existência da Providência.”

“Não, eu não acredito na Providência.”

“Mas então como o senhor pode acreditar em Deus?”, perguntou Syed Mohammed.

“Eu não acredito em Deus.”

Um movimento quase imperceptível significando algo do tipo “Eu não disse?” passou pelo grupo e Aziz ergueu o olhar por um instante, escandalizado. “É verdade que na Inglaterra a maioria das pessoas atualmente é atéia?”, perguntou Hamidullah.

“As pessoas educadas e que refletem? Eu diria que sim, embora elas não gostem dessa palavra. A verdade é que hoje em dia o Ocidente não se preocupa muito com crença e descrença. Cinquenta anos atrás, ou quando você e eu éramos jovens, fazia-se muito mais estardalhaço.”

“E a moralidade não declinou junto?”

“Depende do que se entende por isso... mas, sim, sim, acho que a moralidade está declinando.”

“Desculpe a pergunta, mas, se é assim, como é que a Inglaterra justifica o domínio da Índia?”

E lá estava a política de volta. “Essa é uma questão que eu também não posso compreender”, respondeu ele. “Eu estou aqui pessoalmente porque precisava de um emprego. Não posso lhe dizer por que a Inglaterra está aqui ou se ela deveria estar aqui. Isso está além de mim.”

“Indianos com qualificação também precisam de trabalho na área educacional.”

“Imagino que sim. Eu cheguei antes”, disse Fielding sorrindo.

“Então me desculpe novamente: é justo um inglês ocupar um posto quando há indianos à disposição? É claro que não há nada de pessoal nisso que estou falando. Pessoalmente nós estamos encantados com a presença do senhor aqui e ganhamos muito com essa conversa franca.”

Para uma conversa desse tipo há apenas uma resposta: “A Inglaterra domina a Índia para o seu próprio benefício”. Mas Fielding não queria dar essa resposta, pois zelava muito pela sua honestidade. Então disse: “Além disso estou encantado por viver aqui, eis a minha resposta, a minha única justificativa. Não posso lhes dizer nada sobre justiça. Pode não ter sido justo eu ter nascido. Com isso estou tirando o ar de outro sujeito enquanto respiro, não é verdade? Mas alegro-me por ter nascido e alegro-me por estar aqui. Por pior que seja o rumo seguido por uma pessoa, se ela for feliz com isso já existe uma justificativa.”

Os indianos ficaram perplexos. Essa linha de pensamento não lhes era estranha, mas as palavras eram demasiado definidas e frias. A menos que uma frase reverenciasse de passagem a Justiça e a Moralidade, a sua gramática feria-lhes os ouvidos e deixava paralisada sua mente. Raramente o que diziam e o que pensavam eram a mesma coisa (a não ser quando se tratava de afeição). Suas convenções morais eram inúmeras, e se alguém as escarnecia achavam muito difícil seguir em frente. Hamidullah resistiu: “E os ingleses que não estão encantados por morar na Índia têm alguma desculpa?”, perguntou Hamidullah.

“Nenhuma. Expulsem-nos.”

“Pode ser difícil separá-los do resto”, riu ele.

“Mais do que difícil; errado”, disse o sr. Ram Chand. “Nenhum cavalheiro indiano acha que a expulsão é uma coisa certa. Nesse ponto nós diferimos das outras nações. Somos muito espirituais.”

“Ah, isso é verdade, como é verdade!”, disse o inspetor de polícia.

“É verdade, senhor Haq? Eu não acho que sejamos espirituais. Não podemos coordenar, não podemos coordenar, é só isso. Não podemos manter compromissos, não podemos pegar trens. O que, fora isso, é a suposta espiritualidade da Índia? O senhor e eu devíamos estar na Comissão de Notáveis e não estamos; nosso amigo doutor Lal devia estar com os seus pacientes e não está. E assim seguimos nós, e assim devemos continuar, imagino, até o fim dos tempos.”

“Não é o fim dos tempos, ainda não é nem dez e meia, ha- ha!”, gritou o dr. Panna Lal, que recuperara a confiança. “Meus senhores, quero dizer umas palavrinhas. Que conversa interessante, também gratidão ao senhor Fielding; em primeiro lugar ele ensina os nossos filhos; dá para eles todos os grandes benefícios da sua experiência e julgamento...”

“Doutor Lal!”

“Doutor Aziz?”

“O senhor está sentado em cima da minha perna.”

“O senhor me desculpe, mas alguém precisava dizer que a sua perna dá chutes.”

“Vamos embora. De qualquer modo estamos cansando o doente”, disse Fielding, e todos, quatro muçulmanos, dois hindus e o inglês, na mesma fila. Ficaram na varanda enquanto seus veículos e animais, que aguardavam na sombra, eram trazidos.

“Aziz o tem em muito alta opinião, e só não a manifestou porque está doente.”

“Entendo perfeitamente”, disse Fielding, que ficou muito desapontado com a visita. O comentário do Clube, “rebaixando-se, como sempre”, passou-lhe pela mente. Não conseguiu nem mesmo que lhe trouxessem seu cavalo. No primeiro encontro ele gostara muito de Aziz e tinha a expectativa de que a amizade se aprofundasse.

X

O CALOR ERA MUITO MAIOR do que uma hora antes e a rua estava deserta como se durante aquela conversa inconclusiva a humanidade tivesse sido varrida por alguma catástrofe. Do outro lado da casa de Aziz erguia-se uma grande residência por terminar, que pertencia a dois irmãos astrólogos, e nela um esquilo estava pendurado de cabeça para baixo com a barriga comprimida contra andaimes escaldantes, movendo espasmodicamente uma cauda sarnenta. Parecia ser o único ocupante da casa, e os guinchos que ele dava estavam em harmonia com o infinito, sem dúvida, mas só eram atraentes para outros esquilos. Outros ruídos vinham de uma árvore empoeirada onde pássaros marrons chiavam e se debatiam à procura de insetos; um invisível pássaro caldeireiro, perceptível apenas pelo canto metálico, tinha começado o seu *ponk-ponk*. Pouco importa à maioria dos seres vivos o que a minoria, que se autodenomina humana, deseja ou resolve. A maioria dos habitantes da Índia não dá atenção ao modo como o país é governado. Os animais inferiores da Inglaterra tampouco estão preocupados com a Inglaterra, mas nos trópicos a indiferença é mais visível; o mundo não falante está mais próximo e mais pronto a retomar o controle assim que os homens se cansam. Ao saírem da casa, os sete senhores que dentro dela tinham defendido opiniões tão diversas estavam conscientes de um fardo comum, uma vaga ameaça que chamavam de “a estação ruim que está chegando”. Sentiam que não poderiam realizar sua tarefa ou não ganhariam o justo por ela.

O espaço entre eles e as carruagens, em vez de vazio, estava atravancado por um meio que exercia pressão contra a sua carne, as almofadas da carruagem queimavam-lhes as calças, seus olhos formigavam, cúpulas de água quente se acumulavam sob seus chapéus e escorriam-lhes pelas faces. Saudando-se debilmente, eles se dispersaram para o interior de outras casas, onde recuperariam a auto-estima e as qualidades que os distinguiam uns dos outros.

Por toda a cidade, e em quase toda a Índia, estava começando a mesma retirada da humanidade para o interior dos porões, para o alto das colinas, para a sombra das árvores. Abril, mensageiro de horrores, estava chegando. O sol

voltava ao seu reino com força mas sem beleza — essa era a sua característica mais sinistra. Se pelo menos houvesse beleza, aquela crueldade seria tolerável. Com um excesso de luz ele deixava de triunfar, também ele; em seu transbordamento branco-amarelado não só a matéria mas a própria luminosidade se afogava. Ele não era o Amigo inatingível dos homens, dos pássaros ou de outros sóis, não era a eterna promessa, a sugestão que jamais se expulsa, assediando a nossa consciência; era apenas uma criatura, como o resto, e por isso destituída de glória.

XI

CONQUANTO OS INDIANOS tivessem se ido e Fielding avistasse seu cavalo de pé num pequeno abrigo próximo, ninguém se preocupou em ir pegá-lo. Ele começou a fazer isso mas foi detido por um grito vindo de dentro da casa. Aziz estava sentado na cama, desalinhado e melancólico. “Eis o seu lar”, disse ele sardonicamente. “Eis a decantada hospitalidade oriental. Olhe para as moscas. Olhe para o *chunam* se despregando das paredes. Não é esplêndido? Imagino que agora, depois de ter visto um interior oriental, o senhor queira ir embora.”

“De qualquer maneira você quer descansar.”

“Posso descansar o dia todo graças ao digno doutor Lal, o espião do major Callendar, acho que o senhor o conhece. Mas desta vez a vigilância não deu certo: tive permissão para ficar um pouco febril.”

“Callendar não confia em ninguém, inglês ou indiano; é a personalidade dele, e eu gostaria que o senhor não fosse seu empregado; mas você é, e não há o que fazer.”

“Antes de ir embora, pois é evidente que o senhor está apressado, por favor abra aquela gaveta. Está vendo por cima de tudo um papel marrom?”

“Estou.”

“Abra-o.”

“Quem é?”

“Era a minha mulher. O senhor é o primeiro inglês que ela jamais teve diante de si. Agora guarde a fotografia.”

Ele estava perplexo, como um viajante que subitamente vê flores entre as pedras do deserto. As flores tinham estado ali o tempo todo, e subitamente ele as vê. Tentou olhar para a foto, porém havia nela apenas uma mulher de sári olhando para o mundo. “Na verdade não sei por que você é atencioso comigo, Aziz, mas eu aprecio isso, de fato.”

“Ah, não é nada, ela não era uma mulher muito instruída, nem mesmo bonita, mas esqueça. O senhor poderia tê-la visto; assim, por que não deveria ver a fotografia dela?”

“Você teria permitido que eu a visse?”

“Por que não? Eu acredito no *pardah*, mas teria dito a ela que o senhor era meu irmão e ela o teria visto. Hamidullah a viu, e muitos outros.”

“Ela achou que eles eram seus irmãos?”

“Claro que não, mas a palavra existe e é conveniente. Todos os homens são meus irmãos, e desde que um homem se comporte como tal, ele pode ver a minha mulher.”

“E quando o mundo inteiro se comportar assim não haverá mais *pardah*?”

“É porque o senhor fala e sente isso que eu lhe mostro a fotografia”, disse Aziz com gravidade. “É uma coisa que está além da capacidade da maioria dos homens. É porque o senhor se comporta bem quando eu me comporto mal que eu lhe mostro. Eu não esperava que o senhor voltasse quando o chamei agora. Eu pensei: ‘Certamente ele não quer mais saber de mim; eu devo tê-lo insultado’. Senhor Fielding, ninguém jamais poderá saber como nós, indianos, precisamos de bondade, nem mesmo nós percebemos isso. Mas sabemos quando ela nos é dada. Não a esquecemos, mesmo quando isso apenas pareceu ter acontecido. Bondade, mais bondade, e depois, mais bondade. Eu lhe garanto que essa é a única esperança.” A voz dele parecia surgir de um sonho. Alterando-a, e ainda bem abaixo do que era o seu tom normal, Aziz disse: “Não podemos construir a Índia se não for sobre a base do que sentimos. De que adiantam todas essas reformas e Comissões de Conciliação para o Mohurram, será que devemos cortar o *taxia* ou levá-lo para outra rua, e os Conselhos de Notáveis e festas oficiais onde os ingleses zombam da nossa pele?”

“Está começando de modo errado, não é? Eu sei, mas as instituições e o governo não querem saber.” Ele olhou novamente para a foto. A senhora encarava o mundo pela vontade do marido e também pela dela própria, mas achava muito desconcertante esse mundo cheio de ecos contraditórios!

“Largue-a, ela não tem importância, está morta”, disse Aziz suavemente. “Eu a mostrei para o senhor porque não tenho mais nada para mostrar. Agora o senhor pode ver toda a minha casa, abrir tudo. Não tenho nenhum outro segredo; meus três filhos moram longe com a avó deles, e isso é tudo.”

Fielding sentou-se ao lado da cama, lisonjeado com aquela confiança que Aziz depositara nele mas um tanto triste. Sentiu-se velho. Gostaria que também ele pudesse ser levado por ondas de emoção. Da próxima vez em que eles se encontrassem, Aziz estaria cauteloso e esquivo. Ele percebeu isso e se

entristeceu por ter percebido. Bondade, bondade e mais bondade — sim, isso ele podia dar, mas isso era tudo do que aquele povo estranho precisava? De quando em quando ele não exigia também um arrebatamento? O que ele tinha feito para merecer essa explosão de confiança, e que penhor poderia dar em troca? Ele lembrou sua própria vida. Que minguada colheita de segredos ela produzira! Havia nela coisas que ele não tinha mostrado a ninguém, mas eram tão desinteressantes que não valia a pena erguer um *pardah* por causa delas. Ele tinha se apaixonado, ficara noivo para se casar, a moça rompera, as lembranças dela e os pensamentos sobre ela o haviam mantido longe de outras mulheres durante algum tempo; depois prazer, seguido de arrependimento e equilíbrio. Muito pouca coisa, na verdade, com exceção do equilíbrio, e Aziz não tinha necessidade de que isso lhe fosse confiado — ele teria se referido a esses fatos como “tudo emprateleiradinho, muito frio”.

“Na verdade não devo ficar íntimo desse sujeito”, pensou Fielding, “nem de ninguém.” Isso era o corolário. E ele tinha de confessar que de fato não se importava, que estava contente por ajudar as pessoas e gostar delas desde que elas não se opusessem a isso, e seguir em frente serenamente se elas se opusessem. A experiência faz muita coisa, e tudo o que ele havia aprendido na Inglaterra e na Europa lhe era de alguma valia e o auxiliava a ser lúcido, mas a lucidez o impedia de experimentar algo diferente.

“O que você achou das duas senhoras que conheceu quinta-feira passada?”, perguntou Fielding.

Aziz balançou a cabeça desagradavelmente. A pergunta lembrou-o de como ele fora temerário em seus comentários sobre as cavernas de Marabar.

“O que você acha das inglesas, de modo geral?”

“Hamidullah gostou delas na Inglaterra. Aqui nós nunca olhamos para elas. Ah, não, é preciso tomar muito cuidado. Vamos falar de outra coisa.”

“Hamidullah tem razão: elas são bem mais agradáveis na Inglaterra. Alguma coisa aqui não lhes faz bem.”

Depois de outro silêncio, Aziz disse: “Por que o senhor não se casou?”

Fielding gostou que ele tivesse perguntado. “Porque de certo modo eu me saí bem sem me casar”, respondeu ele. “Estava pensando em lhe falar um pouco sobre mim um dia destes se conseguir fazer com que a história seja suficientemente interessante. A moça de quem eu gostava não quis se casar

comigo, isso é o principal, mas aconteceu quinze anos atrás e agora já não significa nada.”

“Mas vocês não tiveram filhos.”

“Não.”

“Desculpe-me por fazer esta pergunta: o senhor tem algum filho ilegítimo?”

“Não. Eu lhe diria de bom grado.”

“Então o seu nome acabará completamente.”

“É o que vai acontecer.”

“Bem.” Ele balançou a cabeça. “Essa indiferença é uma coisa que o oriental jamais entenderá.”

“Eu não faço caso de filhos.”

“Fazer caso não tem nada a ver com isso”, disse ele impaciente.

“Não sinto falta deles, não os quero chorando no meu leito de morte e falando bem de mim, que é o que as pessoas em geral esperam, acredito. Antes prefiro deixar um pensamento a um filho. Os outros podem ter filhos. Não estou obrigado a isso, com a Inglaterra tão atravancada de gente e invadindo a Índia por causa de empregos.”

“Por que o senhor não se casa com a senhorita Quested?”

“Santo Deus! Nossa, a moça é afetada.”

“Afetada? Por favor, explique. Isso não é um xingamento?”

“Ah, eu não a conheço, mas ela me pareceu um dos mais patéticos produtos da educação ocidental. Ela me deprime.”

“Mas afetada, senhor Fielding? O que é isso?”

“Ela se comporta como se estivesse numa conferência, tentando sempre tão arduamente conhecer a Índia e a vida, e de vez em quando fazendo anotações.”

“Eu a achei tão simpática e sincera.”

“E provavelmente ela é”, disse Fielding, envergonhado de sua descortesia: qualquer sugestão de que ele se casasse sempre provocava exageros e uma perturbação mental naquele solteirão. “Mas eu não posso me casar com ela mesmo que queira, porque ela acabou de ficar noiva do juiz municipal.”

“É mesmo? Fico muito feliz!”, exclamou ele aliviado, pois isso o dispensava da expedição a Marabar: dificilmente se esperaria que ele fosse entreter anglo-indianos comuns.

“Foi um feito da velha mãe. A senhora Moore temia que seu querido filho escolhesse por conta própria, por isso trouxe a moça com essa intenção e os pôs juntos até acontecer o que ela queria.”

“A senhora Moore não mencionou isso para mim entre os seus planos.”

“Pode ser que eu esteja enganado. Eu não estou por dentro dos mexericos do Clube. Mas de qualquer modo eles estão noivos.”

“Sim, o senhor não tem chance, meu pobre camarada”, sorriu ele. “Nada de senhorita Quested para o senhor Fielding. Em todo caso, ela não era bonita. Praticamente não tinha seios, para falar a verdade.”

Ele também sorriu, mas sentiu um toque de mau gosto na referência aos seios da moça.

“Para o juiz municipal eles devem ser suficientes”, disse Aziz, “e ele para ela. Para o senhor eu vou providenciar uma moça com seios do tamanho de mangas.”

“Não, você não vai.”

“Não vou, de fato, e além disso a sua posição torna isso perigoso para o senhor.” Sua mente tinha passado do matrimônio para Calcutá. Seu rosto ficou grave. Imagine se ele tivesse convencido o diretor a acompanhá-lo até lá e depois o metesse em uma encrenca! E abruptamente ele assumiu outra atitude em relação ao amigo, a atitude do protetor que conhece os perigos da Índia e está advertindo. “Nunca se é cuidadoso demais, senhor Fielding; nesta porcaria de país há sempre algum sujeito invejoso à espreita para saber tudo o que o senhor faz ou fala. O senhor pode se surpreender ao saber que havia pelo menos três espiões sentados aqui quando o senhor chegou para saber notícias. Eu realmente fiquei muito perturbado quando o senhor falou daquele modo sobre Deus. Eles certamente vão contar.”

“Para quem?”

“Está certo, mas o senhor também falou contra a moralidade, e disse que vocês tinham vindo para pegar o emprego de outras pessoas. Tudo isso foi muito insensato. Este é um lugar terrível para escândalos. Ora, até mesmo um aluno do senhor estava ouvindo.”

“Obrigado por me dizer isso; é verdade, eu preciso tentar ser mais cuidadoso. Tendo a esquecer disso quando me empolgo. Mas isso não é tão perigoso assim.”

“Mas falar abertamente pode lhe trazer complicações.”

“Isso já me aconteceu no passado.”

“Escute, preste atenção nisso! O senhor pode acabar perdendo o seu emprego.”

“Se acontecer, aconteceu. Eu sobrevivo. Viajo com pouca bagagem.”

“Viajo com pouca bagagem! Vocês são um povo muito extraordinário”, disse Aziz virando-se na cama como se fosse dormir mas imediatamente voltando à posição anterior. “É o clima de vocês ou o quê?”

“Muitos indianos também viajam com pouca bagagem — os *saddhus*, por exemplo. É uma das coisas que admiro no seu país. Qualquer homem pode viajar com pouca bagagem até se casar ou ter filhos. É em parte por isso que sou contra o casamento. Sou um homem santo sem a santidade. Entregue essa informação aos seus três espões e lhes diga para fazer bom proveito dela.”

Aziz estava encantado e interessado, e examinou em sua mente a nova idéia. Então era por isso que o sr. Fielding e alguns outros eram tão corajosos! Eles não tinham nada a perder. Mas ele, Aziz, estava enraizado numa sociedade e no islã. Pertencia a uma tradição que o atava e tinha trazido filhos para o mundo, para a sociedade do futuro. Embora vivesse tão obscuramente nessa insignificante casa, ele estava situado, estava situado.

“Não podem me demitir do meu emprego porque o meu trabalho é Educação. Eu acredito no que faço, em ensinar as pessoas a serem indivíduos e compreender os outros indivíduos. É a única coisa em que acredito. No Colégio do Governo eu misturo isso com trigonometria etc. Quando o colégio for *saddhu*, vou misturar com alguma outra coisa.”

Ele concluiu seu manifesto e ambos ficaram calados. As moscas se tornaram mais agressivas do que nunca e dançavam perto das suas pupilas ou deslizavam para dentro dos seus ouvidos. Fielding dava golpes frenéticos. O exercício o esquentou e ele se levantou.

“Peça ao seu criado para me trazer o cavalo. Parece que ele não gosta do meu urdu.”

“Eu sei. Eu lhe ordenei que não fosse pegar o seu cavalo. São peças que nós pregamos nos infelizes ingleses. Pobre senhor Fielding! Mas agora vou libertá-lo. Ah, meu querido! Com exceção do senhor e de Hamidullah eu não tenho ninguém para conversar neste lugar. O senhor gosta de Hamidullah, não gosta?”

“Muito.”

“O senhor promete que virá nos procurar imediatamente quando estiver em dificuldade?”

“Nunca fico em dificuldade.”

“Lá se vai um camarada estranho. Creio que ele não sofrerá muitos desgostos”, pensou Aziz quando ficou sozinho. A sessão de admiração estava encerrada, e ele reagiu contra a atitude protetora. Era-lhe difícil continuar admirando respeitosamente alguém que jogava com todas as cartas na mesa. Fielding, ele descobriu depois de conhecê-lo melhor, era afetuoso e informal, de verdade, mas não o que se pode chamar de sensato. Aquela fala franca na presença de Ram Chand, Rafi e Cia. era perigosa e deselegante. Não servia a nenhuma finalidade útil.

Mas eles eram amigos, irmãos. Essa parte estava resolvida; o pacto deles tinha sido selado com a foto, eles confiavam um no outro, de algum modo a afeição tinha triunfado. Ele adormeceu entre as lembranças mais felizes das últimas duas horas — poesia de Ghalib, graça feminina, o bom e velho Hamidullah, o bom Fielding, sua digna mulher e os filhos queridos. Entrou numa região em que essas alegrias não tinham inimigos, florescendo harmoniosamente num jardim eterno ou deslizando por corredeiras de mármore estriado, ou se erguendo em cúpulas sob as quais estavam inscritos, preto sobre branco, os noventa e nove atributos de Deus.

CAVERNAS

XII

O GANGES, embora tendo descido dos pés de Vishnu pelos cabelos de Shiva, não é uma torrente antiga. A geologia, vendo mais longe que a religião, tem conhecimento de uma época em que não existiam nem o rio nem a cordilheira do Himalaia que o alimenta, e nessa época um oceano inundava os locais sagrados do Hindustão. As montanhas se levantaram, seus fragmentos ocuparam a depressão do oceano, neles os deuses se assentaram em tronos e arquitetaram o rio, e a Índia que chamamos de imemorial passou a existir. Mas na verdade a Índia é bem mais antiga. Nos tempos do oceano pré-histórico a parte meridional da península já estava lá, e as regiões mais altas da Índia dravídica foram terra desde que a Terra começou, e viram num dos lados o afundamento de um continente que as unia à África e no outro o aparecimento da cordilheira do Himalaia, surgida do mar. Não há no mundo nada tão antigo. Nenhuma água jamais cobriu essas terras, e o sol que as viu durante incontáveis eras ainda pode identificar em seus contornos formas que lhe pertenciam antes de o nosso globo ter se desprendido de seu seio. Se em algum lugar se pode tocar a carne da carne do sol, esse lugar é ali, entre a incrível antiguidade dessas colinas.

Contudo, até mesmo elas estão se alterando. Enquanto se erguia a Índia do Himalaia, essa Índia, a primitiva, foi abaixando e está lentamente reentrando na curva da Terra. É possível que daqui a algumas eras um oceano inundará também essa região e cobrirá de lodo as rochas nascidas no sol. Enquanto isso a planície do Ganges avança sobre elas de um modo que lembra a ação do mar. As zonas antigas estão afundando sob as terras mais novas.

A massa principal permanece intocada, mas na extremidade suas posições fronteiriças sofreram um corte abrupto e estão mergulhadas até os joelhos, até a garganta, no solo que avança. Nessas posições fronteiriças há algo indizível. Não há nada igual no mundo, e um relance delas tira-nos o fôlego. Elas se erguem de repente, de modo insano, sem comparação em relação às mais insólitas colinas, de onde quer que sejam; não têm nenhuma relação com nada

jamais sonhado ou visto. Chamá-las de fantásticas sugere fantasmas, e elas são mais velhas que qualquer espírito. O hinduísmo rabiscou e rebocou algumas rochas, mas os santuários não são freqüentados, como se os peregrinos, que geralmente buscam o extraordinário, tivessem achado que ali ele estava em excesso. Alguns *saddhus* chegaram mesmo, certa vez, a se estabelecer numa caverna, mas fizeram-nos sair de lá, e até o Buda, que deve ter passado por ali na descida para a Árvore Bo de Gaia, esquivou-se a uma renúncia mais completa do que a sua própria e não deixou nenhuma lenda de luta ou vitória em Marabar.

É muito fácil descrever as cavernas. Um túnel de dois metros e meio de comprimento, um e meio de altura e um de largura leva a uma câmara circular de cerca de seis metros de diâmetro. Essa disposição se repete muitas vezes ao longo do grupo de colinas, e é só isso; uma caverna de Marabar é isso. Tendo visto uma, tendo visto duas, tendo visto três, quatro, catorze, vinte e quatro, o visitante volta a Chandrapore sem saber se teve uma experiência interessante ou tediosa, ou até mesmo se teve uma experiência. Acha difícil discutir as cavernas ou distingui-las em sua mente, pois o padrão nunca varia e não há nenhum entalhe; uma não se distingue da outra nem mesmo por uma casa de abelhas ou um morcego. Nada pode ser ligado a elas, nada, e sua reputação — pois elas têm uma reputação — não depende da fala humana. É como se a planície ao redor delas ou os pássaros que por ali voam tivessem aceitado o encargo de exclamar “Extraordinário!” e a palavra tivesse se enraizado no ar para ser inalada pela humanidade.

São cavernas escuras. Mesmo quando se abrem para o sol, muito pouca luz penetra através do túnel de entrada para dentro da câmara circular. Pouca coisa há para ver e nem há olho para ver, até que o visitante já esteja lá a uns cinco minutos e acenda um fósforo. Imediatamente outra chama se ergue nas profundezas da rocha e sobe em direção à superfície como um espírito aprisionado; as paredes da câmara circular são maravilhosamente polidas. As duas chamas se aproximam e tentam se unir, mas não podem, porque uma delas respira ar e a outra, pedra. Um espelho incrustado de cores encantadoras divide os amantes, delicadas estrelas róseas e verdes se interpõem, requintadas nebulosas, sombreados mais débeis que a cauda de um cometa ou a lua do meio-dia, toda a vida evanescente do granito, visível apenas ali. Punhos e dedos erguidos sobre a terra que avança — ali finalmente está a sua pele, mais fina que qualquer invólucro adquirido pelos animais, mais lisa que a água sem

vento, mais voluptuosa que o amor. O esplendor aumenta, as chamas se tocam, se beijam, expiram. A caverna está novamente escura, como todas as cavernas.

Apenas as paredes da câmara circular foram polidas dessa maneira. Os lados do túnel são rugosos e se contrapõem à perfeição interna como uma solução tardia. Era necessária uma entrada, e assim a humanidade providenciou uma. Mas em outros lugares, em pontos mais profundos do granito, há outras câmaras sem entrada? Câmaras nunca abertas desde a chegada dos deuses? Na região fala-se que estas excedem em número as que podem ser visitadas, como os mortos superam os vivos — quatrocentas, quatro mil ou quatro milhões. Dentro delas não há nada; elas foram fechadas antes da criação da peste ou da riqueza; se a humanidade tivesse curiosidade e escavasse, nada, nada de bom ou de ruim lhe seria acrescentado. Afirma-se que uma delas fica dentro do penedo que oscila no cume da colina mais alta; uma caverna na forma de uma bolha que não tem teto nem chão e reflete a sua própria escuridão em todas as direções, infinitamente. Se o penedo cair e se despedaçar, a caverna também se despedaçará — vazia como um ovo de Páscoa. Por ser oco, o penedo oscila ao vento, e até se mexe quando um corvo se empoleira nele; daí o seu nome e o nome do seu estupendo pedestal: a Kawa Dol.

XIII

ESSAS COLINAS PARECEM ROMÂNTICAS sob uma determinada luz e a uma distância adequada, e ao vê-las da varanda superior do Clube num anoitecer a srta. Qusted disse durante uma conversa com a srta. Derek que gostaria de tê-las visitado, que na casa do sr. Fielding o dr. Aziz tinha falado em providenciar algo, mas os indianos parecem muito esquecidos. Ela foi ouvida casualmente pelo criado que lhes servia vermouths. Ele entendia inglês. E não chegava a ser um espião, mas mantinha os ouvidos abertos, e Mahmoud Ali não chegava a suborná-lo, mas o incentivava a ir até a casa dele e se acocorar junto com os criados, e vez por outra passeava por perto quando ele estava lá. Durante sua transmissão a história ganhou emoção, e Aziz soube horrorizado que as senhoras estavam profundamente magoadas com ele e por muito tempo esperaram por um convite. Ele achava que a sua observação descuidada tinha sido esquecida. Dotado de duas memórias, uma temporária e outra permanente, até então ele havia relegado as cavernas à primeira. Agora ele as transferira definitivamente e levou adiante o assunto. As duas damas teriam uma réplica estupenda da reunião do chá. Aziz começou garantindo as presenças de Fielding e do velho Godbole, e depois encarregou Fielding de falar com a sra. Moore e a srta. Qusted quando estivessem sós — desse modo Ronny, o protetor oficial delas, poderia ser evitado. Fielding não gostou muito do encargo; estava ocupado, as cavernas o entediavam, previu atritos e despesas, mas não se negaria a fazer o primeiro favor que seu amigo lhe pedia, e cumpriu-o devidamente. As senhoras aceitaram. Era um pouco inconveniente, com o acúmulo de compromissos que tinham, mas elas esperavam conseguir arranjar um tempo depois de consultar o sr. Heaslop. Consultado, Ronny não fez nenhuma objeção, desde que Fielding assumisse plena responsabilidade pelo conforto delas. A idéia não o entusiasmava, tampouco às senhoras — ninguém estava entusiasmado, mas mesmo assim o piquenique aconteceu.

Aziz estava terrivelmente preocupado. Não era uma expedição longa — um trem deixava Chandrapore logo antes do amanhecer, outro os traria de

volta para o *tiffin* —, mas ele ainda era apenas um funcionário em início de carreira e temia se portar de modo indigno. Precisou pedir ao major Callendar uma licença de meio dia, que foi recusada por causa da sua recente simulação de doença. Desespere. Em outra abordagem do major Callendar, mediada por Fielding, obteve-se uma permissão sobranceira e raivosa. Teve de pedir emprestados de Mahmoud Ali, sem convidá-lo, seus talheres. Depois houve a questão do álcool: o sr. Fielding bebia, e talvez as senhoras, por isso ele precisaria oferecer uísque com soda e vinho do Porto? Houve o problema do transporte do posto avançado de Marabar, à beira da estrada, até as cavernas. Houve o problema da comida do professor Godbole e das outras pessoas — dois problemas, não um problema. O professor não era rigorosamente hinduísta — tomava chá, comia frutas, bebia água mineral gasosa e comia doces, feitos por quem quer que fosse, e verduras e arroz cozidos por um brâmane; mas não comia carne, nada de bolos, temendo que eles contivessem ovos, e não deixava que ninguém comesse bife: um bife numa travessa distante arruinava a sua felicidade. Outras pessoas podiam comer carneiro ou presunto. Mas, quanto ao presunto, a religião de Aziz levantava a voz: ele não podia imaginar outras pessoas comendo presunto. Por ter desafiado o espírito da terra indiana, que tenta manter os homens em compartimentos, eles se deparou com um problema atrás do outro.

Finalmente chegou o dia combinado.

Seus amigos acharam-no muito insensato por se misturar com senhoras inglesas e o advertiram a tomar o maior cuidado para evitar ser impontual. Por isso ele passou a noite anterior na estação. Os criados se comprimiram na plataforma, temendo se perder da comitiva. Ele próprio ficou andando para cima e para baixo com o velho Mohammed Latif, que fazia as vezes de mordomo. Sentia-se inseguro e também irreal. Um carro chegou e ele esperou que dele saísse Fielding, para lhe dar firmeza. Mas nele estavam a sra. Moore, a srta. Quested e seu criado goense. Aziz correu ao encontro delas, subitamente feliz. “Afim de contas as senhoras vieram. Ah, que gentileza!”, gritou ele. “Esse é o momento mais feliz de toda a minha vida.”

As senhoras foram corteses. Não era o momento mais feliz da vida delas, mas elas esperavam se divertir assim que acabasse o aborrecimento daquele início ainda noturno. Não o tinham visto desde o dia em que a expedição foi combinada, e agradeceram-lhe adequadamente.

“As senhoras não precisam de bilhetes — por favor, digam isso para o seu criado. Não há bilhetes na linha de Marabar; é uma particularidade dela. As senhoras podem subir para o vagão e descansar até o senhor Fielding vir se reunir a nós. As senhoras sabiam que vão viajar em regime de *pardab*? Gostam da idéia?”

Elas responderam que certamente iam gostar. O trem havia chegado e uma multidão de criados estava se aglomerando como macacos nos assentos do vagão. Aziz havia pedido emprestado a seus amigos alguns empregados, além de ter levado os seus três, e isso os obrigou a discussões sobre a precedência. O criado das senhoras se mantinha à parte, com uma expressão de escárnio. Elas o haviam contratado ainda durante a viagem, em Bombaim. Num hotel ou entre pessoas finas o rapaz era excelente, mas sempre que se juntavam a alguém que reputasse de segunda classe ele as envergonhava.

A madrugada ainda estava escura, mas tinha adquirido o aspecto temporário que indica o seu fim. Empoleiradas no teto de um abrigo, as galinhas do chefe da estação começaram a sonhar com milhafres em vez de corujas. Apagaram-se as luzes, para evitar o problema de ter de apagá-las mais tarde; de cantos escuros da terceira classe vieram o odor de tabaco e o som de escarros de passageiros; descobriam-se cabeças, limpavam-se dentes com os gravetos de uma árvore. Um jovem funcionário estava tão convencido de que o sol se levantava de novo que tocou um sino com entusiasmo. Isso assustou os criados. Eles gritaram que o trem ia partir e correram para as suas extremidades a fim de impedir isso. Muita coisa ainda devia ser posta no vagão de *pardab* — uma caixa atada com tiras de metal, um melão usando um fez, uma toalha embrulhando goiabas, uma escada e um revólver. A conduta das convidadas era perfeita. Elas não tinham consciência de raça — a sra. Moore era muito velha, a srta. Queded era muito moça — e se comportavam com Aziz como com qualquer jovem que tivesse sido gentil com elas no país. Isso tocou profundamente. Ele imaginara que elas chegariam com o senhor Fielding, mas em vez disso elas confiaram em ficar sozinhas com ele por alguns momentos.

“Mandem seu criado de volta”, sugeriu ele. “Ele não é necessário. Assim seremos todos muçulmanos.”

“E ele é um péssimo criado. Antony, você pode ir embora; não queremos você”, disse a moça com impaciência.

“Patrão disse para eu ir.”

“A patroa lhe diz para voltar.”

“Patrão disse para ficar perto das senhoras toda a manhã.”

“Bom, as suas senhoras não vão ficar com você.” Ela se voltou para o anfitrião. “Livre-se dele para mim, doutor Aziz!”

“Mohammed Latif!”, gritou ele.

O parente pobre trocou a sua fez pela do melão e espiou da janela do vagão, cuja confusão estava supervisionando.

“Esse é o meu primo, senhor Mohammed Latif. Ah, não, não apertem as mãos. Ele é um indiano do tipo antiquado, prefere um salamaleque. Aí está, eu lhe disse. Mohammed Latif, como é bonito o seu cumprimento. Está vendo, ele não compreendeu; ele não sabe inglês.”

“Senhor fala mentira”, disse o velho suavemente.

“Eu falo mentira! Ah, essa é muito boa. Ele não é um velho engraçado? Mais tarde vamos nos divertir muito com ele. Ele faz todo tipo de coisinhas. Não é nem de longe o idiota que vocês estão pensando, e é terrivelmente pobre. Temos sorte de nossa família ser grande.” Ele envolveu com um braço o pescoço encardido. “Mas entrem, sintam-se em casa; sim, deitem-se.” A decantada confusão oriental pareceu finalmente chegar ao fim. “Desculpem-me, agora eu preciso ir encontrar nossos dois outros convidados!”

Ele estava novamente ficando nervoso, pois faltavam apenas dez minutos. Mas Fielding era inglês, e eles nunca perdem um trem, e Godbole era hinduísta e não contava, e, tranqüilizado por essa lógica, ele ficou mais calmo com a aproximação da hora da partida. Mohammed Latif tinha dado uma gorjeta para que Antony não fosse. Eles andavam para cima e para baixo na plataforma, conversando. Concordaram em que haviam exagerado na quantidade de criados e precisavam deixar dois ou três na estação de Marabar. E Aziz disse que nas cavernas talvez pregasse uma ou duas peças — não por maldade, mas para divertir os convidados. O velho aquiesceu com ligeiros movimentos da cabeça: estava sempre disposto a ser ridicularizado, e pediu a Aziz que não o poupasse. Animado com essa importância, começou a contar um caso indecente.

“Deixe para me contar isso numa outra hora, irmão, quando eu tiver mais tempo, porque agora, como já expliquei, precisamos agradar aos não muçulmanos. Haverá europeus e um hinduísta, que não pode ser esquecido. É preciso dar todas as atenções ao professor Godbole, do contrário ele se sentirá inferior aos meus convidados.”

“Vou discutir filosofia com ele.”

“Isso seria gentil da sua parte, mas os criados são mais importantes. Não podemos dar impressão de desorganização. É possível organizar tudo muito bem, e isso fica a cargo do senhor...”

Um guincho vindo do vagão de *pardah*. O trem tinha dado partida.

“Deus misericordioso!”, gritou Mohammed Latif. Ele se arremessou para o trem e pulou no estribo de um vagão. Aziz fez o mesmo. Foi uma proeza fácil, pois um trem de linha secundária leva tempo para começar a ganhar velocidade. “Somos macacos, não se preocupe”, gritou ele pendurado numa barra e rindo. Depois uivou: “Senhor Fielding! Senhor Fielding!”.

Lá estavam Fielding e Godbole, detidos na passagem de nível. Terrível catástrofe! Os portões tinham sido fechados mais cedo do que a hora habitual. Eles saltaram da *tonga* e gesticulavam, mas de que adiantava isso? Tão perto e ao mesmo tempo tão longe! Enquanto o trem passava aos solavancos pelas agulhas dos trilhos houve tempo para palavras angustiadas.

“Mau, péssimo, o senhor me destruiu.”

“Foi por culpa do *pujah* do Godbole”, gritou o inglês.

O brâmane baixou os olhos, envergonhado da religião. Pois tinha sido isso mesmo: ele havia calculado mal a duração de uma prece.

“Pule no trem, eu preciso de você”, gritou Aziz fora de si.

“Está bem, me ajude.”

“Nada disso, ele vai se matar”, protestou a sra. Moore. Ele pulou, errou, não conseguiu agarrar a mão do amigo e caiu de volta na via férrea. O trem passou rugindo. Ele se pôs de pé e berrou para eles: “Eu estou bem, vocês estão bem, não se preocupe”, e então eles ficaram fora do alcance da sua voz.

“Senhora Moore, senhorita Quested, a nossa expedição está arruinada.” Ele se agitava no estribo, quase chorando.

“Entre, entre; o senhor vai se matar e também ao senhor Fielding. Não é nenhuma catástrofe.”

“Como não? Ah, explique isso para mim!”, disse ele pateticamente, como uma criança.

“Seremos uma reunião de muçulmanos, como o senhor falou.”

Ela foi perfeita como sempre, a sua querida sra. Moore. Todo o amor que ele havia sentido por ela na mesquita o tomou novamente, mais ainda por ele o ter esquecido. Não havia nada que ele não fizesse para ela. Ele seria capaz de morrer para fazê-la feliz.

“Entre, doutor Aziz, o senhor nos deixa atordoadas”, gritou a outra dama. “Se eles são bobos a ponto de perder o trem, são eles que perdem, não nós.”

“A culpa é minha. Eu sou o anfitrião.”

“Bobagem, vá para o seu vagão. Vamos nos divertir maravilhosamente sem eles.”

Mesmo não sendo perfeita como a sra. Moore, ela era muito sincera e boa. Damas maravilhosas, ambas, e durante uma manhã preciosa seriam suas convidadas. Ele se sentiu importante e competente. Fielding era uma perda pessoal, sendo um amigo cada vez mais querido, mas se Fielding tivesse vindo seria ele que estaria no comando. “Os indianos são incapazes de assumir uma responsabilidade”, diziam os funcionários, e Hamidullah às vezes também dizia isso. Ele mostraria a esses pessimistas que eles estavam enganados. Sorrindo orgulhosamente, relanceou o campo, que ainda era invisível a não ser como um movimento escuro na escuridão; depois ergueu o olhar para o céu, onde as estrelas de Escorpião tinham começado a empalidecer. E então mergulhou por uma janela num vagão de segunda classe.

“A propósito, Mohammed Latif, o que é que essas cavernas têm, irmão? Por que nós todos estamos indo vê-las?”

Essa pergunta estava além do alcance do parente pobre. Ele só pôde responder que Deus e os aldeões do lugar sabiam, e que estes de bom grado atuariam como guias.

XIV

A MAIOR PARTE DA VIDA é tão enfadonha que não há nada para falar sobre ela, e os livros e conversas que se referem a ela como interessante são obrigados a exagerar, esperando justificar a sua própria existência. Dentro do seu casulo de trabalho ou da obrigação social o espírito humano cochila durante a maior parte do tempo, registrando a distinção entre prazer e dor, mas muito menos atento do que finge parecer. No mais emocionante dos dias há períodos em que nada acontece, e embora continuemos a exclamar “Estou realmente me divertindo” ou “Estou horrorizado”, não somos sinceros. “Até onde eu sinto alguma coisa, é prazer, horror”, na verdade não é mais do que isso, e um organismo perfeitamente ajustado ficaria em silêncio.

Assim, aconteceu que há quinze dias a sra. Moore e a srta. Quested não tinham sentido nada intensamente. Desde que o professor Godbole cantou a sua cançãozinha estranha elas tinham vivido tal como num casulo, e a diferença entre elas era que a mais velha aceitava a sua própria apatia ao passo que a mais moça se ressentia da dela. A jovem acreditava que o fluxo total dos acontecimentos era importante e interessante, e quando se aborrecia culpava a si mesma severamente e obrigava seus lábios a pronunciar entusiasmos. Numa personalidade que quanto mais era sincera, essa era a única insinceridade, e na verdade era o protesto intelectual da juventude. Ela se sentia particularmente contrariada agora porque estava na Índia e prestes a se casar, e esses acontecimentos deviam tornar sublimes todos os instantes.

Naquela manhã a Índia estava certamente opaca, embora vista sob os auspícios de indianos. Seu desejo tinha sido atendido, mas tarde demais. Ela não podia se entusiasmar com Aziz e suas providências. Não estava nem um pouco infeliz ou deprimida, e as várias coisas estranhas que a cercavam — o cômico vagão de “*pardab*”, as pilhas de tapetes e almofadões, os melões que rolavam de um lado para o outro, o perfume doce de óleos, a escada, a caixa com a fita metálica, a súbita irrupção do mordomo de Mahmoud Ali vindo do banheiro com uma bandeja de ovos escaldados e chá — eram coisas novas e divertidas, que a estimularam a fazer os devidos comentários, os quais, porém,

não se cravavam em sua mente. Assim, ela tentou se consolar ponderando que seu principal interesse de agora em diante seria Ronny.

“Que criado agradável e animado! Que alívio, depois do Antony!”

“Eu diria que eles nos surpreendem. Lugar estranho para fazer chá”, disse a sra. Moore, que gostaria de ter um guardanapo.

“Vou demitir o Antony. O comportamento dele na plataforma me fez tomar essa decisão.”

A sra. Moore achava que o melhor de Antony se manifestaria em Simla. A srta. Qusted ia se casar em Simla; alguns primos, com uma casa que dava diretamente para o Tibete, lhe haviam feito o convite.

“De qualquer modo vamos precisar de um segundo criado, porque em Simla a senhora vai ficar num hotel, e eu não acho que o Baldeo de Ronny...” Ela adorava planejar.

“Está bem, você arranja outro criado e eu fico com o Antony para mim. Estou acostumada com o seu jeito insosso. Ele cuidará de mim na estação quente.”

“Não acredito em estação quente. Gente como o major Callendar, que está sempre falando nela, faz isso para deixar as pessoas se sentindo inexperientes e pequenas, como com o seu constante ‘Estou há vinte anos neste país’.”

“Acredito na estação quente, mas nunca pensei que por causa dela ficaria encurralada, como vai acontecer.” Pois em virtude da tranquilidade circumspecta de Ronny e Adela eles só se casariam em maio, e assim a sra. Moore não poderia voltar para a Inglaterra imediatamente depois do casamento, como havia esperado fazer. Em maio uma barreira de fogo desceria sobre toda a Índia e o mar próximo ao país, e ela teria de ficar encarapitada no Himalaia esperando que o mundo refrescasse.

“Não vou ficar encurralada”, anunciou a moça. “Não tenho paciência com essas mulheres daqui, que deixam o marido torrando na planície. A senhora McBryde não ficou aqui embaixo nem uma vez desde que se casou; durante metade do ano ela deixa sozinho o marido, um homem muito inteligente, e depois fica surpresa por não saber o que está acontecendo com ele.”

“Ela tem filhos.”

“Ah, é verdade”, disse a srta. Qusted desconcertada.

“Os filhos são a primeira coisa a considerar. Enquanto não crescem e se casam. Quando isso acontece, temos novamente o direito de viver para nós mesmas; na planície ou nas montanhas, como quisermos.”

“Ah, sim, a senhora tem toda a razão. Eu não havia pensado nisso.”

“Se a essa altura já não estivermos muito parvos e velhos.” Ela deu a xícara vazia para o criado.

“Minha idéia agora é que meus primos de Simla encontrem um criado que me ajude no casamento. Depois do casamento, Ronny quer reorganizar totalmente a sua equipe. Como solteiro ele está muito bem servido, mas depois do casamento não resta dúvida de que muitas mudanças terão de ser feitas — seus antigos criados não irão querer receber ordens minhas, e eu não os culpo por isso.”

A sra. Moore levantou as persianas e olhou para fora. Ela havia reunido Ronny e Adela porque eles desejavam isso, mas na verdade não podia continuar aconselhando-os. Sentia cada vez mais (visão ou pesadelo?) que, embora as pessoas sejam importantes, as relações entre elas não são, e que sobretudo se fazia muito barulho em torno do casamento; apesar de séculos de abraços carnisais o homem não está mais próximo de compreender o homem.

E sentada ali no vagão ela sentia isso com tal força que parecia ser uma relação, uma pessoa, que tentava pegar a sua mão.

“Dá para ver alguma coisa das colinas?”

“Apenas nuances de escuridão.”

“Não devemos estar longe do lugar onde atropelamos a minha hiena.” Ela perscrutou o lusco-fusco interminável. O trem atravessava um *nullah*. “Pômpu, pômpu, pômpu”, era o som que as rodas faziam ao rolar muito lentamente sobre a ponte. Noventa metros adiante eles chegaram a um segundo *nullah*, depois a um terceiro, o que indicava a aproximação de um terreno mais elevado. “Talvez essa seja a minha; de qualquer maneira a estrada é paralela à linha do trem.” O acidente de carro era uma lembrança agradável; do seu modo cerebral, honesto, Adela sentia que ele havia lhe dado uma boa sacudida e lhe ensinara o real valor de Ronny. Então ela voltou aos seus planos; os quais, para Adela, tinham sido uma paixão desde a meninice. De vez em quando ela pagava um tributo ao presente, dizia como Aziz era cordial e inteligente, comia uma goiaba, não conseguia comer um doce frito, exercitava o urdu com o criado; mas seus pensamentos estavam sempre se desviando

para o futuro e para a vida anglo-indiana que ela havia resolvido suportar. E enquanto ela a avaliava, junto com os seus anexos de Turtons e Burtons, o trem acompanhava as suas frases: “pômpu, pômpu”, o trem semi-adormecido, que ia para nenhum lugar em particular e não levava em nenhum dos seus vagões nenhum passageiro que importasse, o trem de linha secundária, perdido num barranco chinfrim entre campos monótonos. Sua mensagem — pois ele tinha uma mensagem — passava longe do ágil intelecto de Adela. Muito atrás dela, com um apito que significava uma atividade mais intensa, avançava o correio, ligando cidades importantes como Calcutá e Lahore, onde se dão acontecimentos interessantes e as personalidades se desenvolvem. Ela sabia disso. Infelizmente a Índia tem poucas cidades importantes. A Índia é o país, campos, campos, depois colinas, selva, colinas e mais campos. A linha secundária acaba, os carros só podem seguir pela estrada até um certo ponto, carros de boi se atravancam em desvios, caminhos se tocam nos campos cultivados e desaparecem próximo a uma mancha de pintura vermelha. Como é possível à mente apreender um país desses? Gerações de invasores tentaram, mas continuam no exílio. As cidades importantes que eles constroem são apenas refúgios; suas desavenças são o mal-estar de homens que não encontram o caminho de casa. A Índia conhece os seus problemas. Conhece os problemas do mundo inteiro, até das suas profundezas mais recônditas. Ela chama “Vem” com as suas cem bocas, com objetos ridículos e augustos. Mas vem para o quê? Ela nunca definiu. Ela não é uma promessa, apenas um chamado.

“Vou buscar a senhora em Simla quando estiver suficientemente fresco. Vou libertá-la”, prosseguiu a moça, segura de si. “Então iremos ver algumas dessas coisas dos mongóis — seria absurdo deixarmos a senhora perder o Taj! — e depois vou me despedir da senhora em Bombaim. Sua última olhadela para este país precisa ser interessante.” Mas a sra. Moore adormecera, exausta por ter se levantado cedo demais. Ela não estava bem de saúde e não devia ter ido àquela expedição, mas reunira suas forças temendo estragar o prazer dos outros caso não fosse. Seus sonhos eram da mesma textura, mas neles estavam seus outros filhos, que precisavam de alguma coisa, Stella e Ralph, e ela explicava para eles que não podia estar com duas famílias ao mesmo tempo. Quando acordou, Adela tinha parado de planejar e estava debruçada na janela dizendo: “Elas são maravilhosas”.

Admiráveis até quando vistas da elevação da área residencial inglesa, ali as colinas de Marabar eram deuses para quem a terra é um fantasma. Kawa Dol era a mais próxima. Ela se arrojava para cima num único bloco, em cujo ápice pousava uma rocha — se é que uma tão grande massa pode ser chamada de rocha. Atrás dela, reclinadas, ficavam as colinas onde estavam as outras cavernas, isoladas umas das outras por largos canais de planície. Enquanto o trem passava se arrastando, o conjunto, dez ao todo, moveu-se um pouco como se estivesse observando a sua chegada.

“Eu não perderia isso por nada”, disse a moça exagerando seu entusiasmo. “Veja, o sol está nascendo, isso vai ser absolutamente magnífico. Venha, rápido! Veja. Eu não perderia isso por nada. Nós não veríamos isso se tivéssemos ficado grudadas nos Turton e seus eternos elefantes.”

Enquanto ela falava, do lado esquerdo o céu assumiu um furioso tom alaranjado. A cor pulsava e ia subindo por atrás de um grupo de árvores, aumentava de intensidade tornando-se ao mesmo tempo mais luminosa, incrivelmente mais luminosa, estendia-se a partir de fora contra o globo do ar. Elas esperaram o milagre. Mas no momento supremo, quando a noite devia ter morrido e o dia vivido, nada aconteceu. Era como se a virtude tivesse malogrado na fonte celestial. As cores a leste enfraqueceram, as colinas pareceram mais pálidas, conquanto na verdade mais bem iluminadas, e com a brisa matinal instalou-se um profundo desapontamento. Por que, quando o salão estava preparado, o noivo não entrou com trombetas e charamelas, como espera a humanidade? O sol se ergueu esplendoroso. Então eles o observavam subir amarelado atrás das árvores ou contra um céu insípido e tocar os corpos que já estavam em atividade nos campos.

“Ah, essa deve ser a falsa madrugada. Acho que ela acontece por causa da poeira das camadas superiores da atmosfera que não caiu durante a noite. O senhor McBryde falou sobre isso. Bom, preciso admitir que a Inglaterra leva vantagem no que diz respeito ao nascer do sol. A senhora se lembra de Grasmere?”

“Ah, minha amada Grasmere!” Seus laguinhos e montanhas eram caros a todos. Romântica e ao mesmo tempo dócil, ela surgia num planeta mais amável. Ali o que elas estavam vendo era uma planície descuidada que se estendia até os joelhos das colinas de Marabar.

“Bom dia, bom dia, ponham o *topi*”, gritou Aziz da entrada do vagão. “Ponham o *topi* imediatamente; o sol ao nascer é altamente perigoso para a

cabeça. Falo como médico.”

“Bom dia, bom dia, ponha o seu também.”

“Para a minha cabeça dura ele é inofensivo”, riu ele martelando-a e levantando chumaços de cabelo.

“Que criatura adorável ele é”, murmurou Adela.

“Escutem: Mohammed Latif também diz ‘Bom dia’.”

Muitas brincadeiras sem graça.

“Doutor Aziz, o que aconteceu com as suas colinas? O trem se esqueceu de parar.”

“Talvez seja um trem circular e volte para Chandrapore sem fazer uma parada. Quem sabe?!”

Tendo vagado dentro da planície durante uma milha, o trem reduziu a velocidade indo em direção a uma elefanta. Havia também uma plataforma, mas muito pequena. À luz da aurora uma elefanta balançando a testa pintada! “Ah, que surpresa!”, exclamaram educadamente as senhoras. Aziz não disse nada, mas quase explodiu de orgulho e alívio. A elefanta era a grande atração do piquenique, e só Deus sabia o que ele havia passado para consegui-la. Semi-oficial, a melhor maneira de chegar a ela era pelo *nawab* Bahadur, a quem se chegava por meio de Nureddin, que nunca respondia às cartas, mas sua mãe tinha grande influência sobre ele e era amiga de Hamidullah *begum*, que tinha sido extremamente gentil e prometera procurá-la se a persiana quebrada da carruagem de *pardah* chegasse logo de Calcutá. Aziz ficou muito satisfeito e com um apreço jocoso pelo Oriente, onde os amigos dos amigos são uma realidade, onde em algum momento tudo se faz e cedo ou tarde todo mundo tem sua cota de felicidade. E Mohammed Latif estava igualmente contente, porque dois dos convidados tinham perdido o trem e assim ele poderia ocupar o *howdah* em vez de seguir num carro de boi, e os criados estavam contentes porque um elefante aumentava a sua auto-estima, e despejavam aos gritos a bagagem que estrondeava e levantava poeira, davam ordens uns para os outros e tinham convulsões de boa vontade.

“Vamos levar uma hora para chegar lá e uma hora para voltar; mais duas horas vendo as cavernas, somam três”, disse Aziz com um sorriso encantador. De repente havia nele algo régio. “O trem de volta sai às onze e meia e as senhoras estarão sentadas para o *tiffin* em Chandrapore com o senhor Heaslop exatamente na hora de sempre, ou seja, à uma e quinze da tarde. Sei tudo sobre as senhoras. Quatro horas, uma expedição bem curta, e uma hora extra

para reveses, que ocorrem mais ou menos freqüentemente aqui na Índia. A minha idéia foi planejar tudo sem consultá-las; mas a senhora, senhora Moore, ou a senhorita Quested devem fazer alterações a qualquer momento se quiserem, até mesmo se isso significar desistir das cavernas. As senhoras concordam? Então montem nesse animal selvagem.”

A elefanta havia se ajoelhado, cinza e solitária, como se fosse outra colina. Elas subiram a escada e Aziz montou do jeito *shikar*, primeiro pisando na ponta do calcanhar e depois na cauda que formava uma alça. Quando Mohammed Latif o seguiu, conforme instruções prévias o criado que segurava a extremidade da cauda a soltou, e assim o parente pobre escorregou e precisou se agarrar na rede posta sobre o traseiro do animal. Foi um pequeno exemplo das palhaçadas de bobo da corte, e só as damas — a quem a brincadeira pretendia divertir — se afligiram. Elas não gostavam de brincadeiras de mau gosto. Então o animal se levantou com dois movimentos sísmicos e os suspendeu três metros acima da planície. Abaixo deles estava a escória da vida que os elefantes sempre reúnem em torno de suas patas — aldeões, criancinhas nuas. Os criados punham louça dentro de *tongas*. Hassan anexou o garanhão reservado para Aziz e do alto dele desafiou o homem de Mahmoud Ali. O brâmane que fora contratado para cozinhar para o professor Godbole estava plantado sob uma acácia, onde ia esperar pela volta deles. O trem, também à espera de voltar, afastou-se bamboleando pelos campos, virando a cabeça para a esquerda e para a direita como uma centopéia. Fora esse, o único movimento que se via lembrava o de antenas, sendo na verdade os contrapesos dos poços que em toda a planície subiam e desciam em seus eixos de barro, fornecendo um minguido fluxo de água. O cenário não deixava de ser agradável no ar brando da manhã, mas tinha pouca cor e nenhuma vitalidade.

Enquanto a elefanta seguia para as colinas (a essa altura o pálido sol já as havia saudado até a base e traçado sombras em suas dobras), uma outra característica se acrescentou: um silêncio espiritual que invadiu outros sentidos além do ouvido. A vida prosseguia como sempre, mas não tinha conseqüências, ou seja, os sons não ecoavam nem os pensamentos se manifestavam. Tudo parecia ter sido cortado pela raiz e assim contaminado por aparências enganosas. Por exemplo: havia alguns montículos à beira da estrada, baixos, estriados e com manchas de cal. O que eram esses montículos: sepulturas, seios da deusa Parvati? Os dois aldeões lá embaixo deram essas

duas respostas. Mais uma vez houve uma confusão em torno de uma cobra, que não foi esclarecida. Na extremidade mais distante do curso d'água a srta. Quested viu algo delgado e escuro, levantado na ponta, e então gritou: “Uma cobra!”. Os aldeões concordaram e Aziz exclamou: sim uma cobra preta, muito venenosa, que se ergueu para assistir à passagem da elefanta. Mas quando olhou com os binóculos de Ronny a srta. Quested viu que não era uma cobra e sim o caule seco e torcido de uma palmeira, e então disse: “Não é uma cobra”. Os aldeões a contradisseram. Ela havia posto a palavra na mente deles e eles se recusavam a abandoná-la. Aziz admitiu que observada com o binóculo parecia uma árvore, mas insistiu em que era realmente uma cobra, e improvisou uma tolice sobre mimetismo. Nada chegava a ser explicado, e no entanto nada era romântico. Véus de calor, irradiados dos precipícios da Kawa Dol, aumentavam a confusão. Vinham a intervalos irregulares e se moviam caprichosamente. Um pedaço de terra saltou como se estivesse sendo frito e depois repousou tranqüilo. Quando eles se aproximaram mais a irradiação parou.

A elefanta caminhou diretamente para a Kawa Dol como se com a testa fosse bater pedindo licença para entrar, depois mudou de direção e seguiu um caminho que rodeava a base do penedo. As pedras afundavam diretamente na terra, como rochedos no mar, e enquanto a srta. Quested, impressionada, estava fazendo um comentário sobre isso, a planície desapareceu silenciosamente, esfumou-se, por assim dizer, e dos dois lados viu-se apenas o granito, inerte e silencioso. O céu dominava como sempre, mas parecia deleterianamente próximo, aderindo como um teto aos cumes dos precipícios. Era como se o conteúdo do corredor jamais tivesse mudado. Ocupado com a sua própria prodigalidade, Aziz não observava nada. As duas convidadas observavam um pouco. Não achavam o lugar atraente, nem julgavam que valesse a pena visitá-lo; na verdade elas gostariam de estar diante de um objeto islâmico, uma mesquita, por exemplo, que seu anfitrião teria apreciado e explicado. A ignorância dele ficou patente, e era de fato um inconveniente. No lugar da sua conversa alegre, confiante, ele não tinha idéia de como tratar aquele aspecto da Índia; estava perdido sem o professor Godbole, do mesmo modo que elas.

O corredor se estreitou e depois se alargou numa espécie de tabuleiro. Mais ou menos ali ficava o objetivo deles. Um tanque arruinado guardava um pouco de água que seria suficiente para os animais, e logo acima do barro

abria-se um buraco negro: a primeira caverna. Três colinas circundavam o tabuleiro. Duas delas irradiavam calor diligentemente, mas a terceira estava na sombra, e ali eles se acomodaram.

“Que lugar horrível, desinteressante”, murmurou a sra. Moore para si mesma.

“Como os seus criados são ligeiros!”, exclamou a srta. Qusted. Pois uma toalha já havia sido estendida, com um vaso de flores artificiais no centro, e pela segunda vez o mordomo de Mahmoud Ali lhes oferecia ovos escaldados e chá.

“Pensei em comermos isso antes das nossas cavernas e depois delas tomarmos o café-da-manhã.”

“Mas isso não é o café-da-manhã?”

“Café-da-manhã? Isso? As senhoras acham que eu as trataria de modo tão estranho?” Ele tinha sido avisado de que os ingleses nunca param de comer e que era melhor alimentá-los a cada duas horas até que se servisse uma refeição consistente.

“Tudo está tão bem organizado!”

“Isso as senhoras devem me dizer quando voltarmos para Chandrapore. Por mais desgraças que eu atraia sobre mim, as senhoras continuarão sendo minhas convidadas.” Agora ele falava num tom grave. Durante algumas horas elas dependiam dele, e ele sentia-se grato por elas terem-se colocado nessa situação. Até aquele momento tudo estava bem: a elefanta levava na boca um galho de árvore recém-cortado, os varais da *tonga* se projetavam no ar, o garoto da cozinha descascava batatas, Hassan gritava e Mohammed Latif mantinha-se como devia, com um chicote na mão. A expedição era um sucesso, e era indiana; tinha-se concedido a um obscuro jovem que ele se mostrasse cortês com visitantes de outro país, algo ansiado por todos os indianos — até mesmo os cétricos como Mahmoud Ali —, mas que eles nunca têm uma chance de fazer. A hospitalidade estava sendo exercida, elas eram convidadas “dele”; sua honra estava comprometida com a felicidade delas, e qualquer desconforto que elas sofressem lhe dilaceraria a alma.

Como a maioria dos orientais, ele supervalorizava a hospitalidade, confundindo-a com a intimidade e sem perceber que ela é contaminada pelo sentimento de posse. Somente quando a sra. Moore ou Fielding estava perto dele Aziz via um pouco além e percebia que é mais abençoado receber do que dar. Essas duas damas tinham sobre ele estranhos e belos efeitos — eram suas

amigas, suas para sempre, e ele era delas para sempre; amava-as tanto que dar e receber eram o mesmo. Gostava delas ainda mais que dos Hamidullah, porque havia superado obstáculos para conhecê-las e isso estimula a mente generosa. Enquanto vivesse, a imagem delas ficaria em algum lugar da sua alma como um acréscimo permanente. Ele olhou para a sra. Moore sentada na espreguiçadeira bebendo o chá, e durante um momento teve uma alegria que continha as sementes da sua própria destruição, pois o fez pensar: “Ah, o que mais posso fazer para ela?”, e assim o levou de volta à hospitalidade. Seus olhos negros encheram-se de uma luz suave e expressiva, e ele disse: “A senhora se lembra da nossa mesquita, senhora Moore?”.

“Lembro-me, lembro-me sim”, disse ela, subitamente vivaz e jovem.

“E de como eu fui áspero e rude, e como a senhora foi boa.”

“E de como estávamos ambos felizes.”

“Acho que as amizades que começam assim duram para sempre. Será que algum dia eu vou entreter os seus outros filhos?”

“Você sabe dos outros? Ela nunca fala deles para mim”, disse a srta. Quested, involuntariamente quebrando um encanto.

“Ralph e Stella, sim. Sei tudo sobre eles. Mas não podemos nos esquecer de visitar as cavernas. Um dos sonhos da minha vida se realiza ao tê-las como convidadas. As senhoras não imaginam como me honraram. Eu me sinto como o imperador Babur.”

“Por que como ele?”, perguntou Adela se levantando.

“Porque os meus ancestrais desceram com ele do Afeganistão. Reuniram-se a ele no Herat. Babur também tinha apenas um elefante, às vezes nem um único, mas nunca deixou de se mostrar hospitaleiro. Quando lutava, caçava ou fugia, ele sempre parava durante algum tempo nas colinas, exatamente como nós; nunca se esquecia da hospitalidade e do prazer, e se havia pouca comida ele a apresentava de um modo agradável, e se havia apenas um instrumento musical, fazia com que ele tocasse uma bela canção. Eu o considero o meu ideal. Ele é o cavalheiro pobre, e se tornou um grande rei.”

“Eu achava que o seu predileto era outro imperador, esqueci o nome; você o mencionou na casa do senhor Fielding: meu livro o chama de Aurangzebe.”

“Alamgir? Ah, sim, ele foi o mais piedoso, claro. Mas Babur nunca traiu um amigo em toda a sua vida, e assim eu só posso pensar nele nesta manhã. E as senhoras sabem como ele morreu? Ele sacrificou a vida pelo filho. Uma

morte bem mais difícil do que em combate. Eles foram surpreendidos pelo calor. Deviam ter ido de volta para Cabul, e nesse caso estariam lá durante o calor, mas por razões de Estado não puderam fazer isso, e Humayun ficou doente em Agra. Babur andou três vezes em volta da cama e disse: ‘Vou tirá-la dele’, e de fato tirou; a febre deixou seu filho e passou para ele, e ele morreu. É por isso que prefiro Babur a Alamgir. Não devia fazer isso, mas faço. Mas não quero atrasá-las. Vejo que as senhoras estão prontas para começar.”

“Não, absolutamente”, disse Adela sentando-se novamente ao lado da sra. Moore. “Nós gostamos muito de conversar assim.” Pois finalmente Aziz estava falando sobre o que ele sabia e sentia, falando como havia falado no jardim da casa de Fielding; ele voltava a ser o guia oriental de quem elas tinham gostado.

“Sempre gosto de conversar sobre os mongóis. É o que me dá mais prazer. Sabe, os seis primeiros imperadores eram todos eles homens maravilhosos, e assim que se menciona um deles, não importa qual, eu esqueço tudo o mais no mundo fora os outros cinco. Não é possível encontrar seis reis como esses em todos os países da Terra, quer dizer, não um depois do outro, pai e filho.

“Conte-nos alguma coisa sobre Akbar.”

“Ah, a senhora já ouviu falar em Akbar. Certo. Hamidullah, que a senhora vai conhecer, lhe dirá que Akbar é o maior de todos. Eu digo: ‘Sim, Akbar é muito maravilhoso, mas meio hinduísta: ele não era um verdadeiro muçulmano’, o que faz Hamidullah gritar: ‘E nem Babur; ele tomava vinho’. Mas Babur sempre se arrependia depois, o que torna as coisas muito diferentes, e Akbar nunca se arrependeu da religião que inventou no lugar do Sagrado Alcorão.”

“Mas a religião de Akbar não era boa? Ela queria abarcar toda a Índia.”

“Senhorita Quested, isso é bonito mas tolo. A senhorita fica com a sua religião e eu com a minha. Assim é melhor. Nada abarca toda a Índia, nada, nada, e foi esse o erro de Akbar.”

“Ah, o senhor acha, doutor Aziz?”, disse ela em um tom pensativo. “Acho que o senhor não tem razão. Será preciso haver algo universal neste país, não digo religião, pois eu não sou religiosa, mas algo, pois do contrário como as barreiras serão rompidas?”

Ela estava apenas recomendando a irmandade universal com que ele às vezes sonhava, mas esta se tornou inverídica assim que foi posta em prosa.

“Veja o meu caso”, prosseguiu ela — era exatamente o caso dela que a havia animado. “Não sei se o senhor por acaso ouviu, mas eu vou me casar com o senhor Heaslop.”

“Minhas sinceras felicitações.”

“Senhora Moore, eu posso expor a nossa dificuldade para o doutor Aziz, estou falando da nossa dificuldade como anglo-indianas?”

“É a sua dificuldade, minha querida, não a minha.”

“Ah, é verdade. Bom, casando-me com o senhor Heaslop eu vou me tornar o que chamam de anglo-indiana.”

Ele ergueu a mão em protesto. “Impossível. Retire essa observação tão terrível.”

“Mas eu serei; isso é inevitável. Não posso fugir ao rótulo. O que espero evitar é a mentalidade anglo-indiana. Mulheres como...” Ela parou, não querendo citar nomes; quinze dias antes teria dito audaciosamente: “a senhora Turton e a senhora Callendar”. “Algumas mulheres são tão... bem, mesquinhas e presunçosas com os indianos, e eu ficaria envergonhada demais se me transformasse numa delas, mas, e essa é a minha dificuldade, não tenho nada de especial, nada de particularmente bom ou forte, que me ajude a resistir ao meu ambiente e evitar ficar igual a elas. Tenho defeitos deploráveis. É por isso que quero a ‘religião universal’ de Akbar ou algo equivalente, para me conservar decente e sensata. O senhor percebe o que eu quero dizer?”

As observações da moça agradaram a ele, mas sua mente estava totalmente fechada porque ela havia aludido ao casamento. Ele não iria se meter naquela esfera. “A senhora certamente será feliz com qualquer parente da senhora Moore”, disse ele fazendo uma reverência formal.

“Ah, a minha felicidade, isso é um problema bem diferente. Quero consultá-lo sobre essa dificuldade anglo-indiana. O senhor pode me dar algum conselho?”

“A senhora é absolutamente diferente das outras, isso eu lhe garanto. A senhora jamais será rude com o meu povo.”

“Disseram-me que depois de um ano todos nós ficamos rudes.”

“Então lhe disseram uma mentira”, disparou Aziz, porque ela havia falado a verdade e o pegara de surpresa; a afirmação era um insulto naquelas circunstâncias. Ele se recuperou imediatamente e riu, mas o erro de Adela havia perturbado a conversa, a civilidade deles, dissipada como as pétalas de uma flor do deserto, e os deixou no meio das colinas. “Venham”, disse ele

estendendo as mãos para as duas. Elas se levantaram um tanto relutantes e voltaram ao roteiro da excursão.

A primeira caverna era relativamente acessível. Eles contornaram a poça de água e depois começaram a subir, pisando em pedras nada atraentes e com o sol incidindo em suas costas. Baixando a cabeça, desapareceram um a um no interior das colinas. Por um momento o buraquinho negro se fechou parcialmente com suas formas e cores variadas. Depois eles foram aspirados como a água num bueiro. Suaves e sem vegetação erguiam-se os precipícios; suave e viscoso o céu que ligava os precipícios; compacto e branco, um milhafre brâmane se agitava entre as rochas com uma deselegância que parecia intencional. Antes do nascimento do homem, com sua ânsia pelo adequado, o planeta deve ter tido esse aspecto. O milhafre se afastou voando... Antes dos pássaros, talvez... E então o buraco emitiu um jorro e a humanidade retornou.

No que diz respeito à sra. Moore, essa primeira caverna de Marabar tinha sido horrível, pois ela quase havia desmaiado lá dentro e teve alguma dificuldade em evitar dizer isso logo que saiu novamente ao ar livre. Nada mais natural: ela sempre fora fraca e a caverna tinha ficado cheia demais, porque toda a comitiva os seguiu. Abarrotada de aldeões e criados, a câmara circular começou a cheirar mal. No escuro ela se perdeu de Aziz e Adela; não sabia quem a tocava e não conseguia respirar, e alguma coisa suja e lisa golpeou-lhe o rosto e se colou à sua boca como uma almofada. Ela tentou voltar ao túnel de entrada mas um influxo de aldeões a levou de volta. Ela estapeou a cabeça. Durante um instante enlouqueceu, golpeando-se e arfando como uma fanática. Pois não só o mau cheiro e o acotovelamento a alarmavam; havia também um terrível eco.

O professor Godbole não havia falado em eco; talvez jamais tenha se impressionado com ele. Na Índia há alguns belos ecos: o sussurro na cúpula em Bijapur, as frases longas e monocórdias que viajam pelo ar em Mandu e sem interrupção voltam para quem as pronunciou. O eco de uma caverna de Marabar não se parece com esses outros; não tem nenhuma característica que o distinga. O que quer que se diga, o mesmo ruído monótono responde e tremula em cima e embaixo nas paredes até ser absorvido no teto. “Bum” é o som, se é que o alfabeto humano pode expressá-lo, ou “bu-um” ou “u-bum” — absolutamente monótono. A esperança, a cortesia, o assoar de um nariz, uma bota rangendo, tudo provoca um “bum”. Até o acender de um fósforo agita um vermezinho, pequeno demais para completar um círculo mas

eternamente alerta. E se muitas pessoas falam ao mesmo tempo começa uma imbricação de uivos, ecos gerando ecos, e a caverna fica tomada por uma cobra formada por cobrinhas que se contorcem independentes.

Depois da sra. Moore todos os demais saíram. Ela havia dado o sinal para o retorno. Aziz e Adela surgiram sorrindo e, evitando levá-lo a pensar que o seu piquenique havia malogrado, ela também sorriu. Em cada pessoa que surgia ela procurava um vilão; mas não havia nenhum ali, e ela percebeu que tinha estado entre indivíduos pacíficos cujo único desejo era honrá-la e que a almofada lisa era um bebê pobre enganchado na cintura da mãe. Nada de mal havia acontecido na caverna, mas ela não tinha se divertido. Não; ela não tinha se divertido, e resolveu não visitar a segunda.

“A senhora viu o reflexo do fósforo dele? Não era lindo?”, perguntou Adela.

“Eu me esqueço...”

“Mas ele diz que essa não é uma caverna boa, que as melhores estão na Kawa Dol.”

“Acho que não devo ir lá. Não gosto de subidas.”

“Está bem, vamos nos sentar novamente na sombra até o almoço ficar pronto.”

“Ah, mas isso vai desapontá-lo muito; ele teve tanto trabalho. Você deve prosseguir; não se preocupe.”

“Talvez eu deva mesmo continuar”, disse a moça, indiferente ao que fazia e querendo apenas ser amável.

Os criados estavam subindo de volta para o acampamento, perseguidos pelas graves censuras de Mohammed Latif. Aziz veio ajudar as convidadas na subida pelas pedras. Ele se sentia no auge das suas faculdades, vigoroso e humilde, demasiado seguro de si mesmo para se ressentir de críticas, e ficou sinceramente satisfeito ao ouvi-las alterando os planos que fizera. “Certamente, senhorita Quested, assim nós iremos juntos e deixaremos a senhora Moore aqui, e não demoraremos muito, mas não nos apressaremos, porque sabemos que é isso que ela quer.”

“Muito bem. Sinto muito não ir também, mas as caminhadas são difíceis para mim.”

“Querida senhora Moore, o que pode ter importância desde que a senhora seja minha convidada? Estou muito feliz por a senhora *não* vir, o que

pode parecer estranho, mas isso mostra que a senhora está me tratando com toda a franqueza, como uma amiga.”

“Sim, sou sua amiga”, disse a sra. Moore pousando a mão no punho da camisa dele e pensando, apesar do cansaço, em como ele era encantador e bondoso, e desejando intensamente a sua felicidade. “Então posso dar outra sugestão? Não deixe tantas pessoas entrarem dessa vez. Creio que vocês acharão mais confortável.”

“Certo, certo”, gritou ele, e precipitando-se para o outro extremo proibiu todos, exceto um guia, de acompanharem a srta. Quested e ele na Kawa Dol. “Está tudo bem?”, perguntou ele.

“Muito bem, agora se divirtam, e quando voltarem contem-me tudo.” E ela afundou na espreguiçadeira.

Se chegassem até o bolsão de cavernas eles ficariam longe por quase uma hora. Ela pegou a caderneta de anotações e começou: “Querida Stella, querido Ralph”, e então parou e olhou para aquele vale estranho e para a débil invasão que o grupo fizera nele. Até mesmo a elefanta havia se tornado um ninguém. Seu olho subiu dela para o túnel de entrada. Não; ela não queria passar por aquilo novamente. Quanto mais pensava na experiência, mais desagradável e atemorizadora ela se tornava, e agora a incomodava ainda mais do que quando a vivera. Ela era capaz de esquecer o aperto e os odores, mas o eco havia começado, de um modo indescritível,

a minar o seu apego à vida. Ocorrendo num momento em que por acaso ela estava cansada, ele murmurava: “Pateticismo, piedade, coragem... eles existem, mas são idênticos, assim como a imoralidade. Tudo existe, nada tem valor”. Se naquele lugar alguém tivesse dito torpezas ou citado poesia elevada, o comentário teria sido o mesmo — “u-bum”. Se alguém tivesse falado a língua dos anjos

e invocado toda a infelicidade e incompreensão do mundo, passada, presente e futura, toda a miséria que os homens precisam suportar, qualquer que seja a sua opinião ou situação e por mais que eles se esquivem ou finjam, daria no mesmo: a serpente desceria e voltaria para o teto. Os demônios vêm do norte e sobre eles é possível escrever poemas, mas ninguém seria capaz de romantizar uma caverna de Marabar porque nela não há vastidão, a única qualidade graças à qual a infinitude e a eternidade se harmonizam com a humanidade.

Ela tentou continuar a carta, lembrando-se de que era apenas uma velha que se levantara cedo demais e viajara até muito longe, cujo desespero que se insinuava nela era simplesmente o seu desespero, a sua fraqueza pessoal, e mesmo se ela tivesse uma insolação e enlouquecesse, o resto do mundo prosseguiria. Mas de súbito a Religião, o pobre cristianismo prolixo, surgiu-lhe num canto da mente e ela soube que todas as palavras divinas, desde “Faça-se a luz” até “Tudo está consumado”, reduziam-se a “bum”. Então ela ficou aterrorizada, de um modo como jamais estivera; o universo, que seu intelecto nunca penetrara, não lhe oferecia nenhum repouso para a alma. O estado de espírito dos últimos dois meses assumiu finalmente uma forma definida e ela se deu conta de que não queria escrever para os filhos, não queria se comunicar com ninguém, nem mesmo com Deus. Sentou-se imóvel e horrorizada, e quando o velho Mohammed Latif se aproximou, achou que ele notaria a diferença. Durante algum tempo, para ter algum alívio, ela pensou: “Vou ficar doente”, depois se rendeu à sua visão. Perdeu todo o interesse, até mesmo em Aziz, e as palavras afetuosas e sinceras que tinha dito a ele não mais pareciam dela e sim do ar.

XV

A SRTA. QUESTED, Aziz e um guia continuaram a expedição um tanto tediosa. Não conversaram muito, pois o sol estava subindo. O ar parecia uma banheira de água quente na qual não se pára de despejar mais água quente; a temperatura subia sem cessar, os penedos diziam “Estamos vivos” e as pedrinhas respondiam “Estamos quase vivas”. Entre as fendas repousavam as cinzas das plantinhas. Eles haviam pretendido subir até a pedra oscilante do cume, mas, como ficava longe demais, contentaram-se com o grande grupo de cavernas. *En route* para estas, encontraram muitas cavernas isoladas, que o guia os convenceu a visitar. Mas na verdade não havia nada para ver; acendeu-se um fósforo, eles admiraram o reflexo dele no brilho, experimentaram o eco e então saíram novamente. Aziz tinha “toda a certeza de que logo iríamos ver interessantes entalhes antigos”, no entanto o que ele queria dizer era que gostaria que houvesse alguns entalhes. Seus pensamentos mais profundos eram sobre o café-da-manhã. Quando ele deixava o acampamento, haviam surgido sintomas de desorganização. Ele recapitulou o cardápio: um café-da-manhã inglês, mingau e costeleta de carneiro, alguns pratos indianos para propiciar conversa e depois *pan*. Ele nunca havia gostado da srta. Qusted tanto quanto da sra. Moore, e assim tinha pouca coisa a dizer a ela, e muito menos agora que ela ia se casar com um funcionário inglês.

E Adela também tinha pouca coisa para lhe dizer. Se a cabeça dele estava no café-da-manhã, a dela estava sobretudo no casamento. Simla na semana seguinte, livrar-se de Antony, uma visita ao Tibete, cansativos sinos de casamento, Agra em outubro, cuidar da sra. Moore quando ela fosse embarcar em Bombaim — a sucessão de acontecimentos passou diante dela novamente, turvada pelo calor, e então ela se voltou para a questão mais séria: a sua vida em Chandrapore. Havia nela dificuldades reais — as limitações de Ronny e as suas —, mas enfrentá-las era um prazer para ela, e caso conseguisse controlar o mau humor (sempre o seu ponto fraco) e não se zangar com a Índia britânica, tampouco sucumbir a ela, sua vida conjugal certamente seria feliz e proveitosa. Ela não devia ser demasiado teórica; lidaria com cada problema

quando ele surgisse e confiaria no bom senso de Ronny e no dela própria. Felizmente ambos tinham bom senso e boa vontade em profusão.

Mas enquanto lutava para escalar uma pedra que parecia um pires invertido, ela pensou: “E quanto ao amor?”. A pedra era marcada por uma fileira dupla de pegadas, que de certo modo sugeriram a pergunta. Onde ela havia visto pegadas antes? Ah, sim, eram o desenho imprimido na terra pelas rodas do carro do *nawab* Bahadur. Ela e Ronny — não, eles não se amavam.

“Estou indo depressa demais?”, perguntou Aziz, pois ela parara com uma expressão de incerteza. A descoberta havia ocorrido tão de repente que ela se sentia como uma alpinista cuja corda se rompera. Não amar o homem com quem se vai casar! Não ter descoberto isso até agora! Nem sequer se ter feito essa pergunta até agora! Sempre alguma outra coisa para pensar. Mais aborrecida do que consternada, ela permaneceu imóvel, os olhos na rocha cintilante. Havia estima e, na penumbra, contato animal, mas a emoção que liga essas duas coisas inexistia. Seria o caso de romper o noivado? Ela se inclinava a pensar que não — isso causaria muitos problemas para os outros; além do mais, ela não estava convencida de que o amor é necessário para uma união bem-sucedida. Se o amor fosse tudo, poucos casamentos sobreviveriam à lua-de-mel. “Não, eu estou bem, obrigada”, disse ela, e com as emoções sob controle retomou a subida, embora se sentisse um pouco desconcertada. Aziz segurou sua mão, enquanto o guia se colava à superfície tal qual um lagarto e corria nervoso e caoticamente, como se tivesse um centro de gravidade próprio.

“O senhor é casado, doutor Aziz?”, perguntou ela parando novamente e franzindo as sobrancelhas.

“Sim, sou sim. Vá até em casa para conhecer a minha mulher.” Ele achou que era de bom gosto ter a mulher viva por um momento.

“Obrigada”, disse ela distraída.

“Agora, agora, ela não está em Chandrapore.”

“E vocês têm filhos?”

“Sim, temos três”, respondeu ele numa entonação mais firme.

“Eles são um grande prazer para vocês?”

“Ah, sim, claro. Eu os adoro”, disse ele rindo.

“Imagino que sim.” Que orientalzinho bem-apegoado era ele, e sem dúvida sua mulher e os filhos também eram bonitos, pois em geral as pessoas recebem o que já têm. Essa admiração não significava uma atração especial,

pois não havia em seu sangue nem um pouco de inconstância, mas Adela imaginou que ele devia ser atraente para as mulheres de sua raça e posição social, e lamentou o fato de nem ela nem Ronny terem encanto físico. Beleza, cabelo grosso, uma pele bonita, isso faz uma diferença numa relação. Provavelmente esse homem tinha várias mulheres — os muçulmanos sempre insistem nas suas quatro mulheres, de acordo com a sra. Turton. E, sem ter mais ninguém com quem falar naquela rocha eterna, ela deu asas ao tema casamento e disse com seu jeito sincero, honesto, curioso: “O senhor tem uma mulher ou mais de uma?”.

O jovem ficou muito chocado com a pergunta. Ela havia desafiado uma crença nova da sua comunidade, e as crenças novas são mais sensíveis que as antigas. Se a srta. Quested tivesse dito “O senhor adora um deus ou vários?” ele não teria feito objeção. Mas perguntar a um indiano muçulmano instruído quantas mulheres ele tem era estarrecedor, revoltante. Ele disfarçou a custo sua confusão. “Uma, uma no meu caso”, disse atabalhoadamente e soltou a mão dela. No alto da trilha havia muitas cavernas e, pensando “Malditos ingleses, até mesmo no que eles têm de melhor”, ele se enfurnou numa delas para recuperar o equilíbrio. Ela o seguiu despreocupada, sem consciência alguma de ter dito algo inconveniente, e não o vendo entrou também numa caverna, metade da mente pensando “roteiros turísticos me aborrecem” e a outra metade divagando sobre o casamento.

XVI

ELE ESPEROU EM SUA CAVERNA durante um minuto e acendeu um cigarro para poder dizer a ela ao reencontrá-la: “Corri para dentro porque queria sair da corrente de ar” ou algo do tipo. Quando voltou, deparou-se com o guia, sozinho, a cabeça virada para um lado. Ele disse que havia ouvido um barulho, e então Aziz também ouviu: o barulho de um carro a motor. Eles estavam na saliência externa da Kawa Dol, e escalando uns dezoito metros olharam para a planície. Um carro vinha em direção às colinas na estrada de Chandrapore. Mas eles não puderam vê-lo bem, porque o baluarte escarpado se curvava no alto, e assim não se via facilmente a base, e o carro desapareceu quando se aproximou mais. Sem dúvida ele pararia quase exatamente abaixo deles, no lugar onde a estrada *pukka* se afunilava num caminho e a elefanta havia virado para entrar obliquamente nas colinas.

Aziz voltou correndo para contar a estranha notícia à sua convidada.

O guia explicou que ela havia entrado numa caverna.

“Qual caverna?”

Ele indicou o grupo inteiro com um gesto vago.

“Você devia tê-la vigiado, era o seu dever”, disse Aziz com severidade. “Aqui há pelo menos vinte cavernas. Como é que eu vou saber em qual delas está a minha convidada? Qual é a caverna onde eu estava?”

O mesmo gesto vago. E Aziz, olhando novamente, nem podia estar certo de que havia voltado para o mesmo grupo. Em todas as direções havia cavernas — aquele parecia o seu local de desova —, e as aberturas eram sempre do mesmo tamanho. Ele pensou: “Deus misericordioso, a senhorita Qusted está perdida”, depois se recompôs e começou a procurá-la calmamente.

“Grite”, ordenou ele.

Depois que eles fizeram isso durante algum tempo o guia explicou que numa caverna de Marabar não se pode ouvir outro som além do dela própria. Aziz enxugou o rosto e o suor começou a escorrer por dentro de suas roupas. O local confundia muito: era em parte um terraço e em parte um ziguezague, e

cheio de trilhas que levavam para um lado e para outro como rastro de cobra. Ele tentou entrar em todas elas, mas não sabia nunca onde havia começado. Havia cavernas atrás de cavernas, outras confabulavam em pares, e algumas estavam na entrada de um barranco.

“Venha cá!”, gritou Aziz brandamente, e para punir o guia esbofeteou-o quando ele se aproximou. O homem fugiu e ele ficou só. “Isso é o fim da minha carreira; minha convidada desapareceu”, pensou ele. E então descobriu a explicação simples e suficiente do mistério.

A srta. Qusted não tinha desaparecido. Ela havia se reunido às pessoas que estavam no carro — amigos dela, sem dúvida, talvez o sr. Heaslop. De repente Aziz a viu lá embaixo, no barranco —, foi apenas um relance, mas lá estava ela, não havia dúvida, emoldurada por rochas e conversando com outra senhora. Ele ficou tão aliviado que não achou estranha a sua conduta. Acostumado a súbitas mudanças de planos, supôs que ela tivesse corrido até lá impulsivamente, esperando dar uma voltinha de carro. Ele começou a retornar sozinho ao acampamento e quase imediatamente viu algo que um momento antes o teria deixado muito inquieto: o binóculo da srta. Qusted. Estava no limite de uma caverna, num túnel de entrada. Tentou pendurá-lo no ombro, mas a tira de couro havia se rompido, e assim ele o pôs no bolso. Depois de ter dado alguns passos ocorreu-lhe que ela podia ter deixado cair mais alguma coisa, e assim ele voltou para olhar. No entanto a dificuldade anterior apresentou-se novamente: era impossível identificar a caverna. Ele ouviu o carro dando partida lá embaixo, na planície, mas não conseguiu vê-lo uma segunda vez. Assim, arrastou-se pela lateral da colina que dava para o vale a fim de ir ao encontro da sra. Moore, e nisso foi mais bem-sucedido: a cor e a confusão do seu pequeno acampamento logo apareceram, e bem no centro ele viu

o *topi* de um inglês, e debaixo dele — ah, que alegria! — sorria não o sr. Heaslop, mas sim Fielding.

“Fielding! Ah, eu quis tanto que você estivesse aqui!”, gritou ele, dispensando pela primeira vez o “senhor”.

E seu amigo correu para encontrá-lo, só satisfação e alegria, sem nenhuma solenidade, gritando explicações e desculpas sobre o trem. Fielding havia vindo no carro recém-chegado — o carro da srta. Derek — e aquela outra moça era a srta. Derek. Tagarelice, tagarelice, todos os criados deixando de cozinhar para prestar atenção. Formidável, a srta. Derek! Ela havia

encontrado Fielding casualmente na agência do correio e dito: “Por que você não foi para Marabar?”, ouvira-o responder que tinha perdido o trem e se oferecera para levá-lo até lá imediatamente. Outra simpática moça inglesa. Onde estava ela? Tinha ficado no carro com o motorista enquanto Fielding procurava o acampamento. O carro não subia — não, é claro que não —, centenas de pessoas precisam descer para escoltar a srta. Derek e indicar-lhe o caminho. A própria elefanta...

“Aziz, posso beber alguma coisa?”

“Claro que não.” Ele correu para trazer uma bebida.

“Senhor Fielding!”, gritou a sra. Moore, debaixo da sombra; eles ainda não tinham se falado, porque a chegada dele coincidira com o reaparecimento de Aziz.

“Bom dia novamente!”, gritou ele, aliviado por encontrar tudo bem.

“Senhor Fielding, o senhor viu a senhorita Quested?”

“Eu acabei de chegar. Onde ela está?”

“Não sei.”

“Aziz! Onde você deixou a senhorita Quested?”

Aziz, que estava voltando com uma bebida na mão, precisou pensar por um momento. Seu coração estava pleno de uma nova felicidade. O piquenique, depois de um ou dois sustos desagradáveis, evoluíra para algo que estava além dos sonhos, pois Fielding não só tinha ido como também levava uma acompanhante não convidada. “Ah, ela está bem”, disse ele; “desceu para encontrar a senhorita Derek. Então, saúde! Tintim!”

“Saúde, mas sem tintim”, disse rindo Fielding, que detestava aquela expressão. “À Índia!”

O motorista da srta. Derek deteve o cortejo que estava indo escoltar sua patroa e informou ao grupo que ela havia voltado para Chandrapore com a outra moça; ela o havia mandado dizer isso.

A própria srta. Derek estava dirigindo.

“Ah, sim, isso é muito provável”, disse Aziz. “Eu sabia que elas iriam dar um giro.”

“Chandrapore? O homem se enganou”, exclamou Fielding.

“Ah, não, por quê?” Aziz ficou desapontado mas não levou a sério o comentário; não havia dúvida de que as duas moças eram grandes amigas. Ele preferiria dar café-da-manhã para os quatro; contudo os convidados precisam

fazer o que querem, do contrário tornam-se prisioneiros. Ele se afastou animado para inspecionar o mingau e o gelo.

“O que aconteceu?”, perguntou Fielding sentindo imediatamente que algo estranho havia ocorrido. Durante todo o percurso a srta. Derek tagarelara sobre o piquenique, dizendo que aquilo era um prazer inesperado e afirmando que preferia os indianos que não a convidavam para suas diversões aos que o faziam. A sra. Moore estava sentada balançando o pé e tinha um ar amuado e apatetado. “A senhorita Derek é extremamente inquieta e difícil de satisfazer, sempre apressada, sempre querendo uma novidade; fará qualquer coisa no mundo, menos voltar para a senhora indiana que a remunera”, disse ela.

Fielding, que não tinha nada contra a srta. Derek, replicou: “Ela não estava apressada quando eu a deixei. Não cogitava voltar para Chandrapore. Tenho a impressão de que quem teve pressa foi a senhorita Qusted”.

“Adela? Ela nunca teve pressa em toda a sua vida”, contestou a velha senhora incisivamente.

“Digo que no fim ficará provado que foi idéia da senhorita Qusted, na verdade sei disso”, insistiu o diretor da escola. Ele estava aborrecido — principalmente consigo mesmo. Começara perdendo o trem — um pecado de que não fora culpado —, e agora que efetivamente chegara, tinha sido para perturbar pela segunda vez as providências de Aziz. Queria alguém para dividir a culpa, e com um ar muito professoral franziu o cenho para a sra. Moore. “Aziz é um sujeito encantador”, anunciou ele.

“Sei disso”, respondeu ela bocejando.

“Teve um trabalho infinito para que o nosso piquenique fosse um sucesso.”

Fielding e a sra. Moore conheciam-se muito pouco e se sentiam bastante constrangidos por serem aproximados por um indiano. O problema racial pode assumir formas sutis. No caso deles provocara uma espécie de ciúme, uma desconfiança mútua. Ele tentava induzir o entusiasmo dela; ela quase não falava. Aziz foi buscá-los para o café-da-manhã.

“O comportamento da senhorita Qusted é muito natural”, observou ele depois de ter revolido o caso o suficiente para se livrar de sua falta de cortesia. “Estávamos numa conversa interessante com o nosso guia quando vimos o carro; então ela resolveu descer e encontrar a sua amiga.” Aziz, que sempre era inexato, já estava convencido de que tinha acontecido exatamente aquilo. Ele era inexato por ser sensível. Não gostava de se lembrar do

comentário da srta. Quested sobre poligamia porque aquilo tinha sido indigno de uma convidada, e assim o tirou da cabeça, e com ele a consciência de que havia entrado correndo numa caverna para se afastar dela. Era inexato porque desejava honrá-la, e uma vez que os fatos se entrelaçavam era preciso dispô-los em torno dela, assim como se acomoda o solo depois de se arrancar uma erva. Quando o desjejum terminou, ele já havia contado muitas mentiras. “Ela correu ao encontro da sua amiga e eu ao do meu”, prosseguiu ele sorrindo. “E agora estou com os meus amigos e eles estão comigo e com os outros, e isso é felicidade.”

Amando-os a ambos, Aziz esperou que os dois se amassem. Mas eles não estavam dispostos a isso. Fielding pensou com hostilidade: “Eu sabia que essas mulheres criariam problemas”. E a sra. Moore pensou: “Esse homem, tendo perdido o trem, tenta nos culpar”, mas seus pensamentos eram débeis; desde aquela fraqueza na caverna ela havia se afundado na apatia e no ceticismo. A maravilhosa Índia das semanas iniciais, com suas noites frescas e as agradáveis sugestões de infinitude, tinha desaparecido.

Fielding subiu correndo para ver uma caverna. Não se impressionou. Depois eles montaram na elefanta e o piquenique começou a fazer o caminho de volta pelo corredor e escapou sob o precipício em direção à estação ferroviária, perseguido por rajadas de ar quente. Chegaram ao lugar onde Fielding havia descido do carro. Um pensamento desagradável ocorreu-lhe e ele disse: “Aziz, exatamente onde e como você deixou a senhorita Quested?”

“Ali.” Ele indicou animado a Kawa Dol.

“Mas como...” Naquele lugar via-se entre as rochas um barranco, que na verdade mais se parecia uma valeta salpicada de cactos. “Imagino que o guia a tenha ajudado.”

“Ah, sim, ele é muito prestativo.”

“Existe um caminho para descer do alto?”

“Milhões de caminhos, meu caro amigo.”

Fielding não via nada além da valeta. Em todos os outros lugares o granito brilhante mergulhava na terra.

“Mas você as viu chegar salvas lá embaixo?”

“Vi, vi, ela e a senhorita Derek, e as duas foram embora no carro.”

“Depois o guia voltou para onde vocês estavam?”

“Exatamente. Você tem um cigarro?”

“Espero que ela não esteja doente”, prosseguiu o inglês. A valeta, transformada num *nullah*, continuava pela planície. A água que por ela escoava chegaria até o Ganges.

“Se estivesse doente ela teria me procurado para assisti-la.”

“É verdade, isso faz sentido.”

“Vejo que você está preocupado. Vamos conversar sobre outras coisas”, disse ele gentilmente. “Nós havíamos combinado que a senhorita Qusted faria o que quisesse. Vejo que você está preocupado por minha causa, mas eu de fato não me importo, nunca chego nem a notar essas bobagens.”

“Eu me preocupo por sua causa, sim; acho que elas foram indelicadas!”, disse Fielding baixando a voz. “Ela não tinha o direito de sair correndo da sua festa, nem a senhorita Derek tinha o direito de ajudá-la a fazer isso.”

Aziz, normalmente muito melindroso, não se perturbou. As asas que o erguiam não fraquejaram, porque ele era um imperador mongol que tinha cumprido o seu dever. Empoleirado na elefanta, observava as colinas de Marabar se afastarem, e viu novamente, como províncias do seu reino, a sinistra planície desordenada, os movimentos frenéticos e ineficazes dos baldes, os santuários brancos, as sepulturas rasas, o céu suave, a cobra que parecia uma árvore. Ele havia dado aos seus convidados um entretenimento tão agradável quanto lhe fora possível, e não era da sua conta se eles chegaram tarde ou partiram cedo. A sra. Moore dormia, balançando-se contra as varas do *howdah*, Mohammed Latif a cingia com eficiência e respeito, e a seu lado sentava-se o próprio Fielding, em quem ele começava a pensar como “Cyril”.

“Aziz, você já sabe quanto esse piquenique vai lhe custar?”

“Psiu!, meu querido amigo, não mencione isso. Centenas e centenas de rupias. A soma total será assombrosa; os criados dos meus amigos me roubaram a torto e a direito, e quanto à elefanta, parece que ela come ouro. Sei que você não vai comentar isto: o M. L., por favor use as iniciais, ele está sempre atento, é de longe o pior de todos.”

“Eu lhe disse que ele não presta.”

“Ele presta muito para si mesmo; sua desonestidade vai me arruinar.”

“Aziz, que coisa monstruosa!”

“Na verdade eu estou encantado com ele, pois ele deu conforto aos meus hóspedes; além disso é meu dever empregá-lo, porque ele é meu primo. Se o dinheiro se vai, o dinheiro vem. Se o dinheiro fica, vem a morte. Você já ouviu

esse sábio provérbio urdu? Provavelmente não, porque eu acabei de inventá-lo.”

“Meus provérbios são: um tostão poupado é um tostão ganho; um ponto dado no lugar certo economiza nove; antes de pular, olhe bem. O Império britânico repousa neles. Vocês nunca nos expulsarão, você sabe disso, enquanto empregarem o M. L. e gente como ele.”

“Ah, expulsar vocês? Por que eu iria me preocupar com essa coisa torpe? Vamos deixar isso para os políticos. Na minha época de estudante eu de fato ficava nervoso com os seus malditos conterrâneos; mas, se eles me deixarem continuar na minha profissão e não forem rudes demais comigo oficialmente, eu não peço nada mais.”

“Mas você pede; você os leva para um piquenique.”

“Esse piquenique não tem nada a ver com ingleses nem com indianos; é uma excursão de amigos.”

E assim o cortejo terminou, em parte agradavelmente, em parte não; o cozinheiro brâmane foi apanhado, o trem chegou, empurrando pela planície sua garganta em chamas, e o século XX tomou o lugar do XVI. A sra. Moore entrou no vagão, os três homens foram para o deles, fecharam as persianas, ligaram o ventilador elétrico e tentaram dormir um pouco. No lusco-fusco, todos eles pareciam cadáveres, e o próprio trem parecia morto, embora se movesse — um caixão do Norte científico que perturbava o cenário quatro vezes por dia. O desagradável microcosmo das colinas de Marabar desapareceu quando o trem o deixou, dando lugar às colinas de Marabar vistas a distância, finitas e muito românticas. O trem parou uma vez sob uma bomba de água para encharcar a provisão de carvão que havia no seu tênder. Depois avistou ao longe a linha principal, criou coragem e avançou aos solavancos, contornou a área residencial inglesa, transpôs a passagem de nível (os trilhos agora estavam abrasadores) e parou com um estrépito. Chandrapore! Chandrapore! A expedição tinha terminado.

E terminada a excursão, enquanto eles ainda estavam sentados na escuridão preparando-se para voltar à vida comum, a prolongada excepcionalidade da manhã rompeu-se de repente. O sr. Haq, inspetor da polícia, abriu subitamente a porta do vagão e disse em tons estridentes: “Doutor Aziz, é meu dever muito penoso prendê-lo”.

“Ora, houve algum engano”, disse Fielding assumindo imediatamente o comando da situação.

“Senhor, são as instruções que eu recebi. Eu não sei de nada.”

“O senhor o está prendendo sob que acusação?”

“Recebi instruções de não dizer.”

“Não me responda assim. Apresente o mandado.”

“Senhor, desculpe, nessas circunstâncias não se exige mandado. Consulte o senhor McBryde.”

“Muito bem, faremos isso. Venha, Aziz, meu velho; não precisa se preocupar, houve algum equívoco.

“Doutor Aziz, o senhor, por favor, venha comigo. Um veículo fechado está à espera.”

O jovem gemeu — seu primeiro som — e tentou fugir pela porta do outro lado, que dava para a via férrea.

“Isso vai me obrigar a usar a força”, gemeu o sr. Haq.

“Ah, pelo amor de Deus”, gritou Fielding com os nervos também em frangalhos, por contágio. Antes que começasse um escândalo ele puxou Aziz de volta e sacudiu-o como se ele fosse uma criança. Mais um segundo e ele estaria fora, com apitos soando, um homem caçado. “Meu amigo, nós vamos juntos até o McBryde e saberemos o que aconteceu — ele é um sujeito decente, foi um equívoco... ele vai lhe pedir desculpas. Nunca, nunca aja como um criminoso.”

“Meus filhos e o meu nome!”, exclamou ele, as asas quebradas.

“Nada disso. Ponha o chapéu e me dê o braço. Vou ajudá-lo.”

“Ah, graças a Deus ele vem”, disse o inspetor.

Eles saíram de braço dado no calor do meio-dia. A estação estava fervilhando. Passageiros e porteiros precipitavam-se de todos os recônditos, muitos funcionários do governo, mais policiais. Ronny acompanhou a sra. Moore. Mohammed Latif começou a gemer. E antes que eles pudessem abrir caminho no caos, Fielding foi dissuadido pelo tom autoritário do sr. Turton e Aziz foi sozinho para a prisão.

XVII

DO INTERIOR DA SALA DE ESPERA o coletor havia observado a prisão, e escancaradas as portas de zinco vazadas ele agora se mostrava como um deus em seu santuário. Quando Fielding entrou, as portas se fecharam com estrépito e foram guardadas por um criado, enquanto um *punkah*, para assinalar a importância do momento, agitava saias sujas sobre a cabeça deles. Inicialmente o coletor não falou. Seu rosto estava branco, iluminado e até bonito — a expressão que todos os rostos ingleses usariam em Chandrapore nos dias seguintes. Sempre corajoso e altruísta, o sr. Turton estava agora derretido por algum sentimento generoso e ardente; teria se matado, obviamente, se achasse que essa era a atitude certa. Por fim ele falou. “Aconteceu o pior de toda a minha carreira”, disse ele. “A senhorita Qusted foi insultada numa das cavernas de Marabar.”

“Ah, não, ah, não, não!”, exclamou o outro, sentindo-se nauseado.

“Ela conseguiu escapar... graças a Deus.”

“Ah, não, mas não Aziz; não Aziz.”

Ele balançou a cabeça.

“Absolutamente impossível, absurdo.”

“Eu o chamei para protegê-lo do ódio que lhe seria dirigido se o vissem acompanhando-o ao posto policial”, disse Turton sem prestar atenção ao protesto dele, na verdade quase não o ouvindo.

Ele repetiu “Ah, não”, como um idiota. Era incapaz de articular outras palavras. Sentia que uma enorme onda de loucura tinha se levantado e tentava dominar a todos; de algum modo era preciso empurrá-la de volta ao seu poço, mas ele não sabia como fazer isso, pois não conhecia a loucura; sempre avançara com sensatez e tranqüilidade até que se apresentou uma dificuldade. “Quem fez essa acusação infame?”, perguntou ele se recompondo.

“A senhorita Derek e... a própria vítima.” Ele quase fraquejou, incapaz de repetir o nome da moça.

“A própria senhorita Qusted acusa-o taxativamente de...”

Ele assentiu com a cabeça e desviou o rosto.

“Então ela está louca.”

“Não posso aprovar essa sua última observação”, disse o coletor, que tremeu de fúria ao despertar para a diferença que havia entre os dois. “O senhor vai retirar isso imediatamente. Desde que chegou a Chandrapore o senhor se permitiu fazer esse tipo de observação.”

“Sinto muitíssimo, senhor; é claro que eu a retiro incondicionalmente.” Pois ele próprio estava também semi-enlouquecido.

“Por favor, senhor Fielding, o que o levou a falar comigo nesse tom?”

“A notícia me chocou muito, por isso preciso lhe pedir que me perdoe. Não posso acreditar que o doutor Aziz seja culpado.”

Ele esmurrou a mesa. “Isso... o senhor está repetindo o seu insulto, de uma forma agravada.”

“Se posso arriscar dizer isso, não”, defendeu-se Fielding, também empalidecendo mas sem abandonar sua tese. “Não estou contestando a boa-fé das duas moças, mas a acusação que elas apresentam contra Aziz se baseia em algum engano, e em cinco minutos tudo se esclarecerá. A delicadeza desse homem é absolutamente genuína; além disso eu sei que ele é incapaz de um ato infame.”

“A acusação de fato se baseia num engano”, disse a vizinha aguda do outro. “De fato. Tenho vinte e cinco anos de experiência neste país”, ele fez uma pausa, e “vinte e cinco anos” pareceu encher a sala de espera com seu ranço e mesquinhez, “e durante esses vinte e cinco anos eu nunca soube de uma tentativa de intimidade social entre ingleses e indianos que tivesse resultado em algo diferente de um desastre. Comunicação, sim. Cortesia, de todos os modos. Intimidade, nunca, nunca. Todo o peso da minha autoridade é contra ela. Estou na administração de Chandrapore há seis anos, e se tudo correu serenamente, se houve respeito e consideração mútuos, é porque ambos os grupos se apegaram a essa regra simples. Os recém-chegados deixaram de lado as nossas tradições e num instante acontece o que se está vendo, desfaz-se o trabalho de anos e o bom nome do meu distrito fica arruinado durante uma geração. Eu... eu... não vejo o fim do trabalho que comecei hoje, senhor Fielding. O senhor, que está imbuído de idéias modernas, sem dúvida o senhor vê. Eu gostaria de não ter vivido para ver o início dele, é o que sei. Para mim isso é o fim. Uma jovem, a noiva do meu mais estimado subordinado... ela... uma inglesa recém-chegada da Inglaterra... viver para...”

Entregue às suas próprias emoções, o coletor desabou. O que ele havia dito era digno e patético, mas tinha algo a ver com Aziz? Absolutamente nada, se Fielding estava certo. É impossível considerar de dois pontos de vista uma tragédia, e ao passo que Turton havia resolvido desagrar a moça, Fielding esperava salvar o homem. Queria ir embora e falar com McBryde, que sempre fora amável com ele, em geral era sensato e podia-se confiar em que se manteria sereno.

“Vim aqui sobretudo por sua causa, enquanto o pobre Heaslop levava a mãe dele para casa. Considerei que isso seria a coisa mais amigável a fazer. Quero lhe dizer que haverá uma reunião informal no Clube esta noite para discutir a situação, mas não creio que o senhor vá se preocupar em ir. Suas visitas lá são muito raras.”

“Certamente irei, senhor, e sou-lhe muito grato por todo o transtorno que lhe causei. Posso arriscar perguntar onde está a senhorita Qusted?”

Ele respondeu com um gesto: ela estava doente.

“Cada vez pior. É consternador”, disse Fielding comovido.

Mas o coletor encarou-o com firmeza, porque mantinha a calma. Não havia enlouquecido com a frase “uma inglesa recém-chegada da Inglaterra”; não tinha sido arregimentado pelo estandarte da raça. Continuava em busca de fatos, conquanto o rebanho tivesse se decidido com base na emoção. Nada enfurece mais a Índia britânica do que o farol da razão, se exibido mesmo que por um momento depois de se ter decretado a sua extinção. Por toda Chandrapore naquele dia os europeus estavam deixando de lado a personalidade que tinham normalmente e se identificando com a sua comunidade. Estavam cheios de compaixão, indignação e heroísmo, mas sua capacidade de juntar dois mais dois se aniquilara.

Encerrada a conversa, o coletor caminhou pela plataforma. A confusão ali era chocante. Um *chuprassy* de Ronny havia sido incumbido de levar alguns pertences deixados no vagão pelas duas damas e estava se apropriando, para uso próprio, de outros pertences a que não tinha direito; era uma vivandeira do irado inglês. Mohammed Latif não fez nenhuma tentativa de impedi-lo. Hassan arrancou o turbante e se pôs a chorar. Todos os confortos que tinham sido oferecidos com tanta prodigalidade foram revirados e deixados ao sol, a perder. Num relance o coletor percebeu a situação e, embora estivesse enlouquecido de raiva, seu senso de justiça se manifestou. Deu a ordem necessária e o roubo cessou. Depois foi de carro para casa e soltou novamente

as rédeas da sua paixão. Ao ver os cules dormindo nas valas ou os donos de lojas se levantando para saudá-lo em suas pequenas plataformas, ele disse para si mesmo: “Finalmente eu sei como vocês são; vocês vão pagar por isso, vão chiar”.

XVIII

O SR. MCBRYDE, superintendente da polícia do distrito, era em Chandrapore o funcionário mais ponderado e de melhor nível cultural. Tinha lido e pensado muito, e graças a um casamento um tanto infeliz desenvolvera toda uma filosofia de vida. Havia nele muito de cético mas nada de valentão; ele nunca perdia a calma ou se tornava ríspido, e recebeu Aziz com cortesia; foi quase tranqüilizador. “Preciso prendê-lo até você conseguir a fiança”, disse ele, “mas sem dúvida os seus amigos irão se oferecer para isso, e certamente terão permissão para visitá-lo, como garantem os regulamentos. Recebi algumas informações e preciso agir de acordo com elas; não sou o seu juiz.” Aziz foi levado chorando. O sr. McBryde ficou chocado com a sua derrocada, mas nenhum indiano jamais o surpreendia, porque ele tinha uma teoria sobre zonas climáticas. Era a seguinte: “Todos os infelizes nativos são no fundo criminosos, pela simples razão de viverem ao sul do paralelo 30. Eles não são culpados, não têm a menor chance, nós seríamos como eles se morássemos aqui”. Nascido em Karachi, ele parecia contrariar sua teoria, e às vezes admitia isso com um sorriso triste e tranqüilo.

“Mais um que foi descoberto”, pensou ele enquanto se punha a trabalhar na minuta da sua declaração ao juiz.

A chegada de Fielding interrompeu-o.

Ele lhe comunicou sem reservas tudo o que sabia. A srta. Derek havia chegado uma hora antes dirigindo ela própria o carro do estado de Mudkul; a situação tanto dela quanto da srta. Qusted era terrível. As duas tinham ido diretamente para a casa dele, encontrando-o ali por acaso, e ele havia incontinenti registrado a acusação e providenciado a prisão na estação ferroviária.

“Qual foi a acusação, precisamente?”

“Que ele a seguiu dentro da caverna e tomou liberdades insultuosas. Ela o golpeou com o binóculo; ele o segurou e a correia arrebentou, e foi assim que ela fugiu. Quando o revistamos há pouco, o binóculo estava no seu bolso.”

“Ah, não, ah, não; isso será esclarecido em cinco minutos”, gritou ele novamente.

“Dê uma olhada.”

A correia tinha arrebitado recentemente, o ocular estava emperrado. A lógica da evidência dizia: “Culpado”.

“Ela falou mais alguma coisa?”

“Parece que um eco a assustou. Você entrou nessas cavernas?”

“Vi uma delas. Havia um eco. Ele a deixou muito nervosa?”

“Não quis importuná-la demais com perguntas. Ela já terá de enfrentar muitas no banco de testemunhas. Não quero nem pensar no que serão essas próximas semanas. Gostaria que as colinas de Marabar e tudo o que elas contêm estivessem no fundo do mar. Entardecer após entardecer elas eram vistas do Clube, e eram apenas um nome inócuo... Sim, já começou.” Pois haviam lhe trazido um cartão de visitas: o *vakil* Mahmoud Ali, advogado do prisioneiro, pedia permissão para vê-lo. McBryde suspirou, concedeu a permissão e prosseguiu: “Ouvi mais uma coisa dita pela senhorita Derek, ela é uma velha amiga nossa e fala francamente; segundo o relato dela, você saiu para procurar o acampamento e quase imediatamente ela ouviu o barulho de pedras caindo da Kawa Dol e viu a senhorita Quested que descia correndo um precipício. Então ela subiu até lá por uma espécie de vala e a encontrou praticamente liquidada, com o *topi* fora da cabeça...”

“Ela não estava com um guia?”, interrompeu Fielding.

“Não. O lugar onde ela estava tinha cactos. A senhorita Derek salvou a vida dela chegando exatamente naquele momento — ela estava começando a cambalear — e ajudando-a a descer até o carro. A senhorita Quested não suportou ver o motorista indiano e gritou ‘Mantenha esse homem longe daqui’ — e com isso a nossa amiga teve uma pista do que havia acontecido. Elas vieram diretamente para a nossa casa e estão lá agora. Até onde eu sei, a história é essa. Ela mandou o motorista ficar com vocês. Acho que o comportamento dela foi muito sensato.”

“Imagino que eu não possa ver a senhorita Quested”, disse ele de repente.

“Acho que dificilmente isso adiantaria alguma coisa. É impossível.”

“Eu temia ouvir essa resposta. Queria muito vê-la.”

“Ela não está em condição de ver ninguém. Além disso, você não a conhece bem.”

“Quase nada... Mas acho que ela está terrivelmente enganada e que aquele infeliz rapaz é inocente.”

O policial se sobressaltou e uma sombra passou-lhe pelo rosto, pois ele não podia tolerar que suas determinações fossem contestadas. “Não tinha idéia de que você pensava assim”, disse ele, e em busca de apoio olhou para o depoimento assinado que tinha diante de si.

“O binóculo me preocupou por um minuto, mas depois eu pensei: é impossível que tendo tentado agredi-la ele pusesse o binóculo dela no bolso.”

“Perfeitamente possível, acho eu; quando um indiano se torna perverso, ele não só se torna perverso como também estranho.”

“Não entendi.”

“Nem poderia. Quando pensa em crime você pensa em crime inglês. A psicologia aqui é diferente. Acho que você vai me dizer que ele estava perfeitamente normal quando desceu a colina para saudá-lo. Não tinha razão para não estar. Leia qualquer registro do Motim, que em vez do *Bhagavad Gita* devia ser a bíblia deste país, embora eu desconfie que haja uma grande ligação entre os dois. Estou sendo detestável? Mas veja, Fielding, como já lhe disse uma vez, você é diretor de escola, por isso lida com as pessoas na melhor fase da vida delas. É isso que distorce a sua visão. Eles são muito encantadores quando crianças. Mas eu os conheço como eles são realmente, depois que viram homens. Olhe para isto, por exemplo.” Ele pegou a carteira de Aziz. “Vou examinar o seu conteúdo. Não é edificante. Eis uma carta de um amigo que aparentemente tem um bordel.”

“Não quero ouvir a leitura das suas cartas particulares.”

“Ela terá de ser citada no tribunal, como pertinente à sua moral. Ele estava acertando um encontro com mulheres de Calcutá.”

“Ah, basta, basta.”

McBryde parou, ingenuamente atônito. Para ele era óbvio que dois *sahibs* precisavam compartilhar tudo o que sabiam sobre qualquer indiano, e ele não via sentido naquela objeção.

“Você pode ter o direito de atirar pedras num jovem por fazer isso, mas eu não tenho. Fiz a mesma coisa na idade dele.”

O superintendente da polícia também, mas ele achou que a conversa havia tomado um rumo indesejável. E não gostou tampouco do que Fielding disse a seguir.

“Não posso mesmo ver a senhorita Quested? Você tem certeza quanto a isso?”

“Você não chegou a me dizer o que tem em mente com essa visita. Por que quer vê-la?”

“Pela possibilidade remota de que ela retire o que disse antes que você envie esse comunicado, que ele seja encaminhado para julgamento e que o caso pegue fogo. Não argumente sobre isso, meu velho. Simplesmente seja generoso e simplesmente ligue para a sua mulher ou para a senhorita Derek e pergunte. Isso não lhe custará nada.”

“Não adianta ligar para elas”, respondeu ele estendendo a mão para o telefone. “Uma questão desse tipo tem de ser resolvida pelo Callendar, evidentemente. Você não percebeu a gravidade do estado dela.”

“É claro que ele vai recusar. É para isso que ele existe”, disse o outro, desesperado.

A resposta esperada chegou: o major não foi favorável a que se perturbasse a paciente.

“Eu só queria perguntar a ela se ela tem certeza, certeza absoluta, de que foi o Aziz que a seguiu dentro da caverna.”

“Isso a minha mulher pode perguntar.”

“Mas *eu* queria lhe fazer essa pergunta. Quero que ela lhe seja feita por alguém que acredita no Aziz.”

“Que diferença faz isso?”

“Ela está entre as pessoas que não acreditam nos indianos.”

“Bem, ela contou a sua própria história, não contou?”

“Eu sei, mas ela a contou para vocês.”

McBryde levantou as sobrancelhas murmurando: “Um pouco sutil demais. De qualquer modo o Callendar não foi favorável a que você a veja. Sinto lhe dizer que ele acabou de me dar uma notícia ruim: ela não está totalmente fora de perigo”.

Eles ficaram em silêncio. Outro cartão entrou na sala — o de Hamidullah. O exército contrário estava sendo recrutado.

“Agora preciso concluir esse relatório, Fielding.”

“Gostaria que você não fizesse isso.”

“Como é que eu posso não fazer?”

“Sinto que as coisas estão muito insatisfatórias, além de extremamente sinistras. Estamos rumando para um confronto terrível. Suponho que eu possa

ver o seu prisioneiro.”

Ele hesitou. “Parece que o pessoal dele está lá com ele.”

“Quando eles forem embora, então.”

“Eu não o deixaria esperando! Deus do céu, você tem precedência sobre qualquer visitante indiano, obviamente! O que eu queria dizer é que não há necessidade disso. Por que se misturar com o breu?”

“Eu afirmo que ele é inocente...”

“Inocente ou culpado, para que se misturar? O que é que você lucra com isso?”

“Ah, lucro, lucro”, gritou ele, sentindo todas as portas se fecharem. “Precisamos respirar de vez em quando; eu, pelo menos, preciso. Não posso vê-la, e agora não posso vê-lo. Prometi a ele que o acompanharia até aqui, mas o Turton me distraiu antes que eu desse dois passos.”

“Um comportamento tipicamente branco do nosso coletor”, murmurou ele, sentimental. E tentando não parecer condescendente, estendeu a mão sobre a mesa e disse: “Acho que precisamos ficar todos juntos, meu velho. Sou mais novo que você em idade mas muito mais velho em serviço; você não conhece este país venenoso tão bem quanto eu e precisa acreditar quando lhe digo que a situação geral será desagradável em Chandrapore durante as próximas semanas, muito desagradável, de fato.”

“Foi o que eu lhe disse.”

“Mas numa ocasião como essas não há espaço para... hum... opiniões pessoais. Aquele que não se conforma à norma está perdido.”

“Entendo o que você quer dizer.”

“Não, você não entende totalmente. Ele não só se perde; ele enfraquece os seus amigos. Se não nos conformamos à norma, abrimos uma brecha nela. Esses chacais”, ele apontou para os cartões do advogado, “estão atentos à espera de uma brecha.”

“Posso visitar o Aziz?”, foi a resposta dele.

“Não.” Agora que sabia qual fora a atitude de Turton, o policial não tinha dúvida. “Você pode vê-lo se tiver uma ordem do juiz, mas sob a minha responsabilidade eu não acho certo. Poderia levar a mais complicações.”

Ele fez uma pausa, refletindo que se fosse dez anos mais novo ou se estivesse na Índia há mais dez anos teria atendido ao apelo de McBryde. Rebelando-se, ele disse então: “A quem eu devo me dirigir pedindo autorização?”.

“Ao juiz municipal.”

“Parece sob medida!”

“É, não se deve aborrecer o pobre Heaslop a menos que seja imprescindível.”

Mais “evidências” surgiram nesse momento: a gaveta da mesa da casa de Aziz, trazida triunfalmente nos braços de um cabo.

“Fotos de mulheres. Ah!”

“É a esposa dele”, disse Fielding contrafeito.

“Como é que você sabe?”

“Ele me disse.”

McBryde deu um sorriso incrédulo e começou a revistar cuidadosamente a gaveta. Sua expressão tornou-se curiosa e com um quê de bestial. “Esposa, não me diga; eu conheço essas esposas!”, pensou ele. Sussurrando, ele ordenou: “Bom, agora você tem de sair correndo, meu velho, e que o Senhor nos ajude, que o Senhor ajude a todos nós...”.

Como se a prece dele tivesse sido ouvida, o sino de um templo deu uma súbita badalada estrondosa.

XIX

HAMIDULLAH FOI A ETAPA SEGUINTE. Ele estava esperando do lado de fora da sala do superintendente e respeitosamente levantou-se de um salto ao ver Fielding. Ao veemente “É tudo um equívoco” do inglês, ele respondeu: “Ah, já apareceu alguma evidência?”.

“Vai aparecer”, disse Fielding apertando a sua mão.

“Ah, sim, senhor Fielding; mas quando um indiano é preso nós não sabemos o que vai acontecer.” Seu comportamento era deferente. “É muita bondade sua cumprimentar-me assim em público. Gosto disso. Mas, senhor Fielding, nada convence um juiz a não ser a evidência. O senhor McBryde fez alguma observação quando levaram o meu cartão? O senhor acha que o meu pedido o aborreceu, que isso irá indispor-lo contra o meu amigo? Se for assim, ficarei feliz em retirá-lo.”

“Ele não está aborrecido, e se estivesse o que importa?”

“Ah, para o senhor é muito fácil falar assim, mas nós precisamos viver neste país.”

O advogado mais importante de Chandrapore, de modos nobres e diplomado em Cambridge, estava desconcertado. Também ele gostava de Aziz e sabia que seu amigo era vítima de uma calúnia; mas a fé não governava o seu coração, e ele tagarelava sobre “conduta política” e “evidência” de um modo que entristeceu o inglês. Fielding, também ele, tinha as suas ansiedades — não gostava dos binóculos nem da discordância quanto ao guia —, mas relegava-as a um canto da sua mente e as proibia de contaminar-lhe o núcleo. *Aziz era* inocente, e tudo o que se fizesse devia basear-se nisso, e as pessoas que o diziam culpado estavam erradas, e era inútil tentar fazê-las mudar de opinião. No momento em que estava associando seu destino ao dos indianos ele percebeu a profundidade do abismo que o separava deles. Eles sempre fazem algo desapontador. Aziz havia tentado fugir da polícia, Mohammed Latif não tinha reprimido o roubo. E agora Hamidullah! — em vez de se enfurecer e denunciar, contempORIZAVA. Os indianos são covardes? Não, mas costumam a se pôr em movimento e vez por outra dão marcha a ré. O medo está por toda

parte; é nele que repousa a soberania inglesa; o respeito e a cortesia de que o próprio Fielding desfrutava eram atos de propiciação inconscientes. Ele disse a Hamidullah que se animasse, que tudo terminaria bem; e Hamidullah de fato se animou e se tornou agressivo e realista. O comentário de McBryde “Se não nos conformamos à norma, abrimos uma brecha nela” estava sendo ilustrado.

“Antes de mais nada, a questão da fiança...”

O pedido tinha de ser feito naquela tarde. Fielding queria pagar a fiança. Hamidullah achava melhor procurar o *nawab* Bahadur.

“Mas por que forçar a entrada dele nisso?”

Forçar a participação de todo mundo era exatamente o objetivo de Hamidullah. Por isso ele achava que o advogado responsável pelo caso devia ser hinduísta; isso chamaria mais atenção para a defesa. Ele mencionou um ou dois nomes — homens de lugares distantes que não se deixariam intimidar pelas condições locais — e disse que preferia Amritrao, um advogado de Calcutá com alta reputação profissional e pessoal mas que era notoriamente antibritânico.

Fielding objetou; aquilo lhe parecia uma guinada para o outro extremo. Aziz precisa ser limpo, mas com um mínimo de ódio racial. Amritrao era abominado no Clube. Sua contratação seria considerada um desafio político.

“Ah, não; precisamos bater com toda a força. Quando há pouco vi os papéis particulares do meu amigo sendo carregados nos braços de um policial sujo, eu disse para mim mesmo: ‘Amritrao é o homem certo para esclarecer tudo isso’.”

Houve uma pausa lúgubre. O sino do templo continuava regougando. O dia interminável e desastroso mal passava da metade. Continuando seu trabalho, as engrenagens do Império fizeram vir do escritório do superintendente um mensageiro a cavalo trazendo para o juiz uma notificação de prisão. “Não complique, deixe as cartas jogarem sozinhas”, rogou Fielding vendo o homem desaparecer na poeira. “Nós fatalmente venceremos; não podemos fazer mais nada. Ela nunca será capaz de provar a acusação.”

Isso confortou Hamidullah, que observou com total sinceridade: “Numa crise os ingleses são realmente inigualáveis”.

“Então até logo, caro Hamidullah (agora precisamos esquecer o “senhor”). Quando estiver com Aziz transmita-lhe a minha amizade e diga-lhe que fique calmo, calmo, calmo. Agora vou voltar para a escola. Se precisar de mim, ligue; do contrário, não o faça, pois eu estarei muito ocupado.”

“Até logo, caro Fielding, e você está realmente do nosso lado contra o seu povo?”

“Sim. Definitivamente.”

Fielding lamentou ter tomado partido. Percorrer a Índia sem se fazer notar e sem receber nenhum rótulo era o que ele queria. Agora passaria a ser chamado de “antibritânico”, “sedicioso” — expressões que o aborreciam e diminuiriam a sua utilidade. Ele previu que além de o fato ser uma tragédia haveria confusão; já via vários nós, que pareciam maiores cada vez que seu olho se voltava para eles. Nascido na liberdade, Fielding não temia a confusão, mas era capaz de identificar a sua existência.

Essa parte do dia terminou com uma conversa vaga e estranha com o professor Godbole. O interminável caso da víbora de Russell estava novamente em questão. Algumas semanas antes um dos professores da escola, um parse impopular, tinha encontrado uma víbora de Russell avançando furtivamente perto da sua sala de aula. Talvez ela tivesse chegado até ali por conta própria, mas talvez não, e a equipe continuava a interrogar o diretor sobre isso e a tomar o tempo dele com suas teorias. O réptil é tão venenoso que ele não queria negar-se a ouvi-los, e eles sabiam disso. Assim, quando sua cabeça arrebentava com outros problemas e ele estava pensando se deveria escrever uma carta de súplica à srta. Quested, obrigavam-no a ouvir um discurso que não tinha fundamento nem fim e pairava no ar. Ao final dele Godbole disse: “Agora posso me retirar?”, a pergunta sempre indicava que ele ainda não tinha chegado ao mais importante. “Agora me despeço; preciso lhe dizer como folgo em saber que afinal de contas o senhor conseguiu chegar a Marabar. Eu temia que a minha impontualidade o impedisse, mas o senhor foi (um método muito mais agradável) no carro da senhorita Derek. Espero que a expedição tenha sido um sucesso.”

“Vejo que a notícia não chegou até você.”

“Ah, sim.”

“Houve uma terrível catástrofe envolvendo o Aziz.”

“Ah, sim. Isso está sendo comentado em toda a escola.”

“Acho difícil uma expedição em que ocorre um fato desse tipo poder ser qualificada de ‘um sucesso’”, observou Fielding com um olhar espantado.

“Não sei. Eu não estava presente.”

Ele voltou a olhar para ele — um ato absolutamente inútil, pois nenhum olho pode ver o que está no fundo da mente do brâmane, e contudo ele tinha

uma mente e também um coração, e todos os seus amigos confiavam nele, sem saber por quê. “Estou arrasado”, disse ele.

“Percebi isso assim que entrei na sua sala. Não devo detê-lo, mas tenho uma pequena dificuldade pessoal para a qual quero a sua ajuda; vou deixar de trabalhar aqui dentro em breve, como o senhor sabe.”

“Sim, infelizmente.”

“Estou voltando para a minha terra natal, na Índia Central, para me encarregar da educação ali. Quero abrir uma escola de nível médio baseada nas boas diretrizes de educação inglesas, que deve se parecer ao máximo com o seu Colégio do Governo.”

“É?”, Fielding suspirou, tentando interessar-se.

“Até agora Mau só tem educação na língua nativa. Acho que é meu dever mudar isso. Vou aconselhar sua alteza a sancionar pelo menos uma escola de nível médio na capital e se possível uma em cada *pargana*.”

Fielding enterrou a cabeça nos braços; às vezes os indianos são realmente insuportáveis.

“A questão... a questão para a qual quero a sua ajuda é esta: que nome eu devo dar à escola?”

“Um nome? Um nome para uma escola?”, perguntou ele sentindo-se nauseado, do mesmo modo que se sentira na sala de espera.

“Sim, um nome, um título adequado pelo qual ela possa ser chamada, pelo qual ela seja conhecida por todos.”

“Na verdade... na verdade eu não tenho na cabeça nomes para escolas. Não posso pensar em outra coisa senão no pobre Aziz. Você sabe que ele está na prisão agora?”

“Ah, sim. Ah, não, eu não espero que a minha pergunta seja respondida agora. Gostaria que quando tiver uma hora vaga o senhor pensasse no assunto, e sugiro dois ou três títulos alternativos para escolas. Pensei em pôr ‘Escola Secundária do Senhor Fielding’, mas, se não for esse, então ‘Rei-Imperador Jorge v’.”

“Godbole!”

O velho juntou as mãos e assumiu um ar matreiro e encantador.

“O Aziz é inocente ou culpado?”

“Isso quem deve decidir é o tribunal. O veredicto estará totalmente de acordo com as provas apresentadas, não tenho dúvida quanto a isso.”

“Sim, sim, mas qual é a sua opinião pessoal? Nós dois gostamos desse homem e as pessoas em geral o estimam; ele vive aqui tranquilamente, dedicado ao seu trabalho. Ele faria ou não faria uma coisa dessas?”

“Ah, essa pergunta é bem diferente da anterior e também mais difícil; quer dizer, difícil na nossa filosofia. O doutor Aziz é um jovem muito valoroso e eu tenho muita consideração por ele; mas acho que o senhor está me perguntando se o indivíduo pode cometer boas ações ou más ações, e isso é muito difícil para nós.” Ele falava sem emoção e com sílabas breves e rápidas.

“Escute: ele fez ou não fez? Assim a pergunta fica clara? Sei que ele não fez, e começo por aí. Quero chegar rapidamente à explicação certa. Minha última hipótese é que foi o guia que estava com eles. Maldade da senhorita Quested... não poderia ser, embora Hamidullah ache que tenha sido isso. Ela certamente teve alguma experiência aterradora. Mas você me diz que não, porque bem e mal são a mesma coisa.”

“Não, não exatamente, por favor, segundo a nossa filosofia. Porque nada pode ser feito de forma isolada. Todos fazem uma boa ação, quando se faz uma boa ação, e quando se faz uma ação má, todos a fazem. Para ilustrar o que eu quero dizer, vou usar como exemplo o caso em questão. Fui informado de que uma ação má foi feita nas colinas de Marabar e por causa dela uma dama inglesa altamente estimada está agora gravemente doente. Minha resposta a isso é que essa ação foi cometida pelo doutor Aziz.” Ele parou e sugou as bochechas magras. “Ela foi cometida pelo guia.” Ele parou novamente. “Foi cometida pelo senhor.” Agora seu ar era atrevido e acanhado. “Foi cometida por mim.” Ele olhou timidamente para baixo, para o punho do casaco. “E pelos meus alunos. Foi cometida até pela própria dama. Quando ocorre um mal, ele manifesta todo o universo. Com o bem acontece o mesmo.”

“E o mesmo acontece quando ocorre sofrimento, e assim por diante, e tudo e qualquer coisa e nada”, murmurou Fielding em sua irritação, pois precisava de chão firme.

“Perdão, o senhor está novamente mudando a base da nossa discussão. Estamos discutindo o bem e o mal. Sofrimento é uma questão apenas do indivíduo. Se uma jovem tem insolação, isso não é uma questão significativa para o universo. Ah, não, absolutamente não. Não, nem um pouco. É uma questão isolada, diz respeito apenas a ela própria. Se ela achasse que a cabeça dela não doía, ela não estaria doente, e isso encerraria o caso. Mas bem e mal é

algo bem diferente. Eles não são o que nós achamos deles, eles são o que são, e cada um de nós contribuiu para ambos.”

“Você está pregando que o bem e o mal são a mesma coisa.”

“Ah, não, me desculpe novamente. Bem e mal são diferentes, como os nomes indicam. Mas na minha humilde opinião ambos são aspectos do meu Senhor. Ele está presente num e ausente no outro, e a diferença entre presença e ausência é grande, pelo menos até onde a minha mente fraca pode apreender. Mas ausência implica presença, ausência não é não-existência, e assim nós temos direito de repetir: ‘Vem, vem, vem, vem’.” E no mesmo alento, como se para neutralizar qualquer beleza que suas palavras pudessem ter contido, ele acrescentou: “Mas o senhor teve tempo de visitar algumas das interessantes antiguidades de Marabar?”

Fielding estava em silêncio, tentando meditar e descansar sua mente.

“O senhor não viu nem o tanque que fica ao lado do terreno onde normalmente as pessoas acampam?”, insistiu ele, exasperado.

“Sim, sim”, respondeu Fielding distraidamente, imaginando meia dúzia de coisas ao mesmo tempo.

“Isso é bom, então o senhor viu o Tanque da Adaga.” E ele contou uma lenda que teria sido aceitável se narrada no chá de duas semanas antes. Falava de um rajá hindu que havia matado o filho de sua própria irmã e ficado com a adaga presa à mão. Anos depois ele foi para as colinas de Marabar; chegando lá estava sedento e queria beber, mas viu uma vaca sedenta e ordenou que a água fosse servida primeiramente a ela. Quando a vaca bebeu a água “a adaga caiu da sua mão, e para comemorar o milagre ele construiu o tanque”. As conversas do professor Godbole com muita frequência culminavam numa vaca. Fielding recebeu aquela com um silêncio noturno.

À tarde ele obteve permissão e visitou Aziz, mas encontrou-o inacessível, mergulhado em seu sofrimento. “Você me abandonou”, foi a única frase coerente que ele disse. Fielding foi embora pensando em escrever uma carta para a srta. Quested. Mesmo se a carta chegasse às suas mãos ela seria inócua, e provavelmente os McBryde a interceptariam. A srta. Quested realmente o desconcertava. Era uma moça sensata, cerebral e absolutamente destituída de maldade: a última pessoa em Chandrapore que acusaria injustamente um indiano.

XX

EMBORA A SRTA. QUESTED não tivesse se tornado popular entre os ingleses, ela fez vir à tona o que havia de bom no caráter deles. Durante algumas horas uma emoção exaltada se derramou, sentida até mais agudamente — se não por mais tempo — pelas mulheres do que pelos homens. “O que nós podemos fazer pela nossa irmã” era o único pensamento das sras. Callendar e Lesley, enquanto sob um calor furioso elas iam em busca de informações. A sra. Turton era a única visita que a doente podia receber. Ao sair do quarto, ela se sentia mais nobre graças a uma tristeza abnegada. “É como se ela fosse minha filha”, foram suas palavras, e então, lembrando-se de ter opinado que a moça não era *pukka* e lamentado seu noivado com o jovem Heaslop, começou a chorar. Ninguém jamais havia visto a mulher do coletor chorar. Capaz de lágrimas — sim, mas sempre reservando-as para uma ocasião adequada, e agora havia chegado essa ocasião. Ah, por que não foram todos eles mais gentis com a estranha, mais pacientes, por que não lhe deram não só hospitalidade como também o coração? O núcleo mole do coração que tão raramente é usado — eles o usaram por algum tempo, sob o estímulo do remorso. Se tudo está acabado (como o major Callendar insinuava), bem, tudo está acabado e não se pode fazer nada, mas eles tinham alguma responsabilidade na dolorosa agressão que ela sofrera, uma responsabilidade indefinível. Deviam ter tentado fazer com que ela se tornasse um deles logo que a perceberam como diferente; agora isso não seria mais possível: ela estava além do seu convite. “Por que não pensamos mais nos outros?”, suspirava a srta. Derek, a amante dos prazeres. Em sua forma pura, esses lamentos duraram apenas umas poucas horas. Antes do pôr-do-sol outras considerações os adulteraram, e o sentimento de culpa (tão estranhamente ligado ao nosso primeiro contato com qualquer sofrimento) começou a se dissipar.

Em suas carruagens, as pessoas entraram no Clube com uma calma estudada — o trote lento em que a elite rural mantém seus cavalos ao passar entre sebes verdes —, pois os nativos não deviam suspeitar que elas estavam agitadas. Beberam o de sempre, mas tudo tinha um gosto diferente, e depois

olharam para a paliçada de cactos que perfurava a garganta púrpura do céu; perceberam que estavam a milhares de milhas de qualquer cenário compreensível para eles. Havia mais gente no Clube do que normalmente, e muitos pais tinham trazido os filhos para as salas reservadas aos adultos, o que lhes dava um ar de Residência de Lucknow. Com o filho no colo, uma jovem mãe — néscia mas linda — estava sentada numa otomana da sala de fumar; seu marido viajava pelo distrito e ela não ousava voltar para casa, temendo que “os negros atacassem”. Mulher de um pequeno funcionário da ferrovia, ela normalmente era tratada com desdém; mas naquela noite, com sua figura exuberante e a massa de cabelo louro, simbolizava tudo aquilo por que valia a pena lutar e morrer; um símbolo mais permanente, talvez, do que a pobre Adela. “Não se preocupe, senhora Blakiston, esses tambores são do Mohurram”, disseram-lhe os homens. “Então eles começaram”, gemeu ela apertando o bebê e desejando que ele não soprasse bolhas de baba queixo abaixo num momento daqueles. “Não, certamente não, e de qualquer modo eles não estão vindo para o Clube.” “Nem para a casa do *burra sahib*, minha querida, que é onde você e o seu bebê vão dormir hoje”, respondeu a sra. Turton, pondo-se de pé ao lado dela como Palas Atena e se determinando a não ser tão esnobe no futuro.

O coletor bateu palmas pedindo silêncio. Estava bem mais calmo do que quando correu ao encontro de Fielding. Na verdade ele era sempre mais calmo quando se dirigia a muitas pessoas do que num *tête-à-tête*. “Quero falar especialmente para as senhoras”, disse ele. “Não há o menor motivo para se alarmarem. Mantenham-se calmas, mantenham-se calmas. Só saiam quando isso for inevitável, evitem ir à cidade, não falem na frente dos criados. É só isso.”

“Harry, há alguma notícia da cidade?”, perguntou a sua mulher, de pé a alguma distância dele, e também exibindo esse tom de guardião da sociedade. O restante ficou em silêncio durante o augusto colóquio.

“Tudo absolutamente normal.”

“Eu tinha concluído isso. Esses tambores não são outra coisa senão o Mohurram, evidentemente.”

“Não são outra coisa senão os preparativos para o Mohurram, a procissão será só na semana que vem.”

“É isso mesmo, só na segunda-feira.”

“O senhor McBryde está lá, disfarçado de Homem Santo”, disse a sra. Callendar.

“Esse é exatamente o tipo de coisa que não deve ser dito”, observou o coletor apontando para ela. “Senhora Callendar, seja mais cuidadosa nessas ocasiões, por favor.”

“Eu... hum, eu...” Ela não estava ofendida; a severidade dele a fez sentir-se segura.

“Mais alguma pergunta? Perguntas necessárias.”

“Onde está ele, o...?” indagou a sra. Lesley com uma voz trêmula.

“Cadeia. A fiança foi recusada.”

Fielding falou em seguida. Queria saber se havia um boletim oficial sobre a saúde da srta. Qusted ou se as notícias sobre a gravidade do seu estado eram falsas. Sua pergunta produziu um efeito ruim, em parte porque ele havia pronunciado o nome dela; ela, como Aziz, era sempre referida com uma perífrase.

“Espero que dentro em breve o Callendar possa nos dizer como estão as coisas.”

“Eu não vejo como a última pergunta pode ser qualificada como necessária”, disse a sra. Turton.

“Agora todas as senhoras deixem a sala de fumar, por favor”, gritou ele batendo palmas novamente. “E lembrem-se do que eu disse. Queremos a sua ajuda neste momento difícil, e as senhoras podem nos ajudar comportando-se como se tudo estivesse normal. É tudo o que eu peço. Posso confiar nas senhoras?”

“Pode, ah, pode sim”, foi a resposta que veio de caras emaciadas, ansiosas. Elas saíram, calmas mas alvoroçadas, tendo bem ao centro, como uma chama sagrada, a sra. Blakiston. As palavras simples do coletor lhes tinham feito lembrar que eram um posto avançado do Império. Ao lado desse amor compassivo por Adela, surgiu um outro sentimento que iria sufocá-los a longo prazo. Os primeiros sinais foram prosaicos e sem importância. A sra. Turton fez as suas brincadeiras ruidosas e pesadas no *bridge*, a sra. Lesley começou a tricotar um cachecol.

Quando a sala de fumar se esvaziou, o coletor sentou-se próximo a uma mesa, de forma a dominar sem formalidade. Sua mente rodopiava com impulsos contraditórios. Ele queria vingar a srta. Qusted e punir Fielding, mas permanecendo escrupulosamente justo. Queria chicotear todos os nativos

que via, mas sem fazer nada que pudesse desencadear um tumulto ou a necessidade de intervenção militar. O horror de ter de pedir tropas era claro para ele; os soldados endireitam uma coisa mas entortam outras dez e adoram humilhar a administração civil. Naquela noite havia um militar na sala — um soldado extraviado de um regimento de Gurkha; estava ligeiramente bêbado e considerava providencial sua presença ali. O coletor suspirou. Parecia não haver em perspectiva nada além da velha e maçante situação de concessão e moderação. Ele tinha saudade dos velhos tempos em que um inglês podia satisfazer sua honra sem que se fizessem perguntas depois. O coitado do moço Heaslop tinha dado um passo nessa direção negando a fiança, mas o coletor não achava que esse ato do coitado do moço Heaslop tinha sido sensato. O *nawab* Bahadur e outros se zangariam, e além disso o próprio governo da Índia observa — e por trás dele, essa reunião de rabugentos e poltrões que é o Parlamento inglês. Ele precisava sempre se lembrar de que, aos olhos da lei, Aziz ainda não era culpado, e o esforço o cansava.

Os outros, menos responsáveis, podiam se comportar naturalmente. Tinham começado falando de “mulheres e crianças” — essa frase que repetida umas poucas vezes exime os homens de agir com bom senso. Todos sentiam que o que eles mais amavam no mundo corria perigo, exigiam vingança e estavam cheios de um ardor agradável no qual as características pouco cordiais e quase desconhecidas da srta. Quested desapareciam e eram substituídas por tudo o que é mais doce e caloroso na sua vida privada. “Mas trata-se das mulheres e das crianças”, repetiam eles, e o coletor sabia que precisava conter aquele arrebatamento, mas não tinha ânimo. “Precisamos fazer com que eles se tornem vulneráveis por causa dos filhos” etc. Muitas das referidas mulheres e crianças estavam indo passar alguns dias na Estação da Colina, e sugeriu-se que elas fossem embarcadas imediatamente num trem especial.

“E eu faço uma sugestão excelente”, gritou o soldado. “O exército vai ter de vir, mais cedo ou mais tarde.” (Na mente dele um trem especial era inseparável de tropas.) “Isso não teria jamais acontecido se a colina de Barrabás estivesse sob controle militar. Bastaria ter colocado um grupo de *gurkhas* na entrada da caverna.”

“A senhora Blakiston estava dizendo que seria ótimo se aqui houvesse uns poucos soldados ingleses”, observou alguém.

“Com ingleses não dá certo”, gritou ele, com uma lealdade um tanto estapafúrdia. “Para este país é preciso que sejam soldados nativos. Dêem-me o

tipo atlético de nativo, dêem-me *gurkhas*, dêem-me *rajputs*, dêem-me *jats*, dêem-me panjabis, *sikhs*, *arathas*, *bhils*, *afridis* e *pathans*, e se realmente chegar a ser esse o caso eu não me importo se vocês me derem a escória dos bazares. Com um comando adequado, claro. Eu os levaria a qualquer lugar...”

O coletor assentiu com simpatia para ele e disse ao seu pessoal: “Não comecem a andar armados. Quero que tudo continue exatamente como sempre, até que haja motivo para uma mudança de conduta. Levem as mulheres e as crianças para as colinas, mas façam isso com calma, e pelo amor de Deus não falem nada em trens especiais. Não importa o que vocês estejam pensando ou sentindo. Eu também tenho sentimentos. Um indiano isolado tentou... está sendo acusado de uma tentativa de crime”. O sr. Turton bateu várias vezes com a unha na testa e todos perceberam que ele sentia tão profundamente quanto eles, e o amaram; e resolveram não aumentar ainda mais as suas dificuldades. “Ajam com base nesse fato enquanto não acontecer algum dado novo”, concluiu ele. “Façam de conta que todos os indianos são uns anjos.”

Eles murmuraram: “O senhor está certo, vamos fazer isso... Anjos... Claro...”. E o soldado: “Foi isso mesmo que eu disse. O nativo não causa nenhum problema se está sozinho com a gente. Lesley! Lesley! Você se lembra daquele com quem eu joguei no seu *maidan* no mês passado? Hum, era um bom sujeito. Todo nativo que joga pólo é um bom sujeito. Não podemos esquecer é dessas classes educadas, e, claro, dessa vez eu sei perfeitamente do que estou falando”.

A porta da sala de fumar se abriu e deixou entrar um bulício feminino. A sra. Turton gritou: “Ela está melhor”, e das duas seções da comunidade levantou-se um suspiro de alegria e alívio. Entrou o cirurgião-chefe, que tinha trazido a boa notícia. Sua cara desagradável e pálida parecia mal-humorada. Ele inspecionou o grupo, viu Fielding curvado abaixo dele numa otomana e resmungou: “Hum!”. Todos começaram a insistir para que ele contasse detalhes. “Ninguém está fora de perigo neste país enquanto elas tiverem febre”, foi a sua resposta. Ele parecia se ressentir da recuperação da sua paciente, e ninguém que conhecesse o velho major e o seu jeito poderia se surpreender com isso.

“Sente-se, Callendar; conte-nos tudo.”

“Esperem um pouco.”

“Como é que está a velha?”

“Com febre.”

“Minha mulher ouviu dizer que ela está desmoronando.”

“Pode ser. Não garanto nada. Realmente eu não quero ser importunado com perguntas, Lesley.”

“Desculpe, meu velho.”

“O Heaslop vem vindo aí.”

Em todos os rostos uma expressão sublime se renovou quando o nome de Heaslop foi pronunciado. A srta. Quested era apenas uma vítima, mas o jovem Heaslop era um mártir; era o receptáculo de todo o mal dirigido contra eles pelo país que eles haviam tentado servir; estava carregando a cruz do *sahib*. E eles se irritavam porque não podiam fazer nada para retribuir; sentiam-se uns poltrões, sentados no macio e esperando o andamento da lei.

“Eu gostaria de não ter dado licença para o meu preciosíssimo assistente. Teria sido preferível cortar a minha língua. Sentir que sou responsável me mortifica. Recusar e depois consentir sob pressão. Foi isso que fiz, meus filhos, foi isso que fiz.”

Fielding tirou da boca o cachimbo e olhou-o pensativo. Julgando-o amedrontado, o outro prosseguiu: “Soube que um inglês devia acompanhar a expedição. Foi por isso que cedi”.

“Ninguém o culpa, meu caro Callendar”, disse o coletor, olhando para baixo. “Nós todos somos culpados, pois devíamos ter percebido que a expedição não estava suficientemente segura e impedido que ela ocorresse. Eu sabia dela; emprestamos o nosso carro de manhã para levar as senhoras até a estação. Nesse sentido todos nós nos envolvemos, mas nem um átomo de culpa recai sobre nós pessoalmente.”

“Não sinto assim. Gostaria de sentir. A responsabilidade é uma coisa muito terrível e não confio no homem que se esquivava dela.” Seus olhos estavam fixos em Fielding. Quem sabia que Fielding tinha concordado em acompanhar a excursão e perdido o trem lamentava por ele; é o que se espera quando um homem se mistura com nativos; isso sempre acaba em algum ultraje. O coletor, que estava bem informado, ficou em silêncio, pois o funcionário que havia nele ainda tinha esperança de que Fielding voltasse ao rebanho. A conversa novamente se animou com o tema mulheres e crianças, e valendo-se dessa cobertura o major Callendar conseguiu falar com o soldado e instigá-lo a provocar o diretor da escola. Fingindo-se de mais bêbado do que

realmente estava, ele começou a fazer comentários um tanto ofensivos, e então o major reforçou o ataque:

“Vocês ouviram falar do criado da senhorita Quested?”

“Não. O que foi que aconteceu com ele?”

“O Heaslop disse para o criado da senhorita Quested que ele não deveria nunca perdê-la de vista. O prisioneiro soube disso e tratou de deixá-lo para trás. Deu-lhe uma gorjeta. O Heaslop acabou de descobrir toda a história, com nomes e somas, um conhecido alcoviteiro desse pessoal deu o dinheiro, o nome dele é Mohammed Latif. Quanto ao criado, isso é tudo. Mas e quanto ao inglês, o nosso amigo aqui? Como foi que eles se livraram dele? Dinheiro, mais uma vez.”

Fielding se pôs de pé, apoiado por murmúrios e exclamações, pois ninguém suspeitava da sua integridade.

“Ah, estou sendo mal interpretado, desculpem-me”, disse o major agressivamente. “Eu não quis dizer que eles subornaram o senhor Fielding.”

“Então o que o senhor quis dizer?”

“Eles pagaram o outro indiano para fazê-lo se atrasar: o Godbole. Ele estava fazendo as suas orações. Eu conheço essas orações!”

“Isso é ridículo...” Trêmulo de raiva, ele se sentou novamente; um após o outro, todos estavam sendo arrastados para a lama.

Depois de disparar essa flecha o major preparou a seguinte. “Heaslop também ficou sabendo de uma coisinha pela sua mãe. Aziz pagou um bando de nativos para sufocá-la numa caverna. Ela só não desmaiou ali porque saiu. Muito bem planejado, não é? Hábil. Assim ele poderia continuar a excursão sozinho com a moça. Ele e ela e um guia, fornecido pelo mesmo Mohammed Latif. Agora ninguém consegue encontrar o guia. Lindo.” Sua voz virou um rugido. “Não é hora de ficarmos sentados. É hora de agirmos. Chamem os soldados e limpem os bazares.”

Nunca se levavam em conta as explosões do major, mas dessa vez todos ficaram apreensivos. O crime era ainda pior do que haviam suposto; chegava-se aos indizíveis limites do descaramento, que não eram atingidos desde 1857. Fielding esqueceu a raiva que a acusação ao pobre Godbole lhe provocara e ficou pensativo; o mal estava se propagando em todas as direções e parecia ter existência própria, externa a qualquer coisa que tivesse sido feita ou dita por indivíduos, e ele entendeu melhor por que o pobre Aziz e Hamidullah tinham se inclinado a deitar e deixar-se morrer. Seu adversário viu que ele estava em

dificuldade e então arriscou: “Suponho que nada do que foi dito dentro do Clube sairá daqui”, piscando para Lesley.

“Por que sairia?”, respondeu Lesley.

“Ah, nada. É que ouvi um rumor de que um certo membro do Clube que está presente entre nós viu o prisioneiro esta tarde. Não se pode ficar em cima do muro, pelo menos não neste país.”

“Alguém aqui presente quer fazer isso?”

Fielding estava determinado a não se deixar levar novamente. Tinha algo a dizer, mas faria isso quando quisesse. O ataque não chegou a amadurecer, porque o coletor não o suportou. Durante um momento a atenção se desviou de Fielding. Então se ouviu novamente o barulho das mulheres. Ronny havia aberto a porta.

O jovem estava evidentemente exausto e tinha uma expressão trágica, porém parecia mais dócil do que habitualmente. Ele sempre se mostrava cortês com os superiores, mas agora essa atitude lhe vinha diretamente do coração. Parecia pedir-lhes proteção em face da afronta sofrida, e os homens, numa homenagem instintiva, puseram-se de pé. Mas no Oriente todo ato humano é contaminado pelo oficialismo, e ao honrá-lo eles condenaram Aziz e a Índia. Fielding percebeu isso e permaneceu sentado. Esse ato foi indelicado, grosseiro, talvez uma coisa má, mas ele sentiu que já havia ficado passivo por um tempo demasiado e que poderia ser arrastado para a corrente errada se não tomasse posição. Ronny, que não o havia visto, disse com voz rouca: “Ah, por favor, por favor, sentem-se todos, só quero saber o que foi resolvido”.

“Heaslop, estou dizendo a eles que sou contra qualquer demonstração de força”, anunciou o coletor como quem pede desculpa. “Não sei se você pensa como eu, mas é assim que me coloco. Quando houver um veredicto, aí a situação será diferente.”

“O senhor certamente sabe melhor o que fazer; eu não tenho experiência, não posso saber.”

“Como está a sua mãe, meu velho?”

“Melhor, obrigado. Gostaria que todos se sentassem.”

“Alguém não chegou a se levantar”, disse o jovem soldado.

“E o major trouxe uma notícia excelente da senhorita Quested”, prosseguiu Turton.

“Trouxe, sim, estou satisfeito.”

“Antes o senhor estava pessimista quanto a ela, não é mesmo, major? Foi por isso que eu não concedi a liberdade sob fiança.”

Callendar riu com cumplicidade amigável e disse: “Heaslop, Heaslop, da próxima vez que pedirem fiança, telefone para o velho médico antes de dá-la; os ombros dele são largos e, muito confidencialmente, não leve muito a sério a opinião do velho médico. Ele é um idiota tagarela, sempre podemos deixar a coisa por conta disso, mas vai fazer o pouco que pode para manter na prisão o...” Ele se interrompeu com polidez afetada. “Ah, mas está aqui um dos amigos dele.”

O soldado gritou: “Fique de pé, seu porco!”.

“Senhor Fielding, por que o senhor não se levantou?”, perguntou o coletor, finalmente entrando na briga. Era o ataque pelo qual Fielding estava esperando e ao qual precisava responder.

“Posso fazer uma declaração, senhor?”

“Certamente.”

Brando e controlado, sem os fervores da nacionalidade ou da juventude, o diretor da escola fez o que para ele era algo relativamente fácil. Levantou-se e disse: “Acredito que o doutor Aziz seja inocente”.

“O senhor tem direito de sustentar essa opinião, se optou por isso, mas isso é razão para insultar o senhor Heaslop?”

“Posso concluir a minha declaração?”

“Certamente.”

“Estou esperando o veredicto do tribunal. Se ele for culpado, eu renuncio ao meu cargo e à Índia. Neste momento estou deixando de ser sócio do Clube.”

“Ouçam, ouçam!”, disseram vozes não inteiramente hostis, pois aquelas pessoas haviam gostado da franqueza de Fielding.

“O senhor não respondeu à minha pergunta. Por que o senhor não se levantou quando o senhor Heaslop entrou?”

“Com todo o respeito, senhor, não estou aqui para responder a perguntas e sim para fazer uma declaração pessoal, e já a concluí.”

“Posso lhe perguntar se o senhor assumiu o comando deste distrito?”

Fielding dirigiu-se à porta.

“Um momento, senhor Fielding. Não vá embora ainda, por favor. Antes de deixar o Clube, do qual faz muito bem em não ser mais sócio, o senhor manifestará seu repúdio ao crime e se desculpará com o senhor Heaslop.”

“O senhor está falando comigo oficialmente?”

O coletor, que nunca falava de outro modo, ficou tão enfurecido que perdeu a cabeça e gritou: “Deixe esta sala agora, e eu lamento profundamente ter me rebaixado indo encontrá-lo na estação. O senhor desceu ao nível dos seus amigos. O senhor é fraco, fraco; é isso que há de errado com o senhor”.

“Eu quero sair da sala, mas não posso enquanto esse cavalheiro me impedir”, disse Fielding num tom descontraído; o soldado estava lhe barrando o caminho.

“Deixe-o passar”, disse Ronny quase chorando.

Era o único pedido que poderia ter salvado a situação. Tudo que Heaslop quisesse, precisava ser feito. Houve um ligeiro tumulto à porta, da qual Fielding foi empurrado, um pouco mais rápido do que o normal, para a sala onde as senhoras estavam jogando cartas. “Imagine se eu tivesse me abatido ou me zangado”, pensou ele. Ele estava um tanto zangado, claro. Até então seus pares nunca o haviam tratado com violência ou tinham-no tachado de fraco, além disso Heaslop conseguiu constrangê-lo, retribuindo o mal com o bem. Ele gostaria que o objeto da briga não tivesse sido o pobre juiz municipal, que estava sofrendo; havia à mão questões bem mais merecedoras dela.

Contudo a briga fora consumada, aos trancos e barrancos, e para se refrescar e se reequilibrar mentalmente ele foi por um momento até a varanda superior, onde a primeira coisa que viu foram as colinas de Marabar. Àquela distância e àquela hora elas eram pura beleza; eram Monsalvat, Valhala, as torres de uma catedral, povoadas de santos e heróis e cobertas de flores. Que patife se ocultava nelas, que logo seria descoberto pelas investigações? Quem era o guia? Ele já havia sido descoberto? O que era o “eco” de que a moça se queixava? Ele não sabia, mas em breve saberia. A informação é poderosa, e ela iria prevalecer. Era o último momento de luz, e, como uma rainha, as colinas de Marabar pareceram se mover graciosamente na sua direção enquanto ele as mirava, e seu encantamento fundiu-se com o do céu. Quando desapareceram, elas estavam por toda parte; desceu a bênção fresca da noite, as estrelas cintilaram e todo o universo era uma colina. Um momento encantador, primoroso, mas que passou pelo inglês desviando o rosto e com asas ligeiras. Ele não experimentou nada; era como se alguém lhe tivesse falado da existência daquele momento e ele fosse obrigado a acreditar. E de repente ele se sentiu hesitante e descontente, e ficou pensando se era de fato um ser

humano verdadeiramente bem-sucedido. Depois de uma experiência de quarenta anos ele havia aprendido a administrar sua vida, torná-la a melhor possível conforme as diretrizes européias avançadas; tinha desenvolvido sua personalidade, explorado suas limitações, controlado suas paixões — e fizera tudo isso sem se tornar pedante ou mundano. Um feito meritório, mas enquanto aquele momento passava, ele sentiu que precisava ter lidado com algo diferente durante todo o tempo — não sabia e nunca saberia o que, e era por isso que estava triste.

XXI

LIBERTANDO-SE DOS SEUS PESARES, inoportunos para o momento, Fielding concluiu a última parte do dia indo encontrar seus novos aliados. Estava feliz por ter rompido com o Clube, pois ali poderia ouvir fragmentos de boatos e levá-los para a cidade, e estava feliz por essa oportunidade lhe ser negada. Ficaria sem seu bilhar, de vez em quando um tênis e bate-papos com McBryde, mas na verdade era só isso, e assim ele se sentiu leve ao fazer o percurso. Na entrada dos bazares um tigre intimidou seu cavalo — um jovem vestido de tigre, o corpo com listras marrons e amarelas, o rosto mascarado. O Mohurram começava. Ouvia-se um bom número de tambores batucando na cidade, que, no entanto, parecia calma. Ele foi convidado a examinar uma pequena *tazîa* — uma elevação frágil e insignificante, que mais parecia uma crinolina do que o túmulo do neto do Profeta assassinado em Kerbela. Crianças alvoroçadas colavam papéis coloridos na sua armação. O resto da noite ele passou com o *nawab* Bahadur, Hamidullah, Mahmoud Ali e outros da aliança. A campanha estava ganhando impulso. Haviã mandado um telegrama ao famoso Amritrao, que respondera aceitando. O pedido de fiança seria renovado, e agora que a srta. Qusted estava fora de perigo não poderiam negá-lo. A conversa foi séria e sensata, mas prejudicada por um grupo de músicos itinerantes que tinham recebido permissão para tocar na área. Cada um deles carregava um jarro de cerâmica com seixos e o sacudia ao ritmo de um canto lúgubre. Aturdido pelo barulho, Fielding sugeriu que eles fossem dispensados, mas o *nawab* Bahadur não concordou; disse que os músicos, que tinham caminhado muitas milhas, podiam trazer boa sorte.

Tarde da noite Fielding quis falar com o professor Godbole sobre o erro moral e tático que havia cometido mostrando-se rude com Heaslop; queria ouvir o que ele tinha a dizer. Mas o velhote já estava na cama, e depois de um dia ou dois saiu de mansinho para o seu novo trabalho; ele sempre tinha tido muita habilidade para sair sorrateiramente.

XXII

ADELA FICOU MUITOS DIAS ACAMADA na casa de McBryde. O sol a havia afetado e além disso centenas de espinhos de cactos precisaram ser retiradas de sua carne. De hora em hora a srta. Derek e a sra. McBryde a examinavam com lupas, procurando grupos de filamentos que, se tocados, poderiam se partir e entrar na corrente sanguínea. Ela permanecia deitada, passiva sob aqueles dedos que prolongavam o choque iniciado na caverna. Até então não havia se importado muito com o fato de ser tocada ou não; seus sentidos estavam anormalmente inertes e o único contato que ela evitava era com a mente. Mas depois tudo se transferiu para a superfície do seu corpo, que começou a se vingar reagindo de modo doentio. As pessoas pareciam muito semelhantes umas às outras, a não ser pelo fato de algumas se aproximarem e outras ficarem à distância. “No espaço as coisas se tocam; no tempo as coisas se afastam”, repetia ela para si mesma, enquanto lhe retiravam os espinhos — seu cérebro estava tão fraco que ela não conseguia decidir se a frase era filosófica ou um mero jogo de palavras.

As pessoas eram bondosas com ela, na verdade até exageradamente; os homens respeitosos demais, as mulheres simpáticas demais. Mas a sra. Moore, a única visita que ela queria, continuava longe. Ninguém compreendia o seu infortúnio, nem sabia por que ela oscilava entre o bom senso e a histeria. Ela começava um discurso como se nada de extraordinário tivesse acontecido. “Fui para aquela caverna detestável”, dizia ela secamente, “e me lembro de ter arranhado a parede com a unha, para provocar o eco habitual, e então, como eu disse, vi aquela sombra na entrada do túnel, que me impedia de sair. Tive a impressão de que aquilo durou um século, mas na verdade tudo deve ter se passado em menos de trinta segundos. Eu o golpeei com o binóculo, ele me puxou pela caverna com a correia, ela se rompeu, eu fugi, e é isso. Ele não chegou a me tocar nem uma única vez. Tudo parece muito absurdo.” E em seguida ela desmoronava totalmente e as mulheres sentiam que ela era uma delas e também choravam, e na sala ao lado murmuravam: “Deus misericordioso, Deus misericordioso!”. Ninguém sabia que ela considerava

desprezíveis as lágrimas, mais humilhante do que tudo o que ela suportara em Marabar, uma negação da sua atitude progressista e da honestidade natural de sua mente. Adela estava sempre tentando “resolver o incidente”, sempre se lembrando de que nenhum dano resultara dele. Tinha acontecido “o choque”, mas o que é isso? Durante algum tempo sua própria lógica a convencia, mas então ela ouvia de novo o eco, chorava, declarava que não merecia Ronny e esperava que seu agressor recebesse a pena máxima. Depois de um desses acessos quis ir até os bazares e pedir desculpas a quem quer que ela encontrasse, pois de um modo vago achava que estava deixando o mundo pior do que o encontrara. Sentia que o crime havia sido dela, até que o intelecto, acordando novamente, lhe mostrava que ela estava equivocada quanto a isso e a devolvia ao seu círculo estéril.

Se ela ao menos pudesse ver a sra. Moore! A velha senhora não estava bem, tampouco, e não queria sair, disse Ronny. E com isso o eco persistia, retumbando para cima e para baixo como se fosse um nervo da sua faculdade auditiva, e o barulho da caverna, tão irrelevante intelectualmente, se prolongava na superfície da sua vida. Ela havia raspado a parede — sem nenhuma razão — e antes que o comentário tivesse se extinguido o homem a estava seguindo, tudo culminando com a queda do binóculo. O som havia prorrompido atrás dela, seguindo-a durante a fuga, e ainda continuava, como um rio que gradualmente inunda a planície. Só a sra. Moore poderia levá-lo de volta para a sua nascente e fechar a represa rompida. O mal estava solto... ela até mesmo o ouvia entrando na vida dos outros... E passou dias nesse clima de dor e depressão. Seus amigos mantinham o ânimo, pedindo-lhe holocaustos de nativos, mas ela estava demasiado angustiada e fraca para fazer isso.

Quando todos os espinhos de cacto tinham sido extraídos e sua temperatura voltou ao normal, Ronny foi buscá-la. Ele estava dilacerado de indignação e sofrimento, e ela gostaria de poder confortá-lo; mas a intimidade entre os dois parecia fazer uma caricatura de si mesma, e quanto mais eles falavam, tanto mais infelizes e constrangidos se tornavam. A conversa prática era a menos penosa, e ele e McBryde então lhe contaram uma ou duas coisas que por ordem médica lhe haviam sido ocultadas durante a crise. Ela soube pela primeira vez dos problemas do Mohurram. Quase tinha havido um distúrbio. No último dia do festival a grande procissão deixou seu percurso oficial e tentou entrar na área residencial inglesa, e um telefone tinha sido cortado porque interrompia o avanço de uma das torres de papel, que era mais

alta. McBryde e sua polícia tinham colocado ordem na situação — um belo trabalho. Eles passaram para outro assunto, muito penoso: o julgamento. Ela teria de comparecer ao tribunal, identificar o prisioneiro e ser submetida a um interrogatório feito por um advogado indiano.

“A senhora Moore poderá ficar lá comigo?”, foi tudo o que ela disse.

“Claro, e eu também estarei lá”, respondeu Ronny. “O processo não será julgado por mim; eles se opuseram a isso alegando envolvimento pessoal. Será em Chandrapore; chegamos a pensar que o transfeririam para outro lugar.”

“Não sei se a senhorita Qusted percebe o que significa tudo isso”, disse McBryde tristemente. “O processo será julgado por Das.”

Das era o assistente de Ronny, irmão da sra. Bhattacharya, cuja carruagem as tinha deixado à espera no mês anterior. Era um sujeito amável e inteligente, e com as evidências diante de si poderia chegar a apenas uma conclusão; mas o fato de ser juiz no caso de uma inglesa tinha provocado uma verdadeira convulsão — furiosa — na estação, e algumas mulheres haviam mandado um telegrama sobre o caso para Lady Mellanby, esposa do tenente-governador.

“Diante de alguém eu tenho de comparecer.”

“Isso mesmo; é assim que se deve encarar o caso. A senhorita tem garra, senhorita Qusted.” Ele estava muito irritado com as providências e chamou-as de “frutos da democracia”. Nos velhos tempos uma mulher inglesa não precisaria comparecer ao tribunal, nem um indiano ousaria discutir seus assuntos privados. Ela teria prestado depoimento e em seguida ocorreria o julgamento. Ele se desculpou com Adela pela situação do país, provocando nela um de seus pequenos acessos de lágrimas. Ronny vagava consternado pelo quarto durante o choro, pisando nas flores do inevitável tapete de Caxemira que cobria seu assoalho e tamborilando nas tigelas de bronze de Benares. “A cada dia que passa esses acessos têm diminuído; logo mais vou estar bem”, disse ela assoando o nariz e sentindo-se detestável. “Preciso ter algo para fazer. É por isso que eu continuo com esse choro ridículo.”

“Não é ridículo; achamos a senhorita maravilhosa”, disse o policial com muita sinceridade. “A única coisa que nos incomoda é não podermos ajudá-la mais. A presença da senhorita aqui numa hora dessas é a maior honra para esta casa.” Também ele estava dominado pela emoção. “Aliás chegou uma carta enquanto a senhorita estava mal”, prosseguiu ele. “Eu a abri... sei que essa confissão é estranha. A senhorita me perdoa? As circunstâncias são especiais. É do Fielding.”

“Por que ele iria me escrever?”

“Aconteceu uma coisa sumamente lamentável. A defesa conseguiu pegá-lo.”

“Ele é um excêntrico, um excêntrico”, disse Ronny alegremente.

“É assim que você vê as coisas, mas um homem pode ser excêntrico sem ser um grosseirão. Seria melhor a senhorita Quested saber como ele se comportou com você. Se você não lhe contar, outra pessoa fará isso.” Ele contou. “Ele agora é o esteio da defesa, não preciso acrescentar. O único inglês honrado numa horda de tiranos. Recebe representantes do bazar e todos eles mascam bétele e untam-se mutuamente as mãos com perfume. Não é fácil entrar na cabeça de um homem assim. Seus alunos estão em greve; o entusiasmo que têm por ele os impede de estudar. Se não fosse por Fielding não teria havido o problema do Mohurram. Ele fez um desserviço muito grave para toda a comunidade. A carta esteve aqui por um dia ou dois, esperando a senhorita melhorar, mas então a situação ficou tão grave que eu resolvi abri-la pensando que ela nos poderia ser útil.”

“E é?”, disse ela debilmente.

“Não, de modo algum. Ele só teve a impertinência de afirmar que a senhorita se equivocou.”

“Eu gostaria que assim fosse!” Ela passou os olhos pela carta, que tinha uma redação cuidadosa e formal. “O doutor Aziz é inocente”, ela leu. Depois sua voz começou a tremer novamente. “Imagine, ele se comportar assim com você, Ronny. Sendo que você já tem de suportar tanta coisa por minha causa! O que ele fez foi uma coisa horrível. Meu querido, como eu posso recompensá-lo? Como uma pessoa pode recompensar quando não tem nada para dar? De que adiantam os relacionamentos quando contribuímos cada vez menos para eles? Acho que todos nós precisamos voltar para o deserto e ficar lá durante séculos tentando ser bons. Quero começar do começo. Tudo o que eu achava que tinha aprendido era apenas um estorvo, não era absolutamente conhecimento. Não sirvo para relacionamentos pessoais. Mas vamos esquecer isso. É claro que a carta do senhor Fielding não conta; ele pode pensar e escrever o que quiser, mas não devia ter sido rude com você quando você já estava suportando tanta coisa. É isso que importa... Não quero o seu braço, eu ando perfeitamente bem. Não, não me toque, por favor.”

A sra. McBryde lhe disse um adeus afetuoso — uma mulher com quem ela nada tinha em comum e cuja intimidade a sufocava. Elas teriam de se

encontrar agora, ano após ano, até que um dos maridos se aposentasse compulsoriamente. A Índia britânica a havia apanhado de chofre, e talvez ela merecesse isso por haver tentado ter uma posição própria. Fazendo-se humilde, conquanto repugnada, ela agradeceu. “Ah, precisamos nos ajudar mutuamente, precisamos aceitar o desagradável junto com o agradável”, disse a sra. McBryde. A srta. Derek também estava lá, ainda com suas brincadeiras sobre o marajá e sobre a rani. Convocada como testemunha no julgamento, ela havia se recusado a mandar de volta o carro do estado de Mudkul; eles ficariam terrivelmente aborrecidos. Tanto a sra. McBryde como a srta. Derek a beijaram e chamaram-na pelo nome de batismo. Então Ronny levou-a de volta. Era ainda bem cedo, pois o dia, com a estação quente avançando, inchava como um monstro nos seus dois extremos e deixava cada vez menos espaço para os movimentos dos mortais.

Quando se aproximavam da casa, Ronny disse: “Mamãe está ansiosa por vê-la, mas ela é uma velha, não podemos esquecer isso. Os velhos nunca recebem as coisas como esperamos, acho”. Ele parecia adverti-la contra um futuro, e próximo, desapontamento, mas ela não percebeu isso. Sua amizade com a senhora Moore era muito profunda e real, e isso lhe dava a certeza de que ela resistiria ao que quer que acontecesse. “Posso fazer alguma coisa para facilitar as coisas? É você que importa”, suspirou ela.

“Você é uma boa garota por me dizer isso.”

“E você é um bom rapaz.” Então ela gritou: “Ronny, ela não está doente também, está?”

Ele a tranqüilizou: o major Callendar não estava preocupado.

“Mas você vai achar que ela está... irritadiça. Somos uma família irritadiça. Bom, você vai ver por si mesma. É claro que os meus nervos também estão avariados, e quando voltava do trabalho nesses últimos dias eu esperava mais da mamãe do que ela foi capaz de me dar. Sem dúvida ela fará um esforço especial em relação a você; mas eu não quero que a sua volta para casa seja decepcionante. Não espere demais.”

A casa surgiu diante deles. Era uma réplica da casa de onde ela havia saído. Ofegante, vermelha e curiosamente severa, a sra. Moore estava num sofá. Não se levantou quando eles entraram, e surpresa com isso Adela se esqueceu dos seus infortúnios.

“Cá estão vocês de volta”, foi a sua única saudação.

Adela sentou-se e tomou-lhe a mão. A sra. Moore a retirou, e ela sentiu que, assim como outras a repugnavam, ela repugnava à sra. Moore.

“A senhora está bem? Parecia bem quando eu saí”, disse Ronny tentando não deixar transparecer sua zanga, mas ele lhe havia recomendado que desse à moça uma acolhida amável e aquela recepção não podia deixar de aborrecê-lo.

“Estou bem”, respondeu ela secamente. “Na verdade, estive examinando a minha passagem de volta. Ela pode ser trocada, e assim posso optar por um número maior de navios do que eu imaginava.”

“Podemos falar disso mais tarde, não?”

“O Ralph e a Stella devem estar querendo saber quando eu volto.”

“Há muito tempo para fazer todos esses planos. O que a senhora acha da aparência da Adela?”

“Conto com a senhora para me ajudar; é uma grande bênção estar de novo com a senhora; todos os outros são estranhos para mim”, disse Adela atropeladamente.

Mas a sra. Moore não demonstrou nenhuma disposição de ajudar. Dava a impressão de estar ressentida. Parecia dizer: “Eu vou ser incomodada pelo resto da vida?”. Sua brandura cristã havia desaparecido, ou evoluído para uma dureza, uma justa irritação com a espécie humana; ela não tinha se interessado pela prisão, quase não perguntara nada e tinha se recusado a sair da cama na terrível noite do Mohurram, quando se esperava um ataque à casa.

“Sei que não é nada. Preciso ser sensata; estou tentando”, prosseguiu Adela novamente chorando. “Não iria me preocupar se tivesse acontecido em outro lugar; embora me console o fato de que na realidade eu não tenho idéia de onde aconteceu.”

Ronny acreditou saber o que ela queria dizer: ela não podia identificar ou descrever a caverna específica onde tinha acontecido a agressão; de fato ela quase se recusava a discerni-la mentalmente, e era óbvio que a defesa tentaria tirar proveito disso durante o julgamento. Ele a tranqüilizou: as cavernas de Marabar são todas iguais, todos sabem; no futuro elas inclusive seriam numeradas seqüencialmente com tinta branca.

“Eu sei, é isso que eu quis dizer; não sei exatamente onde foi. Mas além disso tem esse eco que eu continuo ouvindo.”

“Ah, qual é o problema com o eco?”, perguntou a sra. Moore, pela primeira vez prestando atenção a ela.

“Não posso me livrar dele.”

“Não acho que algum dia você vá se livrar dele.”

Ronny tinha alertado reiteradamente sua mãe de que Adela chegaria num estado doentio, e no entanto ela estava sendo simplesmente maldosa.

“Senhora Moore, o que era aquele eco?”

“Você não sabe?”

“Não, o que era? Ah, por favor, diga! Eu sabia que a senhora seria capaz de explicar. Isso vai me confortar muito.”

“Se você não sabe, não sabe; eu não posso lhe dizer.”

“Acho que a senhora é muito cruel não me dizendo.”

“Dizer, dizer, dizer”, atalhou a velha amargamente. “Como se alguma coisa pudesse ser dita! Passei a minha vida dizendo ou ouvindo os outros dizerem; ouvi demais. Já é hora de me deixarem em paz. Não para morrer”, acrescentou ela asperamente. “É claro que vocês esperam que eu morra, mas quando eu tiver visto você e o Ronny casados e tiver cuidado dos outros dois, e se eles quiserem se casar... então me retirarei para uma caverna própria.” Ela sorriu, enquanto trazia à tona seus comentários, aumentando-lhes a amargura. “Para algum lugar onde os jovens não venham me fazer perguntas e esperar respostas. Uma saliência de algum rochedo.”

“Ótimo, mas enquanto isso um julgamento está para acontecer”, disse seu filho furioso, “e a idéia da maioria de nós é que é melhor nos juntarmos e nos ajudarmos mutuamente, em vez de sermos desagradáveis uns com os outros. A senhora vai falar desse jeito no banco das testemunhas?”

“E por que eu iria para o banco das testemunhas?”

“Para confirmar alguns pontos do nosso depoimento.”

“Eu não tenho nada a ver com os seus ridículos tribunais”, disse ela irada. “Vocês não me arrastarão para esse julgamento, de modo algum.”

“Eu não quero que ela seja arrastada; não quero que haja mais problemas por minha causa”, gritou Adela, e voltou a tomar a mão da sra. Moore, que tornou a retirá-la. “O depoimento dela não é absolutamente fundamental.”

“Achei que ela iria querer prestá-lo. Ninguém culpa a senhora, mamãe, mas persiste o fato de que a senhora se retirou depois da primeira caverna e incentivou Adela a continuar as visitas só com ele, ao passo que nada teria acontecido se a senhora tivesse se sentido bem e estivesse junto com eles. Ele planejou tudo, sei disso. Mas a senhora caiu na armadilha, do mesmo modo que, antes da senhora, Fielding e Antony... Perdão por falar assim tão cruamente, mas a senhora não tem direito de assumir essa atitude arrogante

em relação aos tribunais. Se estiver doente, é outra coisa; mas a senhora diz que está bem, e parece bem, e pensei que nesse caso a senhora iria querer assumir a sua parte, pensei mesmo.”

“Não quero que ela se aborreça, doente ou sã”, disse Adela levantando-se do sofá e pegando no braço de Ronny; depois largou-o com um suspiro e sentou-se novamente. Mas ele gostou que ela tivesse se aliado a ele e olhou para a mãe com um ar condescendente. Ele nunca havia estado à vontade com a mãe. Ela não era de modo algum a velha simpática que os estranhos supunham, e a Índia a havia revelado sem reboços.

“Vou assistir ao casamento de vocês, mas não ao julgamento”, informou ela dando tapinhas no joelho. Estava muito irrequieta e seus gestos eram bruscos. “Depois vou para a Inglaterra.”

“A senhora não pode ir para a Inglaterra em maio, a senhora mesma já concordou com isso.”

“Mudei de idéia.”

“Bom, é melhor acabar com essa briga”, disse o jovem dando largas passadas de um lado para outro. “A senhora parece que está querendo ser deixada fora de tudo, é só isso.”

“Meu corpo, meu lamentável corpo”, suspirou ela. “Por que é que ele não é forte? Ah, por que eu não posso sair e ir embora? Por que eu não posso terminar as minhas obrigações e ir embora? Por que eu tenho dores de cabeça e incho quando ando? E o tempo todo fazer isso e fazer aquilo e fazer isso do seu jeito e fazer aquilo do jeito dela, e tudo compreensão e confusão e carregar o fardo uns dos outros. Por que não fazer isso do meu jeito e aquilo do meu jeito e pronto, e eu fico em paz? Não posso entender por que é que alguma coisa tem de ser feita. Por que todo esse casamento, casamento?... A espécie humana teria se tornado uma única pessoa séculos atrás se o casamento tivesse alguma utilidade. E todas essas bobagens sobre amor, amor numa igreja, amor numa caverna, como se houvesse alguma diferença, e eu afastada das minhas atividades por causa dessas tolices!”

“O que a senhora quer?”, disse ele exasperado. “A senhora pode dizer numa linguagem simples? Se puder, diga.”

“Quero o meu baralho de paciência.”

“Muito bem, tome.”

Ele viu, como imaginava, que a pobre moça estava chorando. E, como sempre, um indiano ali pertinho, do outro lado da janela, dessa vez um *mali*,

ouvira a conversa. Muito contrariado, ele se sentou em silêncio durante um momento, refletindo sobre a mãe e suas impertinências senis. Gostaria de nunca tê-la convidado para visitar a Índia ou de nunca ter devido algo a ela.

“É, minha querida, não foi um bom regresso ao lar”, disse ele por fim. “Eu não fazia idéia de que ela estava nos reservando isso.”

Adela havia parado de chorar. Tinha no rosto uma expressão extraordinária, de alívio e ao mesmo tempo de horror. Ela repetia: “Aziz, Aziz”.

Todos eles vinham evitando mencionar aquele nome. Ele tinha se tornado sinônimo de O Poder do Mal. Aziz era “o prisioneiro”, “a pessoa em questão”, “a defesa”, e o nome soou então como a primeira nota de uma nova sinfonia.

“Aziz... eu me equivoquei?”

“Você está esgotada”, gritou ele, não muito surpreso.

“Ronny, ele é inocente; eu me equivoquei terrivelmente.”

“Muito bem; de qualquer forma, sente-se.” Ronny olhou para o jardim mas viu apenas dois pardais, um voando atrás do outro. Adela obedeceu e pegou a mão dele, mas ele a sacudiu. A moça sorriu e arquejou como se tivesse vindo à tona, depois levou a mão ao ouvido.

“Meu eco está melhor.”

“Ótimo. Você vai estar perfeitamente bem dentro de poucos dias, mas precisa se poupar para o julgamento. Das é um sujeito muito bom, e estaremos todos com você.”

“Mas Ronny, querido Ronny, talvez não deva haver nenhum julgamento.”

“Não sei o que você está dizendo, e não acho que você saiba.”

“Se o doutor Aziz não fez nada, ele deve ser solto.”

Um calafrio, como a morte iminente, percorreu Ronny. Ele disse precipitadamente: “Ele estava solto... até o distúrbio do Mohurram, quando tivemos de voltar a prendê-lo”. Para distraí-la, contou a história, que eles achavam divertida. Nureddin havia roubado o carro do *nawab* Bahadur, convidado Aziz para um passeio e caído numa vala no meio da escuridão. Ambos foram lançados fora do carro e Nureddin tinha feito um corte profundo no rosto. Seus gemidos foram abafados pelos gritos dos fiéis, e passou-se muito tempo até eles serem socorridos pela polícia. Nureddin foi levado para o Hospital Minto e Aziz voltou para a prisão, agora acumulando a acusação de perturbar a paz pública. “Espere um segundo”, disse ele quando

terminou o caso, e foi ao telefone para pedir a Callendar que fizesse uma visita logo que pudesse, porque Adela não tinha passado bem o dia.

Quando voltou, ela estava numa crise nervosa, mas era uma crise diferente: ela o agarrou e soluçou: “Ajude-me a fazer o que eu devo. O doutor Aziz é uma boa pessoa. Você ouviu a sua mãe dizer isso”.

“Dizer o quê?”

“Ele é bom; errei muito ao acusá-lo.”

“Mamãe nunca disse isso.”

“Ela não disse?”, perguntou Adela, muito sensata, aberta a qualquer opinião.

“Ela nunca mencionou esse nome.”

“Mas, Ronny, eu a ouvi.”

“Pura ilusão. Para inventar uma coisa dessas você não pode estar muito bem.”

“Acho que não estou. Que coisa assombrosa, eu ter imaginado isso!”

“Ouvi tudo o que ela disse, tudo o que podia ser ouvido; no final ela estava dizendo coisas muito incoerentes.”

“Quando a voz dela baixou, ela disse isso... mais para o final, quando ela falou sobre amor... amor... eu não consegui seguir tudo, mas então ela disse: ‘O doutor Aziz nunca fez isso’.”

“Com essas palavras?”

“A idéia, mais que as palavras.”

“Nunca, nunca, minha querida. Ilusão total. O nome dele nunca foi mencionado por ninguém. Olhe aqui... você está fazendo uma confusão com a carta do Fielding.”

“É isso, é isso”, gritou ela muito aliviada. “Eu sabia que tinha ouvido o nome dele em algum lugar. Estou muito agradecida a você por esclarecer isso... é o tipo do engano que me preocupa, e que prova que eu estou neurótica.”

“Então você não vai dizer que ele é inocente, vai? Porque todos os criados que eu tenho são espiões.” Ele foi até a janela.

O jardineiro tinha ido embora, ou melhor, transformara-se em duas crianças pequenas; era impossível que elas entendessem inglês, mas ele as afastou. “Todos eles nos odeiam”, explicou ele. “Depois do veredicto tudo ficará bem, pois eu lhes contarei sobre ele; eles aceitam o fato consumado; mas no momento estão gastando dinheiro a rodo para nos pegarem num passo em

falso, e uma observação como a sua é exatamente o que eles estão procurando. Isso lhes possibilitaria sustentar que o caso foi tramado por nós, funcionários ingleses. Você percebe o que eu estou querendo dizer?”

A sra. Moore voltou, com o mesmo ar mal-humorado, e deixou-se cair numa cadeira ao lado da mesa de jogos. Para esclarecer a confusão, Ronny perguntou-lhe à queima-roupa se ela havia mencionado o prisioneiro. Ela não entendeu a pergunta, e ele precisou explicar por que a havia feito. Então ela replicou: “Eu não mencionei esse nome”, e começou a jogar paciência.

“Achei que a senhora tinha dito ‘O Aziz é um homem inocente’, mas isso estava na carta do senhor Fielding.”

“Claro que ele é inocente”, respondeu ela com indiferença; era a primeira vez que ela manifestava sua opinião sobre o caso.

“Veja, Ronny, eu tinha razão”, insistiu a moça.

“Você não tinha razão; ela nunca disse isso.”

“Mas é o que ela acha.”

“E quem se importa com o que ela acha?”

“Nove vermelho sobre dez preto”, veio da mesa de jogos a voz da sra. Moore.

“Ela pode achar e o Fielding também, mas existe uma coisa chamada depoimento, creio eu.”

“Eu sei, mas...”

“Eu tenho novamente o dever de falar?”, perguntou a sra. Moore erguendo o olhar. “Aparentemente tenho, uma vez que vocês ficam me interrompendo.”

“Somente se a senhora tiver alguma coisa sensata para dizer.”

“Ah, como isso é tedioso... fútil...” E assim como quando ela escarneceu do amor, amor, amor, sua mente pareceu chegar até eles vindo de uma grande distância e saindo da escuridão. “Ah, por que tudo ainda é meu dever? Quando é que eu vou ficar livre das confusões de vocês? Ele estava na caverna? Você estava na caverna? Perguntas que não acabam mais... e um filho nasceu para nós, um menino nos foi dado... E eu sou boa? E ele é mau? E nós estamos salvos?... E para concluir tudo, o eco.”

“Eu já não o ouço tanto”, disse Adela indo na direção dela.

“A senhora o afastou, a senhora é muito boa, só faz o bem.”

“Eu não sou boa. Não, sou má.” Ela afirmou isso mais calma e depois voltou às cartas, dizendo enquanto as virava para cima: “Uma velha má, má,

detestável. Eu era boa com meus filhos quando eles estavam crescendo; também conheci esse rapaz na mesquita dele, quis que ele fosse feliz. Pessoas simples, boas, felizes. Elas não existem, eram um sonho... Mas não vou ajudar vocês a torturá-lo por causa de algo que ele não fez. Existem vários tipos de mal, e prefiro o meu ao de vocês.”

“A senhora tem alguma evidência a favor do prisioneiro?”, disse Ronny com a inflexão de um funcionário correto. “Se tiver, é seu dever ocupar o banco das testemunhas e depor a favor dele e contra nós. Ninguém a impedirá de fazer isso.”

“Conhecemos o caráter das pessoas, como diz você”, respondeu ela com desdém, como se conhecesse mais do que o caráter mas não estivesse disposta a revelar o que sabia. “Ouvi tanto ingleses quanto indianos falarem bem dele, e sei que isso não é o tipo de coisa que ele faria.”

“Isso é frágil, mamãe, frágil.”

“Fragilíssimo.”

“E desatenciosíssimo com Adela.”

“Será aterrador se eu estiver errada. Serei capaz de me matar”, disse Adela.

Ele se voltou para ela com uma repreensão: “O que é que eu lhe disse agora mesmo? Você sabe que está certa, e todos nós sabemos”.

“É, ele... Isso é terrível, muito terrível. Continuo certa de que ele me seguiu... mas não seria possível encerrar o processo? Cada vez mais estou temendo a idéia de prestar depoimento, e aqui vocês são todos tão bons com as mulheres e têm tão mais poder do que na Inglaterra... veja o carro da senhorita Derek. Ah, mas claro que isso está fora de questão; estou envergonhada por ter mencionado essa possibilidade; por favor, me perdoe.”

“Não tem importância”, disse ele numa resposta que deixou a desejar. “Claro que eu a perdôo, como você diz. Mas agora o processo precisa ir para o tribunal; precisa realmente; a máquina foi posta em movimento.”

“Adela pôs a máquina em movimento; agora ela vai funcionar até o fim.”

Ao ouvir essa observação impiedosa, Adela esteve a ponto de chorar novamente, e Ronny pegou a lista das partidas de navios com uma ótima idéia na cabeça. Sua mãe precisava deixar imediatamente a Índia; o comportamento dela não estava fazendo bem nem para ela nem para ninguém mais ali.

XXIII

LADY MELLANBY, esposa do tenente-governador da Província, ficou feliz com o pedido que lhe fizeram as senhoras de Chandrapore. Ela não podia fazer nada; aliás, estava indo para a Inglaterra; mas queria que a informassem, caso pudesse manifestar de alguma outra forma a sua solidariedade. A sra. Turton respondeu que a mãe do sr. Heaslop estava tentando comprar uma passagem, mas demorou muito para tomar as providências necessárias e não havia mais lugar em nenhum navio; lady Mellanby poderia usar a sua influência? Apesar de lady Mellanby nem mesmo ser capaz de calcular o tamanho de um navio a vapor, a mulher do tenente-governador era muito, muito boa, e telegrafou oferecendo àquela estranha senhora, que ela nem conhecia, um lugar na cabine reservada para si própria. Foi um presente que caiu do céu. Humilde e agradecido, Ronny só pôde considerar que todo desgosto tem uma compensação. Seu nome ficara conhecido na sede do governo graças à pobre Adela, e agora a sra. Moore o gravaria na imaginação de lady Mellanby enquanto elas viajassem pelo oceano Índico e o mar Vermelho. Sua ternura pela mãe voltou a se manifestar, assim como nos enternece com nossos parentes quando eles recebem uma distinção notória e inesperada. Ela não era insignificante; ainda era capaz de atrair a atenção da mulher de um alto funcionário.

Com isso a sra. Moore teve tudo o que queria; fugiu do julgamento, do casamento e da estação quente; voltaria para a Inglaterra com todo conforto e atenção, e veria seus outros filhos. Por sugestão de Ronny e pela sua própria vontade, ela partiu. Mas aceitou sem entusiasmo essa oportunidade. Ela havia chegado àquele estado em que se vêem ao mesmo tempo o horror do universo e toda a sua pequenez: esse crepúsculo da visão dupla em que tantos velhos se vêem envolvidos. Se este mundo não nos agrada, bem, de qualquer modo há o Céu, o Inferno, a Aniquilação — uma ou outra dessas coisas grandes, esse enorme cenário de estrelas, fogo, ar azul ou negro. Todos os esforços heróicos e tudo o que é conhecido como arte supõem a existência desse cenário, assim como toda empreitada prática, quando o mundo nos agrada, supõe que o

mundo é tudo. Mas no crepúsculo da visão dupla surge uma confusão para a qual não se pode encontrar nenhuma palavra altissonante; não podemos agir, nem evitar a ação; não podemos ignorar a Infinitude, nem tampouco respeitá-la. A sra. Moore tinha uma inclinação permanente pela resignação. Logo que pisou no solo indiano essa atitude lhe pareceu boa, e quando viu a água correndo no tanque da mesquita, ou o Ganges, ou a lua presa no xale da noite com todas as estrelas, ela lhe pareceu um lindo objetivo, e também fácil. Fundir-se com o universo! Tão nobre e tão simples. Mas antes havia sempre um deverzinho a ser cumprido, uma carta do baralho a ser virada para cima, retirada do monte que ia diminuindo, e enquanto ela andava de um lado para outro sem fazer nada soou o gongo de Marabar.

O que lhe fora dito naquela cavidade de granito polida? O que habitava na primeira das cavernas? Algo muito velho e muito pequeno. Anterior ao tempo e também anterior ao espaço. Algo de nariz arrebitado, incapaz de generosidade, o próprio verme imperecível. Desde que ouviu a voz desse verme, ela não havia mais alimentado um único pensamento relevante; na verdade, ela estava invejosa de Adela. Toda essa confusão em torno de uma garota apavorada! Não tinha acontecido nada, “e se tivesse acontecido”, ela se pegou pensando com o cinismo de uma sacerdotisa murcha, “se tivesse acontecido, há males piores que o amor”. O atentado execrável apresentou-se a ela como amor: numa caverna, numa igreja... bum, tanto faz. Afirma-se que as visões levam à profundidade, mas espere até você ter uma, caro leitor! O abismo também pode ser insignificante, a serpente da eternidade pode ser feita de vermes; seu pensamento constante era: “Deviam dar menos atenção à minha futura nora e mais a mim; não há sofrimento igual ao meu”, embora quando lhe davam atenção ela a repudiasse irritada.

Seu filho não pôde acompanhá-la até Bombaim, pois a situação local continuava grave e todos os funcionários precisavam permanecer em seu posto. Tampouco Antony podia, para não ter a oportunidade de não voltar e com isso deixar de dar o seu testemunho. Assim, ela viajou sem ninguém que pudesse lembrar-lhe do passado. Isso foi um alívio. O calor havia arrefecido um pouco, antes da onda seguinte, e a viagem não foi desagradável. Quando ela deixou Chandrapore, a lua, outra vez cheia, brilhava sobre o Ganges e redesenhava em fios de prata os minguidos canais, depois olhou pela janela da sua cabine. O trem-correio, rápido e confortável, deslizava com ela pela noite, e durante todo o dia seguinte correu pela Índia Central, por paisagens

crestadas e descoloridas, mas que não tinham a melancolia desesperançada da planície. Ela olhava a vida indestrutível do homem e suas faces cambiáveis, e as casas que ele construiu para si e para Deus, e as via não em função do seu próprio infortúnio, mas como coisas a serem vistas. Havia, por exemplo, um lugar chamado Asirgarh, pelo qual ela passou ao crepúsculo e identificou num mapa — uma enorme fortaleza entre colinas cobertas de florestas. Ninguém jamais havia lhe falado de Asirgarh, mas ali se erguiam enormes e nobres bastiões e à direita deles havia uma mesquita. Ela esqueceu o lugar. Dez minutos depois Asirgarh reapareceu. Agora a mesquita estava à esquerda dos bastiões. O trem, na descida pelos montes Vindhya, havia descrito um semicírculo em torno de Asirgarh. Com que outra coisa ela poderia ligar aquele lugar, além desse nome? Com nada; ela não sabia de ninguém que morasse ali. Mas a fortaleza a havia olhado duas vezes e parecia dizer: “Eu não desapareço”. Ela acordou assustada no meio da noite, pois o trem estava despencando pelo penhasco ocidental. Picos enluarados investiam para ela como as franjas do mar; depois, uma breve crise de dor, o mar e a madrugada nebulosa de Bombaim. “Não vi os lugares certos”, pensou ela ao perceber, cercado pelas plataformas do terminal Victoria, o final dos trilhos que a haviam levado por um continente e não iriam nunca mais levá-la de volta. Ela jamais visitaria Asirgarh ou os outros lugares aos quais não havia ido; nem Délhi nem Agra, nem as cidades de Rajputana, nem Caxemira, nem as maravilhas mais obscuras que às vezes brilhavam nas palavras dos homens: a rocha bilíngüe de Girnar, a estátua de Shri Belgola, as ruínas de Mandu e de Hampi, os templos de Khajuraho, os jardins de Shalimar. Enquanto percorria de carruagem a enorme cidade que o Ocidente construiu e abandonou com um gesto de desespero, ela ansiava por parar, conquanto fosse apenas Bombaim, e desemaranhar as centenas de Índias que passavam umas pelas outras nas ruas. As patas dos cavalos a transportaram, e agora o navio deslizava e milhares de palmeiras apareciam em torno do ancoradouro e subiam as colinas para lhe acenar um adeus. “Então a senhora achou que a Índia era um eco; que as cavernas de Marabar eram a palavra final?” Elas riram. “O que é que nós temos em comum com elas, ou elas têm em comum com Asirgarh? Adeus!” Então o navio contornou Colaba, o continente girou atrás deles, as escarpas de Gates se dissiparam na névoa do mar tropical. Lady Mellanby apareceu e a aconselhou a não ficar no calor: “Saímos sãs e salvas da frigideira; seria absurdo cair no fogo agora”.

XXIV

FAZENDO SÚBITAS MUDANÇAS DE MARCHA, o calor avançou aceleradamente depois da partida da sra. Moore, até se ter de suportar a existência e punir o crime com o termômetro marcando 49°C. Os ventiladores elétricos murmuravam e estalavam, borrifava-se água nos biombos, o gelo tinha, e lá fora, para além dessas defesas, nuvens de poeira se moviam hesitantes entre um céu acinzentado e uma terra amarelada. Na Europa a vida se recolhe por causa do frio, e isso fez surgirem em torno da lareira belos mitos — Balder, Perséfone —, mas aqui as pessoas se recolhem para escapar da fonte da vida, o sol traiçoeiro, e a poesia não adorna esse recolhimento porque a desilusão não pode ser bonita. Os homens anseiam por poesia, mesmo sem confessá-lo; desejam que a alegria seja graciosa, que a tristeza seja nobre e que o infinito tenha forma, e a Índia não oferece isso. A confusão anual de abril, quando a irritabilidade e o desejo se espalham como um cancro, é um dos seus comentários às esperanças sistemáticas da humanidade. Os peixes se saem melhor: quando os tanques secam, eles coleiam até a lama do fundo e ali, bem quietos, esperam a chegada das chuvas que irão desempastá-los. Mas os homens tentam ser congruentes durante

o ano inteiro, e o resultado às vezes é desastroso. Subitamente a máquina triunfante da civilização começa a dar solavancos e pára como um carro de pedra, e nesses momentos o destino do inglês parece se assemelhar ao dos seus antecessores, que também entraram no país com a intenção de reformá-lo e no final se acomodaram ao seu padrão e ficaram cobertos com a sua lama.

Adela, depois de anos de devoção ao intelecto, tinha voltado a se ajoelhar de manhã e fazer suas preces cristãs. Parecia não haver mal nisso; era o atalho mais curto e mais fácil para chegar ao invisível, e ela podia juntar a ele suas preocupações. Assim como os religiosos hindus pediam a Lakshmi um aumento salarial, ela também implorava a Jeová um veredicto favorável. Deus que protege o rei certamente irá ajudar a polícia. A divindade lhe deu uma resposta consoladora, mas quando Adela tocou o rosto com as mãos sentiu uma quentura incômoda e então engoliu e expectorou o mesmo grumo de ar

insípido que lhe havia pesado nos pulmões durante toda a noite. A voz da sra. Turton também a perturbou. “Você está pronta, minha jovem?”, troou ela do quarto ao lado.

“Um minuto”, murmurou Adela. Os Turton a haviam acolhido depois da partida da sra. Moore. Estavam sendo de uma bondade incrível, mas era a situação da moça, e não o seu caráter, que os movia: ela era a inglesa que tinha tido a terrível experiência e por quem não se podia fazer grande coisa. Ninguém, fora Ronny, tinha idéia do que se passava na cabeça de Adela, e a idéia que ele fazia era apenas pálida, porque onde há oficialismo toda relação humana fica prejudicada. Em sua tristeza ela havia lhe dito: “Eu só lhe trago problemas. No *maidan*, aquela tarde, eu estava certa: teria sido melhor se nós fôssemos apenas amigos”, mas ele protestou, pois quanto mais ela sofria, mais ele a tinha em apreço. Adela o amava? Essa pergunta ficara de certo modo impregnada de Marabar; estava na sua cabeça quando ela entrou na caverna fatal. Ela seria capaz de amar alguém?

“Senhorita Qusted, Adela, seja lá como você prefere, são sete e meia; precisamos pensar em ir para o tribunal quando você estiver disposta.”

“Ela está rezando”, disse o coletor.

“Desculpe, querida; demore quanto quiser. O seu *chota hazri* estava bom?”

“Não consigo comer; vocês me dariam um pouco de conhaque?”, pediu ela abandonando Jeová.

Quando chegou o conhaque, ela estremeceu ao vê-lo e disse que estava pronta para ir.

“Beba; não foi má idéia pedir um drinque.”

“Na verdade não creio que ele vá me ajudar, *burra sahib*.”

“Você mandou conhaque para o tribunal, Mary?”

“Acho que sim, e também champanhe.”

“Vou agradecer a vocês no final da tarde; agora estou em frangalhos”, disse a moça escandindo cuidadosamente as sílabas, como se o seu problema pudesse diminuir se fosse definido com clareza. Adela receava as reticências, não queria correr o risco de que algo que lhe escapasse tomasse forma sob elas, e havia ensaiado com a sra. McBryde de um modo estranho, afetado, o relato da sua terrível aventura na caverna; como o homem não tinha jamais chegado a tocá-la de fato, mas a puxara pela caverna etc. Seu objetivo naquela manhã era anunciar meticulosamente que a tensão era aterradora e que ela

talvez sucumbisse durante o interrogatório do sr. Amritrao e envergonhasse os amigos. “O eco voltou novamente, e forte”, disse ela.

“Você não quer uma aspirina?”

“Não é dor de cabeça, é um eco.”

Incapaz de afastar dos ouvidos dela aquele murmúrio, o major Callendar o tinha diagnosticado como uma fantasia e lhes havia recomendado não estimulá-la. Assim, os Turton mudaram de assunto. A breve carícia da brisa matinal estava passando pela Terra, separando a noite do dia; dentro de dez minutos estaria extinta, mas eles a aproveitariam para fazer a viagem até a cidade.

“Tenho certeza de que vou sucumbir.”

“Não vai”, disse o coletor com uma voz muito terna.

“Claro que não vai, ela é muito forte.”

“Mas, senhora Turton...”

“Sim, querida.”

“Se realmente eu sucumbir, não haverá conseqüências. Em alguns julgamentos isso influiria, mas nesse não. Eu coloco a questão deste modo para mim: independentemente do que eu fizer, chorar ou comportar-me de modo absurdo, tenho certeza de que terei o meu veredicto, a menos que o senhor Das seja terrivelmente injusto.”

“Você está fadada a vencer”, disse ele calmamente, e não mencionou que decerto haveria um recurso. O *nawab* Bahadur havia financiado a defesa e preferiria se arruinar a deixar “um muçulmano inocente perecer”, e outros interesses, menos respeitáveis, também estavam por trás. O caso poderia ir de tribunal para tribunal, com conseqüências que nenhum funcionário seria capaz de prever. O humor de Chandrapore estava mudando sob os seus próprios olhos. Quando o carro saía da área residencial da Índia britânica sua pintura recebeu uma ridícula pancadinha de indignação, um seixo atirado por uma criança. Algumas pedras maiores foram lançadas perto da mesquita. No *maidan* um esquadrão da polícia nativa estava à espera para escoltá-los em motocicletas durante sua passagem pelos bazares. O coletor estava irritado e resmungou: “McBryde é uma velha”, mas a sra. Turton disse: “Realmente, depois do Mohurram uma demonstração de força não faria mal. É ridículo fingir que eles não nos odeiam; desista dessa farsa”. Ele respondeu com uma voz estranha, triste: “Não os odeio, não sei por quê”, e não os odiava; pois se o fizesse teria tido de condenar sua própria carreira como uma investidura

inferior. Conservava uma afeição desdenhosa pelos peões que havia deslocado durante todos aqueles anos; eles deviam valer os seus esforços. “Afinal de contas, são as nossas mulheres que tornam tudo mais difícil aqui”, foi a reflexão íntima que ele fez quando viu algumas obscenidades num longo muro branco, e sob aquela magnanimidade com a srta. Quested ocultava-se o ressentimento, à espera da sua hora — talvez haja uma partícula de ressentimento em toda magnanimidade. Alguns estudantes tinham se reunido diante do tribunal do juiz municipal; eram apenas garotos histéricos que ele teria enfrentado se estivesse sozinho, mas ordenou ao motorista que desse a volta e parasse nos fundos do prédio. Os estudantes gritaram zombarias e Rafi (escondido atrás de um companheiro, para não ser identificado) gritou que os ingleses eram covardes.

Eles entraram na sala privada de Ronny, onde se reunira um grupo de anglo-indianos. Não havia ninguém acovardado, com os nervos à flor da pele, pois continuavam chegando notícias bizarras. O pessoal da limpeza pública tinha entrado em greve e por causa disso metade das privadas de Chandrapore continuava “em estado desolador” — apenas metade, e funcionários do distrito, que tinham menos certeza da inocência do dr. Aziz, chegariam no final da tarde e furariam a greve, mas por que esse incidente ridículo tinha de acontecer? E muitas das senhoras muçulmanas haviam jurado ficar em jejum até o prisioneiro ser absolvido; na verdade a morte delas não faria grande diferença, pois sendo invisíveis elas já pareciam mortas; contudo era inquietante. Um novo espírito parecia estar circulando, uma ordem diferente que ninguém no implacável grupinho de brancos conseguia explicar. Havia uma tendência a ver por trás desse espírito a atuação de Fielding; a idéia de que ele era fraco e excêntrico fora abandonada. Dedicavam-se com toda a aplicação a achincalhá-lo: tinham-no visto num carro junto com os dois advogados, Amritrao e Mahmoud Ali; ele havia incentivado o movimento dos escoteiros movido por razões sediciosas; recebia cartas com selos estrangeiros no envelope e provavelmente era espião japonês. O veredicto daquela manhã destruiria esse traidor, mas ele havia prestado ao seu país e ao Império um incalculável desserviço. Enquanto o denunciavam, a srta. Quested permaneceu afastada, as mãos nos braços da cadeira e os olhos fechados, poupando suas forças. Depois de algum tempo eles a notaram e se envergonharam daquele alarido.

“Podemos fazer alguma coisa por você?”, perguntou a srta. Derek.

“Acho que não, Nancy, e acho que não sou capaz de fazer nada sozinha.”

“Mas você está rigorosamente proibida de falar assim; você é maravilhosa.”

“É isso mesmo”, concordou o coro reverente.

“O velho Das é um bom sujeito”, disse Ronny, começando em voz baixa um novo assunto.

“Nenhum deles é um bom sujeito”, contrariou-o o major Callendar.

“Das é; verdade.”

“Você quer dizer que ele está com mais medo de absolver do que de condenar, porque se absolver vai perder o emprego”, disse Lesley com uma risadinha maliciosa.

Ronny não tinha querido dizer isso, mas acalentava “ilusões” sobre seus subordinados (seguindo as melhores tradições do corpo de funcionários de que fazia parte) e gostava de afirmar que o velho Das tinha mesmo uma coragem moral do tipo da que se adquire nas escolas particulares inglesas. Ressaltou que, de certo ponto de vista, era bom que um indiano estivesse assumindo o caso. A condenação era inevitável; assim, era melhor deixar um indiano pronunciá-la, pois a longo prazo haveria menos confusão. Interessado na discussão, Adela ficou tênue na sua mente.

“Na verdade o senhor desaprova o pedido que eu enviei a lady Mellanby”, disse a sra. Turton muito veemente. “Por favor, não se desculpe, senhor Heaslop; eu já estou acostumada a descobrir que errei.”

“Eu não quis dizer que...”

“Tudo bem. Já lhe disse para não se desculpar.”

“Esses porcos estão sempre de tocaia esperando algum motivo para fazer uma queixa”, interveio Lesley tentando aplacá-la.

“Porcos, eu também acho isso”, concordou o major. “E vou lhes dizer mais. Na verdade esse incidente foi uma coisa muito boa para nós, a não ser para a vítima dele, claro. Vai fazê-los guinchar, e eles já estão na hora de guinchar. No hospital eu incuti neles o temor a Deus, de qualquer forma. Você precisava ver o neto do nosso pretense líder legalista.” Ele abafou um riso desumano ao descrever o aspecto do rapaz no momento. “Sua beleza se foi; cinco dentes superiores, dois inferiores e uma narina. Ontem o velho Panna Lal lhe entregou os óculos e ele se debulhou em lágrimas. Eu ria, ria... É verdade; vocês também ririam. Ele era um desses negros almofadinhas e agora está arruinado; dane-se, que vá para o inferno. Estou convencido de que ele

era de uma imoralidade abominável.” O major se acalmou, mas ainda acrescentou: “Gostaria de ter atendido também o meu assistente mais novo; nenhum mal é demasiado para essa gente”.

“Enfim dizem uma coisa que tem sentido”, gritou a sra. Turton, deixando o marido muito constrangido.

“É isso mesmo. Depois do que aconteceu, essa coisa chamada crueldade deixou de existir.”

“Exatamente, e lembrem-se disso depois, vocês, homens. Vocês são fracos, fracos, fracos. Ora essa!, eles deviam rastejar de gatinhas daqui até as cavernas sempre que uma inglesa estivesse à vista, ninguém devia falar com eles, devíamos cuspir neles, eles deviam ser moídos e misturados ao pó. Já fomos bonzinhos demais com as nossas Festas da Ponte e tudo o mais.”

Ela fez uma pausa. Aproveitando-se de sua fúria, o calor a havia invadido. Ela se acalmou com uma limonada, e entre os golinhos continuou murmurando: “Fracos, fracos”. E o processo se repetiu. As questões que a srta. Queded havia levantado eram muito mais importantes do que ela, e assim era inevitável que as pessoas esquecessem a moça.

Então o julgamento teve início.

As cadeiras que os ingleses ocupariam os haviam precedido na sala, pois era importante que eles fossem tratados com toda a dignidade. E depois que os *chuprassies* aprontaram tudo eles entraram em fila no salão anarquizado como quem chega à barraca de uma feira. O coletor fez uma brincadeirinha protocolar ao se sentar, levando seu círculo a sorrir, e os indianos, que não tinham ouvido o que fora dito, acharam que alguma nova crueldade estava em marcha, do contrário os *sahibs* não teriam rido.

O tribunal estava apinhado e, como não podia deixar de ser, muito quente. A primeira pessoa que Adela notou foi a mais humilde de todas as presentes, alguém que não tinha nenhuma relação oficial com o julgamento: o homem que movia o *punkab*. Seminu, com um corpo esplêndido, sentado numa plataforma elevada próxima dos fundos, no meio do corredor central, ele atraiu sua atenção quando ela entrou, e parecia controlar o procedimento. Tinha a força e a beleza que às vezes florescem nos indianos de baixa extração. Quando essa estranha gente se aproxima da poeira e é condenada como intocável, então a natureza se lembra da perfeição física que atingiu alhures e produz um deus — não muitos, apenas um aqui e outro ali, para provar à sociedade quão pouco as suas categorias a impressionam. Esse homem teria

sido notável em qualquer lugar; entre as mediocridades de canelas finas e peito chato que se viam em Chandrapore ele se destacava como um ser divino, conquanto fosse da cidade, se alimentasse com as suas sobras e devesse acabar nos seus montes de lixo. Puxando a corda para si, soltando-a ritmicamente, lançando sobre os outros correntes de ar que não chegavam até ele, parecia não participar dos destinos humanos, uma Moira masculina, um joieiro de almas. Diante dele, também numa plataforma, estava sentado o pequeno juiz assistente, educado, constrangido e consciencioso. O *punkah-wallah* não era nenhuma dessas coisas: quase não sabia que existia e não entendia por que o tribunal estava mais cheio do que normalmente; na verdade ele não sabia que a sala estava mais cheia do que normalmente, não sabia nem mesmo que ele fazia funcionar um ventilador, embora achasse que puxava uma corda. Algo em seu alheamento impressionou a moça de classe média da Inglaterra e censurou a estreiteza dos seus sofrimentos. Qual era a razão de ela ter reunido essa gente que enchia a sala? Seu tipo de opiniões e o Deus burguês que as santificava, com que direito eles reivindicavam tanta importância no mundo e se arrogavam o título de civilização? A sra. Moore — ela olhou em torno, mas a sra. Moore estava longe, no mar; era o tipo de questão que elas teriam discutido na viagem de volta, antes de a velha senhora ter se tornado desagradável e estranha.

Enquanto pensava na sra. Moore ela ouviu os sons, que gradualmente ficaram mais distintos. O memorável julgamento tinha começado e o superintendente da polícia estava dando início ao requisitório.

O sr. McBryde não estava se esforçando por ser um orador interessante; deixou a eloquência para a defesa, que precisaria dela. Sua atitude era esta: “Todos sabem que o homem é culpado, e eu sou obrigado a dizer isso em público antes que ele vá para as ilhas Andaman”. Não fez nenhum apelo moral ou emocional, mas pouco a pouco a estudada negligência de sua conduta se fez sentir e incitou à fúria de parte do público. Ele descreveu detalhadamente a gênese do piquenique. O prisioneiro tinha conhecido a srta. Quested numa recepção dada pelo diretor do Colégio do Governo e lá havia concebido suas intenções com relação a ela: o prisioneiro era um homem de vida dissoluta, como testemunhavam documentos encontrados com ele quando da prisão, e além disso seu assistente, o dr. Panna Lal, estava em situação de lançar luz sobre o seu caráter, e o próprio major Callendar testemunharia. Nesse ponto o sr. McBryde fez uma pausa. Queria que o procedimento fosse o mais limpo

possível, mas a Patologia Oriental, tema tão caro a ele, estava por toda parte ao seu redor e ele não pôde lhe opor resistência. Tirando os óculos, como costumava fazer antes de enunciar uma verdade universal, fitou-os com tristeza e comentou que as raças mais escuras são fisicamente atraídas pela mais clara, mas o contrário não ocorre. Não se trata de rancor nem de insulto; isso simplesmente é um fato que qualquer observador com espírito científico confirmaria.

“Mesmo quando a mulher é mais feia que um homem?”

Não se viu de onde partiu o comentário, talvez tenha vindo do teto. Foi a primeira interrupção, e o juiz viu-se forçado a censurá-lo. “Tirem esse homem do recinto”, disse ele. Um dos policiais nativos agarrou um homem que não havia dito nada e o retirou com truculência. O sr. McBryde voltou a pôr os óculos e prosseguiu. Mas o comentário havia perturbado a srta. Queded. Seu corpo tremeu, ressentido de ser chamado de feio.

“Você está se sentindo fraca, Adela?”, perguntou a srta. Derek, que cuidava dela com uma indignação amorosa.

“É só assim que eu me sinto, Nancy, o tempo todo. Vou superar isso, mas é terrível, terrível.”

E assim teve início a primeira de uma série de cenas. Seus amigos começaram uma grande agitação em torno dela e o major gritou: “As providências tomadas para a minha paciente são insatisfatórias; por que não lhe deram uma cadeira numa plataforma? Aqui ela não está recebendo ar”.

O sr. Das pareceu se aborrecer e disse: “Não vejo nenhum inconveniente em acomodar a senhorita Queded numa cadeira aqui em cima em virtude das circunstâncias da sua saúde”. Os *chuprassies* fizeram chegar pelo alto não só uma, e sim várias cadeiras, e todo o grupo seguiu Adela na plataforma. O único europeu que ficou na parte central da sala foi o sr. Fielding.

“Assim está melhor”, disse a sra. Turton quando se acomodou.

“Uma mudança totalmente desejável por várias razões”, completou o major.

O juiz sabia que precisava censurar essa observação, mas não ousou fazê-lo. Callendar viu que ele estava com medo e gritou autoritariamente: “Tudo bem, McBryde, agora continue; desculpe a interrupção”.

“Vocês estão bem?”, perguntou o superintendente.

“Estaremos, estaremos.”

“Prossiga, senhor Das, não estamos aqui para atrapalhá-lo”, disse benevolente o coletor. Na verdade eles não tinham propriamente atrapalhado o julgamento, e sim tomado conta dele.

Enquanto a acusação prosseguia, a srta. Quested examinou a sala — a princípio timidamente, como se seus olhos fossem se queimar com o que viam. Ela observou à esquerda e à direita do homem do *punkkah* muitos rostos que lhe pareciam conhecidos. Abaixo dela estavam reunidos os escombros da sua tola tentativa de conhecer a Índia — as pessoas que conhecera na Festa da Ponte, o casal que não tinha mandado a carruagem, o velho que emprestou seu carro, vários criados, aldeões, funcionários e o próprio prisioneiro. Lá estava ele sentado: um indiano baixo e forte, limpo, de cabelo muito negro e mãos ágeis. Ela o viu sem sentir nenhuma emoção especial. Desde a última vez em que se encontraram, ela o havia convertido num princípio do mal, mas agora ele lhe parecia ser o que sempre fora: um conhecido sem importância. Ele era insignificante, seco como um osso, e conquanto fosse “culpado” não estava cercado por um clima de pecado. “Suponho que ele *seja* culpado. Será que eu me equivoquei?”, pensou ela. Pois essa pergunta ainda se apresentava a ela, apesar de ter deixado de lhe perturbar a consciência desde a partida da sra. Moore.

Então o defensor Mahmoud Ali se levantou e perguntou com uma ironia pesada e mal calculada se seu cliente também poderia ser acomodado na plataforma: até os indianos às vezes se sentiam mal, embora naturalmente o major Callendar não pensasse assim, estando à frente do hospital do governo. “Outro exemplo do brilhante senso de humor indiano”, entou a srta. Derek. Ronny olhou para o sr. Das, querendo ver como ele lidaria com essa dificuldade. O presidente do tribunal ficou agitado e repreendeu severamente o defensor Mahmoud Ali.

“Perdão...” Foi a vez do eminente advogado de Calcutá. Era um homem de bela aparência, alto e muito magro, o cabelo grisalho cortado bem curto. “Objetamos à presença de tantas senhoras e senhores europeus na plataforma”, disse ele com uma voz de Oxford. “O resultado disso será que eles irão intimidar as nossas testemunhas. O lugar deles é com o resto do público, na parte central da sala. Não fazemos objeção à permanência da senhorita Quested na plataforma, visto que ela não está bem; devemos tratá-la com toda a cortesia, apesar das verdades científicas que nos foram reveladas pelo superintendente de polícia do distrito; mas objetamos aos outros.”

“Ah, chega de conversa, vamos ao veredicto”, resmungou o major.

O visitante ilustre olhou respeitosamente para o juiz.

“Concordo”, disse o sr. Das, escondendo atrás de papéis o rosto desesperado. “Minha permissão para sentar aqui foi dada apenas à senhorita Qusted. Os amigos dela seriam muito amáveis se descessem.”

“Isso mesmo, Das, muito bem”, disse Ronny com uma honestidade arrasadora.

“Descer, faça-me o favor, que impertinência incrível!”, gritou a sra. Turton.

“Venha em silêncio, Mary”, murmurou seu marido.

“Ei, a minha paciente não pode ser deixada sem assistência.”

“O senhor faz objeção à permanência do cirurgião-chefe, senhor Amritrao?”

“Vou objetar. Uma plataforma confere autoridade.”

“Mesmo quando tem apenas um pé de altura. Venham todos”, comandou o coletor reprimindo o riso.

“Muito obrigado, senhor”, disse o sr. Das bastante aliviado. “Obrigado, senhor Heaslop; obrigado a todas as senhoras.”

E o grupo inteiro, inclusive a srta. Qusted, desceu da sua precipitada eminência. A notícia daquela humilhação se espalhou rapidamente e as pessoas que estavam lá fora caçoaram. As cadeiras especiais acompanharam os ingleses em sua retirada. Mahmoud Ali (a quem o ódio havia estupidificado, deixando-o inútil) objetou até mesmo a essas cadeiras especiais; por ordem de quem elas haviam sido colocadas ali, por que não tinham dado uma para o *nawab* Bahadur? Etc. etc. etc. Em toda a sala as pessoas começaram a conversar sobre cadeiras comuns e especiais, tiras de tapete, plataformas com um pé de altura.

Mas a pequena digressão teve uma influência benéfica sobre os nervos da srta. Qusted; depois de ter visto toda aquela gente que estava na sala ela se sentiu mais tranqüila. Foi como se inteirar do pior. Ela agora estava certa de que se sairia bem — ou seja, sem humilhação espiritual —, e deu a boa notícia a Ronny e à sra. Turton. Mas eles tinham ficado muito agitados com o revés sofrido pelo prestígio inglês e não se interessaram. De onde estava sentada ela via o renegado diretor da escola. Da plataforma ela o vira melhor, e sabia que havia uma criança indiana empoleirada em seu joelho. O sr. Fielding observava o procedimento e também a observava. Quando seus olhos se encontraram, ele desviou o olhar, como se uma comunicação direta não lhe interessasse.

O juiz também estava mais contente. Havia ganho a batalha da plataforma e adquirido autoconfiança. Inteligente e imparcial, continuou ouvindo a acusação e tentou esquecer que mais tarde teria de pronunciar um veredicto de acordo com ela. O superintendente prosseguia decidido; havia esperado essas explosões de insolência — são os gestos naturais de uma raça inferior — e não demonstrava ter ódio de Aziz, apenas um profundo desprezo.

Seu discurso tratava extensamente dos “trouxas do prisioneiro”, como ele os chamava — Fielding, o criado Antony, o *nawab* Bahadur. À srta. Qusted esse aspecto do processo sempre parecera duvidoso, e ela havia pedido à polícia que não o desenvolvesse. Mas eles estavam apostando numa sentença pesada e queriam provar que a agressão fora premeditada. E a fim de ilustrar sua estratégia apresentaram um plano das colinas de Marabar, mostrando o caminho que o grupo havia percorrido e o “Tanque da Adaga”, onde o grupo havia acampado.

O juiz mostrou-se interessado pela arqueologia.

Exibiu-se uma elevação num modelo de caverna que trazia a inscrição “Caverna budista”.

“Acho que não é budista, e sim jainista.”

“Em qual caverna ocorreu a alegada violência, na budista ou na jainista?”, perguntou Mahmoud Ali com ar de quem estava desmascarando uma conspiração.

“Todas as cavernas de Marabar são jainistas.”

“Sim, senhor; então em qual caverna jainista?”

“Mais tarde o senhor terá oportunidade de fazer essas perguntas.”

Àquela idiotice o sr. McBryde esboçou um sorriso. Os indianos invariavelmente se arruinam por causa de alguma questão como essa. Ele sabia que a defesa tinha uma grande esperança de estabelecer um álibi, que eles haviam tentado (em vão) identificar o guia e que Fielding e Hamidullah tinham ido até a Kawa Dol e percorrido e medido tudo numa noite de luar. “O senhor Lesley diz que elas são budistas, e se alguém sabe, esse alguém é ele. Mas eu posso chamar a atenção para o vulto?” E ele expôs o que havia ocorrido lá. Depois falou da chegada da srta. Derek, da difícil descida pela vala, da volta das duas para Chandrapore e do documento que a srta. Qusted assinou ao chegar, em que ela mencionava o binóculo. E então vem a evidência culminante: a descoberta do binóculo com o prisioneiro. “Por ora não tenho nada a acrescentar”, concluiu ele tirando os óculos. “Agora vou chamar minhas

testemunhas. Os fatos falarão por si mesmos. O prisioneiro é um desses indivíduos que têm vida dupla. Eu diria que sua degeneração vai vencendo-o gradualmente. Ele a ocultou com muita astúcia, como costuma acontecer com esse tipo de gente, e fingiu ser um respeitável membro da sociedade, chegando a obter um posto no governo. Agora está totalmente corrompido, sem chance de recuperação, temo eu. Ele se comportou com extrema crueldade, com extrema brutalidade, com uma outra convidada, outra senhora inglesa. Para se desvencilhar dela e praticar livremente seu crime, forçou a entrada dela numa caverna entre os seus criados. Contudo menciono isso apenas de passagem.”

Mas suas últimas palavras precipitaram outra tempestade, e subitamente um novo nome, sra. Moore, explodiu no tribunal como um redemoinho. Mahmoud Ali estava enfurecido; seus nervos estalavam. Ele gritava como um louco e perguntava se seu cliente estava sendo acusado de assassinato, além de estupro, e quem era essa segunda senhora.

“Eu não proponho convocá-la.”

“Não propõe porque não pode. O senhor a fez sair do país às escondidas. Ela é a senhora Moore, e teria provado a inocência dele. Ela estava do nosso lado, era amiga dos indianos pobres.”

“O senhor poderia tê-la convocado”, gritou o juiz. “Nenhum dos lados a convocou; nenhum deles deve citá-la como testemunha.”

“Ela foi mantida fora do nosso alcance até que fosse tarde demais. Eu soube tarde demais. A justiça inglesa é assim, o seu *raj* inglês é assim. Traga-nos de volta a senhora Moore por apenas cinco minutos e ela salvará o meu amigo, ela salvará o nome dos filhos dele; não a exclua, senhor Das; retire essas palavras, pois o senhor também é pai; diga-me onde eles puseram a senhora Moore.”

“Se a questão tem algum interesse, minha mãe deve ter chegado a Áden”, disse Ronny secamente; ele não devia ter intervindo, mas aquela investida furiosa o assustou.

“Vocês a aprisionaram lá porque ela sabia da verdade.” Ele estava quase fora de si, e sua voz foi ouvida sobre o tumulto: “Eu arruíno a minha carreira, não me importa; seremos todos arruinados, um a um.”

“Não é assim que o senhor vai defender o seu caso”, aconselhou o juiz.

“Eu não estou defendendo um caso, nem o senhor está julgando-o. Somos ambos escravos.”

“Senhor Mahmoud Ali, eu já o adverti, e a menos que o senhor se sente eu terei de usar minha autoridade.”

“Faça isso; este julgamento é uma farsa. Eu estou indo embora.” Ele entregou seus papéis a Amritrao e saiu; quando chegou à porta gritou histrionicamente, mas com intensa paixão: “Aziz, Aziz... adeus para sempre”. O tumulto aumentou, a invocação da sra. Moore continuou; sem saber o que significavam aquelas sílabas, as pessoas as repetiam como se elas fossem encantatórias. As palavras se indianizaram, tornando-se Esmis Esmur,^[1] e chegaram até a rua. Em vão o juiz ameaçava e expulsava. Enquanto a magia do nome não se esgotou, ele foi impotente.

“Que coisa mais inesperada!”, comentou o sr. Turton.

Ronny explicou o que havia acontecido. Antes de embarcar, sua mãe muitas vezes falava sobre Marabar durante o sono, principalmente à tarde, quando os criados estavam na varanda, e as afirmações desconexas que ela fez sobre Aziz devem ter sido vendidas a Mahmoud Ali por uns poucos *annas*; essas coisas estão sempre acontecendo no Oriente.

“Achei que eles iriam tentar algo do tipo. Ingênuos.” O sr. Turton olhou para as bocas escancaradas. “Eles fazem exatamente isso com a religião”, acrescentou ele calmamente. “Começam e não conseguem parar. Lamento pelo nosso bom Das, que não está podendo fazer uma grande demonstração.”

“Senhor Heaslop, que infâmia arrastarem a sua mãe para isso”, disse a srta. Derek inclinando-se.

“É só um stratagema deles. Agora se sabe o porquê de Mahmoud Ali atuar como defensor; foi só para fazer uma cena, caso surgisse uma oportunidade. É a especialidade dele.” Mas a cena desagradou a Ronny mais do que ele demonstrava. Era revoltante ouvir sua mãe parodiada como Esmis Esmur, uma deusa hindu.

“Esmis Esmur
Esmis Esmur
Esmis Esmur
Esmis Esmur...”

“Ronny..”

“Sim, mocinha?”

“Tudo isso não é bizarro?”

“Acho que você deve estar muito abalada com isso.”

“Nem um pouco. Não me importa.”

“Ótimo, então.”

A srta. Qusted havia falado de um modo mais natural e saudável do que normalmente. Inclinando-se no centro do seu grupo de amigos, ela disse: “Não se preocupem comigo, estou bem melhor agora; não me sinto nem um pouco fraca; vou ficar bem, e graças a vocês todos. Obrigada a vocês, obrigada pela sua bondade”. Adela precisou gritar seu agradecimento, pois a salmodia “Esmis Esmur” continuava.

De repente o coro cessou. Foi como se, ouvida a prece, as relíquias estivessem sendo apresentadas. “Peço desculpas pelo meu colega”, disse o sr. Amritrao surpreendendo a todos. “Ele é amigo íntimo do nosso cliente e se deixou arrebatado pelo sentimento.”

“O senhor Mahmoud Ali precisa se desculpar pessoalmente”, advertiu o juiz.

“Exatamente, senhor, ele terá de se desculpar. Mas acabamos de saber que a senhora Moore tinha um testemunho importante e queria dá-lo. Seu filho se apressou a mandá-la embora do país antes que ela pudesse depor; e isso desequilibrou o senhor Mahmoud Ali, pois aconteceu juntamente com uma tentativa de intimidar a única outra testemunha européia que temos, o senhor Fielding. O senhor Mahmoud Ali não teria dito nada se a senhora Moore tivesse sido convocada pela polícia como testemunha.” Ele se sentou.

“Um elemento estranho está sendo apresentado nesse caso”, disse o juiz. “Preciso repetir que como testemunha a senhora Moore não existe. Nem o senhor, senhor Amritrao, nem o senhor, senhor McBryde, têm o direito de conjecturar sobre o que aquela senhora teria dito. Ela não está aqui e conseqüentemente não pode dizer nada.”

“Está certo, retiro a minha referência”, disse saturado o superintendente. “Quis fazer isso quinze minutos atrás, mas não me deram oportunidade. Ela não tem a menor importância para mim.”

“Da parte da defesa, já retirei a referência.” E o sr. Amritrao acrescentou com um humor forense: “Talvez o senhor possa convencer os cavalheiros lá fora a retirarem-na também”, pois na rua o refrão continuava.

“Receio que os meus poderes não se estendam tão longe assim”, disse Das sorrindo.

Assim, restaurou-se a paz, e quando Adela foi prestar seu depoimento o clima estava tranqüilo como não estivera desde o início do julgamento. Os especialistas não se surpreenderam. Eles sabem que o nativo não se contém. Inflama-se a propósito de bagatelas e não sobra nada para a crise. O que ele procura é um motivo de queixa, e isso ele encontrou no suposto seqüestro de uma velha. Agora se sentiria menos prejudicado em seus direitos quando Aziz fosse deportado.

Mas a crise ainda estava por vir.

Adela sempre tinha tido a intenção de dizer a verdade e nada mais que a verdade, mas a preparação do depoimento fora uma tarefa difícil, porque aquela desventura na caverna se ligava, mesmo que por um fio, a outra parte da sua vida: o noivado com Ronny. Ela havia pensado em amor logo antes de entrar lá, tendo então perguntado inocentemente a Aziz como era o seu casamento, e imaginava que o mal fora despertado nele por aquela pergunta. Recontar isso seria incrivelmente doloroso; esse era o único ponto que ela queria deixar obscuro; embora disposta a dar detalhes que teriam constrangido outras moças, a essa história de sua falha particular Adela não ousava aludir, e se aterrorizava com a possibilidade de ser interrogada em público caso surgisse algo. Contudo, ao se levantar para falar e ao ouvir o som da própria voz ela não temeu nem mesmo isso. Uma sensação nova e desconhecida a protegia, como uma couraça magnífica. Ela não pensou no que tinha acontecido, tampouco lembrou pelo método comum da memória, mas voltou às colinas de Marabar e de lá falou para o sr. McBryde através de uma espécie de escuridão. Lembrou-se vividamente, com todos os detalhes, do dia fatal; mas agora ela ao mesmo tempo estava dentro e fora dele, e essa dupla relação dava a ele um esplendor indescritível. Por que ela havia achado “tediosa” a excursão? Então o sol se ergueu novamente, a elefanta estava à espera, as massas claras da rocha ondularam à volta dela e apresentaram a primeira caverna; ela entrou e um fósforo se refletiu nas paredes polidas — tudo lindo e sugestivo, embora ela tivesse estado cega para aquilo na ocasião. Fizeram-lhe perguntas e ela encontrou para cada uma delas a resposta precisa; sim, ela havia notado o “Tanque da Adaga”, mas não sabia que ele tinha esse nome; sim, a sra. Moore se cansara depois da primeira caverna e se sentara à sombra da grande rocha, perto do barro seco. Fluentemente, a fala distante prosseguia, mostrando os caminhos da verdade, e o ar do *punkah* vinha por detrás dela e a levava flutuando.

“... o prisioneiro e o guia a levaram para a Kawa Dol sem que houvesse mais ninguém presente?”

“A colina cuja forma é a mais bela dentre todas elas. Sim.” Enquanto falava, ela ia reconstituindo mentalmente a Kawa Dol; viu os nichos no alto da curva da pedra e sentiu o calor esbofetear-lhe o rosto. E algo a levou a acrescentar: “Que eu saiba, ninguém mais estava presente. Acho que estávamos sozinhos”.

“Muito bem. No meio da subida da colina há uma saliência, ou melhor, um corte na pedra, com cavernas espalhadas perto da nascente de um *nullah*.”

“Sei que lugar é esse.”

“A senhorita entrou sozinha numa dessas cavernas?”

“Foi exatamente isso.”

“E o prisioneiro a seguiu.”

“Agora nós o pegamos”, ouviu-se a voz do major.

Ela ficou em silêncio. O tribunal, o lugar onde se faziam as perguntas, ficou à espera da resposta. Mas ela só podia dá-la quando Aziz entrasse no lugar da resposta.

“O prisioneiro a seguiu, não foi assim?”, repetiu ele na entonação monocórdia que ambos estavam usando. As palavras empregadas pelos dois tinham sido combinadas, e assim essa parte do julgamento não estava apresentando surpresas.

“O senhor pode esperar meio minuto antes que eu responda a isso, senhor McBryde?”

“Claro.”

Sua visão incluía várias cavernas. Ela se viu em uma, e estava também fora dela, observando a entrada, à espera de que Aziz passasse por ela. Não conseguiu localizá-lo. Era a dúvida que já a havia assaltado muitas vezes, mas firme e atraente, como as colinas. “Eu não...” As palavras eram mais difíceis que a visão. “Eu não tenho muita certeza.”

“Perdão?”, disse o superintendente da polícia.

“Não tenho certeza...”

“Não ouvi a sua resposta.” Ele parecia alarmado, fechou bruscamente a boca. “A senhorita estava naquela plataforma, ou como quer que aquilo se chame, e entrou numa caverna. Lembro a senhorita de que o prisioneiro a seguiu.”

Ela balançou a cabeça.

“O que a senhorita está querendo dizer, por favor?”

“Não”, disse ela numa voz apática e sem floreios. Em várias partes da sala começou um burburinho, mas, com exceção de Fielding, ninguém entendeu o que estava acontecendo. O diretor da escola viu que ela estava prestes a ter um colapso nervoso e que seu amigo estava salvo.

“O que é isso, o que senhorita está dizendo? Fale, por favor.” O juiz se inclinou para a frente.

“Receio ter cometido um equívoco.”

“Que tipo de equívoco?”

“O doutor Aziz não me seguiu na caverna.”

O superintendente atirou seus papéis, depois os pegou de volta e disse calmamente: “Então vamos continuar, senhorita Qusted. Vou ler para a senhorita as palavras do depoimento que a senhorita assinou na minha casa duas horas depois do fato.”

“Desculpe, senhor McBryde, o senhor não pode prosseguir. Eu estou falando com a testemunha. E o público faça silêncio, do contrário vou ordenar que o tribunal seja esvaziado. Senhorita Qusted, dirija as suas observações para mim, que sou o juiz encarregado desse caso, e esteja cônica da extrema gravidade delas. Lembre-se de que a senhorita fala sob juramento, senhorita Qusted.”

“O doutor Aziz não...”

“Por razões médicas eu interrompo esse julgamento”, gritou o major depois de um cochicho de Turton, e todos os ingleses se levantaram ao mesmo tempo, grandes figuras brancas atrás das quais o pequeno juiz ficou oculto. Os indianos também se levantaram, centenas de coisas aconteceram ao mesmo tempo, de tal forma que depois cada pessoa dava uma versão diferente da catástrofe.

“A senhorita retira a acusação? Responda”, gritou o representante da Justiça.

Algo que Adela não entendeu tomou conta dela e a fez prosseguir. Mesmo sem poder contar com a visão, pois já estava de volta à insipidez do mundo, ela se lembrava do que havia aprendido. Expição e confissão — isso podia esperar. Numa entonação incisiva e prosaica ela disse: “Eu retiro tudo”.

“Isso é suficiente — pode sentar-se. Senhor McBryde, diante disso o senhor quer continuar?”

O superintendente olhou para a sua testemunha como se ela fosse uma máquina emperrada e disse: “A senhorita enlouqueceu?”.

“Não faça isso, senhor; o senhor já não tem o direito de interrogá-la.”

“Dê-me tempo para considerar...”

“*Sahib*, o senhor tem de retirar a acusação; isso vai se tornar um escândalo”, troou subitamente o *nawab* Bahadur do fundo do tribunal.

“Ele não vai retirar”, gritou a sra. Turton contra o tumulto que crescia. “Chame as outras testemunhas; nenhum de nós está a salvo.” Ronny tentou impedi-la e ela, transtornada, deu-lhe um soco e depois começou a gritar insultos para Adela.

O superintendente entrou em ação para proteger seus amigos e enquanto o fazia disse indiferente para o juiz: “Está certo, eu retiro”.

O senhor Das se levantou, quase morto de tensão. Havia controlado o caso, decididamente o controlara. Tinha mostrado que um indiano pode presidir um julgamento. Para os que o ouviam, ele disse: “O prisioneiro está livre sem a menor mácula em seu caráter; a questão das custas será decidida em outro local”.

E então a frágil ordem do tribunal se dissolveu, os gritos de escárnio e raiva atingiram o auge, as pessoas exclamavam e imprecavam, beijavam-se, choravam apaixonadamente. Aqui estavam os ingleses, protegidos pelos seus criados, ali Aziz desmaiava nos braços de Hamidullah. Vitória de um lado, derrota do outro — por um momento a antítese foi completa. Então a vida voltou às suas complexidades, uma a uma as pessoas enfrentaram a difícil retirada da sala e se voltaram para os seus diferentes objetivos, e em pouco tempo no cenário da fantasia não havia mais ninguém além do lindo deus seminu. Alheio ao fato de que algo incomum tinha acontecido, ele continuava a puxar a corda do *punkah*, a olhar para o estrado vazio e para as cadeiras especiais derrubadas e a agitar ritmicamente as nuvens de poeira em precipitação.

XXV

A SRTA. QUESTED HAVIA RENUNCIADO à sua gente. Afastando-se deles, foi arrastada até uma multidão de pequenos comerciantes indianos e levada junto com eles para a saída principal do tribunal. O ténue, indescritível cheiro dos bazares invadiu-a, mais doce que o de um bairro londrino miserável, embora mais perturbador: atrás da orelha de um velho, um tufo de algodão perfumado, fragmentos de *pan* entre seus dentes escuros, pós e óleos aromáticos — o Oriente Fragrante da tradição, porém misturado ao suor humano, como se um rei notável tivesse se enredado na ignomínia e não conseguisse se libertar, ou como se o calor do sol tivesse fervido e fritado as glórias da terra, convertendo-as numa mixórdia. Ninguém prestava atenção a Adela. As pessoas apertavam-se as mãos sobre o seu ombro, gritavam através do seu corpo — pois quando ignoram seus governantes os indianos se tornam genuinamente alheios à existência deles. Sem participar do universo que havia criado, ela foi arremessada contra o sr. Fielding.

“O que você está querendo aqui?”

Reconhecendo nele um inimigo, ela continuou caminhando ao sol sem dizer nada.

Ele gritou atrás dela: “Está indo para onde, senhorita Quested?”.

“Não sei.”

“Não pode vagar por aí assim. Onde está o carro em que veio?”

“Eu vou caminhar.”

“Que loucura! Provavelmente vai haver um tumulto. A polícia está reprimindo, ninguém sabe o que vai acontecer. Por que você não fica com a sua gente?”

“Eu devo ficar com eles?”, disse Adela sem emoção. Ela se sentia vazia, sem valor; não havia nela mais nenhuma virtude.

“Não. Tarde demais. Impossível chegar até a entrada privada. Venha comigo por aqui, rápido, vou colocá-la na minha carruagem.”

“Cyril, Cyril, não me deixe”, gritou a voz entrecortada de Aziz.

“Eu volto já.” Ele agarrou o braço de Adela. “Por aqui, e não discuta. Desculpe os meus modos, mas eu desconsidero a posição das pessoas. Por favor, mande minha carruagem de volta a qualquer hora amanhã.”

“Mas para onde eu vou?”

“Para onde quiser. Como é que eu posso saber quais foram as suas providências?”

A vitória estava segura numa ruazinha tranqüila, mas sem cavalo, pois o *sais*, que não esperava um término tão abrupto do julgamento, o havia usado para ir visitar um amigo. Adela subiu nela obedientemente. Fielding não pôde deixá-la, porque a confusão aumentava e alguns grupos pareciam fanáticos. A rua principal, dos bazares, fora bloqueada, e os ingleses usavam desvios para voltar à sua área residencial; eram como moscas numa teia de aranha e poderiam ser mortos sem dificuldade.

“O quê... o que você estava fazendo?”, gritou ele subitamente. “Brincando, analisando a vida ou quê?”

“Senhor, isto aqui é para o senhor”, interrompeu um aluno, correndo pela ruazinha com uma grinalda de jasmims no braço.

“Eu não quero essa bobagem; vá embora.”

“Senhor, eu sou um cavalo, seremos os seus cavalos”, gritou outro enquanto levantava no ar os varais da vitória.

“Traga o meu *sais*, Rafi, você é um bom garoto.”

“Não, senhor, isso é uma honra para nós.”

Fielding estava cansado dos seus alunos. Quanto mais eles o honravam, menos lhe obedeciam. Eles o ataviaram com uma grinalda de jasmim e rosas, arranharam o pára-lama na parede e declamaram um poema, o que atraiu uma multidão para a ruazinha.

“Suba depressa, senhor; vamos puxar o senhor na comitiva.”

E meio afetuosos meio atrevidos, eles o puseram dentro da vitória.

“Não sei se isso lhe incomoda, mas de qualquer forma você está a salvo”, disse ele. Aos solavancos, a carruagem entrou no bazar principal causando sensação. A srta. Qusted era tão odiada em Chandrapore que duvidavam da sua abjuração e corria o boato de que ela havia sido atingida pela Divindade no meio das suas mentiras. Mas eles se alegraram ao vê-la sentada ao lado do heróico diretor (houve quem a chamasse de sra. Moore!) e enfeitaram-na com uma grinalda, para combinar com ele. Meio deuses, meio garotos, com lingüiças de flores em volta do pescoço, os dois foram arrastados na esteira do

vitório landau de Aziz. No aplauso que os saudava mesclavam-se sinais de escárnio. Os ingleses sempre se mantêm unidos! Era a crítica que se fazia. E não era injusta. O próprio Fielding participava dela, e sabia que se acontecesse algum mal-entendido e seus aliados atacassem a moça, seria obrigado a morrer defendendo-a. Ele não queria morrer por ela, queria estar festejando com Aziz.

Para onde o cortejo estava indo? Para amigos, para inimigos, para a casa de Aziz, para a casa do coletor, para o Hospital Minto, onde o cirurgião-chefe teria de se humilhar e os pacientes (confundidos com prisioneiros) seriam libertados, ou para Délhi e Simla. Os alunos achavam que ele ia para o Colégio do Governo. Ao chegar a uma conversão eles viraram a vitória para a direita, correram com ela por travessas que desciam uma colina e, transpondo o portão de um jardim, entraram no mangueiral. No que dizia respeito a Fielding e à srta. Qusted, tudo era paz e silêncio. As árvores tinham folhas acetinadas e delgados frutos verdes, o tanque cochilava; e mais além se erguiam os belos arcos azuis do pavilhão. “Senhor, nós vamos buscar outros; a carga é muito pesada para os nossos braços”, disseram eles. Fielding refugiou-se em seu escritório e tentou ligar para McBryde. Não conseguiu; os fios haviam sido cortados. Todos os criados tinham se retirado. Mais uma vez ele não podia abandoná-la. Assim, pôs à disposição dela duas salas, levou-lhe gelo, bebidas e biscoitos, aconselhou-a a se deitar e foi se deitar — não havia mais nada a fazer. Ele se sentia inquieto e frustrado ouvindo os sons do cortejo se afastando sempre mais, e sua alegria tinha sido um tanto turvada pela perplexidade. Era uma vitória, mas uma vitória muito estranha.

Nesse momento Aziz estava gritando: “Cyril, Cyril...”. Espremido numa carruagem com o *nawab* Bahadur, Hamidullah, Mahmoud Ali, seus próprios filhos e montanhas de flores, ele não estava contente; queria ter junto de si todos aqueles que o amavam.

A vitória não lhe dera nenhum prazer; ele havia sofrido demais. Desde o momento da prisão sentira-se arruinado, abatido como um animal ferido; tinha perdido a esperança, não por covardia, mas por saber que a palavra de uma inglesa sempre valeria mais que a dele. “É o Destino; é o Destino”, ele havia dito quando o prenderam novamente depois do Mohurram. Tudo o que existia, naquela época terrível, era a afeição, e afeição foi tudo o que ele sentiu nos primeiros momentos penosos da sua liberdade. “Por que o Cyril não está

logo atrás de nós? Vamos voltar.” Mas o cortejo não podia voltar; como uma cobra num cano de esgoto, ele avançava pelo bazar estreito em direção à bacia do *maidan*, onde decidiria sobre a sua presa.

“Em frente, em frente”, gritava Mahmoud Ali, que passara a falar aos urros. “Abaixo o coletor, abaixo o superintendente da polícia!”

“Senhor Mahmoud Ali, isso não é sensato”, implorou o *nawab* Bahadur, sabendo que nada se ganharia atacando os ingleses; eles tinham caído na própria armadilha e o melhor a fazer era deixá-los lá. Além disso, ele tinha muitas posses e desaprovava a anarquia.

“Cyril, você fugiu outra vez”, gritou Aziz.

“Mas uma manifestação ordeira é necessária”, disse Hamidullah, “do contrário eles vão continuar pensando que nós temos medo.”

“Abaixo o cirurgião-chefe! Libertar Nureddin.”

“Nureddin?”

“Eles estão torturando o Nureddin.”

“Ah, meu Deus!”, alarmou-se um amigo do rapaz.

“Não estão. Eu não quero que o meu neto seja desculpa para um ataque ao hospital”, protestou o velho.

“Estão, sim. Callendar se gabou disso antes do julgamento. Ouvi dizer através do *tatty*: “Eu torturei aquele negro”.

“Ah, meu Deus, meu Deus, ele o chamou de negro, mesmo?”

“Eles puseram pimenta em vez de anti-séptico nas feridas.”

“Senhor Mahmoud Ali, isso é impossível. Um pouco de rudeza não vai prejudicar o menino; ele precisa de disciplina.”

“Pimenta. O cirurgião-chefe disse isso. Eles querem nos destruir um a um. Não vão conseguir.”

A nova vítima levou a multidão à fúria. Até então ela estava sem objetivo e lhe faltava um motivo de queixa. Quando atingiram o *maidan* e viram as arcadas descoloridas do Hospital Minto, eles caminharam para lá, trôpegos e aos gritos. Era quase meio-dia.

A terra e o céu estavam morbidamente feios, o espírito do mal voltava a dar passos largos em todas as direções. O *nawab* Bahadur era o único a lutar contra ele, e dizia para si mesmo que o boato devia ser falso, inclusive porque estivera com o neto na enfermaria na semana anterior. Mas até mesmo ele foi empurrado para o novo precipício. Resgatar, maltratar o major Callendar como vingança, e depois seria a vez de toda a área residencial inglesa.

Mas a desgraça foi evitada, e evitada pelo dr. Panna Lal.

O dr. Panna Lal havia se oferecido para prestar depoimento no julgamento, querendo agradar aos ingleses e também porque detestava Aziz. Quando o julgamento começou a mudar de rumo sua situação ficou muito difícil. Ele viu o desastre que estava prestes a acontecer antes da maioria das pessoas e retirou-se furtivamente do tribunal sem esperar que o senhor Das encerrasse o julgamento, conduzindo o Malhado para fora passando pelos bazares, fugindo da cólera que se seguiria. No hospital ele estaria a salvo, pois o major Callendar o protegeria. Mas o major não tinha ido para lá, e agora as coisas se mostravam piores do que nunca, pois ali estava uma turba querendo o seu sangue, e os empregados do hospital, revoltados, não o ajudariam a pular o muro dos fundos ou até mesmo o levantariam apenas para deixá-lo cair, divertindo os pacientes. Aterrorizado, ele gritou: “A gente não pode morrer mais uma vez”, e foi gingando pelo terreno do hospital ao encontro dos invasores, saudando com uma das mãos e com a outra segurando um guarda-sol amarelo-claro. “Ah, me perdoa”, choramingava ele enquanto se aproximava do landau vitorioso. “Ah, doutor Aziz, perdoa aquela mentiras injustas que eu falei.” Aziz manteve-se em silêncio, os outros estufaram o peito e levantaram o queixo em sinal de desprezo. “Estava com medo e por isso tirei conclusões erradas”, prosseguiu o suplicante. “Tirei um monte de conclusões erradas sobre o caráter do senhor. Ah, perdoa esse pobre velho *hakim* que deu leite para o senhor quando o senhor estava de cama! Ah, *nawab* Bahadur, santo homem, é da minha farmacinha que o senhor tem precisão? Pega qualquer porcaria de remédio que o senhor quiser pegar.” Agitado mas alerta, ele viu que os homens estavam rindo do seu linguajar e subitamente começou a fazer palhaçadas: atirou no chão o guarda-sol, pisou nele e deu um soco no próprio nariz. Sabia bem o que estava fazendo, e os outros também. Não havia nada de patético na humilhação daquele homem. Nascido num meio social muito baixo, o dr. Panna Lal não tinha nada que pudesse ser rebaixado, e sabiamente resolveu fazer os outros indianos se sentirem reis, porque isso melhoraria o humor deles. Quando soube que o que eles queriam era Nureddin, pulou como uma cabra, correu como uma galinha para cumprir a ordem deles, o hospital se salvou e até o fim de sua vida ele não conseguiu entender por que não obteve uma promoção pelo trabalho daquele dia. “Meu senhor, eu sou mais rápido que um raio, como o senhor”, foi o que ele argumentou com Callendar ao reivindicá-la.

Quando Nureddin apareceu, o rosto todo enfaixado, houve um vozerio de alívio, como se a Bastilha tivesse caído. Foi o momento decisivo da marcha, e o *nawab* Bahadur tratou de controlar a situação. Abraçando publicamente o jovem, começou um discurso sobre Justiça, Coragem, Liberdade e Prudência. Além disso, anunciou que ia desistir do título que os ingleses lhe tinham conferido e viver como um homem comum, simplesmente senhor Zulfiqar, e por isso ia imediatamente para a sua residência no campo. O landau fez meia-volta e a multidão o acompanhou. A crise havia acabado. As cavernas de Marabar tinham significado uma tensão terrível na administração local; alteraram muitas vidas e arruinaram várias carreiras, mas não fragmentaram um continente, nem mesmo deslocaram um distrito.

“À noite vamos comemorar”, disse o velho. “Senhor Hamidullah, eu o incumbo de trazer nossos amigos Fielding e Amritrao, e descubra se Amritrao precisa de comida especial. Os outros ficam comigo. Não devemos ir para Dilkusha antes da fresca da noite, é claro. Não sei como se sentem os outros homens, mas tenho uma leve dor de cabeça e devia ter pedido ao nosso bom Panna Lal uma aspirina.”

Pois o calor estava reivindicando o que era seu de direito. Incapaz de enlouquecer, ele estupidificava, e dentro em pouco a maioria dos combatentes de Chandrapore adormeceria. Os da área residencial inglesa tinham ficado observando durante algum tempo, temendo um ataque, mas agora também eles haviam entrado no mundo dos sonhos — esse mundo no qual cada homem passa um terço de sua vida, e que alguns pessimistas consideram ser uma premonição da eternidade.

XXVI

JÁ ESTAVA QUASE ENTARDECENDO quando aconteceu a primeira das curiosas conversas entre Fielding e a srta. Quested. Ele tinha esperança de, ao acordar, ver que alguém a havia levado embora, mas a escola continuava isolada do resto do universo. Ela perguntou se poderia conversar um pouco, e, não obtendo resposta, perguntou: “O senhor tem alguma explicação para esse meu comportamento extraordinário?”.

“Nenhuma”, disse ele laconicamente. “Por que fez a acusação se você ia retirá-la?”

“Isso mesmo. Por quê?”

“Suponho que eu deveria me sentir agradecido a você, mas...”

“Eu não espero gratidão. Só achei que o senhor gostaria de ouvir o que eu tenho a dizer.”

“Ah, sim”, resmungou ele, sentindo-se um tanto pueril. “Mas eu não acho que seja desejável uma discussão entre nós. Para falar francamente, nesse caso pavoroso eu pertenço ao outro lado.”

”O senhor não se interessaria em ouvir o meu lado?”

“Não muito.”

“Eu não lhe falaria confidencialmente, é claro. O senhor pode comentar com o seu lado tudo o que eu disser, pois algo de muito bom resultou de todo o tormento de hoje: não tenho mais nenhum segredo. Meu eco se foi, chamo de eco o zumbido que eu ouvia. Não me sentia bem desde aquela expedição às cavernas, e talvez até antes dela.”

A observação deixou Fielding bastante interessado; era o que ele já havia suspeitado mais de uma vez. “Que tipo de mal-estar?”, perguntou ele.

Ela tocou de lado a cabeça e depois a sacudiu.

“Foi isso que pensei em primeiro lugar, no dia da prisão: alucinação.”

“O senhor acha que pode ter sido isso?”, perguntou ela muito humildemente. “O que teria me provocado uma alucinação?”

“Há três possibilidades. Uma delas decerto aconteceu em Marabar”, disse ele, sendo arrastado a contragosto para uma discussão. “Uma entre três. Ou

Aziz é culpado, que é o que seus amigos pensam; ou você inventou a acusação por pura maldade, que é o que os meus amigos pensam; ou você teve uma alucinação.” Levantando-se e começando a andar de um lado para outro, ele prosseguiu: “Estou muito inclinado, agora que você me diz que se sentia mal antes da expedição, o que é um indício importante, a achar que você mesma rasgou a tira do binóculo; você estava sozinha na caverna durante todo o tempo”.

“Pode ser...”

“Você se lembra de quando se sentiu mal pela primeira vez?”

“Quando vim tomar chá com o senhor, ali naquela casinha.”

“Uma reunião bastante lamentável. Depois dela Aziz e o velho Godbole também ficaram doentes.”

“Eu não fiquei doente... é uma coisa muito vaga para relatar; está tudo misturado com os meus problemas particulares. Eu gostei da música... mas é que mais ou menos naquela hora comecei a sentir uma espécie de tristeza que na ocasião eu não detectei... não, nada tão consistente quanto tristeza: viver sob uma certa tensão define melhor. Sob uma certa tensão. Lembro-me de ir para o jogo de pólo com o senhor Heaslop no *maidan*. Muitas outras coisas aconteceram, não importa o quê, mas eu estava aquém do meu normal em todas elas. Quando vi as cavernas, certamente estava naquele estado, e o senhor sugere (nada me choca ou me magoa), o senhor sugere que lá dentro tive uma alucinação, o tipo de experiência, embora muito mais terrível no meu caso, que faz algumas mulheres acreditarem ter sido pedidas em casamento quando isso não aconteceu.”

“De qualquer forma você está sendo honesta.”

“Eu fui educada para ser honesta; o problema é que isso não me leva a nada.”

Gostando mais dela, Fielding sorriu e disse: “Isso leva as pessoas para o céu”.

“Será que leva?”

“Se existisse céu.”

“O senhor não acredita em céu, senhor Fielding?”, perguntou ela dirigindo-lhe um olhar tímido.

“Não. Mas acredito que a honestidade nos leva para lá.”

“Como é possível isso?”

“Vamos voltar às alucinações. Eu a observei com toda a atenção durante seu depoimento hoje de manhã, e se estou certo a alucinação (o que você chama de “sob uma certa tensão”, uma definição bem razoável) desapareceu subitamente.”

Ela procurou se lembrar do que havia sentido no tribunal mas não conseguiu; a visão desaparecia sempre que ela tentava interpretá-la. “Os acontecimentos se apresentaram para mim na sua seqüência lógica”, foi o que ela disse, mas absolutamente não tinha sido assim.

“O que acho, e evidentemente eu estava ouvindo com muita atenção, esperando que você desse alguma escorregadela, o que acho é que o McBryde a exorcizou. Logo que ele lhe fez uma pergunta direta você lhe deu uma resposta direta e desmoronou.”

“O senhor está falando de exorcizar nesse sentido? Acho que o senhor quer dizer que eu estava vendo um fantasma.”

“Não chego a tanto!”

“Pessoas que respeito muito acreditam em fantasmas”, disse ela muito incisivamente. “A minha amiga senhora Moore acredita.”

“Ela é uma velha.”

“Acho que o senhor não precisa ser grosseiro com ela, assim como com o filho dela.”

“Eu não quis ser rude. O que eu queria dizer é que é difícil, à medida que avançamos na vida, resistirmos ao sobrenatural. Eu mesmo já o senti investindo para mim. Ainda vou em frente sem ele, mas que tentação, aos quarenta e cinco anos, acreditar que os mortos vivem novamente; os nossos mortos, pois os dos outros não importam.”

“Porque os mortos não vivem outra vez.”

“Acho que não.”

“Eu também.”

Houve um momento de silêncio, como aqueles que freqüentemente se seguem ao triunfo e ao racionalismo. Depois ele fez um pedido de desculpas muito elegante pelo modo como havia se comportado com Heaslop no Clube.

“O que o doutor Aziz fala de mim?”, perguntou ela depois de outra pausa.

“Ele... ele não tem sido capaz de pensar sobre a desgraça dele. Está muito amargo, claro”, disse Fielding um tanto constrangido, porque, mais do que simplesmente amargos, os comentários feitos por Aziz eram injuriosos. A idéia

subjacente era: “Ser mencionado junto com essa bruxa me rebaixa”. Ele se enfurecia com o fato de ter sido acusado por uma mulher que não tinha beleza física; sexualmente, Aziz era um presunçoso. Isso havia intrigado e preocupado Fielding. A sensualidade, desde que direta, não o repugnava, mas essa sensualidade derivada — do tipo que classifica uma amante entre automóveis quando ela é bonita e entre moscas quando é feia — era estranha às suas próprias emoções, e uma barreira se erguia entre ele e Aziz sempre que ela surgia. Era, com uma forma nova, a antiqüíssima dificuldade que consome todas as civilizações: esnobismo, desejo de posse, de acessórios respeitáveis; e é para fugir disso, e não dos desejos da carne, que os santos se retiram no Himalaia. Querendo mudar de assunto, ele disse: “Mas vou concluir a minha análise. Concordamos em que ele não é um vilão e você não é uma vilã, e não temos certeza de que tenha sido uma alucinação. Há uma quarta possibilidade de que devemos tratar: foi outra pessoa?”

“O guia.”

“Exatamente, o guia. Penso muito nisso. Infelizmente Aziz o esbofeteou e ele se assustou e desapareceu. Isso foi muito ruim, e a polícia não nos ajudou, porque o guia não era interessante para ela.”

“Talvez tenha sido o guia”, disse, muito calma; a questão havia subitamente perdido o interesse para ela.

“Ou talvez tenha sido alguém do grupo de *pathans* que estava vagando pelo distrito.”

“Alguém que estava em outra caverna e me seguiu quando o guia se afastou? Pode ser.”

Nesse momento Hamidullah se juntou a eles, e pareceu não gostar de vê-los conversando sozinhos. Como todos os demais em Chandrapore, ele não conseguia entender a conduta da srta. Quested. Ouvira por acaso as duas últimas frases. “Alô, meu querido Fielding”, disse ele. “Enfim consigo encontrá-lo. Você pode vir imediatamente para Dilkusha?”

“Imediatamente?”

“Pretendo sair daqui a pouco, não quero atrapalhá-lo”, disse Adela.

“O fio do telefone foi cortado; a senhorita Quested não pode ligar para os amigos dela”, explicou ele.

“Muitas coisas foram cortadas, mais do que jamais poderá ser reparado”, disse o outro. “Mas deve haver algum modo de transportar a senhorita Quested para a zona inglesa. Os recursos da civilização são numerosos.” Ele

falou sem olhar para a srta. Quested e ignorou o ligeiro movimento da mão dela na sua direção.

“A senhorita Quested estava me explicando sobre a conduta dela esta manhã”, disse Fielding, para quem o encontro poderia perfeitamente ser amigável.

“Talvez a era dos milagres tenha voltado. Nossos filósofos dizem que precisamos estar preparados para qualquer coisa.”

“Deve ter parecido um milagre para quem estava assistindo”, disse Adela dirigindo-se nervosamente a ele. “O fato é que antes que fosse tarde demais percebi que havia me equivocado e tive presença de espírito suficiente para dizer aquilo. Toda a minha conduta extravagante resume-se a isso.”

“Resume-se a isso mesmo”, retrucou ele, trêmulo de raiva mas atento, pois achava que ela poderia estar preparando outra armadilha. “Falando como uma pessoa privada, numa conversa totalmente informal, admirei a sua conduta e me encantei quando nossos simpáticos estudantes lhe puseram uma guirlanda. Mas, como o senhor Fielding, eu estou surpreso; na verdade ‘surpreso’ é uma palavra muito fraca. Vejo a senhorita arrastar para a lama o meu melhor amigo, ferir seu coração e arruinar suas perspectivas de um modo que a senhorita não pode imaginar, por desconhecer a nossa sociedade e a nossa religião, e depois, subitamente, levantar-se no banco das testemunhas: ‘Ah, não, senhor McBryde, afinal de contas eu não tenho certeza, o senhor pode libertá-lo’. Eu estou louco? Fico me perguntando. É um sonho? E se for, quando ele começou? E sem dúvida é um sonho que ainda não terminou. Pois, pelo que ouvi, a senhorita ainda não encerrou o caso conosco, e agora é a vez do pobre velho que guiou vocês pelas cavernas.”

“Nada disso, nós estávamos apenas discutindo as possibilidades”, atalhou Fielding.

“Passatempo interessante mas demorado. Há cento e setenta milhões de indianos nesta enorme península, e certamente um deles entrou na caverna. Certamente um indiano é o culpado, disso nós não devemos nunca duvidar. E já que, meu querido Fielding, essas possibilidades vão lhe tomar algum tempo”, nesse ponto ele pôs o braço no ombro do inglês e o sacudiu suavemente, “você não acha que seria preferível vir comigo para a casa do *nawab* Bahadur, ou, melhor dizendo, para a casa do senhor Zulfiqar, pois esse é o nome pelo qual ele quer que nós o chamemos?”

“Com prazer, dentro de um minuto...”

“Acabei de resolver o que vou fazer”, disse a srta. Qusted. “Vou para o bangalô *dak*.”

“A senhorita não vai para a casa dos Turtons?”, disse Hamidullah arregalando os olhos. “Achei que era hóspede deles.”

O bangalô *dak* de Chandrapore era abaixo da média e certamente não tinha criados. Fielding, embora continuasse sendo sacudido por Hamidullah, estava pensando numa outra solução e disse logo depois: “Tenho uma idéia melhor, senhorita Qusted. Você fica aqui na escola. Preciso viajar por pelo menos dois dias e você pode ter a casa inteiramente para si e fazer seus planos como melhor lhe convier”.

“Não concordo absolutamente com isso”, disse Hamidullah, mostrando todos os sinais de aflição. “A idéia é absolutamente má. É bem possível que haja outra manifestação à noite. E se a escola for atacada? Você será responsável pela segurança dessa moça, meu caro amigo.”

“Eles também podem atacar o bangalô *dak*.”

“Claro, mas nesse caso a responsabilidade não será sua.”

“É verdade. Já causei problemas demais.”

“Você está ouvindo? Ela própria admite. O que temo não é um ataque das pessoas, você precisava ver o comportamento ordeiro delas no hospital; o que precisamos evitar é um ataque secretamente combinado na polícia com o objetivo de desacreditar você. O McBryde mantém uma porção de valentões com esse objetivo, e essa seria a oportunidade certa para ele.”

“Não faz mal. Ela não vai ficar no bangalô *dak*”, disse Fielding. Ele tinha uma solidariedade natural com os oprimidos — tinha sido em parte por isso que ficara do lado de Aziz — e estava determinado a não abandonar a pobre moça naquela situação difícil. Além disso, desde a conversa daquela tarde passara a respeitá-la. Embora continuasse com seu ar severo de diretora de escola, ela não estava mais interrogando a vida, e sim a vida a estava interrogando; Adela havia se tornado uma pessoa de verdade.

“Então para onde ela vai? Nós não iremos resolver nunca o problema dela!” A srta. Qusted não havia comovido Hamidullah. Se tivesse demonstrado emoção no tribunal, se tivesse se acabrunhado, batido no peito e invocado o nome de Deus, ela teria mobilizado a sua imaginação e generosidade — ele dispunha de ambas em profusão. Mas ao mesmo tempo que acalmava a mente oriental ela a havia enregelado, e o resultado foi que Hamidullah quase não podia acreditar na sinceridade dela, e do seu ponto de

vista ela na verdade não era sincera. Pois seu comportamento repousava na fria justiça e na honestidade; ela não tinha demonstrado, ao se desdizer, nenhum sentimento por aqueles que caluniara. A verdade não é a verdade nessa terra severa, a menos que se acompanhe de bondade e mais bondade e novamente bondade, a menos que o Verbo que estava com Deus seja também Deus. E o sacrifício da moça — tão louvável de acordo com as idéias ocidentais — foi justificadamente rejeitado, porque, embora vindo do coração, não incluiu o coração. Algumas grinaldas oferecidas pelos estudantes foi tudo o que a Índia lhe deu em troca.

“Mas onde é que ela vai jantar, onde é que ela vai dormir? Digo que será aqui, aqui, e se os valentões derem uma pancada na cabeça dela, ela vai receber uma pancada na cabeça. Essa é a minha contribuição. Então, senhorita Qusted?”

“O senhor é muito generoso. Eu devia dizer que sim, acho, mas concordo com o senhor Hamidullah. Não devo lhe causar mais problemas. Acho que o meu melhor plano é voltar para os Turtons e ver se eles permitem que eu durma lá, e, se eles se recusarem a isso, vou para o bangalô *dak*. O coletor me aceitaria lá, eu sei, mas a senhora Turton disse hoje de manhã que não queria me ver nunca mais.” Ela falou sem amargura, ou, na concepção de Hamidullah, sem amor-próprio. Seu objetivo era causar o mínimo de aborrecimento.

“É bem melhor ficar aqui do que se expor aos insultos daquela mulher idiota.”

“Você a acha idiota? Eu achava. Não sei.”

“Bom, eis a nossa solução”, disse o advogado, que terminara o seu afago um tanto ameaçador e havia ido até a janela. “O juiz municipal está vindo aí. Vem num *band-ghari* de terceira classe para disfarçar; está sozinho, mas está vindo aí.”

“Enfim”, disse Adela, de forma ríspida, levando Fielding a olhá-la de soslaio.

“Ele está vindo, está vindo. Eu me curvo servilmente. Estou tremendo.”

“O senhor vai lhe perguntar o que ele quer, senhor Fielding?”

“Ele quer você, evidentemente.”

“Talvez ele nem saiba que eu esteja aqui.”

“Vou vê-lo primeiro, se você preferir.”

Quando ele saiu, Hamidullah lhe disse, irritado: “Ora, ora! A senhorita precisava ter exposto o senhor Fielding a mais esse incômodo? Ele está sendo exageradamente atencioso”. Ela não respondeu, e houve um silêncio absoluto entre eles até seu anfitrião voltar.

“Ele tem algo importante para lhe dizer”, disse Fielding. “Vá encontrá-lo na varanda. Ele prefere não entrar.”

“Ele está pedindo que eu saia para encontrá-lo?”

“Com pedido ou sem pedido a senhorita vai, se não estou enganado”, disse Hamidullah.

Ela fez uma pausa e então disse: “O senhor está perfeitamente certo”, depois agradeceu com poucas palavras o diretor da escola pela bondade com que a tratou durante aquele dia.

“Graças a Deus acabou”, comentou ele sem acompanhá-la até a varanda, pois achou desnecessário ver Ronny outra vez.

“Ele o insultou, não entrando na casa.”

“Eu não lhe deixei alternativa, depois do meu comportamento com ele no Clube. No fundo o Heaslop não é um mau sujeito. Além disso, o Destino tratou-o muito mal hoje. Ele recebeu um telegrama comunicando a morte da mãe, coitada da velha.”

“Ah, é mesmo? A senhora Moore. Sinto muito”, disse Hamidullah indiferente.

“Ela morreu no mar.”

“Foi o calor, decerto.”

“Talvez.”

“Não se pode deixar uma velha viajar em maio.”

“É isso mesmo. Heaslop nunca devia ter deixado que ela fosse, e ele sabe disso. Vamos embora?”

“Vamos esperar até o ditoso casal sair do seu território. Eles ficam embromando ali, que coisa insuportável. Ah, bom, Fielding, você não acredita na Providência, eu me lembro. Mas eu acredito. Heaslop foi punido por afastar a nossa testemunha, impedindo que nós tivéssemos um álibi.”

“Você está indo longe demais. O testemunho da pobre velha não poderia ter tido nenhum valor, por mais que Mahmoud Ali gritasse. Ela não podia ver através da Kawa Dol, mesmo se quisesse. Só a senhorita Quested podia salvar o Aziz.”

“Ela gostava do Aziz, segundo ele, e também da Índia, e ele gostava dela.”

“O amor não tem valor num testemunho, como um advogado devia saber. Mas vejo que em Chandrapore está nascendo uma lenda sobre a Esmis Esmur, meu caro Hamidullah, e você não vai impedir o crescimento dela.”

O outro sorriu e olhou o relógio. Os dois lamentavam aquela morte, mas eram homens de meia-idade que haviam investido suas emoções em outra direção, e não se podia esperar deles explosões de dor por causa de uma mulher que mal conheciam. Apenas os nossos mortos nos importam. Se por um momento o senso de comunhão na dor os tocou, ele se foi. De fato, como é possível para um ser humano se desolar com toda tristeza com que ele se depara na terra, com a tristeza não só dos homens como também dos animais e das plantas, e talvez das pedras? A alma se cansa rapidamente e, temendo perder o pouco que de fato compreende, se retira para as posições permanentes que o hábito ou o acaso estabeleceram e ali sofre. Fielding havia encontrado aquela mulher apenas duas ou três vezes e Hamidullah a vira à distância uma única vez, e ambos estavam muito mais ocupados com a iminente reunião em Dilkusha, o jantar da “vitória”, ao qual chegariam vitoriosamente atrasados. Eles concordaram em só contar a Aziz sobre a sra. Moore no dia seguinte, porque ele gostava muito dela e a notícia estragaria sua alegria.

“Ah, isso é insuportável!”, murmurou Hamidullah. Pois mais uma vez a srta. Quested estava de volta.

“Senhor Fielding, o Ronny lhe contou sobre a nova desgraça?”

Ele se curvou.

“Ah, meu Deus!” Ela se sentou e pareceu se enrijecer como uma estátua.

“Parece que o Heaslop está à sua espera.”

“Eu gostaria muito de ficar sozinha. Ela era a minha melhor amiga, muito mais amiga minha do que dele. Não suporto estar com o Ronny... Não sei explicar... O senhor poderia me fazer o enorme favor de me deixar ficar, apesar de tudo?”

Furioso, Hamidullah xingou na língua vernácula.

“Seria um prazer, mas o senhor Heaslop vai concordar com isso?”

“Não lhe perguntei. Nós estamos transtornados demais... é muito complexo, não se parece com o que normalmente se entende por infelicidade. Nós dois precisamos ficar sozinhos e pensar. Por favor, vá ver o Ronny outra vez.”

“Acho que dessa vez ele deve entrar”, disse Fielding sentindo que sua dignidade merecia isso. “Peça-lhe para entrar.”

Ela voltou com Heaslop. Ele estava meio desconsolado, meio arrogante — na verdade uma estranha mistura — e imediatamente começou um discurso áspero. “Vim para levar a senhorita Qusted, mas a visita dela aos Turton está encerrada e até o momento não há outra solução, sendo eu solteiro...”.

Fielding interrompeu-o polidamente. “Não diga mais nada. A senhorita Qusted fica aqui. Eu só queria me certificar da sua aprovação. Senhorita Qusted, seria melhor mandar buscar o seu criado, se for possível encontrá-lo, mas vou ordenar aos meus que façam por você tudo o que lhes for possível, e além disso vou informar aos patrulheiros. Desde que fecharam o colégio eles o vigiam, e podem perfeitamente continuar fazendo isso. Acho mesmo que você ficará mais segura aqui do que em qualquer outro lugar. Volto na quinta-feira.”

Enquanto isso Hamidullah, determinado a não poupar o inimigo do sofrimento que fosse, disse a Ronny: “Soubemos, senhor, que sua mãe morreu. Podemos lhe perguntar de onde veio o telegrama?”.

“De Áden.”

“Ah, no tribunal o senhor disse num tom jocoso que ela estava em Áden.”

“Mas ela morreu ao deixar Bombaim”, interveio Adela. “Estava morta quando a chamaram pela manhã. O corpo deve ter sido lançado ao mar.”

Por alguma razão isso deteve Hamidullah e o fez desistir daquela brutalidade, que havia chocado Fielding mais do que qualquer outra pessoa. Ele permaneceu em silêncio, enquanto os detalhes da hospedagem da srta. Qusted na escola eram acertados, e apenas observou para Ronny: “É preciso deixar bem claro, senhor, que nem o senhor Fielding nem nenhum de nós é responsável pela segurança dela no Colégio do Governo”, com o que Ronny concordou. Depois disso observou, de forma tranqüila e curiosa, o comportamento quase cavalheiresco dos três ingleses; na opinião dele, Fielding tinha sido incrivelmente tolo e fraco, e ele estava pasmo com a falta de amor-próprio dos dois mais jovens. A caminho de Dilkusha, horas depois, ele disse a Amritrao, que os acompanhava: “Senhor Amritrao, o senhor já calculou o valor que a senhorita Qusted deve pagar de indenização?”.

“Vinte mil rupias.”

Não se falou mais nada, mas a quantia aterrorizou Fielding. Ele não suportava pensar naquela moça estranha e honesta perdendo seu dinheiro e também, possivelmente, seu homem. De repente Adela avultou-lhe na consciência. E ele, cansado depois daquele dia impiedoso e interminável, esqueceu o modo normalmente sensato com que via as relações humanas e sentiu que nós existimos não em nós mesmos, mas como nos vê a mente dos outros — uma idéia que não se apoiava na lógica e que antes o tinha acometido apenas uma vez, no fim da tarde da catástrofe, quando na varanda do Clube viu os punhos e os dedos de Marabar se dilatarem até abarcarem todo o céu noturno.

XXVII

“AZIZ, VOCÊ ESTÁ ACORDADO?”

“Não, podemos conversar. Vamos sonhar planos para o futuro.”

“Para sonhar eu sou um inútil.”

“Então boa noite, caro amigo.”

O Banquete da Vitória tinha acabado e os comensais estavam deitados na cobertura da mansão do sr. Zulfiqar, dormindo ou olhando para as estrelas através dos cortinados. Exatamente acima da cabeça deles pairava a constelação de Leão, o disco de Régulus tão grande e brilhante que parecia um túnel, e quando se aceitava essa fantasia todas as outras estrelas também pareciam túneis.

“Você está contente com o nosso trabalho de hoje, Cyril?”, prosseguiu a voz à esquerda.

“Você está?”

“Fora o fato de ter comido demais, sim. ‘Como está passando o estômago? E a cabeça, como está?’ Ouça o que lhe digo: o Panna Lal e o Callendar vão para o olho da rua.”

“Haverá mudanças gerais em Chandrapore.”

“E você será promovido.”

“Eles não podem me rebaixar, independentemente do que pensam.”

“De qualquer maneira vamos passar as férias juntos e visitar a Caxemira, possivelmente a Pérsia, pois eu vou ganhar muito dinheiro. Dinheiro que vão me pagar por causa dos danos infligidos à minha reputação”, explicou ele com uma calma sarcástica. “Enquanto estiver comigo você não irá pagar nem um pedaço de torta. Foi o que sempre quis, e agora, por causa dos meus infortúnios, isso vai acontecer.”

“Você teve uma grande vitória...”, começou Fielding.

“Eu sei, meu amigo, Sei; a sua voz não precisa ficar tão solene e ansiosa. Sei o que você vai dizer em seguida: Ah, dispense a senhorita Quested do pagamento, pois assim os ingleses vão dizer: ‘Esse nativo se comportou como um autêntico cavalheiro; se não tivesse a cara escura nós quase poderíamos

admiti-lo no Clube’.

A aprovação dos seus compatriotas já não me interessa mais, agora sou antibritânico, e devia ter sido há mais tempo, pois isso teria me poupado de muitas infelicidades.”

“Inclusive a de ter me conhecido.”

“Vamos jogar água na cara do Mohammed Latif? Ele fica tão engraçado quando fazemos isso enquanto está dormindo.”

O convite não foi feito com um ponto de interrogação, e sim com um ponto final. Fielding aceitou-o como tal e houve uma pausa, preenchida aprazivelmente por um ventinho que conseguiu varrer o alto da casa. O banquete, mesmo turbulento, tinha sido agradável, e agora as bênçãos do ócio — desconhecidas do Ocidente, que trabalha ou descansa — desciam sobre o grupo heterogêneo. No Oriente a civilização vagueia como um fantasma, visitando novamente as ruínas imperiais, e será encontrada não nas esplêndidas obras de arte ou nos feitos grandiosos, mas nos gestos que fazem os indianos bem-educados quando estão sentados ou deitados. Fielding, que havia se vestido com uma roupa nativa, percebeu pela sua extrema deselegância dentro dela que todos os seus movimentos eram arremedos, ao passo que quando o *nawab* Bahadur estendia a mão para pegar comida ou quando Nureddin aplaudia a música tinha-se executado algo belo que dispensava aperfeiçoamento. Essa tranqüilidade do gesto, afinal de contas, é simplesmente a Paz que ultrapassa o Entendimento, é o correspondente social do ioga. Quando cessa o zunido da ação ela se torna visível e revela uma civilização que o Ocidente pode perturbar mas nunca adquirir. A mão se estende para sempre, o joelho erguido tem a eternidade do túmulo sem a sua tristeza. Aziz transbordava de civilização naquele entardecer: um homem completo, honrado, um tanto duro; e foi com timidez que o outro disse:

“É claro que você deve ser clemente com a senhorita Quested. Ela precisa pagar todas as suas custas, isso é justo, mas não a trate como um inimigo derrotado”.

“Ela é rica? Eu o incumbo de descobrir isso.”

“Os valores mencionados durante o jantar, quando todos vocês estavam tão alvoroçados, a arruinariam; são absolutamente ridículos. Olhe...”

“Estou olhando, embora esteja um pouco escuro. Vejo que o Cyril Fielding é de fato um sujeito muito bom e o meu melhor amigo, mas de certo modo um tolo. Você acha que tratando a senhorita Quested com clemência eu

terei uma reputação melhor, assim como os indianos, de modo geral. Não, não. Eles vão atribuir isso à fraqueza e à vontade de ser promovido no meio oficial. Na verdade resolvi não ter mais nada com a Índia britânica. Quero procurar trabalhar para algum Estado muçulmano, como Hyderabad ou Bhopal, onde os ingleses não poderão me insultar mais. Não me aconselhe a fazer outra coisa.”

“Durante uma longa conversa com a senhorita Qusted...”

“Não quero saber das suas longas conversas.”

“Calma. Durante uma longa conversa com a senhorita Qusted eu comecei a compreender a personalidade dela. Não é uma personalidade fácil; ela julga tudo com uma seriedade moral excessiva. Mas é perfeitamente autêntica e muito corajosa. Quando viu que estava errada, ela se pôs de pé num salto e disse que tinha errado. Quero que você perceba o que isso significa. Todos os amigos em volta dela, todo o governo inglês pressionando-a. Ela provocou uma reviravolta, reduziu tudo a estilhaços. No lugar dela eu teria me encolhido de medo. Mas ela retirou a acusação, e na verdade quase se tornou uma heroína nacional, mas meus alunos nos levaram por uma ruazinha antes que a multidão se inflamasse. Trate-a com consideração, faça isso. Ela não deve ser agredida pelos dois lados. Sei o que todos esses”, ele indicou os vultos cobertos que descansavam ao redor, “vão querer, mas você não deve ouvi-los. Seja tolerante. Aja como um dos seus seis imperadores mongóis, ou como todos os seis fundidos num só.”

“Nem mesmo os imperadores mongóis demonstraram compaixão antes de receber um pedido de desculpas.”

“Ela vai pedir desculpas, se o problema é esse”, gritou ele sentando-se. “Escute, eu vou lhe fazer uma proposta. Dite para mim as palavras que você quer e amanhã a essa hora eu as trago de volta com a assinatura dela. Isso não substitui um pedido de desculpas público a você que ela vai fazer oficialmente. É um acréscimo.”

“Querido doutor Aziz, gostaria que o senhor tivesse entrado na caverna; sou uma bruxa horrível e velha, e essa é minha última chance. Ela vai assinar isso?”

“Está bem, boa noite, boa noite, é hora de dormir, depois disso.”

“Sim, boa noite.”

“Gostaria que você não fizesse esse tipo de comentário”, prosseguiu ele depois de uma pausa. “É a única coisa em você que não suporto.”

“Suporto tudo em você. E então? O que é que nós vamos fazer?”

“Você me magoa falando assim. Boa noite.”

Houve um silêncio, depois a voz disse, sonhadora mas com um profundo sentimento: “Cyril, eu tive uma idéia que vai satisfazer à sua mente piedosa: vou consultar a senhora Moore”.

Abrindo os olhos e olhando milhares de estrelas, Fielding não pôde responder; elas o silenciaram.

“A opinião dela vai resolver tudo. Eu tenho absoluta confiança nela. Se ela achar que devo perdoar a moça, eu perdôo. Ela não vai me aconselhar nada que seja contra a minha honra verdadeira, como você pode fazer.”

“Amanhã de manhã nós discutimos isso.”

“Não é estranho? Continuo me esquecendo de que ela já não está mais na Índia. Quando gritaram o nome dela no tribunal imaginei que ela estava presente. Fechei os olhos e me confundi deliberadamente, para aliviar a dor. Agora, neste instante, esqueci de novo. Vou ser obrigado a escrever. Ela já está longe, a caminho do seu encontro com o Ralph e a Stella.”

“Com quem?”

“Com os outros filhos dela.”

“Eu não tinha ouvido falar em outros filhos.”

“Assim como eu, ela tem dois filhos e uma filha. Ela me contou na mesquita.”

“Eu a conheci muito superficialmente.”

“Eu só a vi três vezes, mas sei que ela é uma oriental.”

“Você é fantástico. À senhorita Qusted você não quer tratar com generosidade, mas com a senhora Moore é magnânimo. De qualquer forma, a senhorita Qusted se comportou decentemente hoje de manhã, enquanto a velha nunca fez nada para você, e o movimento dela em sua defesa é algo que não passa de conjectura, baseado apenas nas bisbilhotices dos criados. Parece que as suas emoções nunca são proporcionais ao objeto delas, Aziz.”

“A emoção é um saco de batatas, para ser pesada, para ser medida? Eu sou uma máquina? Daqui a pouco você vai me dizer que posso gastar as minhas emoções se ficar usando-as.”

“Eu devia ter pensado nisso. Parece sensato. Não se pode comer o bolo e continuar com ele, inclusive no mundo do espírito.”

“Você tem razão, não há propósito em nenhuma amizade; tudo se reduz a dar ou receber, ou dar e devolver, o que é repugnante, e seria melhor nós

todos pularmos desse parapeito e nos matarmos. Há algo de errado esta noite para você estar tão materialista?”

“A sua injustiça é pior que o meu materialismo.”

“Sei. Mais alguma queixa?” Ele estava bem-humorado e afetuoso, mas um pouco difícil. A prisão havia criado canais para a sua personalidade, que já não era tão flexível quanto no passado. “Porque é bem melhor você me expor todas as suas dificuldades, se é para continuarmos amigos para sempre. Você não gosta da senhora Moore e está aborrecido porque eu gosto. Mas com o tempo vai passar a gostar dela.”

Uma morbidez contamina a conversa quando se considera viva uma pessoa que sabidamente está morta. Fielding não pôde mais suportar a tensão e falou sem pensar: “Sinto muito dizer que a senhora Moore está morta”.

Mas Hamidullah, que ouvia a conversa deles e não queria que a noite festiva fosse estragada, gritou da cama ao lado: “Aziz, ele está querendo fazer você de bobo; não acredite nesse patife”.

“Eu não acredito nele”, disse Aziz, que estava acostumado a brincadeiras desse tipo.

Fielding não disse mais nada. Fatos são fatos, e todo mundo saberia da morte da sra. Moore na manhã seguinte. Mas ele se deu conta de que as pessoas não estão realmente mortas enquanto sua morte não ganha a consciência dos outros. Enquanto paira algum equívoco elas têm uma espécie de imortalidade. Ele próprio tivera uma experiência que havia confirmado isso. Muitos anos antes perdera uma grande amiga que acreditava no céu cristão e lhe garantia que depois das mudanças e contingências dessa vida mortal eles se encontrariam lá novamente. Fielding era um rematado ateu, mas respeitava todas as opiniões da amiga; isso é essencial na amizade. Durante algum tempo lhe pareceu que a morta o esperava, e, quando a ilusão esmaeceu, deixou atrás de si um vazio que era quase culpa: “Isso é realmente o fim”, pensou ele, “e eu lhe dei o golpe final”. Ele havia tentado matar a sra. Moore aquela noite na casa do *nawab* Bahadur; mas ela ainda se esquivou dele e o clima continuou tranqüilo. Agora a lua subia — o exausto quarto crescente que antecede o sol —, e logo depois que os homens e os bois começaram sua interminável labuta, e o encantador interlúdio, que ele tentara encurtar, chegava à sua conclusão natural.

XXVIII

ELA ESTAVA MORTA: entregue às profundezas quando ainda rumava para o Sul, pois os navios vindos de Bombaim não podem se dirigir à Europa antes de contornar a Arábia; quando o sol a tocou pela última vez e seu corpo foi baixado em uma outra Índia — o oceano Índico —, ela estava a uma distância nos trópicos que jamais havia atingido em terra. Deixou atrás de si um mal-estar desagradável, pois uma morte a bordo pesa sobre a reputação de um navio. Quem era essa sra. Moore? Quando chegaram a Áden, lady Mellanby telegrafou, escreveu, foi muito atenciosa nessas providências, mas a mulher do tenente-governador não esperava uma experiência assim, e repetia: “Eu só tinha visto a pobre criatura durante umas poucas horas quando ela foi levada passando mal. Isso foi desnecessariamente penoso; estraga a volta ao lar”. Enquanto o navio subia pelo mar Vermelho um fantasma o seguiu, mas não chegou a entrar no Mediterrâneo. Em algum lugar perto do canal de Suez há sempre uma mudança social: as disposições asiáticas se enfraquecem e as européias começam a ser sentidas. Em Port Said começou o Norte cinza e tempestuoso. O tempo estava muito frio e revigorante, levando os passageiros a supor que na terra que eles haviam deixado teria havido uma súbita mudança climática, quando na realidade ela foi se tornando cada vez mais quente, de acordo com sua lei habitual.

Em Chandrapore a morte assumiu formas mais inventivas e duradouras. Surgiu a lenda de que um inglês havia matado a mãe porque ela tentara salvar a vida de um indiano — e a quantidade de verdade que ela continha era suficiente para aborrecer as autoridades. Algumas vezes era uma vaca que fora morta — ou um crocodilo com presas de javali que rastejava para fora do Ganges. Absurdos desse tipo são mais difíceis de combater do que uma mentira cabal. Eles se escondem nos montes de lixo e mudam de posição quando ninguém está olhando. Durante algum tempo falou-se em dois túmulos com os restos de Esmis Esmur: um perto do curtume e o outro perto da estação de mercadorias. O sr. McBryde visitou os dois lugares e viu sinais do início de um culto — pratos de cerâmica etc. Sendo um funcionário

experiente, não tomou nenhuma medida contra ele, e depois de mais ou menos uma semana a erupção se extinguiu. “Atrás disso tem propaganda”, disse ele esquecendo-se de que cem anos antes, quando os europeus ainda estavam no campo e instigavam a imaginação rural, vez por outra eles, depois de mortos, se tornavam demônios locais — talvez não um deus inteiro, mas parte de um, acrescentando-se um epíteto ou um gesto aos que já existiam, assim como os deuses contribuem para os grandes deuses e estes para o Brahma filosófico.

Ronny repetia para si mesmo que sua mãe tinha deixado a Índia por vontade própria, mas sua consciência não estava tranqüila. Ele a havia tratado mal e precisava se arrepender (o que implicava uma reviravolta mental) ou continuar sendo desapiedado. Escolheu o segundo caminho. Que cansativa fora a sua defesa de Aziz! Que má influência ela havia tido sobre Adela! E agora ela ainda causava problema com “túmulos” ridículos, misturando-se com os nativos. Ela nada podia contra isso, é claro, mas quando viva havia tentado realizar irritantes expedições desse mesmo tipo, e isso ele contava contra ela. O jovem tinha muitas coisas para se preocupar — o calor, a tensão local, a iminente visita do tenente-governador, os problemas de Adela —, e as indianizações da sra. Moore ligavam todas essas preocupações numa coroa ridícula. O que acontece com as mães quando morrem? A religião de Ronny era do tipo asséptico transmitido pelas escolas particulares inglesas, que nunca enfraquece, nem mesmo nos trópicos. Onde quer que entrasse — mesquita, caverna ou templo —, ele conservava a perspectiva espiritual do bacharelado e condenava qualquer tentativa de entender aquele lugar, classificando-a de “debilitante”. Recuperando-se, Ronny expulsou da mente a questão. No devido tempo ele, o meio-irmão e a meia-irmã poriam uma placa para ela na igreja de Northamptonshire, que ela freqüentava, onde constariam as datas de nascimento e morte e o registro da circunstância de ter sido sepultada no mar. Isso seria suficiente.

E Adela — também ela teria de partir; gostaria que ela já tivesse dado sinal disso. Realmente não podiam se casar — isso seria o fim da sua carreira. Pobre Adela. Continuava no Colégio do Governo, graças à cortesia de Fielding; uma situação imprópria e humilhante, mas ninguém queria recebê-la na área residencial inglesa. Ele adiou uma conversa particular até ser fixada a quantia que ela deveria pagar a Aziz, que a estava processando por perdas e danos num tribunal inferior. Adela havia matado o amor dele, que nunca fora

muito grande; eles jamais teriam ficado noivos se o acidente no carro do *nawab* Bahadur não tivesse acontecido. Ela pertencia ao verde período acadêmico da sua vida, um período que havia superado — Grasmere, conversas sérias e caminhadas, esse tipo de coisas.

XXIX

A VISITA DO TENENTE-GOVERNADOR da Província foi o estágio seguinte da decomposição do caso Marabar. Sir Gilbert, mesmo não sendo um homem esclarecido, tinha opiniões esclarecidas. Desobrigado, graças a uma longa carreira no ministério, do contato pessoal com os povos da Índia, era capaz de falar sobre eles com amabilidade e de deplorar o preconceito racial. Aplaudiu o resultado do julgamento e parabenizou Fielding por ter adotado “desde o início a visão ampla, sensata, a única visão benévola possível. Falando confidencialmente...”. Fielding não gostava de confidências, mas sir Gilbert insistia em fazê-las; o caso tinha sido “manipulado por alguns dos nossos amigos” que não perceberam que “os ponteiros do relógio andam para a frente, e não para trás” etc. etc. etc. Uma coisa ele podia garantir: o diretor receberia um convite muito cordial para voltar ao quadro de sócios do Clube, e lhe implorava, ou melhor, ordenava, que aceitasse. Sir Gilbert voltou satisfeito para as suas alturas no Himalaia; a quantidade de dinheiro que a srta. Queded teria de pagar, a natureza precisa do que acontecera nas cavernas eram detalhes locais que não o preocupavam.

Fielding se viu cada vez mais arrastado para as questões da srta. Queded. A escola continuava fechada e ele comia e dormia na casa de Hamidullah, e assim não havia razão para ela não continuar lá, se assim desejasse. Em seu lugar ele teria preferido ir embora a se submeter às medidas frias e distraídas de Ronny, mas ela estava esperando que se esvaziasse a ampulheta da sua estada para partir. Uma casa para viver, um jardim para caminhar durante o breve momento de fresca — era tudo o que ela pedia, e ele podia oferecer-lhe isso. O infortúnio tinha lhe mostrado as suas limitações, e Fielding percebia agora como o caráter dela era bom e leal. Sua humildade era tocante. Ela nunca se queixava das hostilidades que sofria dos dois lados; considerava aquilo a merecida punição que recebia por sua estupidez. Quando ele lhe sugeriu que seria decente fazer um pedido de desculpa a Aziz, ela disse tristemente: “Claro. Devia ter pensado nisso; meus instintos nunca me ajudam. Por que não corri ao encontro dele depois do julgamento? Sim, evidentemente

vou escrever um pedido de desculpas, mas o senhor poderia, por favor, ditá-lo para mim?”. Eles redigiram juntos uma carta, sincera e cheia de frases tocantes, mas que não era uma carta tocante. “Escrevo outra?”, perguntou ela. “Não me importo de fazê-lo, se puder reparar o mal que causei. Posso agir corretamente aqui e ali; mas, quando junto as duas ações, o resultado é ruim. É esse o defeito da minha personalidade. Até agora eu nunca tinha percebido isso. Achava que se fosse justa e fizesse perguntas venceria todas as dificuldades.” Ele respondeu: “Nossa carta é um fiasco por uma única razão, que seria melhor encararmos: você não sente uma afeição genuína por Aziz nem pelos indianos de modo geral”. Ela concordou. “No dia em que a conheci, você estava querendo ver a Índia, não os indianos, e me ocorreu: ‘Ah, isso não vai nos levar longe’. Os indianos sabem quando as pessoas gostam ou não gostam deles, não é possível enganá-los. A Justiça nunca os satisfaz, e é por isso que o Império britânico está assentado na areia.” Então ela disse: “Mas será que eu gosto de alguém?”. Supostamente gostava de Heaslop, e ele mudou de assunto, pois esse lado da sua vida não lhe interessava.

Por outro lado os seus amigos indianos estavam um pouco cheios de si. A vitória, que teria tornado santarrões os ingleses, deixou-os agressivos. Eles queriam desenvolver uma ofensiva, e tentavam fazê-lo descobrindo atos injustos e novos motivos de queixa, muitos dos quais não existiam. Os fins da luta e os frutos da conquista nunca são os mesmos; os últimos têm o seu valor e só os santos os rejeitam, mas a sugestão de imortalidade se esvai logo que os homens os erguem na mão. Embora sir Gilbert tivesse sido cortês, quase obsequioso, o edifício que ele representava não havia absolutamente baixado a cabeça. O oficialismo britânico persistia, tão onipresente e desagradável quanto o sol; e o que em seguida devia ser feito contra ele não era muito óbvio nem mesmo para Mahmoud Ali. Falava-se alto e cometiam-se atos de indisciplina insignificantes, e por trás disso continuava existindo um desejo de educação que, embora genuíno, era vago. “Senhor Fielding, todos nós precisamos nos educar sem demora.”

Aziz estava amigável e autoritário. Queria que Fielding “cedesse ao Oriente”, como costumavam dizer, e vivesse entre eles numa situação de afetuosa dependência. “Você pode confiar em mim, Cyril.” Não era algo inadmissível, e Fielding não tinha raízes entre o seu povo. Mas na verdade ele não podia se tornar um tipo de Mohammed Latif. Quando eles discutiam isso, algo de racial se imiscuía — não de modo amargo, mas inevitavelmente, como

a cor da pele: cor de café *versus* pardo-rosado. E Aziz concluía: “Você não vê que lhe sou agradecido pela sua ajuda e quero recompensá-lo?”. E o outro replicava: “Se você quer me recompensar, dispense Adela da indenização”.

A insensibilidade do amigo em relação a Adela lhe desagradava. De todos os pontos de vista seria decente tratá-la com generosidade, e um dia lhe ocorreu a idéia de apelar para a memória da sra. Moore. Aziz tinha aquela alta e fantástica estima pela sra. Moore. A morte dela fora realmente dolorosa para o seu coração sensível; ele chorou como uma criança e ordenou aos seus três filhos que também chorassem. Não havia dúvida de que gostava dela e a respeitava. A primeira tentativa de Fielding malogrou. A resposta foi: “Estou percebendo o seu golpe. Quero me vingar deles. Por que eu precisava ser insultado e sofrer, e ter o conteúdo dos meus bolsos examinado e a foto da minha mulher levada para o posto da polícia? Além disso quero o dinheiro; para educar meus menininhos, como expliquei a ela”. Mas ele começou a afrouxar, e Fielding não se envergonhou de praticar um pouco de necromancia. Sempre que surgia a questão da indenização ele mencionava o nome da finada. Assim como outros propagandistas inventaram um túmulo para ela, Fielding criou no coração de Aziz uma imagem questionável da sra. Moore, sem dizer nada que considerasse falso mas apresentando algo que provavelmente estava longe de ser verdadeiro. De repente Aziz cedeu. Tendo concluído que o desejo da sra. Moore era que ele poupasse a sua futura nora, que essa era a única homenagem que lhe era possível prestar, ele renunciou com uma bela e apaixonada explosão a todo o dinheiro da indenização, pedindo apenas as custas. Foi um gesto generoso, e, como ele previra, não lhe rendeu nenhum crédito entre os ingleses. Eles ainda o julgavam culpado, acreditaram nisso até o fim das suas carreiras, e em Tunbridge Wells ou em Cheltenham anglo-indianos aposentados ainda murmuram uns para os outros: “Aquele processo de Marabar que foi encerrado porque a pobre moça não conseguiu encarar o depoimento, aquele foi outro caso lamentável”.

Quando a questão se encerrou oficialmente, Ronny, que estava prestes a ser transferido para outra região da província, com seu constrangimento habitual procurou Fielding e disse: “Gostaria de lhe agradecer pela ajuda que você deu à senhorita Qusted. Evidentemente ela não vai mais abusar da sua hospitalidade; na verdade ela resolveu voltar para a Inglaterra. Acabei de providenciar a sua passagem. Acho que ela gostaria de vê-lo”.

“Irei lá neste instante.”

Ao chegar à escola, Fielding encontrou-a um tanto preocupada. Ela lhe contou que Ronny havia rompido o noivado. “Muito sensato da parte dele”, disse ela pateticamente. “Isso devia ter sido feito por mim, mas eu me deixava levar, pensando no que poderia acontecer. De bom grado eu teria por pura inércia continuado a estragar a vida dele. Quando alguém não tem nada para fazer, não pertence a nenhum lugar, torna-se um inconveniente público sem perceber isso.” A fim de tranquilizá-lo, acrescentou: “Estou falando só da Índia. Na Inglaterra eu não fico perdida. Lá eu me sinto bem... não, não pense que eu vou causar algum mal na Inglaterra. Quando tiver voltado para lá devo me dedicar a alguma carreira. O dinheiro que me sobrou é suficiente para começar a vida, e tenho muitos amigos que são pessoas como eu. Vou ficar muito bem”. Depois, suspirando: “Mas, ah, os problemas que causei para todos aqui... Nunca vou esquecer isso. Toda aquela preocupação com a questão de nosso casamento... e no final Ronny e eu rompemos e nem mesmo nos entristecemos com isso. Nós não devíamos nunca ter pensado em casamento. O senhor não se espantou quando o nosso noivado foi anunciado?”

“Não muito. Na minha idade a pessoa raramente se espanta”, disse ele sorrindo. “Casamento é sempre uma coisa absurda demais. Começa e continua por razões muito frágeis. A questão social o sustenta de um lado e a questão teológica do outro, mas nenhuma delas é casamento. Tenho amigos que não se lembram por que se casaram, e as esposas idem. Desconfio que na maioria das vezes o casamento aconteça por acaso, embora depois se inventem muitas razões nobres. Com relação a casamento eu sou muito cético.”

“Eu não. Esse começo errado foi por culpa exclusivamente minha. Eu não trouxe para o Ronny nada do que precisava ter trazido, e na verdade foi por isso que ele me rejeitou. Entrei naquela caverna pensando: ‘Eu gosto dele?’. Ainda não lhe contei isso, senhor Fielding. Eu não achava que estava agindo corretamente. Ternura, respeito, relação pessoal, tentei fazer com que isso ocupasse o lugar de...”

“Eu não quero mais amor”, disse ele fornecendo a palavra.

“Nem eu. Minhas experiências aqui me curaram. Mas quero que os outros queiram.”

“Para voltar à nossa primeira conversa (pois suponho que esta será a última): quem a seguiu quando você entrou naquela caverna, ou ninguém a seguiu? Agora você pode dizer? Não quero que isso fique no ar.”

“Vamos deixar por conta do guia”, disse ela indiferente. “Nunca se saberá. No escuro eu corro o dedo por aquela parede polida e depois não posso ir além. Alguma coisa me impede, e ao senhor também. A senhora Moore... ela sabia.”

“Como é que ela poderia saber alguma coisa que nós não sabemos?”

“Telepatia, talvez.”

A palavra pretensiosa e insatisfatória caiu por terra. Telepatia? Que explicação! Melhor retirá-la, e Adela fez isso. Estava no fim de suas forças espirituais, e ele também. Havia mundos que eles nunca poderiam tocar ou, pelo contrário, todas as experiências possíveis entravam na consciência deles? Não sabiam dizer. Apenas se davam conta de que a perspectiva dos dois era mais ou menos semelhante, e nisso encontraram satisfação. Talvez a vida seja um mistério, não uma confusão; eles não sabiam dizer. Talvez as centenas de Índias que nos cansam fazendo muito barulho em torno de ninharias e brigando por causa de bagatelas sejam uma só, e o universo que elas refletem seja um só. Eles não tinham meios para julgar.

“Escreva para mim quando chegar à Inglaterra.”

“Vou fazer isso, com frequência. O senhor foi extremamente bom comigo. Agora que estou indo embora eu percebo isso. Gostaria de fazer algo para o senhor, em troca, mas vejo que tem tudo o que quer.”

“Acho que sim”, respondeu ele depois de uma pausa. “Nunca me senti mais feliz e seguro aqui. Eu realmente me relaciono bem com os indianos, e eles confiam de fato em mim. É bom não ter tido de pedir demissão do meu cargo. É bom ser louvado por um tenente-governador. Até o próximo terremoto, fico onde estou.”

“Evidentemente essa morte tem me perturbado.”

“Aziz também gostava muito dela.”

“Mas me fez lembrar de que todos nós vamos morrer; todas essas relações pessoais tão importantes na nossa vida são temporárias. Eu achava que a morte escolhia as pessoas, uma idéia que os romances nos passam, porque normalmente o autor deixa alguns dos personagens falando no final. Agora a idéia de que ‘a morte não poupa ninguém’ parece ser a realidade.”

“Não deixe que essa idéia se torne realidade, pois nesse caso você vai morrer. É essa a objeção que se faz à reflexão sobre a morte. Somos dominados por aquilo com que trabalhamos. Senti a mesma tentação e me desviei. Quero continuar vivendo mais um pouco.”

“Eu também.”

Pairava no ar uma afabilidade, como anões se dando as mãos. Tanto o homem quanto a mulher estavam no auge do seu vigor — sensatos, honestos, até mesmo sutis. Falavam a mesma língua e tinham as mesmas opiniões, e a diferença de idade e de sexo não os afastava. Mas eles estavam insatisfeitos. Quando concordavam “Quero continuar vivendo mais um pouco” ou “Eu não acredito em Deus”, as palavras eram seguidas por uma curiosa repercussão, como se o universo tivesse se deslocado para preencher um minúsculo vazio ou eles tivessem visto seus próprios gestos de uma enorme altura — anões conversando, apertando-se as mãos e garantindo-se mutuamente que haviam alcançado o mesmo nível de discernimento. Não pensavam que estavam errados, pois logo que as pessoas honestas acham que estão erradas aparece a instabilidade. Para eles não havia, atrás das estrelas, um objetivo infinito, e eles nunca o buscavam. Mas então a melancolia os invadiu, como acontecera em outras ocasiões; a sombra da sombra de um sonho desceu sobre seus interesses bem definidos e, de novo, objetos que eles nunca mais veriam pareceram mensagens de outro mundo.

“E se você me permite dizer, gosto muito de você, realmente”, afirmou ele.

“Que bom, porque gosto do senhor. Vamos voltar a nos encontrar.”

“Faremos isso, na Inglaterra, se eu chegar algum dia a tirar uma licença para visitar minha família.”

“Mas imagino que seja improvável isso acontecer logo.”

“Há uma grande chance de que aconteça. Na verdade, tenho um pedido em andamento.”

“Ah, isso seria muito bom.”

E assim terminou a conversa. Dez dias depois Adela partiu, pela mesma rota em que sua amiga morreu. A última onda de calor antes da monção esgotava e cobria o país. Suas casas, árvores e campos, tudo era modelado pela mesma pasta marrom, e o mar em Bombaim deslizava como *consomé* contra o cais. A última aventura indiana de Adela foi com Antony, que subiu com ela no navio e tentou chantageá-la. Ela havia sido amante do sr. Fielding, dizia ele. Talvez Antony estivesse insatisfeito com a remuneração recebida. Ela tocou a campainha da cabine e ele foi levado embora, mas o que disse foi o suficiente para criar um certo escândalo, por isso os passageiros não falaram muito com

ela durante a primeira parte da viagem. Por todo o oceano Índico e o mar Vermelho ela foi deixada sozinha, com os restos de Chandrapore.

No Egito a atmosfera mudou. As areias limpas, acumuladas de cada lado do canal, pareceram varrer tudo o que era difícil e ambíguo, e até mesmo Port Said lhe deu a impressão de uma cidade pura e encantadora à luz de uma manhã cinza-rosada. Ali ela desceu à praia com um missionário americano. Eles caminharam até a estátua de Lesseps e beberam o ar tônico do Levante. “Por que razões, senhorita Quested, a senhorita está voltando a seu país depois de ter experimentado os trópicos?”, perguntou o missionário. “Observe, eu não digo para o que a senhorita se volta, mas para o que a senhorita volta. Na vida precisamos tanto nos voltarmos quanto voltar. Esse célebre pioneiro”, ele apontou para a estátua, “ilustra bem a minha tese. Ele se volta para o Oriente, ele volta para o Ocidente. Isso fica claro pela posição graciosa das suas mãos: uma delas segura um cordão de salsichas.” O missionário a fitou jocosamente, para encobrir o vazio da sua mente. Ele não tinha idéia do que queria dizer com “voltar-se” e “voltar”, mas sempre usava as palavras aos pares, em prol do brilho moral. “Entendo”, respondeu ela. Subitamente, na claridade do Mediterrâneo, ela havia percebido. Sua primeira obrigação ao voltar para a Inglaterra era procurar Ralph e Stella, os filhos da sra. Moore; depois ela se voltaria para a sua profissão. A sra. Moore tinha cuidado de manter separados os filhos dos seus dois casamentos, e até então Adela não conhecia o ramo mais jovem.

XXX

OUTRA CONSEQÜÊNCIA LOCAL do julgamento foi a aproximação entre hinduístas e muçulmanos. Cidadãos proeminentes trocaram sonoros protestos de amizade e havia neles um desejo autêntico de chegar a um bom entendimento. Certo dia Aziz recebeu no hospital a visita de uma pessoa muito simpática, o sr. Das. O juiz lhe pediu dois favores: um remédio para herpes-zóster e um poema para a nova revista mensal do seu cunhado. Ele lhe deu ambos.

“Meu caro Das, por que eu iria tentar mandar para o senhor Bhattacharya um poema sendo que você tentou me mandar para a prisão? Hein? Estou brincando, é claro. Vou fazer o melhor que posso, mas achei que a revista de vocês era para hinduístas.”

“Não é para hinduístas; é para os indianos de modo geral”, disse ele timidamente.

“Não existe essa pessoa, o indiano de modo geral.”

“Não existia, mas pode existir quando você tiver escrito um poema. Você é o nosso herói; toda a cidade está com você, independentemente de credo.”

“Eu sei, mas isso vai durar?”

“Temo que não”, disse Das, que era uma pessoa muito clarividente. “E por essa razão, se me permite dizer isso, não ponha muitas expressões persas no seu poema e não fale demais em *bulbul*.”

“Um segundo”, disse Aziz mordiscando o lápis. Ele estava escrevendo uma receita. “Pronto... Isso não é melhor que um poema?”

“Feliz do homem que pode escrever os dois.”

“Você está todo elogioso hoje.”

“Sei que você me guarda rancor por eu ter julgado aquele caso”, disse o outro estendendo impulsivamente a mão. “Você é muito bom e amável, mas sempre detecto uma certa ironia debaixo da sua civilidade.”

“Não, não, que bobagem!”, protestou Aziz. Eles se apertaram as mãos num meio abraço que simbolizava a aproximação. Entre as pessoas de regiões distantes há sempre a possibilidade de romance, mas os vários ramos de

indianos sabem demais uns sobre os outros para superar facilmente o incognoscível. O método é prosaico. “Excelente”, disse Aziz dando palmadinhas num ombro gordo e pensando: “Gostaria que a idéia de covardia não me viesse à cabeça quando penso neles”; Das pensou: “Alguns muçulmanos são muito violentos”. Eles sorriram melancolicamente, cada um espreitando o pensamento que estava no coração do outro, e Das, o mais eloqüente, disse: “Perdoe os meus erros, atente para as minhas limitações. Como nós sabemos, a vida sobre a terra não é fácil”.

“Ah, está certo, mas quanto a esse poema: quem lhe contou que de vez em quando eu rabisco umas coisas?”, perguntou ele satisfeito e bastante comovido — pois a literatura sempre tinha sido para ele um refrigerio, algo que a feiúra dos fatos não estragava.

“O professor Godbole mencionou isso muitas vezes antes de ir para Mau.”

“Como foi que ele soube?”

“Também ele é poeta; vocês não se reconhecem mutuamente?”

Lisonjeado pelo convite, naquele anoitecer ele se pôs a trabalhar. A sensação da pena entre seus dedos não tardou a gerar *bulbuls*. Mais uma vez ele falou sobre a decadência do islã e a brevidade do amor; o poema resultou o mais triste e doce que lhe era possível urdir, mas não tinha o alimento da experiência pessoal e aqueles excelentes hinduístas o achariam desinteressante. Sentindo-se desgostoso, ele se voltou para o outro extremo e escreveu uma sátira, acusatória demais para ser impressa. Aziz só podia expressar *páthos* e rancor, apesar de não ter na maior parte da sua vida relação com nenhum dos dois. Ele amava a poesia — a ciência era apenas algo adquirido, que ele deixava de lado quando não era observado, como acontecia com sua roupa européia — e naquele anoitecer ele ansiava por compor uma nova canção que seria aclamada por multidões e até cantada nos campos. Em que língua ela deveria ser escrita? E o que deve anunciar? Ele prometeu a si mesmo conhecer melhor os indianos que não eram muçulmanos e nunca olhar para trás. É o único caminho saudável. De que adiantariam, naquela latitude e hora, as glórias de Córdoba e Samarcanda? Elas se foram, e, embora as lamentemos, os ingleses ocupam Délhi e nos excluem da África Oriental. O próprio islã, apesar de verdadeiro, lança sinais cruzados sobre o caminho da liberdade. A canção do futuro precisa transcender os credos.

O poema para o sr. Bhattacharya nunca foi escrito, mas resultou em algo. Levou-o na direção da vaga e colossal figura de uma pátria. Aziz não tinha afeição natural pela terra onde nascera, mas as cavernas de Marabar o levaram a ela. Semicerrando os olhos, ele tentava amar a Índia. Ela deve imitar o Japão. Seus filhos não serão tratados com respeito enquanto ela não for uma nação. Ele se tornou mais duro e mais inacessível. Os ingleses, de quem havia zombado ou a quem ignorara, o perseguiram por toda parte; haviam até mesmo atirado redes sobre os seus sonhos. “Meu grande erro tem sido considerar os nossos governantes uma brincadeira”, disse no dia seguinte a Hamidullah; que respondeu com um suspiro: “É de longe o modo mais sensato de enfrentá-los, mas não é viável a longo prazo. Mais cedo ou mais tarde acontece um desastre como o seu, que revela os pensamentos secretos deles sobre o nosso caráter. Se o próprio Deus tivesse descido do céu no Clube deles e dito que você é inocente eles não teriam acreditado na palavra Dele. Agora você vê por que Mahmoud Ali e eu mesmo perdemos tanto tempo com maquinações e nos associamos a criaturas como Ram Chand.”

“Não posso suportar comissões. Vou embora daqui.”

“Para onde? Turtons e Burtons estão por toda parte.”

“Mas não num estado indiano.”

“Acho que os políticos são obrigados a se comportar com mais educação. Só isso.”

“Quero ir embora da Índia britânica, mesmo que seja para um trabalho inferior. Acho que lá eu poderia escrever poesia. Gostaria de ter vivido na época de Babur e lutado e escrito para ele. Acabou, acabou, e nem mesmo é bom dizer ‘acabou, acabou’, pois nos enfraquecemos ao dizer isso. Precisamos de um rei, Hamidullah; isso facilitaria a nossa vida. Do jeito que estão as coisas, temos de tentar gostar desses curiosos hinduístas. Minha idéia agora é procurar um emprego de médico num dos estados deles.”

“Ah, isso está indo longe demais.”

“Não está indo tão longe quanto o senhor Ram Chand.”

“Mas o dinheiro, o dinheiro, eles nunca lhe pagarão um salário adequado, esses rajás selvagens.”

“Eu não serei rico em lugar algum, isso contraria a minha personalidade.”

“Se você tivesse sido sensato e feito a senhorita Qusted pagar...”

“Optei por não fazer isso. É inútil discutir o passado”, disse ele numa súbita entonação áspera. “Eu lhe permiti conservar a sua fortuna e comprar

um marido na Inglaterra, o que vai exigir dela todo aquele dinheiro. Não fale mais nesse assunto.”

“Muito bem, mas a sua vida vai continuar sendo de pobre; por enquanto nada de férias na Caxemira. Você precisa continuar na sua profissão e progredir até chegar a um cargo bem remunerado, em vez de ir para um estado na selva e escrever poemas. Eduque seus filhos, leia os últimos periódicos científicos, obrigue os médicos europeus a respeitá-lo. Aceite como um homem as consequências das suas próprias ações.”

Aziz piscou lentamente para ele e disse: “Nós não estamos no tribunal. Há muitas maneiras de ser homem; a minha é exprimir o que está no mais fundo de meu coração”.

“Isso que você disse não tem resposta, é claro”, respondeu Hamidullah emocionado. Recompondo-se e sorrindo, ele mudou de assunto: “Você ouviu o boato picante que chegou aos ouvidos de Mohammed Latif?”

“Que boato?”

“Quando a senhorita Qusted ficou na escola, Fielding ia visitá-la... bem tarde da noite, dizem os criados.”

“Se ele fez mesmo isso foi uma mudança agradável para ela”, opinou Aziz com uma expressão curiosa no rosto.

“Mas você entende o que eu quero dizer?”

O jovem piscou novamente e disse: “Perfeitamente! Mas o que você quer dizer não me ajuda em nada. Eu estou determinado a ir embora de Chandrapore. O problema é: para onde? Estou determinado a escrever poesia. O problema é: sobre o quê? Você não está me ajudando”. Então, para a surpresa de Hamidullah e dele próprio, ele teve uma explosão nervosa. “Mas quem é que me ajuda? Ninguém é meu amigo. Todos são traidores, até os meus próprios filhos. Estou farto dos amigos.”

“Eu ia sugerir que fôssemos para trás do *pardah*, mas seus três filhos traidores estão lá, você não vai querer fazer isso.”

“Sinto muito. É que desde a prisão meu humor está estranho. Tenha paciência; me desculpe.”

“A mãe de Nureddin está visitando minha mulher. Acho que não há problema.”

“Eu as vejo separadamente, até agora nunca vi as duas juntas. Seria melhor você prepará-las para o choque que eu vou ter.”

“Não; vamos surpreendê-las. Ainda existe muita tolice entre as nossas mulheres. Na época do julgamento elas quiseram deixar o *pardah*; na verdade duas delas que sabem escrever redigiram um documento defendendo isso, mas a coisa deu em nada. Você sabe que todas respeitam profundamente Fielding, mas nenhuma delas o tem visto. Minha mulher diz que ela o verá, mas sempre que ele vem aqui há uma desculpa: ela não está se sentindo bem, está com vergonha da sala, não tem doces para oferecer-lhe, apenas Orelhas de Elefante, e se eu digo que Orelhas de Elefante são o doce preferido do senhor Fielding, ela responde que ele vai ficar sabendo que as dela são malfeitas e por isso ela não pode vê-lo. Meu querido, durante quinze anos eu tenho argumentado com a minha *begum*, durante quinze anos, e nunca a convenci de nada, mas os missionários nos informam que as nossas mulheres são oprimidas. Se você está querendo um tema para um poema, tome este: ‘A mulher indiana como de fato ela é, e não como acham que ela é.’”

XXXI

PARA AZIZ AS PROVAS NÃO TINHAM IMPORTÂNCIA. A seqüência das emoções que ele viveu decidiu suas opiniões e levou à trágica frieza entre ele e o amigo inglês. Eles tinham conquistado mas não seriam coroados. Fielding havia viajado para participar de um simpósio, e Aziz, depois de ter convivido por alguns dias com o boato incontestado sobre a srta. Qusted, supôs que era tudo verdade. Ele não objetava por razões morais a que seus amigos se divertissem, e Cyril, sendo de meia-idade, não podia mais esperar ter a nata do mercado de mulheres; precisava pegar sua diversão onde a encontrasse. Mas não gostava do fato de o amigo ter namorado aquela mulher, que ele ainda considerava sua inimiga. Além disso, por que Cyril não lhe havia contado? O que é a amizade sem a confiança? Ele próprio lhe confiara coisas freqüentemente consideradas chocantes, e o inglês o tinha ouvido com uma atitude tolerante, mas sem dar nada em troca.

Quando Fielding voltou, Aziz foi encontrá-lo na estação ferroviária, concordou em jantar com ele e então, aparentemente satisfeito, começou a pô-lo à prova pelo método oblíquo. Havia um escândalo europeu confirmado: o sr. McBryde e a srta. Derek. Agora a ligação fiel da srta. Derek com Chandrapore estava explicada: o sr. McBryde tinha sido flagrado no quarto dela e a sra. McBryde estava se divorciando dele. “Aquele sujeito de mente pura. No entanto ele vai pôr a culpa no clima indiano. Na verdade tudo é culpa nossa. Eu consegui uma notícia importante para você, hein, Cyril?”

“Nem tanto”, disse Fielding, que tinha pouco interesse em pecados distantes. “Ouça a minha novidade.” O rosto de Aziz se iluminou. “No simpósio ficou decidido que...”

“Vamos deixar a direção da escola para a noite. Tenho de ir agora para o Minto; a cólera está feia. Começamos a ter casos aqui e também importados. Na verdade tudo na vida está um tanto triste. O novo cirurgião-chefe é igual ao último, embora ainda não ouse ser. Qualquer mudança administrativa se resume a isso. Todo o meu sofrimento não nos serviu para nada. Mas preste atenção, Cyril, enquanto eu me lembro. Os boatos não são só sobre o

McBryde. Estão falando a mesma coisa de você. Dizem que você e a senhorita Qusted também se tornaram amigos íntimos demais. Para falar com toda a franqueza, estão dizendo que você e ela são culpados de impropriedade.”

“Sempre estão falando coisas desse tipo.”

“Toda a cidade está comentando, e isso pode prejudicar a sua reputação. Nem todos são seus defensores, você sabe disso. Tenho tentado o possível para fazer esquecerem essa história.”

“Não se preocupe. A senhorita Qusted finalmente foi embora.”

“Essa história prejudica quem fica no país, não quem vai embora. Imagine a minha aflição e ansiedade. Eu quase não consegui dormir. Primeiro o meu nome é ligado ao dela e agora o seu.”

“Não use frases tão exageradas.”

“Por exemplo?”

“Por exemplo aflição e ansiedade.”

“Eu não vivi toda a minha vida na Índia? Não sei o que uma impressão ruim é capaz de causar aqui?” Sua voz se elevou, zangada.

“Sim, mas estou falando da intensidade. Você sempre emprega a intensidade errada, meu amigo. É uma pena que estejam falando isso, mas uma pena muito insignificante, tão insignificante que podemos perfeitamente falar de outra coisa.”

“No entanto você está se preocupando por causa da senhorita Qusted. Vejo isso na sua expressão.”

“Tanto quanto comigo. Viajo com pouca bagagem.”

“Cyril, com essa presepada sobre viajar com pouca bagagem você vai acabar se arruinando. Por causa dela está fazendo inimigos por toda parte, e isso me deixa muito apreensivo.”

“Que inimigos?”

Dado que Aziz tinha em mente apenas a si próprio, foi-lhe impossível responder. Ele ficou ainda mais nervoso, pois se sentiu um tolo. “Já lhe fiz várias listas de pessoas em quem não se pode confiar nesta cidade. Se estivesse na sua situação eu teria o bom senso de saber que estava cercado de inimigos. Observe que eu estou falando em voz baixa. É porque estou vendo que você tem um novo *sais*. Como é que posso saber que ele não é um espião?” Ele baixou a voz: “Em cada três criados, um é espião”.

“Mas qual é o problema?”, perguntou ele sorrindo.

“Você contesta o meu último comentário?”

“Ele simplesmente não me afeta. Os espões são tão abundantes quanto as moscas, mas até eu encontrar um que seja capaz de me matar se passarão anos. Você tem alguma outra coisa na cabeça.”

“Não tenho; não seja ridículo.”

“Tem. Você está zangado comigo por alguma razão.”

Qualquer ataque direto deixava Aziz sem ação. Isso o levou a dizer: “Então, seu moleque, você e *mademoiselle* Adela se divertiam um com o outro à noite?”

Essas conversas monótonas, de altos princípios, dificilmente admitem brincadeiras. Fielding havia se espantado por Aziz ter levado a sério aquele boato, e ser chamado de moleque o deixou tão contrariado que ele perdeu a cabeça e gritou: “Seu patife! Será possível? Diversão, faça-me o favor! Com tudo aquilo acontecendo!”

“Ah, perdão, por favor. A imaginação oriental licenciosa entrou em ação.” A fala era alegre, mas Aziz estava profundamente magoado; durante horas depois daquele erro ele sangrou por dentro.

“Preste atenção, Aziz, as circunstâncias... além disso a moça ainda estava noiva do Heaslop, e além disso eu nunca senti...”

“Eu sei, eu sei; mas você não contestou o que eu disse, e assim achei que era verdade. Ah, Oriente e Ocidente. Isso confunde muito. Você, por favor, pode deixar este seu patife no hospital?”

“Você se ofendeu?”

“Claro que não.”

“Se se ofendeu, precisamos esclarecer isso mais tarde.”

“Já foi esclarecido”, respondeu ele com dignidade. “Acredito inteiramente no que você disse e sobre isso não é necessário haver mais discussão.”

“Mas eu preciso explicar por que falei daquele jeito. Sem querer fui rude. Lamento profundamente.”

“A culpa foi totalmente minha.”

Confusões como essas continuaram perturbando a comunicação entre os dois. Uma pausa no lugar errado, uma entonação mal interpretada, e a conversa desandava. Fielding não tinha ficado chocado, e sim desconcertado, mas como explicar essa diferença? Sempre surge um problema quando duas pessoas não pensam em sexo no mesmo momento, sempre há ressentimento mútuo e surpresa, até mesmo quando as duas pessoas são da mesma raça. Fielding começou a recapitular seus sentimentos com relação à srta. Queded.

Aziz o interrompeu dizendo: “Mas eu acredito em você, eu acredito. Mohammed Latif vai ser severamente punido por inventar isso”.

“Ah, esqueça isso, esqueça todos os mexericos; eles são apenas uma dessas coisas semivivas que tentam tomar o lugar da vida real. Não dê atenção a isso; ele vai desaparecer, como as sepulturas da pobre senhora Moore.”

“O Mohammed Latif é dado a fazer intrigas. Nós já estamos muito desgostosos com ele. Você ficará satisfeito se o mandarmos de volta para a família dele sem nenhum presente?”

“Vamos conversar sobre o M. L. durante o jantar.”

O olhar de Aziz se enregelou. “Jantar. Que azar! Eu me esqueci. Eu havia prometido jantar com o Das.”

“Leve o Das.”

“Ele convidou outros amigos.”

“Você vai jantar comigo como combinamos”, disse Fielding com o olhar distante. “Não vou tolerar isso. Você vai jantar comigo. Vai.”

Eles tinham chegado ao hospital. Fielding prosseguiu sozinho, contornando o *maidan*. Estava contrariado consigo mesmo, mas esperava endireitar tudo durante o jantar. Na agência do correio ele viu o coletor. Seus carros estavam estacionados lado a lado enquanto seus criados competiam no interior do prédio. “Bom dia, então o senhor está de volta”, disse Turton glacialmente. “Eu ficaria contente se no final da tarde aparecesse no Clube.”

“Na verdade, já aceitei a readmissão. O senhor acha necessária a minha presença? Gostaria de ser dispensado; tenho um compromisso para o jantar.”

“Não se trata da sua vontade, mas da vontade do tenente-governador. Talvez o senhor vá me perguntar se eu estou falando oficialmente. Estou. Vou esperá-lo hoje às seis da tarde. Não atrapalharemos os seus planos para depois.”

Ele compareceu pontualmente àquela funçãozinha desagradável. Os esqueletos da hospitalidade matraqueavam: “Aceite um aperitivo, aceite um drinque”. Ele conversou durante cinco minutos com a sra. Blakiston, a única mulher sobrevivente. Conversou com McBryde, que se comportava de modo desafiador quanto ao seu divórcio, consciente de ter pecado como um *sahib*. Conversou com o major Roberts, o novo cirurgião-chefe, e com o jovem Milner, o novo juiz municipal; mas quanto mais o Clube mudava, mais ele prometia ser a mesma coisa. “Não adianta todos nós construirmos sobre areia”, pensou ele enquanto voltava passando pela mesquita; “e quanto mais

moderno se tornar o país, pior será a queda. No século XVIII, quando a crueldade e a injustiça campeavam, uma força invisível reparava a devastação que elas causavam. Agora tudo ecoa; e não há como deter o eco. O som original pode ser inócuo, mas o eco é sempre cheio de maldade.” Essa reflexão sobre o eco estava sempre no fundo da mente de Fielding. Ele não conseguia desenvolvê-la. Ela pertencia ao universo que ele havia rejeitado ou deixado de penetrar. E a mesquita também deixou de penetrá-lo. Como ele próprio, o refúgio oferecido por aquelas arcadas baixas era limitado. “Não há nenhum Deus além de Deus” não nos leva muito longe pelas complexidades da matéria e do espírito; é apenas um jogo de palavras, um trocadilho religioso, e não uma verdade religiosa.

Fielding encontrou Aziz extenuado e desanimado, e resolveu não aludir ao mal-entendido entre eles antes do fim da noite; a essa altura o assunto já seria mais aceitável. Fez uma confissão completa sobre o Clube — disse que havia ido apenas porque fora coagido e que só voltaria lá se isso lhe fosse novamente ordenado. “Por outras palavras, talvez nunca; porque não vou demorar a embarcar para a Inglaterra.”

“Achei que você acabaria na Inglaterra”, disse Aziz numa fala sossegada, e depois mudou de assunto. Muito constrangidos, eles jantaram e depois saíram para se sentar no pavilhão do jardim mongol.

“Vou só por um curto período. É um assunto oficial. Meus superiores estão ansiosos por me tirar um pouco de Chandrapore. São forçados a ter-me em alta consideração, mas não se importam comigo. A situação é um tanto divertida.”

“Que assunto você tem para resolver? Ele vai lhe deixar bastante tempo livre?”

“O suficiente para ver meus amigos.”

“Eu esperava que você respondesse assim. Você é um amigo fiel. Agora podemos falar sobre outra coisa?”

“À vontade. Sobre o quê?”

“Sobre poesia”, respondeu ele com lágrimas nos olhos. “Vamos discutir por que a poesia perdeu sua capacidade de tornar valentes os homens. Meu avô materno também era poeta, e lutou contra vocês no Motim. Eu faria como ele se houvesse outro motim. De qualquer forma, sou um médico que ganhou um processo e tem três filhos para sustentar, e cujo principal tema de conversa são os planos oficiais.”

“Vamos falar de poesia.” Ele voltou a mente para o tema inócuo. “Vocês estão numa triste situação. Sobre o que vão escrever? Não podem dizer eternamente ‘A rosa fanou’. Sabemos que ela fanou. Ao mesmo tempo não podem ter poesia patriótica do tipo ‘Índia, minha Índia’ quando na verdade a Índia não é de ninguém.”

“Gosto dessa conversa. Ela pode levar a algo interessante.”

“Você tem toda a razão em pensar que a poesia precisa estar em contato com a vida. Você a usava como um sortilégio na época em que o conheci.”

“Eu era uma criança quando você me conheceu. Naquela época todo mundo era meu amigo. O Amigo: uma expressão persa para Deus. Mas não quero mais ser um poeta religioso.”

“Eu esperava que você fosse.”

“Por quê, se você é ateu?”

“Na religião há algo que pode não ser verdadeiro mas ainda não foi cantado.”

“Explique isso direito.”

“Algo que os hinduístas talvez tenham descoberto.”

“Que eles o cantem, então.”

“Os hinduístas são incapazes de cantar.”

“Cyril, você às vezes faz um comentário sensato. E por hora chega de poesia. Vamos voltar à sua visita à Inglaterra.”

“Mas nós não discutimos poesia nem por dois segundos”, disse o outro sorrindo.

Porém Aziz gostava de esquetes. Abarcou na mão aquela conversa breve e achou que ela sintetizava o seu problema. Durante um instante ele lembrou sua mulher, e como acontece quando uma lembrança é muito intensa, o passado tornou-se futuro e ele a viu consigo num tranqüilo Estado hinduísta no meio da selva, longe de estrangeiros.

“Suponho que você vá visitar a senhorita Quested”, disse ele.

“Se tiver tempo. Será estranho vê-la em Hampstead.”

“O que é Hampstead?”

“Um pequeno subúrbio de Londres onde moram artistas e intelectuais...”

“E ali ela vive com conforto; você vai gostar de vê-la... Nossa! Eu tive uma dor de cabeça à tardinha. Talvez esteja com cólera. Com licença, não vou demorar.”

“Quando você vai querer a carruagem?”

“Não se preocupe; eu vou de bicicleta.”

“Mas você não está com a bicicleta. Você veio na minha carruagem e ela vai levá-lo.”

“Parece lógico”, disse ele tentando ficar alegre. “Eu não trouxe a bicicleta. Mas sou visto com demasiada freqüência na sua carruagem. O senhor Ram Chand acha que eu me aproveito da sua generosidade.” Ele estava aborrecido e contrafeito. Inconsistente, a conversa passava de um assunto para outro. Eles se mostravam afetuosos e íntimos, mas nada chegava a engrenar.

“Aziz, você me perdoou o comentário idiota que fiz de manhã?”

“Quando você me chamou de patife?”

“É, para a minha eterna vergonha. Você sabe que gosto muito de você.”

“Não foi nada, é claro. Todos nós cometemos erros. Numa amizade como a nossa, uns poucos escorregões não têm nenhuma conseqüência.”

Mas no trajeto até sua casa algo o deprimia — uma vaga dor no corpo e na mente, à espera de vir à tona. Quando chegou em casa, quis voltar e dizer a Fielding alguma coisa muito afetuada; em vez disso, deu ao *sais* uma boa gorjeta e sentou-se melancólico na cama, e Hassan massageou-o sem nenhuma competência. As moscas haviam feito uma colônia no alto de uma *almeira*; as manchas vermelhas no *durry* eram mais numerosas, pois durante sua prisão Mohammed Latif tinha dormido ali e cuspiu muito; a gaveta da mesa estava marcada onde a polícia forçara para abri-la; tudo em Chandrapore estava gasto, inclusive o ar. Então o problema veio à tona: ele tinha suspeitas; suspeitava que seu amigo pretendia se casar com a srta. Quested por causa do dinheiro dela e estava indo para a Inglaterra com esse objetivo.

“*Huzoor?*”, perguntou o criado, pois ele tinha resmungado.

“Olhe essas moscas no teto. Por que você não as afogou?”

“*Huzoor*, elas voltam.”

“Como tudo o que é ruim.”

Para mudar de assunto, Hassan contou que o rapaz da cozinha havia matado uma cobra, mas a matara cortando-a em duas, o que era ruim, porque com isso ela se torna duas cobras.

“Quando ele quebra um prato esse prato passa a ser dois?”

“É preciso comprar copos e uma nova chaleira, além de um paletó novo para mim.”

Aziz suspirou. Cada um por si. Um homem precisa de um paletó, outro de uma mulher rica; os dois atingem seu objetivo fazendo um desvio

inteligente. Fielding havia conseguido livrar a moça de uma multa de vinte mil rupias e agora, depois da partida dela, ia para a Inglaterra. Se queria se casar com ela, tudo se explicava: ela lhe daria um grande dote. Aziz não acreditava nas suas próprias suspeitas — antes isso tivesse acontecido, pois nesse caso ele as revelaria e então a situação se esclareceria. Na sua mente a suspeita e a confiança podiam conviver lado a lado. Provinham de fontes diferentes e não precisavam nunca se interpenetrar. No oriental a suspeita é um tipo de tumor maligno, uma doença mental que subitamente o torna constrangido e hostil; ele confia e desconfia ao mesmo tempo, de um modo que o ocidental não é capaz de compreender. É o seu espírito maligno, tal como a hipocrisia para o ocidental. Aziz foi tomado por ela, e sua fantasia ergueu um castelo satânico, cujo alicerce fora assentado quando Fielding e ele conversaram sob as estrelas em Dilkusha. A moça certamente tinha se tornado amante de Cyril quando ficou na escola — Mohammed Latif estava certo. Mas isso era tudo? E se fosse Cyril que a tivesse seguido na caverna... Não, isso era impossível. Cyril não tinha de modo algum estado na Kawa Dol. Impossível. Ridículo. Mas a imaginação o deixou trêmulo de aflição. Uma deslealdade dessas — se fosse verdade — teria sido a pior da história indiana; não havia nada tão vil, nem mesmo o assassinato de Afzul Khan por Sivaji. Ele estava aniquilado, como se suas suspeitas tivessem se confirmado, e disse a Hassan que o deixasse sozinho.

No dia seguinte Aziz resolveu levar os filhos de volta para Mussoorie. Eles tinham ido a Chandrapore assistir ao julgamento, para ele poder se despedir deles, e depois continuaram lá, hospedados por Hamidullah, para as comemorações. O major Roberts lhe concederia uma licença e durante sua ausência Fielding iria para a Inglaterra. A idéia atendia tanto à sua desconfiança quanto à sua confiança. Os acontecimentos provariam qual delas tinha fundamento e, independentemente do resultado, preservariam a sua dignidade.

Fielding estava consciente de algo hostil, e como realmente gostava muito de Aziz, seu otimismo fraquejou. Viajar com pouca bagagem não é tão fácil quando se trata de afeição. Incapaz de seguir em frente na serena esperança de que no fim tudo daria certo, ele escreveu uma carta muito refletida e num estilo um tanto moderno: “Estou convencido de que você me acha puritano com relação às mulheres. Preferia que pensasse qualquer outra coisa de mim. Se agora eu vivo de modo impecável, é só porque já passei dos quarenta — um período de revisão. Aos oitenta devo fazer outra revisão. E, antes que entre

nos noventa, devo ser revisado! Mas, vivo ou morto, não sou absolutamente moralista. Por favor, entenda isso”. Aziz não deu a menor importância à carta. Ela feriu sua sensibilidade. Ele gostava de confidências, por mais torpes que fossem, mas as generalizações e as comparações sempre lhe haviam desagradado. A vida não é um manual científico. Ele respondeu friamente, lamentando não poder voltar de Mussorie antes da partida do amigo: “Mas preciso aproveitar esses poucos dias de férias enquanto posso. De agora em diante farei tudo com economia, todas as esperanças de Caxemira desapareceram para sempre. Quando você voltar, devo estar labutando num cargo novo”.

E Fielding se foi, e quando o calor estava chegando ao fim em Chandrapore — céu e terra parecendo bala *toffee* —, as penosas fantasias do indiano se confirmaram. Seus amigos as incentivaram, pois mesmo tendo gostado do diretor sentiam-se incomodados com o fato de ele saber tanto sobre sua vida particular. Mahmoud Ali logo declarou que a perfídia estava em ação. Hamidullah murmurou: “Sem dúvida ultimamente ele não tinha conosco a mesma franqueza dos primeiros tempos”, e aconselhou Aziz a “não esperar demais, pois afinal de contas ele e ela são de outra raça”. “Onde é que estão as minhas vinte mil rupias?”, pensava Aziz. Ele era absolutamente indiferente ao dinheiro — não só o prodigalizava como também pagava prontamente suas dívidas, quando se lembrava de fazê-lo —, mas essas rupias rondavam sua mente porque ele lhes permitira escapar para o estrangeiro, como acontecia com uma parcela tão grande da riqueza da Índia. Com a ajuda de tudo o que não ficara explicado no caso de Marabar, ele já não tinha mais dúvida: Cyril se casaria com a srta. Quested. Essa era a conclusão natural daquele piquenique disparatado e horrível, e pouco tempo depois ele estava persuadido de que o casamento já havia ocorrido.

XXXII

O EGITO ERA ENCANTADOR — uma faixa de tapete verde e andando por ela, para cima e para baixo, quatro tipos de animais e um tipo de homem. As atividades de Fielding o retiveram lá por alguns dias. Ele voltou a embarcar em Alexandria — céu azul-claro, vento constante, linha costeira desimpedida e baixa, contrastando com as complexidades de Bombaim. Então Creta o saudou com a longa série de picos nevados de sua cordilheira, depois surgiu Veneza. Quando pisou em terra na Piazzetta, ele ergueu até os lábios uma taça de beleza e bebeu com uma sensação de deslealdade. Os prédios de Veneza, como as montanhas de Creta e os campos do Egito, estavam no lugar certo, ao passo que na pobre Índia tudo estava colocado no lugar errado. Entre templos erguidos para ídolos e colinas crespas ele havia se esquecido da beleza da forma; na verdade, sem forma como pode haver beleza? A forma balbuciava aqui e ali numa mesquita, chegava até a se enrijecer, nervosa, mas ah, essas igrejas italianas! San Giorgio se erguendo numa ilha que sem ela quase não teria surgido das ondas, Santa Maria della Salute dominando a entrada de um canal que só por causa dela é o Grande Canal! Nos velhos tempos de universitário ele havia se envolvido na cobertura multicolorida da São Marcos, mas agora algo mais precioso do que mosaicos e mármore era oferecido; a harmonia entre as obras do homem e a terra que as sustenta, a civilização que evitou a confusão, o espírito numa forma racional, com carne e sangue subsistindo. Escrevendo cartões-postais para seus amigos indianos, sentiu que nenhum deles alcançaria as alegrias que ele experimentava agora, as alegrias da forma, e que isso constituía uma grave barreira. Eles veriam a suntuosidade de Veneza, não sua forma, e mesmo não sendo a Europa, Veneza fazia parte da harmonia mediterrânea. O Mediterrâneo é a norma humana. Quando os homens deixam esse lago magnífico, pelo Bósforo ou pelos Pilares de Hércules, eles se aproximam do monstruoso e do extraordinário; e a saída pelo Sul leva à experiência mais estranha entre todas. Voltando-lhe novamente as costas ele tomou o trem para o Norte, e ternas fantasias românticas que

acreditava mortas para sempre floresceram à vista dos ranúnculos e das margaridas de junho.

3

TEMPLO

XXXIII

ALGUMAS CENTENAS DE MILHAS a oeste das colinas de Marabar, e dois anos depois, o professor Narayan Godbole está de pé na presença de Deus. Deus ainda não nasceu — isso vai acontecer à meia-noite —, mas ao mesmo tempo Ele nasceu séculos antes, e na verdade Ele não pode jamais nascer, porque é o Senhor do Universo, que transcende os processos humanos. Ele é, não foi, não é, foi. Ele e o professor Godbole estavam de pé nas duas pontas da mesma tira de tapete.

*Tukaram, Tukaram,
És meu pai e minha mãe e todo mundo.
Tukaram, Tukaram,
És meu pai e minha mãe e todo mundo.
Tukaram, Tukaram,
És meu pai e minha mãe e todo mundo.
Tukaram, Tukaram,
És meu pai e minha mãe e todo mundo.
Tukaram...*

Depois de vários outros, o corredor do palácio de Mau abriu-se para um pátio feito de um belo e duro estuque branco; seus pilares e a abóboda mal podiam ser vistos atrás de trapos coloridos, bolas iridescentes, lustres de vidro opaco cor-de-rosa e fotografias escuras com molduras tortas. No fundo do pátio ficava o pequeno mas famoso santuário do culto dinástico, e o Deus que ia nascer era uma pródiga imagem de prata do tamanho de uma colher de chá. Hinduístas sentavam-se dos dois lados do tapete, onde encontravam espaço, ou transbordavam para os corredores próximos e para o pátio — hinduístas, apenas hinduístas, homens de traços suaves, a maioria deles aldeões para quem qualquer coisa fora da sua aldeia se passava num sonho. Eram os *ryot* mourejadores, a quem alguns se referem como sendo a verdadeira Índia. Junto deles sentavam-se uns poucos comerciantes da cidadezinha, funcionários,

bajuladores do poder político local, jovens descendentes da casa governante. Garotos da escola tentavam, com pouco sucesso, conservar a ordem. O conjunto se mantinha num estado desconhecido de uma multidão inglesa: afetuoso, feliz, fervilhante como uma poção benfazeja. Quando os aldeões rompiam o cordão para ter um relance da imagem prateada, seus rostos assumiam uma expressão belíssima e radiante, uma beleza em que não havia nada de pessoal, pois os levava a se parecer uns com os outros durante o momento em que ela os habitava, e somente depois do seu desaparecimento eles voltavam à sua rústica individualidade. E o mesmo acontecia com a música. Havia música, mas de tantas fontes que a soma total era infinita. Os sons ásperos, as batidas e o canto monótono fundiam-se numa única massa que se derramava pelo palácio antes de se juntar ao trovão. A chuva caía a intervalos durante toda a noite.

Era a vez do coro do professor Godbole. Como ministro da Educação ele havia ganho essa honra especial. Quando o grupo de cantores que o antecedeu se dispersou na multidão, ele abriu caminho à força, vindo do fundo quase a plenos pulmões para que a cadeia de sons sagrados não se interrompesse. Estava descalço e vestido de branco, com um turbante azul-claro; o pincenê de ouro se prendera numa coroa de jasmim e estava enviesado em seu nariz. Ele e seis colegas que o apoiavam chocavam vigorosamente seus pratos, batiam em pequenos tambores, zuniam um harmônio portátil e cantavam:

*Tukaram, Tukaram,
És meu pai e minha mãe e todo mundo.
Tukaram, Tukaram,
És meu pai e minha mãe e todo mundo.
Tukaram, Tukaram...*

Eles nem mesmo cantavam para o Deus que os defrontava, e sim para um santo; nada do que faziam seria considerado totalmente certo pelos não hinduístas; aquele triunfo iminente da Índia era uma confusão (como costumamos dizer), uma frustração da razão e da forma. Onde estava o Deus em honra de quem a congregação havia se reunido? Era impossível vê-lo na mixórdia do Seu altar, encoberto por um amontoado de imagens de categoria inferior, asfíxiado sob pétalas de rosas, encimado por oleografias, ofuscado

pelo reflexo de placas douradas que representavam os ancestrais do rajá e inteiramente obscurecido, quando soprava o vento, pela folhagem rasgada de uma bananeira. Centenas de luzes elétricas tinham sido acesas em Sua honra (funcionando graças a um motor cujos batimentos colidiam com o ritmo do hino). Mas não se via o Seu rosto. Rodeado de centenas das Suas bandejas de prata empilhadas, o efeito do Deus era mínimo. As inscrições que os poetas da região haviam escrito estavam penduradas em locais onde não podiam ser lidas ou então seus percevejos tinham sido forçados para fora do estuque, e uma delas (escrita em inglês para indicar a universalidade Dele) continha, por um infeliz deslize de quem a compôs, as palavras “Deus é Amor”.^[1]

Deus é Amor. Essa é a mensagem final da Índia?

Tukaram, Tukaram... continuava o coro, reforçado por uma alteração atrás da cortina do *purdah*, onde duas mães tentavam simultaneamente empurrar os filhos para a primeira fila. A perna de uma menina despontou como uma enguia. No pátio, encharcada pela chuva, uma pequena banda europeizada iniciou tropegamente uma valsa. Tocavam *Nights of gladness*. Os cantores não se perturbaram com esse rival; estavam acima da competição. Muito tempo depois o minúsculo fragmento de professor Godbole que se ocupava das coisas externas resolveu que seu pincenê estava correndo risco e que enquanto ele não fosse endireitado não seria possível escolher um novo hino. Ele pôs no chão um prato, com o outro continuou golpeando ruidosamente o ar e com a mão livre remexeu desajeitado nas flores à volta do seu pescoço. Um colega o ajudou. Cantando um no bigode grisalho do outro, eles desembaraçaram a corrente do fio em que ela havia se prendido. Godbole consultou o livro de músicas, disse uma palavra para o homem do tambor, que marcou o ritmo, fez uma breve sucessão de sons confusos e apresentou um novo ritmo. Esse era mais empolgante, evocou imagens interiores mais definidas, e a expressão dos cantores se tornou ausente e lânguida. Eles amavam todos os homens, o universo inteiro, e lembranças do seu passado, ínfimas lascas de detalhes, surgiam durante um momento para se fundir no calor universal. Assim Godbole, embora ela não fosse importante em sua vida, lembrou-se de uma velha que conhecera nos tempos de Chandrapore. O acaso o fez pensar nela no momento em que sua mente se encontrava naquele estado aquecido; ele não a escolheu, aconteceu de ela surgir entre a multidão de imagens que pediam passagem, uma ínfima lasca, e ele a impeliu pela sua força espiritual até aquele lugar onde se pode encontrar a integridade. Integridade, não

reconstrução. Seus sentidos ficaram mais finos. Ele se lembrou de uma vespa que vira já não sabia mais onde, talvez numa pedra. Amou igualmente a vespa, impeliu-a do mesmo modo; estava imitando Deus. E a pedra onde a vespa se agarrava — ele poderia... não, ele se equivocara ao se esforçar com a pedra; a lógica e o esforço consciente o haviam induzido ao erro. Ele voltou para a tira de tapete vermelho e descobriu que estava dançando sobre ela. Para cima e para baixo, um terço do caminho até o altar e novamente de volta, batendo os pratos, as perninhas esvoaçando, seus acompanhantes dançando com ele e uns com os outros. Barulho, barulho, a banda europeizada tocando mais alto, incenso no altar, suor, o clarão das luzes, vento nas bananeiras, barulho, trovão, onze e meia no seu relógio de pulso, que ele viu ao atirar para cima as mãos e desprender a pequenina reverberação que era a sua alma. Gritos mais altos na multidão. Ele continuou dançando. Os meninos e os homens que estavam agachados nas passagens laterais foram erguidos à força e largados; caíram no colo de quem estava por perto e não se percebeu a menor alteração em seu aspecto. No caminho assim desobstruído avançou uma liteira.

Era o idoso governador. Contrariando a orientação médica, ele fora levado para ali a fim de assistir à cerimônia do Nascimento.

Ninguém saudou o rajá, e tampouco ele queria isso; o momento não era para glórias humanas. Nem a liteira pôde ser posta no chão, pois caso se fizesse isso ela se tornaria um trono, o que seria uma profanação do templo. Sem que seus pés encostassem no chão, ele foi retirado dela e depositado no tapete encostado no altar; compuseram sua imensa barba, recolheram-lhe as pernas sob seu corpo, um papel com pó vermelho foi posto em sua mão. Ali ele ficou sentado, reclinado contra um pilar, exausto pela doença, os olhos ampliados por muitas lágrimas não derramadas.

Não precisou esperar muito tempo. Num lugar onde tudo o mais era impontual, a hora do Nascimento foi cronometricamente observada. Três minutos antes do tão esperado momento um brâmane apresentou uma réplica da aldeia de Gokul (a Belém daquela história nebulosa) e colocou-a diante do altar. A réplica estava sobre uma bandeja de madeira de cerca de um metro quadrado; era de argila, muito alegre nos brancos e azuis de bandeirolas e da pintura das casas. Ali, numa cadeira pequena demais para ele e com uma cabeça grande demais, sentava-se o rei Kansa, que é Herodes, dirigindo o assassinato de alguns Inocentes, e num canto, em proporções semelhantes, estavam o pai e a mãe do Senhor, de pé, advertidos em sonho de que deviam

partir. Embora não fosse sagrada, a réplica era mais que uma decoração, pois distraía os homens da imagem real do Deus e aumentava-lhes o atordoamento sagrado. Alguns aldeões achavam que o Nascimento tinha acontecido, dizendo com sinceridade que o Senhor já havia nascido, do contrário não poderiam vê-lo. Mas o relógio bateu meia-noite, e no mesmo instante irrompeu a nota cortante da trombeta, seguida dos gritos dos elefantes. Todos os que tinham pacotes de pó atiraram-nos no altar, e em meio àquela poeira rosada e ao incenso, àqueles tinidos e gritos, o Amor Infinito assumiu a forma de SHRI KRISHNA e salvou o mundo. Toda a tristeza se extinguiu, não só para os indianos como para os estrangeiros, os pássaros, as cavernas, as ferrovias e as estrelas; tudo se tornou alegria, tudo era riso; nunca havia existido doença, e nem dúvida, mal-entendido, crueldade, medo. Alguns pularam no ar, outros se atiraram de bruços no chão e envolveram os pés descalços do amado universal; as mulheres atrás do *pardab* batiam palmas e gritavam; a menininha escapou para fora e dançava sozinha, os cabelos esvoaçando. Não era uma orgia do corpo; a tradição daquele santuário proibia isso. Mas com uma contorção desesperada o espírito humano havia tentado arrebatado o desconhecido, desprezando durante essa luta a ciência, a história e, sim, a própria beleza. Conseguiu? Livros escritos posteriormente dizem: “Sim”. Mas como, se esse evento ocorre, ele pode ser lembrado depois? Como ele pode ser expresso em algo que não seja ele mesmo? Os mistérios não são escondidos apenas dos que não acreditam; o próprio iniciado é incapaz de retê-los. Ele pode acreditar, se quiser, que esteve com Deus, mas no instante seguinte essa crença se torna história e se enquadra nas regras do tempo.

Uma cobra de papel-machê apareceu no tapete, e também um berço de madeira que balançava numa estrutura. O professor Godbole se aproximou dele com uma seda vermelha nos braços.

A seda era Deus, mesmo não o sendo, e a imagem continuava na confusão do altar. Era apenas uma seda, dobrada numa forma que representava um bebê. O professor a acalentou e entregou-a ao rajá, que fazendo um grande esforço disse: “Dou a esta criança o nome de Shri Krishna”, e deixou-a cair no berço. De seus olhos rolaram lágrimas, porque ele havia visto a salvação do Senhor. Estava fraco demais para mostrar ao seu povo o bebê de seda, o que nos anos anteriores tinha sido privilégio dele. Seus acompanhantes ergueram-no, abriu-se mais uma vez um caminho entre a multidão, e ele foi carregado para um local menos sagrado do palácio. Ali, num quarto acessível à ciência ocidental

por meio de uma escada externa, seu médico, o doutor Aziz, o esperava. Seu médico hinduísta, que o havia acompanhado até o santuário, comunicou resumidamente os sintomas a Aziz. Quando o êxtase passou, o inválido tornou-se impaciente e se irritou com as batidas do motor a vapor que fazia o dínamo funcionar. Perguntou por que razão haviam colocado aquilo em sua residência. Responderam-lhe que iam investigar e deram-lhe um sedativo.

Embaixo, nos corredores sagrados, a alegria adquirira mais animação, transformando-se em diversão. As pessoas tinham o dever de se empenhar em muitas brincadeiras para distrair o Deus recém-nascido e estimular Suas travessuras com as moças levadas que trabalhavam na produção de leite em Brindaban. A manteiga tinha nisso um papel importante. Quando o berço foi retirado, os principais nobres do estado se reuniram para um divertimento inocente. Todos tiraram os turbantes e um deles pôs uma pelota de manteiga na testa e ficou esperando que ela deslizasse pelo seu nariz até a boca. Antes que ela chegasse ali, um outro furtivamente se aproximou dele por trás, arrebatou-lhe a manteiga mole e a engoliu. Todos riram exultantes ao descobrirem que o senso de humor divino coincidia com o deles. “Deus és amor!” No céu há diversão. Deus pode pregar peças em Si mesmo, tirar a cadeira do Seu próprio traseiro, pôr fogo no Seu próprio turbante e roubar a Sua própria roupa de baixo enquanto toma banho. Sacrificando o bom gosto, essa adoração realizava aquilo a que a cristandade se esquivara: a inclusão da alegria. Tudo o que é espírito e tudo o que é matéria deve participar da salvação, e se pregar peças for proibido, o círculo fica incompleto. Tendo engolido a manteiga, eles fizeram uma brincadeira encantadora: acarinharam Shri Krishna na figura de uma criança. Atira-se uma linda bola vermelha e dourada e quem a pega escolhe uma criança na multidão, toma-a nos braços e a carrega por ali para ser acariciada. Por amor ao Criador, todos afagam a graciosa criatura e murmuram palavras alegres.

A criança é devolvida aos pais, atira-se a bola e outra criança se torna por um momento o Desejado do Mundo. E o Senhor salta aqui e ali pelos corredores, o acaso, e a brincadeira do acaso, iluminando pequenos mortais com a Sua imortalidade. E depois de terem brincado disso por bastante tempo — e uma vez que o tédio era algo que inexistia ali, a brincadeira foi repetida um sem-número de vezes —, eles pegaram muitos bastões e os bateram uns contra os outros ruidosamente, como se estivessem lutando nas guerras dos Pandavas, e continuaram batendo e agitando-os, e mais tarde penduraram no teto do

templo, numa rede, um grande jarro de cerâmica escura juncado de pinturas vermelhas e engrinaldado de figos secos. Então foi a vez de uma brincadeira muito vibrante. Saltando, os homens bateram com os bastões no jarro, que rachou, quebrou e fez cair no rosto deles uma massa oleosa de arroz e leite. Eles comiam e besuntavam-se mutuamente a boca, e mergulhavam entre as pernas uns dos outros para devorar o que se derramara no tapete. Por toda parte se estendeu a confusão divina, até que a fileira de garotos da escola, que havia até certo ponto contido a multidão, resolveu reivindicar a sua parte. Os corredores e o pátio foram tomados por uma confusão benigna. As moscas também acordaram e reclamaram sua parte na generosidade de Deus. Não havia brigas, graças à natureza do presente, pois bendito é o homem que o concede a outro; ele imita Deus. E essas “imitações”, essas “substituições”, continuaram a vibrar pelo ajuntamento durante muitas horas, despertando em cada homem, de acordo com sua capacidade, uma emoção que de outro modo ele não sentiria. Nenhuma imagem precisa sobreviveu. No Nascimento era questionável se o que tinha nascido era um boneco de prata, uma aldeia enlameada, um pedaço de seda, um espírito intangível ou uma resolução piedosa. Talvez todas essas coisas! Talvez nenhuma delas! Talvez todo nascimento seja uma alegoria! No entanto esse era o principal acontecimento do calendário religioso. Provocava pensamentos estranhos. Coberto de gordura e pó, o professor Godbole tinha novamente expandido a vida do seu espírito. Mais uma vez ele havia visto com crescente nitidez a sra. Moore e, rodeando-a, formas de infortúnios vagamente aderidas a ela. Ele era um brâmane e ela era cristã, mas isso não fazia diferença; não fazia diferença se ela era um ardil da sua memória ou um apelo telepático. Era dever dele, e também seu desejo, pôr-se no lugar do Deus e amá-la, e se pôr no lugar dela e dizer para o Deus: “Vem, vem, vem, vem”. Isso era tudo o que ele podia fazer. Que coisa mais inadequada! Mas cada um de acordo com as suas capacidades, e ele sabia que as dele eram pequenas. “Uma velha inglesa e uma pequenina vespa”, pensou ele, e saiu do templo para o cinza de uma manhã úmida. “Não parece muito, mas é mais do que eu próprio sou.”

XXXIV

O DR. AZIZ DEIXOU O PALÁCIO ao mesmo tempo que o professor Godbole. Enquanto voltava para casa — que, circundada por um agradável jardim, ficava um pouco adiante, subindo a rua principal da cidade —, ele viu seu velho protetor chapinhando e saltitando mais à frente na lama. “Olá!”, gritou ele, e foi uma iniciativa errada, pois o devoto indicou por gestos circulares dos braços que não queria ser perturbado. Ele acrescentou: “Desculpe”, e nisso acertou, pois Godbole torceu a cabeça até ela não pertencer mais ao seu corpo e disse com uma voz estranha que não tinha ligação com a sua mente: “Talvez ele tenha chegado à Casa de Hóspedes Europeus; pelo menos é possível”.

“É mesmo? Quando foi isso?”

Mas falar de tempo já era precisar demais. Ele balançou o braço com menos energia e desapareceu. Aziz sabia quem era “ele” — Fielding —, mas recusou-se a pensar naquele homem porque isso perturbava a sua vida, e ele ainda confiava em que as enchentes o impediriam de chegar. Um belo riozinho saía do portão do seu jardim e lhe dava muita esperança. Era impossível que alguém vindo de Deora pudesse chegar a Mau num tempo como aquele. A visita de Fielding era oficial. Ele havia sido transferido de Chandrapore e fora mandado numa viagem pela Índia Central para ver o que os estados mais remotos estavam fazendo com relação à educação inglesa. Tinha se casado com a srta. Quested, como era esperado, e Aziz não queria vê-lo novamente.

“Meu velho Godbole querido”, pensou Aziz e sorriu. Ele não tinha curiosidade religiosa e nunca descobrira o significado daquela exótica cerimônia anual, mas estava plenamente seguro de que Godbole era um velho querido. Aziz havia ido para Mau por intercessão dele e continuava ali graças a ele. Sem Godbole ele jamais poderia ter entendido problemas tão absolutamente diferentes dos de Chandrapore. Pois em Mau a divisão era entre brâmanes e não-brâmanes; muçulmanos e ingleses estavam totalmente à margem, e acontecia de passarem-se dias sem que fossem mencionados. Uma vez que Godbole era brâmane, Aziz também era, para fins de intriga; eles freqüentemente brincavam sobre isso. As fissuras no solo indiano são infinitas:

o hinduísmo, à distância tão sólido, é fendido em seitas e clãs, que se irradiam, se juntam e mudam de nome conforme o aspecto pelo qual são tratadas. Estude-o durante anos com os melhores professores; quando levantar a cabeça, nada do que eles lhe disseram se encaixará bem. Aziz disse no dia de sua posse: “Eu não estudo nada, eu respeito” — dando uma excelente impressão. Agora havia pouquíssimo preconceito contra ele. Subordinado nominalmente a um médico hinduísta, ele na verdade era o principal médico da corte. Teve de desistir das vacinas e de outras extravagâncias ocidentais, mas em Chandrapore sua profissão também tinha sido uma brincadeira, centralizando-se na mesa de operações, e ali naquele fim de mundo ele deixou seus instrumentos enferrujarem, dirigia o pequeno hospital em fogo brando e não criava caso.

Seu impulso de fugir dos ingleses tinha sido saudável. Eles o haviam amedrontado permanentemente, e para o medo existem apenas duas reações: espernear e gritar nas comissões ou se retirar para a selva distante, onde o *sahib* raramente aparece. Seus velhos amigos advogados queriam que ele ficasse na Índia britânica e ajudasse a agitar, e não fosse a traição de Fielding eles talvez tivessem prevalecido. A notícia não o surpreendera minimamente. Depois do julgamento, o fato de Cyril não ter participado do cortejo fez abrir-se entre eles uma fissura; as defesas da moça a haviam alargado; então chegaram os cartões-postais de Veneza, tão frios, tão pouco amistosos que todos imaginaram estar havendo algo errado; e finalmente, após um silêncio, a esperada carta de Hampstead. Mahmoud Ali estava com ele na ocasião. “Tenho uma notícia que vai surpreendê-lo. Vou me casar com alguém que você conhece...” Ele não continuou a leitura. “Leia. Responda para mim”, e atirou a carta para Mahmoud Ali. As outras que chegaram, ele as destruiu sem abrir. Foi o final de uma experiência tola. E embora no fundo de sua mente ele às vezes sentisse que Fielding havia feito sacrifícios para defendê-lo, agora tudo se confundira com o seu ódio genuíno aos ingleses. “Sou um indiano, finalmente”, pensou ele imóvel sob a chuva.

A vida passava agradavelmente. O clima era saudável, e assim as crianças podiam ficar com ele o ano inteiro; ele havia se casado de novo — não era exatamente um casamento, mas ele gostava de pensar que era — e lia seus poetas persas, escrevia sua poesia, tinha seu cavalo e às vezes saía para um pouco de *shikar* quando os bons hinduístas estavam olhando para o outro lado. Seus poemas falavam sempre num único assunto: a humanidade oriental. “O

pardah precisa acabar”, era o seu bordão, “do contrário nunca seremos livres.” E ele declarava (fantasticamente) que a Índia não teria sido conquistada se as mulheres tivessem lutado junto com os homens em Plassey. “Mas nós não vamos mostrar as nossas mulheres aos estrangeiros” — sem explicar como se faria isso, pois estava escrevendo um poema. Os *bulbuls* e as rosas continuavam: o *páthos* do islã derrotado estava ainda no seu sangue e não podia ser expulso pelas modernidades. Seus poemas eram ilógicos — como o escritor deles. Mas martelavam uma nota verdadeira: não poderia haver uma pátria sem novos lares. Num poema — o único de que o divertido Godbole gostava — Aziz havia prescindido da pátria (que ele não amava verdadeiramente) e ido direto para a internacionalidade. “Ah, esse é *bhakti*; ah, meu jovem amigo, esse é diferente e muito bom. Ah, a Índia, que parece não se mexer, irá diretamente para isso enquanto as outras nações perdem tempo. Posso traduzi-lo para o hindi? Na verdade ele quase pode ser traduzido para o sânscrito; é muito iluminado. Evidentemente todos os outros poemas seus também são muito bons. Sua Alteza estava dizendo para o coronel Maggs, da última vez que ele veio aqui, que nós nos orgulhamos de você”, sorrindo com um leve acanhamento.

O coronel Maggs era o comissário político da região e o desanimado oponente de Aziz. O Departamento de Investigação Criminal estava de olho em Aziz desde o julgamento — não havia contra ele nada que motivasse um processo, mas os indianos que passaram por reveses precisavam ser vigiados, e até o fim da vida ele foi observado, graças ao engano da srta. Qusted. O coronel Maggs recebeu com interesse a notícia de que um suspeito estava indo para Mau, e com um jeito brincalhão zombou do velho rajá por ele ter permitido que um médico muçulmano se aproximasse da sua sagrada pessoa. Poucos anos antes o rajá teria acatado a sugestão, pois o comissário político era então uma figura formidável, subitamente investindo com todas as ameaças do Império quando isso era inconveniente ao extremo, virando a polidez de cabeça para baixo, exigindo carros a motor e caçadas a tigres, ordenha de vacas na presença dele e corte das árvores que impediam a visão que se tinha a partir da Casa dos Hóspedes, e de modo geral se arrogando o controle das questões internas. Mas acontecera uma mudança de política nas instâncias superiores. As ameaças locais não encontravam mais respaldo e o grupo de pequenos estados de que se compunha o Comissariado descobriu isso e começou a trocar impressões, com ótimos resultados. Ver quanto o coronel Maggs

agüentaria tornou-se em Mau uma brincadeira agradável, da qual participava todo o Departamento de Estado. Ele teve de tolerar a indicação do dr. Aziz. O rajá não acatou a sua sugestão e respondeu que os hinduístas estavam menos exclusivistas do que antes, graças às ordens esclarecidas do vice-rei, e ele sentia ser seu dever mudar de acordo com os tempos.

Sim, tudo tinha corrido bem até então, mas agora, quando o resto do Estado se encontrava mergulhado em seu festival, Aziz teve uma crise de tipo bem diverso. Ao chegar em casa encontrou um bilhete. Não havia dúvida de que Fielding tinha chegado durante a noite e de que Godbole sabia da sua chegada, pois o bilhete era endereçado a ele e antes de remetê-lo a Aziz ele o havia lido e escrevera na margem: “A notícia não é agradável, mas meus deveres religiosos não me permitem tomar nenhuma providência”. Fielding anunciou que havia inspecionado Mudkul (lugar que anteriormente fora o feudo da senhorita Derek), que quase se afogara em Deora, que havia chegado a Mau no dia previsto em seu programa de atividades e esperava ficar ali dois dias, estudando as várias inovações educacionais do seu velho amigo. E não estava sozinho. Sua mulher e o irmão dela o acompanhavam. E então o bilhete se transformava no típico bilhete escrito na Casa dos Hóspedes do Estado. Faltava alguma coisa. Não havia ovos. Cortinados rasgados. Quando eles poderiam apresentar seus cumprimentos a sua alteza? Era verdade que ia haver uma procissão com tochas? Se fosse, eles poderiam vê-la? Eles não queriam causar problemas, mas se pudessem ficar num balcão ou se pudessem sair num barco... Aziz rasgou o bilhete. Mostrar a vida nativa para a srta. Quested era algo de que ele já havia se fartado. Bruxa traiçoeira e horrenda! Gente totalmente má. Ele esperava evitá-los, embora fosse difícil isso acontecer, pois eles por certo ficariam presos muitos dias em Mau. No sul as inundações estavam ainda piores, e na direção da estação ferroviária de Asirgarh alguns lagos mostravam seu rosto cinza-claro.

XXXV

BEM ANTES DE AZIZ DESCOBRIR MAU, outro jovem muçulmano tinha se refugiado ali — um santo. A mãe dele lhe havia dito: “Liberte os prisioneiros”. Assim, munido de uma espada ele subiu para a fortaleza e destrancou sua porta. Os prisioneiros saíram numa torrente e retomaram os afazeres com que se ocupavam anteriormente, mas seu redentor teve a cabeça cortada pelos policiais enfurecidos. Ignorando a ausência dela, o jovem prosseguiu, subindo os rochedos que ficam entre a fortaleza e a cidade e matando os policiais que encontrava pelo caminho, até cair na entrada da casa de sua mãe, depois de ter feito o que ela lhe ordenara. Por isso há dois santuários para ele: o da Cabeça, mais acima, e o do Corpo, mais abaixo, freqüentados pelos poucos muçulmanos que moram ali por perto e também pelos hinduístas. “Não há nenhum Deus além de Deus”; essa admoestação simétrica se dissolve no ar ameno de Mau; ela pertence às peregrinações e às universidades, não ao feudalismo e à agricultura. Quando chegou e descobriu que até o islã era idólatra, Aziz se tornou desdenhoso

e ansiou por purificar o lugar, como Alamgir. Mas logo deixou de se importar, como Akbar. Afinal de contas esse santo havia libertado os prisioneiros e ele, por sua vez, já fora feito prisioneiro.

O Santuário do Corpo ficava no jardim de sua casa e semanalmente apresentava uma colheita de lâmpadas e flores; quando as via, ele se lembrava dos seus sofrimentos. Ao Santuário da Cabeça chegava-se depois de uma caminhada curta e bela. Na manhã seguinte ao grande *pujah* ele estava de folga e chamou os filhos para irem lá. Jamila segurou sua mão. Ahmed e Karim correram na frente, conjecturando sobre como estaria o corpo quando chegou cambaleante e se eles teriam se amedrontado se o tivessem encontrado. Aziz não queria que as crianças crescessem supersticiosas, por isso as censurou, e elas responderam “Sim, papai”, por serem bem-educadas, mas, como ele próprio, elas eram impermeáveis à discussão, e depois de uma pausa educada continuaram dizendo o que sua natureza as levava a dizer.

Um prédio oitavado, estreito e alto, erguia-se entre arbustos no alto da ladeira. Era o Santuário da Cabeça. Não tinha teto, e na verdade era apenas um tabique de proteção. Dentro dele acachapava-se uma humilde cúpula, e dentro desta, visível através de uma grade, havia uma pedra tumular quebrada envolvida em morim. Os ângulos internos do tabique estavam entulhados de ninhos de abelhas, dos quais caíam sem parar uma chavinha de asas quebradas e outros restos aéreos que juncavam com sua penugem o chão úmido. Ahmed, informado por Mohammed Latif sobre o caráter das abelhas, disse: “Elas não vão nos ferir porque nós temos uma vida casta”, e seguro de si entrou no santuário; sua irmã foi mais cautelosa. Saindo dali, eles entraram numa mesquita, que pela forma e tamanho parecia um guarda-fogo; as arcadas de Chandrapore tinham se reduzido a uma peça chata de estuque ornamental, com protuberâncias nas duas extremidades sugerindo minaretes. Aquela coisinha engraçada nem mesmo ficava ereta, pois a pedra em que havia sido posta estava escorregando pela colina.

A mesquita e o santuário eram um resultado estranho dos protestos da Arábia.

Eles vagaram pela antiga fortaleza, que agora estava deserta, e admiraram os vários panoramas. O cenário, pelos padrões deles, era encantador — o céu cinza e escuro, um despropósito de chuva por toda parte, a terra pontilhada de lagoas e escorregadia por causa da lama. Uma monção magnífica — a melhor dos últimos três anos; os lagos já estavam cheios e as safras provavelmente seriam abundantes. Para os lados do rio (a estrada pela qual os Fielding haviam deixado Deora) o aguaceiro fora descomunal; o correio tinha de ser puxado por cordas. Dali eles só podiam divisar a brecha na floresta indicando o desfiladeiro e, mais acima, as rochas que assinalavam o local da mina de diamantes, resplandecentes com a umidade. Logo abaixo, isolada pelas inundações, ficava a residência de campo da rani júnior, e via-se sua alteza, indulgente quanto ao *purdah*, caminhando a passos trôpegos com suas criadas no jardim e ondulando o seu sari para os macacos no teto. Mas talvez fosse melhor não dirigir o olhar para logo abaixo — e nem tampouco para a Casa de Hóspedes Europeus. Para além da Casa de Hóspedes, numa outra região ensombrecida, viam-se colinas verde-acinzentadas cobertas com templos que pareciam pequenas chamas brancas. Havia mais de duzentos deuses somente naquela direção, que se visitavam constantemente e eram donos de uma grande quantidade de vacas e de toda a indústria de folhas de bétela, além de ser acionistas da companhia de ônibus de Asirgarh. Muitos deles estavam no

palácio naquele momento, dispondo do tempo de sua vida; outros, grandes demais e demasiado orgulhosos para viajar, tinham mandado símbolos para representá-los. O ar era tomado pela religião e pela chuva.

Com suas camisas brancas ondulando, Ahmed e Karim correram em torno da fortaleza dando gritos de alegria. Logo estavam diante de uma fila de prisioneiros que tinham o olhar vazio voltado para um velho canhão de bronze. “Qual de vocês vai ser perdoado?”, perguntaram eles. Pois naquela noite aconteceria a procissão do Deus Supremo, e então, escoltado por todo o poder do Estado, Ele deixaria o palácio e passaria pela prisão, que agora ficava lá embaixo, na cidade. Quando fizesse isso, agitando as águas da nossa civilização, um prisioneiro seria libertado, e então Ele prosseguiria, chegando ao grande lago de Mau, que termina no jardim da Casa de Hóspedes, onde outra coisa iria acontecer, alguma apoteose final ou secundária, depois do que Ele se submeteria à experiência de um sono. Sendo muçulmana, a família de Aziz não estava muito bem informada sobre tudo isso, mas a visita à prisão era do conhecimento geral. Sorrindo, os olhos baixos, os prisioneiros discutiram com aquelas pessoas bem-nascidas suas chances de salvação. Não fossem os ferros que tinham nas pernas, pareceriam iguais aos outros homens, e na verdade eles não se sentiam diferentes. Cinco deles, que ainda não haviam sido levados a julgamento, não poderiam esperar o indulto, mas todos os que tinham sido sentenciados estavam esperançosos. Sua mente não distinguia entre o Deus e o rajá; ambos estavam muito acima deles; mas o guarda era mais bem-educado e se arriscou a perguntar pela saúde de sua alteza.

“Está melhor”, respondeu o médico. Na realidade o rajá estava morto. A cerimônia da noite anterior havia exigido demais de suas forças. Mas a morte estava sendo ocultada do povo, para não obscurecer a glória do festival. O médico hindu, o secretário particular e um criado de confiança velavam o corpo, enquanto Aziz assumira o dever de ser visto em público e enganar as pessoas. Ele havia gostado muito do soberano e poderia não prosperar sob o comando do seu sucessor, mas não devia se preocupar com esses problemas, pois estava imerso na ilusão que ajudara a criar. Seus filhos continuavam correndo ali por perto, perseguindo uma rã para pôr na cama de Mohammed Latif, os bobinhos. No jardim da sua casa havia centenas de rãs, mas era preciso pegar uma na fortaleza. Eles lhe disseram que mais abaixo dois *topis* estavam se aproximando. Fielding e seu cunhado, em vez de descansar depois da viagem, subiam a ladeira para visitar o túmulo do santo!

“Vamos atirar pedras?”, perguntou Karim.

“Ou vamos pôr vidro moído na panela deles?”

“Ahmed, pare com essas maldades.” Aziz levantou a mão para dar uma palmada em seu primogênito, mas em vez disso permitiu-lhe beijá-la. Era encantador ter seus filhos consigo naquele momento e saber que eles eram afetuosos e corajosos. Os ingleses eram convidados do Estado, informou ele às crianças, por isso não deviam ser envenenados e sim recebidos, como sempre, com anuência polida e entusiástica às suas palavras.

Os dois visitantes entraram no octágono mas imediatamente se precipitaram para fora, perseguidos pelas abelhas. Correram de um lado para outro, dando palmadas na cabeça; as crianças gritaram com escárnio, e do céu, como se uma rolha tivesse sido puxada, caiu uma chuva deliciosa. Aziz não tinha tido intenção de saudar seu ex-amigo, mas o incidente deixou-o de excelente humor. Ele se sentiu íntegro e forte. Gritou: “Olá, senhores, algum problema?”.

O cunhado disse que havia sido picado por uma abelha.

“Deite-se numa lagoa, caro senhor, há várias por aqui. Não se aproxime de mim. Eu não posso controlá-las; são abelhas do Estado. Queixe-se do comportamento delas a sua alteza.” Não havia perigo real, pois a chuva estava aumentando. O enxame retirou-se para o santuário. Aziz foi até o estranho e arrancou de seu pulso dois ferrões, exclamando: “Vamos, recomponha-se e seja homem”.

“Como vai, Aziz, depois de tanto tempo? Soube que você estava morando aqui”, disse Fielding, mas seu tom não era amigável. “Acho que dois ferrões não representam perigo.”

“De modo algum. Vou mandar uma mezinha para a Casa de Hóspedes. Soube que vocês se instalaram lá.”

“Por que você não respondeu às minhas cartas?”, perguntou ele indo direto ao ponto, sem apanhá-lo no entanto, por causa da chuva torrencial. Seu companheiro, novo no país, dizia aos gritos que as abelhas tinham voltado a atacá-lo. Severo, Fielding o fez parar com aquelas momices e depois perguntou: “Existe algum atalho para a nossa carruagem? Precisamos desistir de ir a pé.

O tempo está horrível”.

“Por ali.”

“Vocês não estão descendo?”

Aziz encenou um *salaam* cômico; como todos os indianos, ele era hábil quando queria fazer uma insolência sutil. “Tremo e obedeço”, dizia o gesto, e Fielding não deixou de perceber isso. Eles desceram até a estrada por um caminho acidentado — os dois homens primeiro; o cunhado (um rapazote, e não um homem) depois, sofrendo por causa do braço; e por fim as três crianças indianas — todos os seis encharcados.

“Como é que você está, Aziz?”

“Com a saúde de sempre.”

“Você está se saindo mais ou menos bem aqui?”

“E você, está melhor ou pior?”

“Quem está dirigindo a Casa dos Hóspedes?”, perguntou ele, desistindo do seu tímido esforço para resgatar a intimidade entre os dois e tornando-se mais oficial; ele era mais velho e mais inflexível.

“O secretário particular de sua alteza, provavelmente.”

“E onde está ele?”

“Não sei.”

“Desde que chegamos não apareceu por lá uma única pessoa.”

“Verdade?”

“Escrevi com antecedência para o *darbar* e perguntei se a visita seria oportuna. Disseram-me que sim, e então programei a minha viagem incluindo-a; mas parece que os criados da Casa dos Hóspedes não têm nenhuma orientação clara; até agora não conseguimos um único ovo, e além disso minha mulher quer fazer um passeio de barco.”

“Há dois barcos aqui.”

“Exatamente, e nenhum remo.”

“O coronel Maggs quebrou os remos na última vez que veio aqui.”

“Todos os quatro?”

“Ele é um homem fortíssimo.”

“Se o tempo melhorar, hoje à noite nós queremos ver da água a procissão com tochas”, prosseguiu ele. “Escrevi ao Godbole sobre isso, mas ele não me respondeu; este é um lugar de mortos.”

“Talvez a sua carta não tenha chegado ao ministro.”

“As pessoas não gostam que os ingleses assistam à procissão?”

“Não sei absolutamente nada sobre a religião aqui. Jamais me passaria pela cabeça assistir à procissão.”

“Tivemos uma recepção diferente em Mudkul e em Deora. Nesta foram conosco a personificação da amabilidade; o marajá e a *maharani* queriam que nós víssemos tudo.”

“Vocês não deviam ter deixado os dois.”

“Suba, Ralph.” Eles haviam chegado à carruagem.

“Subam, senhor Quested e senhor Fielding.”

“Quem vem a ser o senhor Quested?”

“Pronunciei mal esse nome tão conhecido? Ele não é irmão da sua mulher?”

“Com quem você acha que eu me casei?”

“Eu sou Ralph Moore”, disse o rapazote enrubescendo, e nesse momento caiu outra pancada de chuva que formou uma névoa em torno dos pés deles. Aziz tentou recuar, mas já era tarde demais.

“Quested? Quested? Você não sabia que a minha mulher é a filha da senhora Moore?”

Ele tremeu e ficou cinza-arroxeadado; detestou a notícia, detestou ouvir o nome Moore.

“Talvez isso explique a sua atitude estranha.”

“Mas o que há de estranho na minha atitude?”

“A carta arrogante que você autorizou o Mahmoud Ali a escrever em seu nome.”

“Acho essa conversa muito inútil.”

“Como é que você foi se equivocar assim?”, perguntou Fielding, mais amigável que antes mas incisivo e escarnekedor. “É quase inacreditável. Acho que lhe escrevi meia dúzia de vezes mencionando pelo nome a minha mulher. Senhorita Quested! Que idéia extraordinária!” Pelo seu sorriso, Aziz imaginou que Stela devia ser bonita. “A senhorita Quested é nossa melhor amiga, ela nos apresentou, mas... que idéia espantosa. Aziz, depois nós precisamos acabar com esse mal-entendido. Evidentemente é alguma perversidade do Mahmoud Ali. Ele sabe muito bem que eu me casei com a senhorita Moore. Ele a chamou de ‘irmã do Heaslop’ na carta insolente que me escreveu.”

O nome enfureceu Aziz. “É o que ela é, e esse é o irmão dele, e você é o cunhado dele, e até logo.” A vergonha se transformou numa raiva que lhe devolveu o amor-próprio. “O que me importa com quem você se casou? Não me perturbe aqui em Mau; é tudo o que eu lhe peço. Não quero você, não quero nenhum de vocês na minha vida particular, e vou dizer isso com o meu

último alento. É verdade, foi um disparate bobo; me desdenhe e me olhe com frieza. Achei que você tivesse se casado com o meu inimigo. Nunca li a sua carta. Mahmoud Ali me enganou. Achei que você tivesse roubado o meu dinheiro, mas”, ele bateu as mãos e seus filhos se aproximaram, “é como se você o tivesse roubado. Perdôo ao Mahmoud Ali tudo o que ele fez, porque ele gosta de mim.” Depois, fazendo uma pausa, enquanto a chuva explodia como tiros, ele disse: “De agora em diante o meu coração é do meu povo”, e se afastou. Cyril o seguiu pela lama, desculpando-se com um meio sorriso, querendo argumentar e reconstruir, ressaltando com uma lógica irrefutável que ele havia se casado não com a noiva de Heaslop e sim com a irmã de Heaslop. Que diferença isso fazia a essa hora do dia? Ele havia erigido sua vida em cima de um engano, mas ele a havia erigido. Falando em urdu, para que os filhos o entendessem, ele disse: “Por favor, não nos siga, quem quer que seja a sua mulher. Não quero ser amigo de nenhum inglês ou inglesa”.

Voltou para casa alvoroçado e feliz. Tinha sido um momento incômodo, sinistro, quando o nome da senhora Moore foi mencionado e evocou lembranças. “Esmiiss Esmur...” — como se ela tivesse vindo ajudá-lo. Ela fora sempre tão bondosa, e aquele jovem para quem ele quase nem havia olhado era o filho dela, Ralph Moore, Stella e Ralph, com quem ele havia prometido ser amável, e Stella tinha se casado com Cyril.

XXXVI

DURANTE TODO O TEMPO A MÚSICA e as batidas não cessaram no palácio. A revelação já tinha acabado, mas seu efeito perdurava, e ele consistia em fazer os homens sentirem que ainda não tinha havido revelação. A esperança subsistia apesar da satisfação, como ocorrerá no céu. Embora o Deus tivesse nascido, Sua procissão — que muita gente supunha vagamente ser o Nascimento — não havia acontecido. Nos anos normais as horas centrais desse dia eram marcadas por exhibições de grande beleza nos apartamentos privados do rajá. Ele tinha um grupo consagrado de homens e garotos cujo dever era dançar diante dele diversas ações e meditações da sua fé. Sentado confortavelmente, ele testemunhava os Três Passos com os quais o Salvador ascendeu ao Universo para o desapontamento de Indra, também a morte do dragão, a montanha que se transformou num guarda-chuva e o *saddhu* que (com resultados cômicos) invocou o Deus antes de jantar. Tudo culminava com a dança das ordenhadoras, quando a música e os músicos rodopiavam entre as roupas azul-marinho dos atores até chegarem às suas coroas douradas, e todos se fundiam em um. Então o rajá e seus convidados se esqueciam de que isso era uma exibição dramática e adoravam os atores. Naquele dia nada desse tipo podia ocorrer, porque a morte interrompe tudo. Ela interrompia menos em Mau do que na Europa, onde seu *páthos* era mais tocante e sua ironia mais cruel. Lamentavelmente, dois homens reivindicavam o trono; eles estavam no palácio então e desconfiavam do que havia acontecido, mas não causaram problema, porque para os hindus a religião é uma força viva e pode em certos momentos fazer com que se relegue tudo o que por natureza é banal e temporário. O festival prosseguia, desordenado e sincero, e todos os homens se amavam, e evitavam instintivamente o que pudesse causar aborrecimento ou dor.

Aziz não compreendia isso, não mais que um cristão comum. Estava perplexo com o fato de subitamente Mau se ver livre da desconfiança e do egoísmo. Embora fosse forasteiro e não participasse dos ritos, naquela época eles sempre lhe pareciam encantadores; ele e sua família recebiam pequenas

amabilidades e presentes, pelo fato de não serem incluídos. Não havia nada para fazer naquele dia, a não ser mandar a mezinha para a Casa dos Hóspedes, e no fim da tarde ele se lembrou disso e procurou um paliativo em torno da sua casa, pois o dispensário estava fechado. Encontrou uma lata de unguento pertencente a Mohammed Latif, que não concordou com a sua retirada dali, pois a untura havia recebido palavras mágicas enquanto estava fervendo; mas Aziz prometeu trazê-la de volta depois de aplicá-la às picadas, pois queria ter uma desculpa para sair a cavalo.

A procissão estava começando a se formar quando ele passou pelo palácio. Uma grande multidão observava o carregamento do palanquim do Estado, cuja proa, na forma da cabeça prateada de um dragão, assomava pela porta alta entreaberta. Deuses, grandes e pequenos, estavam tomando seus lugares dentro dele. Aziz desviou os olhos, pois nunca sabia quanto ele podia ver, e quase colidiu com o ministro da Educação. “Ah, você pode me atrasar”, disse Godbole, dando a entender que o toque de um não-hinduísta exigiria outro banho; as palavras foram pronunciadas sem veemência moral. “Desculpe”, disse Aziz. O outro sorriu e novamente mencionou a festa na Casa dos Hóspedes, e quando o ouviu dizer que afinal de contas a mulher de Fielding não era a srta. Qusted, comentou: “Ah, não, ele se casou com a irmã do senhor Heaslop. É isso mesmo, eu já sei disso há mais de um ano”, também sem veemência. “Por que você não me contou? Seu silêncio me pôs num belo apuro.” Godbole, que nunca havia contado nada para ninguém, sorriu novamente e disse num tom desaprovador: “Não fique nunca zangado comigo. Na medida das minhas limitações, sou seu amigo verdadeiro. Além disso, estou no meu festival sagrado”. Aziz sempre se sentia um bebê na presença daquele homem estranho, um bebê que inesperadamente recebe um brinquedo. Ele também sorriu e levou o cavalo para uma viela, pois ali já quase não havia espaço para qualquer movimento. A Banda dos Varredores estava chegando. Batendo o ritmo com os instrumentos de sua profissão, eles transpuseram o portão do palácio com o ar de um exército vitorioso. Todas as outras músicas silenciaram, pois esse era ritualmente o momento dos Desprezados e Rejeitados; o Deus não podia sair do Seu templo enquanto a banda dos varredores impuros estivesse tocando; eles eram o salpico de sujeira sem o qual o espírito não pode se manter coeso. Por um instante a cena foi magnífica. Escancararam-se as portas e se viu dentro toda a corte, descalça e vestida com roupas brancas; na passagem desobstruída estava a Arca do

Senhor, coberta com tecido de ouro e ladeada por leques de pavão e estandartes redondos cor de carmim, com uma profusão de estatuetas e flores. O sol amável das monções brilhou e inundou de cor o mundo no momento em que ela foi erguida da terra nos ombros dos seus carregadores, e assim os tigres amarelos pintados nas paredes do palácio pareceram saltar e madeixas de nuvens cor-de-rosa e cinza pareceram se ligar umas às outras no céu. O palanquim avançou. A ruela estava cheia de elefantes do Estado, que o seguiriam, os *howdahs* vazios em sinal de humildade. Aziz não prestava atenção a essas coisas sagradas, que não tinham a menor relação com as dele; sentia-se entediado e algo irritado, como o seu próprio imperador Babur, que chegou do Norte e não encontrou no Hindustão nenhuma fruta boa nem água fresca, nem conversa inteligente, nem mesmo um amigo.

A ruela levava diretamente para fora da cidade, para rochas muito altas e depois a selva. Ali Aziz puxou a rédea e examinou o grande lago de Mau, que sob ele se mostrava até a sua curva mais distante. Refletindo as nuvens do entardecer, o lago enchia do mesmo esplendor o mundo inferior, de modo que a terra e o céu se curvavam um em direção ao outro, prestes a colidir em êxtase. Ele cuspiu, outra vez irritado, mais irritado do que antes. Pois no centro do círculo lustroso uma pequena mancha estava avançando: o barco da Casa de Hóspedes. Os ingleses haviam improvisado alguma coisa para substituir os remos e estavam dando prosseguimento à sua obra de patrulhar a Índia. A cena o levou a estimar os hinduístas, por comparação, e olhando para trás, para a corcova branco-leitosa do palácio, Aziz desejou que eles pudessem ter o prazer de carregar seu ídolo, que não ficava se intrometendo na vida dos outros. Essa pose de “ver a Índia”, que o havia tornado sedutor para a srta. Quested em Chandrapore, era apenas uma forma de dominar a Índia; por trás dela não havia nenhuma simpatia. Ele sabia exatamente o que estava acontecendo no barco enquanto o grupo olhava para os degraus pelos quais a imagem logo desceria, e se perguntava até onde eles poderiam se aproximar sem ter problemas oficiais.

Aziz não desistiu de prosseguir, pois na Casa de Hóspedes haveria criados que ele poderia interrogar; um pouco de informação nunca deixa de ser oportuno. Seguiu pelo caminho que ladeia o promontório sombrio onde estavam os túmulos reais. Como o palácio, eles eram de estuque branco e brilhavam com sua luz interna, mas a noite que começava a descer tornava spectral o seu esplendor. O promontório era coberto de árvores altas;

morcegos se lançavam dos galhos e produziam sons de beijos quando roçavam a superfície do lago: pendurados de cabeça para baixo durante todo o dia, eles tinham ficado sedentos. Os sinais do tranqüilo entardecer indiano se multiplicavam: rãs por toda parte, esterco de vaca queimando, como sempre; no céu, calaus retardatários ondulando ao crepúsculo pareciam esqueletos alados. Havia morte no ar, mas não tristeza; tinha-se chegado a uma conciliação entre destino e desejo, e até o coração do homem estava em paz.

A Casa de Hóspedes Europeus ficava sessenta metros acima da água, no topo de um pico rochoso e coberto de bosques que sobressaía na floresta. Quando Aziz chegou, a água havia se reduzido a uma camada fina de cinza-malva e o barco tinha desaparecido inteiramente. Uma sentinela dormia na varanda da Casa de Hóspedes; as salas desertas dispostas em forma de cruz estavam com as luzes acesas. Ele foi de uma sala a outra, inquisitivo e maldoso. Duas cartas sobre o piano o recompensaram, e ele as pegou e leu-as imediatamente. Não se envergonhou de fazer isso. A inviolabilidade da correspondência particular nunca foi ratificada pelo Oriente. Além disso, no passado o sr. McBryde havia lido todas as suas cartas e divulgado o conteúdo delas. Uma carta — a mais interessante das duas — era de Heaslop para Fielding. Lançava luz sobre a mentalidade do seu ex-amigo e endureceu-o ainda mais com relação a ele. A maior parte dela tratava de Ralph Moore, que parecia ser quase imbecil. “Mostre minhas cartas ao Ralph sempre que lhe convier. Escrevo para você porque tenho certeza de que ele vai fazer um mau *bundobust*.” Depois: “Concordo plenamente; a vida é curta demais para ficar alimentando mágoas, e além disso estou aliviado por você se sentir capaz de até certo ponto se alinhar entre os Opressores da Índia. Precisamos de toda ajuda que possamos obter. Espero que Stella o traga consigo da próxima vez que vier me encontrar; eu lhe darei todo o conforto que um solteirão pode dar — evidentemente já é hora de nos encontrarmos. De fato o casamento de minha irmã com você depois da morte da minha mãe e depois das minhas próprias dificuldades me preocupou e eu fui insensato. Já é hora de nos reconciliarmos devidamente, como você diz — consideremos que ambos os lados têm suas culpas. Fiquei feliz em saber do seu filho e herdeiro. Quando o primeiro de vocês escrever para Adela, por favor diga-lhe alguma coisa em meu nome, pois eu gostaria de fazer as pazes com ela também. Vocês têm sorte de não estarem na Índia britânica neste momento. Incidente atrás de incidente, tudo por causa da propaganda. Mas não conseguimos pegar o fio

condutor das coisas. Quanto mais tempo se vive aqui, mais certeza se tem de que tudo está ligado. Minha opinião pessoal é que são os judeus”.

Até então era o rapaz de nariz vermelho. Durante um momento Aziz se distraiu com sons vagos que vinham da superfície da água; a procissão tinha começado. A segunda carta era da srta. Qusted para Fielding. Tinha um ou dois toques interessantes. Adela esperava que “Ralph gostasse da sua Índia mais do que eu gostei da minha” e parecia ter dado dinheiro a ele para essa finalidade — “minha dívida que eu nunca pagarei pessoalmente”. Que dívida a srta. Qusted imaginava ter com o país? Ele não gostou da frase. Havia um comentário sobre a saúde de Ralph. Era tudo “Stella e Ralph”, até mesmo “Cyril” e “Ronny” — muito amistoso e razoável, e escrito com um espírito que lhe era inacessível. Ele invejava as relações naturais que são possíveis apenas num país de mulheres livres. Essas cinco pessoas estavam resolvendo suas pequenas diferenças e cerrando suas desmanteladas fileiras contra o estrangeiro. Até Heaslop estava se associando. Vinha daí a força da Inglaterra. Num acesso de mau humor ele bateu no piano e produziu um barulho notável, pois as teclas estavam dilatadas e grudadas em grupos de três.

“Quem está aí?”, disse uma voz aflita e respeitosa; Aziz não se lembrava de onde a havia ouvido antes. Alguma coisa se moveu à luz do crepúsculo numa sala contígua. Ele respondeu: “Médico do Estado investigando; falo muito pouco sua língua”, deslizou as cartas para dentro do bolso e, para mostrar que tinha livre acesso à Casa de Hóspedes, bateu novamente no piano.

Ralph Moore surgiu na claridade.

O jovem tinha uma aparência estranha: alto, com um aspecto precocemente amadurecido, os grandes olhos azuis empalidecidos pela aflição, o cabelo maltratado e desgrenhado. Não era um tipo que o Império exportava com freqüência. O médico que havia em Aziz pensou: “Filho de mãe muito velha”; mas o poeta o achou muito bonito.

“Não pude vir antes por estar atarefadíssimo. Como vão as célebres picadas de abelha?”, perguntou condescendente.

“Eu... eu estava descansando. Eles acham que eu estou melhor; elas latejam muito.”

A timidez e evidente “inexperiência” do jovem tiveram efeitos complicados sobre o descontente Aziz. Falando num tom ameaçador, ele ordenou: “Venha cá, por favor, eu quero ver”. Eles estavam praticamente sós, e ele podia tratar o paciente como Callendar tinha tratado Nureddin.

“Hoje de manhã o senhor disse...”

“O melhor dos médicos se engana. Venha, por favor, para que eu faça um diagnóstico sob a luz. Tenho pouco tempo.”

“Ai!”

“Qual é o problema, por favor?”

“As suas mãos são desagradáveis.”

Ele se assustou e olhou para elas. O extraordinário jovem tinha razão, e ele as pôs atrás das costas antes de responder com indisfarçada raiva: “Que diabo as minhas mãos têm a ver com o senhor? Esse comentário é estranhíssimo. Sou um médico formado e não vou machucá-lo”.

“Eu não me preocupo com a dor. Não senti dor.”

“Não sentiu dor?”

“Não, de verdade.”

“Ótima notícia”, disse Aziz num tom sarcástico.

“Mas senti crueldade.”

“Eu lhe trouxe um unguento, mas o problema é como passá-lo no senhor, nesse seu estado nervoso”, prosseguiu ele depois de uma pausa.

“Por favor, deixe-o comigo.”

“Claro que não. Ele volta imediatamente para o meu dispensário.” Aziz esticou o braço e o garoto recuou para a extremidade da mesa. “Então, o senhor quer que eu trate as suas picadas ou prefere um médico inglês? Em Asirgarh há um médico inglês. Asirgarh fica a quarenta milhas daqui e a represa de Ringnod se rompeu. Sua situação é essa. Acho melhor conversar com o senhor Fielding sobre o senhor; esse seu comportamento é uma grande tolice.”

“Eles saíram, estão num barco”, respondeu ele olhando em volta à procura de ajuda.

Aziz fingiu uma grande surpresa. “Espero que eles não tenham ido na direção de Mau. Numa noite como esta as pessoas se tornam extremamente fanáticas.” E então se ouviu o que pareceu uma confirmação do que ele havia dito: um soluço, como se os lábios de um gigante tivessem se separado; a procissão estava se aproximando da prisão.

“O senhor não devia nos tratar desse jeito”, reclamou ele.

Dessa vez Aziz se deteve, pois a voz, embora assustada, não era débil.

“De que jeito?”

“Doutor Aziz, nós não lhe fizemos nenhum mal.”

“Ahá, estou vendo que o senhor sabe como eu me chamo. Está certo, eu sou Aziz. E evidentemente a sua grande amiga senhorita Quested não me fez nenhum mal em Marabar.”

Abafando suas últimas palavras, todos os canhões do Estado atroaram. Um foguete lançado do jardim da prisão deu o sinal.

O prisioneiro tinha sido libertado e estava beijando os pés dos cantores. Chegam pessoas trazendo especiarias sagradas e coco; pétalas de rosa caem das casas. Era o momento da metade do trajeto; o Deus tinha estendido Seu templo e exultante fazia uma pausa. Depois de sofrerem muita fusão e confusão pelo caminho, os rumores da salvação entraram na Casa de Hóspedes. Surpreendidos, os dois homens foram para a varanda, atraídos pela súbita iluminação. O canhão de bronze do forte continuava lampejando; a cidade era uma mancha de luz onde a casa dava a impressão de estar dançando e o palácio parecia ter pequeninas asas que ondulavam. A água embaixo, as colinas e o céu acima ainda não estavam envolvidos; até então havia apenas um nada de luz e música avançando a custo em meio aos fragmentos informes do Universo. A música se tornou audível graças a muitas repetições; o coro estava repetindo e invertendo o nome das divindades.

*“Radhakrishna Radhakrishna,
Radhakrishna Radhakrishna,
Krishnaradha Radhakrishna,
Radhakrishna Radhakrishna”*,

cantavam eles, e acordaram a sentinela adormecida da Casa de Hóspedes; o homem se inclinou sobre a lança com ponta de ferro.

“Preciso voltar agora. Boa-noite”, disse Aziz e estendeu a mão para Ralph, esquecendo-se completamente de que eles não eram amigos e concentrando o coração em algo mais distante que as cavernas, algo bonito. Sua mão foi apertada e ele então se lembrou de como havia sido detestável e disse amavelmente: “Você não acha mais que eu sou cruel?”

“Não.”

“Como é que você sabe, garoto estranho?”

“Não é nada difícil. Essa é a única coisa que eu sempre sei.”

“Você sempre sabe quando um estranho é amigo?”

“Sei.”

“Então você é um oriental.” Com um leve arrepio, Aziz soltou a mão enquanto falava. Ele havia dito essas palavras na mesquita para a sra. Moore no início do ciclo do qual, depois de muito sofrimento, se libertara. Não ser nunca amigo de um inglês! Mesquita, cavernas, mesquita, cavernas. E lá ia ele começando de novo. Ele entregou ao garoto o unguento mágico. “Tome; pense em mim enquanto estiver usando-o. Não vou querê-lo de volta. Preciso lhe dar um presentinho, e isso é tudo o que eu tenho; você é filho da senhora Moore.”

“Sou”, murmurou ele para si mesmo; e uma parte da mente de Aziz que tinha estado oculta pareceu se mexer e forçar a passagem para cima.

“Mas você também é irmão do Heaslop, e infelizmente as duas nações não podem ser amigas.”

“Eu sei. Ainda não.”

“Sua mãe falou de mim para você?”

“Falou.” E com uma mudança de voz e de posição que Aziz não entendeu, ele acrescentou: “Nas cartas, nas cartas. Ela gostava muito do senhor”.

“Sua mãe foi a minha melhor amiga em todo o mundo.” Ele ficou em silêncio, perplexo com a sua enorme gratidão. O que significava essa deusa eterna chamada sra. Moore? Nada, se submetida à prova da reflexão. Ela não havia testemunhado a favor dele, nem o visitara na prisão, mas furtivamente tinha se instalado nas profundezas do seu coração, e ele a adorava. “Essa é a nossa monção, o nosso melhor clima”, disse ele enquanto as luzes da procissão ondulavam como se bordadas numa cortina que o vento agitava. “Como eu gostaria que ela tivesse visto as nossas chuvas. Essa é a época em que todas as coisas ficam felizes, as novas e as velhas. Elas estão felizes lá fora com o seu barulho selvagem, embora não possamos observá-las; todos os lagos estão cheios, e por isso elas dançam, e isso é a Índia. Se você não estivesse com gente do governo eu poderia lhe mostrar o meu país. Mas agora talvez eu só o leve para uma meia horinha de passeio de barco.”

O ciclo começava novamente? Seu coração estava pleno demais para recuar. Era preciso sair rapidamente na escuridão e fazer esse único ato de homenagem ao filho da sra. Moore. Ele sabia onde estavam os remos — escondidos para que os viajantes desistissem de sair — e pegou os dois pares, imaginando que talvez eles encontrassem o outro barco; os Fielding haviam

remado com mastros muito grandes e poderiam ficar em apuro, pois o vento estava começando a soprar.

Ele se tranqüilizou quando chegaram à água. Uma boa ação de Aziz era sempre um canal para outra, e logo a torrente da sua hospitalidade jorrou e ele começou a fazer as honras de Mau e a se convencer de que conhecia a procissão desordenada, cujos sons e luzes aumentavam à medida que evoluíam as complicações do ritual. Quase não era preciso remar, pois o vento forte e refrescante os levava na direção que eles queriam. Arbustos arranharam a quilha, seguiram até uma ilhota e assustaram alguns grou. A estranha vida temporária da enchente de agosto os levava e dava a impressão de que duraria para sempre.

O barco era uma canoa sem direção. Encolhido na popa, segurando o par de remos de reserva, o hóspede não pedia detalhes de nada. Então houve um clarão de relâmpago, seguido de um segundo — pequenos riscos vermelhos no céu pesado. “Aquilo era o rajá?”, perguntou ele.

“O quê... o que você quer dizer?”

“Reme de volta.”

“Mas não há nenhum rajá, não há nada.”

“Reme de volta, você vai ver por quê.”

Aziz teve dificuldade de remar contra o vento. Mas fixou o olhar no pontinho de luz que indicava a Casa de Hóspedes e deu algumas remadas de volta.

“Olhe ali.”

Flutuando na escuridão, em roupas reais brilhantes, via-se um rei sentado sob um dossel.

“Não sei lhe dizer o que é aquilo, não sei mesmo”, sussurrou ele. “Sua alteza morreu. Acho que devemos voltar imediatamente.”

Eles estavam perto do promontório dos túmulos, e através de uma clareira entre as árvores tinham visto o *chhatri* do pai do rajá. Era essa a explicação. Ele já havia ouvido falar na imagem — feita, a um custo enorme, para imitar a vida —, mas nunca a vira antes, embora remasse freqüentemente no lago. Ela só podia ser avistada de um ponto, e Ralph o havia dirigido para esse ponto. Ele se afastou às pressas, sentindo que seu companheiro era mais guia do que visitante. Então sugeriu: “Vamos voltar agora?”.

“Mas a procissão ainda não acabou.”

“Eu preferia não me aproximar mais, eles têm costumes muito estranhos e podem machucá-lo.”

“Só um pouquinho mais.”

Aziz obedeceu. Sabia com o coração que esse era o filho da sra. Moore, e na verdade enquanto seu coração não se envolvia ele não sabia nada. “Radhakrishna Radhakrishna Radhakrishna Radhakrishna Krishnaradha”, continuava a cantilena. Então ela mudou subitamente, e no intervalo ele ouviu, quase com certeza, as sílabas redentoras que tinham ressoado durante o seu julgamento em Chandrapore.

“Senhor Moore, não diga a ninguém que o rajá morreu. Isso ainda é segredo, e esperam que eu não o revele. Vamos fingir que ele está vivo até o festival acabar, para afastar a tristeza. O senhor quer se aproximar ainda mais?”

“Quero.”

Aziz tentou manter o barco fora da luz das tochas que começavam a brilhar na outra margem. Os foguetes continuavam a explodir, assim como os canhões. De repente, mais perto do que ele havia imaginado, o palanquim de Krishna surgiu por trás de um muro em ruínas e desceu os cintilantes degraus que levavam à água. Nos dois lados dele os cantores saltavam, e entre eles se destacava uma mulher, uma vigorosa e bela jovem santa que tinha flores no cabelo. Ela louvava Deus sem atributos — era assim que ela O concebia. Outros O louvavam com atributos, vendo-O nesse ou naquele órgão do corpo, nessa ou naquela manifestação do céu. Eles correram para a margem e ali ficaram de pé sendo banhados pelas ondas baixas, e preparou-se uma refeição sagrada da qual participaram aqueles que se sentiam merecedores. O velho Godbole percebeu o barco, que estava sendo levado pelo vento, e agitou os braços — Aziz nunca soube se por raiva ou alegria. Mais acima estava o poder secular de Mau — elefantes, artilharia, a multidão —, e bem acima dele começava uma furiosa tempestade, confinada inicialmente às regiões superiores da atmosfera. Lufadas de vento mesclavam escuridão e luz, cortinas de chuva avançavam do norte, detinham-se, avançavam do sul, começavam a se levantar de detrás, e entre elas os cantores se moviam a custo, entoando todas as notas, menos o terror, e se preparando para lançar Deus, o Próprio Deus (não que Deus possa ser lançado), na tempestade. Assim Ele era lançado ano após ano, e também se lançavam outras coisas, pequenas imagens de Ganpati, cestas de milho, minúsculas *tazias* do Mohurram: bodes expiatórios, palhas de milho, símbolos de passagem; uma

passagem que não era fácil, que não era agora, que não era ali, que só se apreende quando é inatingível: o Deus lançado era um símbolo disso.

A aldeia de Gokul reapareceu em sua bandeja. Estava no lugar da imagem de prata, que nunca deixava sua nuvem de flores; por causa de outro símbolo ela devia perecer. Um servidor a tomou em suas mãos e rasgou as bandeiras azuis e brancas. Ele estava nu, os ombros largos, a cintura delgada — o corpo indiano novamente triunfante —, e era seu dever hereditariamente transmitido fechar os portões da salvação. Entrou nas águas escuras empurrando à sua frente a aldeia até que os bonecos de barro escorregaram das cadeiras e começaram a se derreter na chuva e o rei Kansa se confundiu com o pai e a mãe do Senhor. Escuras e sólidas, as ondinhas iam realizando sua tarefa, até que uma grande onda cobriu tudo e então vozes inglesas gritaram: “Cuidado!”.

Os dois barcos tinham colidido.

Os quatro forasteiros sacudiram os braços e se agarraram, e com remos e mastros estendidos para a frente giraram como um monstro mítico no remoinho. Os adoradores gritaram de ira ou de alegria enquanto os barcos, sem que se pudesse fazer nada, avançavam contra o servidor. Que os esperava, o belo rosto escuro sem expressão, e enquanto os últimos pedaços se dissolviam na bandeja, ela se chocou contra eles.

O golpe foi mínimo, mas Stella, que estava mais próxima do ponto onde ele ocorreu, encolheu-se nos braços do marido, depois foi atirada para a frente e então se arremessou contra Aziz, e seus movimentos emborcaram os barcos. Os quatro mergulharam na água quente e rasa, e depois surgiram se debatendo em meio a um furacão de barulho. Os remos, a bandeja sagrada e as cartas de Ronny e Adela se soltaram e flutuaram confusamente. Fez-se fogo de artilharia, tocaram-se tambores, os elefantes gritaram e tudo isso foi afogado pelo imenso estrondo de um trovão sem relâmpago que estalou na cúpula como uma marreta.

Isso foi o clímax, se é que a Índia admite um clímax. A chuva dedicou-se decididamente à tarefa de encharcar a tudo e a todos, e logo destruiu o tecido de ouro do palanquim e os caros estandartes em forma de disco. Algumas das tochas se apagaram, os fogos de artifício não acenderam, a cantilena começou a diminuir e a bandeja voltou para o professor Godbole, que pegou um pedaço de lama aderido a ela e sem muita cerimônia esfregou-o na testa.

O que quer que tivesse acontecido, acontecera; e enquanto os intrusos se recuperavam, as multidões de hinduístas começaram desordenadamente um

movimento de volta à cidade. A imagem também voltou, e no dia seguinte teve ela própria uma morte particular, quando algumas cortinas magenta e verde foram baixadas diante do santuário dinástico. A cantilena ainda continuou por algum tempo, bordas esfarrapadas de religião, emaranhado insatisfatório e sem força dramática. “Deus és amor.” Rememorando a grande confusão das últimas vinte e quatro horas ninguém conseguiria dizer qual era o centro emocional dela, assim como é impossível localizar o núcleo de uma nuvem.

XXXVII

NOVAMENTE AMIGOS, mas sabendo que não se encontrariam mais, Aziz e Fielding saíram para um último passeio a cavalo pela selva de Mau. As inundações tinham abrandado um pouco e a morte do rajá fora oficialmente comunicada, e assim o grupo da Casa de Hóspedes estava indo embora na manhã seguinte, como exigia o decoro. Com o luto e o festival, a visita havia sido um fracasso. Fielding quase não chegara a ver Godbole, que todo dia prometia lhe mostrar a Escola Secundária Rei-Imperador George V, o principal objetivo do visitante, mas sempre dava alguma desculpa para não fazê-lo. Naquela tarde Aziz descobriu o que acontecera: a escola Rei-Imperador havia se transformado num celeiro e o ministro da Educação não queria admitir isso para o seu ex-diretor. Não fazia ainda nem um ano que a escola tinha sido inaugurada pelo comissário do governador-geral, e para todos os efeitos ela estava ainda florescendo; Godbole esperava poder pô-la em funcionamento antes que a ausência dela fosse notada e reunir seus alunos antes que eles próprios tivessem uma descendência. Fielding riu daquela confusão e perda de energia, mas já não levava tão pouca bagagem quanto no passado; a educação era para ele uma preocupação constante porque sua renda e o conforto de sua família dependiam dela. Ele sabia que poucos indianos acham a educação boa em si mesma, e agora deplorava isso por mais razões do que antes. Começou a fazer um comentário extenso sobre os estados nativos, mas a afabilidade de Aziz o levou a mudar de assunto. Essa reconciliação, pelo menos, era um sucesso. Depois do divertido naufrágio não tinha havido mais absurdos ou asperezas, e eles voltaram ao seu velho relacionamento como se nada tivesse acontecido. Agora cavalgavam entre esplêndidos arbustos e rochas. Logo o espaço se revelou à plena luz do sol e eles viram sobre a relva de uma ladeira a cintilação de borboletas e também uma cobra, que rastejava por ali sem nenhum objetivo e desapareceu entre algumas anonas. Havia nuvens brancas e redondas no céu e lagoas transparentes na terra; as colinas a distância eram púrpura. O cenário poderia ser de um parque da Inglaterra, mas nem por isso deixava de parecer estranho. Eles pararam para dar à cobra espaço de manobra

e Aziz escreveu uma carta que queria mandar para a senhorita Quested. Uma carta encantadora. Ele desejava agradecer à sua ex-inimiga o belo comportamento que ela tivera dois anos antes; agora era perfeitamente claro que ela havia se comportado bem. “Quando caí no maior lago de Mau em circunstâncias que nossos outros amigos vão lhe relatar, eu pensei em como a senhorita Quested era corajosa e resolvi dizer isso a ela, apesar do meu inglês imperfeito. Por causa da senhorita eu sou feliz aqui com os meus filhos em vez de estar numa prisão; quanto a isso eu não tenho dúvida. Meus filhos aprenderão a falar da senhorita com a maior afeição e respeito.”

“A senhorita Quested gostará imensamente. Fico feliz por você afinal ter percebido a coragem dela.”

“Quero fazer boas ações por toda parte e apagar para sempre a lamentável questão de Marabar. Fui vergonhosamente precipitado ao pensar que você queria ficar com o meu dinheiro; isso foi um erro tão grave quanto a própria caverna.”

“Aziz, eu gostaria que você falasse com a minha mulher. Ela também acha que Marabar foi apagada.”

“Como?”

“Não sei, talvez ela lhe conte; ela não me conta. Ela tem idéias que eu não compartilho, na verdade quando estou longe dela eu as acho ridículas. Quando estou com ela, talvez por ser louco por ela, eu penso diferente, fico meio surdo e meio cego. Minha mulher está procurando alguma coisa. Você, eu e a senhorita Quested não estamos atrás de nada, falando de modo geral. Vamos levando a vida da forma mais decente que podemos, você um pouco mais à frente; um grupinho louvável. Mas a minha mulher não está conosco.”

“O que você está querendo dizer? Stella não é fiel a você, Cyril? Isso me preocupa muito.”

Fielding hesitou. Ele não se sentia muito feliz no casamento. Estava mais uma vez apaixonado fisicamente — o último arrebatamento antes da meia-idade — e sabia que a mulher não o amava tanto quanto ele a amava, e envergonhava-se de aborrecê-la. Mas durante a visita a Mau a situação tinha melhorado. Parecia finalmente haver um elo entre eles — esse elo externo aos participantes, necessário em todo relacionamento. Na linguagem da teologia, a união deles tinha sido abençoada. Ele podia dizer a Aziz que Stella não só lhe era fiel como também era provável que viesse a se tornar ainda mais fiel; e, tentando expressar o que não era claro nem mesmo para ele, acrescentou

estupidamente que pessoas diferentes têm diferentes pontos de vista. “Se você não quer falar com a Stella sobre Marabar, por que não fala com o Ralph? Ele é realmente um garoto sensato. E — outra vez a metáfora — cavalga um pouco atrás dela, embora com ela.”

“Explique a ele que eu não tenho nada a lhe dizer, mas que ele é de fato um garoto sensato e tem para sempre um amigo indiano. Em parte eu gosto dele por ele ter me reaproximado de você, para me despedir. Pois isso é uma despedida, Cyril, embora pensar nisso vá estragar o nosso passeio e nos entristecer.”

“Não; nós não vamos pensar nisso.” Também ele sentia que aquele era o último encontro em que eles conversariam com liberdade. Todos os tolos mal-entendidos haviam sido esclarecidos, mas socialmente eles não tinham lugar para se encontrar. Ao se casar com uma inglesa ele havia compartilhado sua sorte com a Índia britânica e estava adquirindo algumas das suas limitações, sentindo-se já surpreso com o heroísmo que tinha mostrado no passado. Hoje ele seria capaz de desafiar todo o seu povo por causa de um indiano desgarrado? Aziz era uma recordação, uma relíquia, e eles se orgulhavam um do outro; mas precisavam inevitavelmente se separar. E, ansioso por extrair o máximo daquela última tarde, Fielding fez um esforço para falar com intimidade de sua mulher, a pessoa que ele mais amava. E disse: “Do ponto de vista dela, Mau foi um sucesso. O lugar acalmou-a... os dois são inquietos. Aqui ela encontrou algo reconfortante, alguma solução para os seus estranhos problemas”. Depois de um silêncio — milhares de beijos em torno deles, quando a terra absorvia a água — ele prosseguiu: “Você sabe alguma coisa sobre essa história de Krishna?”

“Meu caro amigo, oficialmente chamam a festa de Gokul Ashtami e durante sua celebração todos os órgãos públicos ficam fechados. Mas por que outra razão ela interessaria a você e a mim?”

“Gokul é a aldeia onde nasceu Krishna, isto é, mais ou menos, porque a mesma hesitação que há entre Belém e Nazaré existe aqui entre Gokul e outra aldeia. O que eu quero descobrir é o lado espiritual, se é que há um lado espiritual.”

“É inútil discutir o hinduísmo comigo. Viver com seus seguidores já não me ensina nada. Quando acho que os aborreço, eu não aborreço. Quando acho que não os aborreço, eu os aborreço. Talvez eles me demitam por ter

caído na casa com os bonecos; por outro lado talvez eles dobrem o meu salário. O tempo dirá. Por que é que você está tão curioso com relação a eles?”

“É difícil explicar. Eu nunca os entendi ou gostei deles realmente, a não ser uma ou outra coisa que observava no Godbole.

O velhote ainda diz ‘Vem, vem?’”

“Ah, provavelmente.”

Fielding suspirou, abriu os lábios, fechou-os e então disse com uma risadinha: “Não sei explicar, porque absolutamente a coisa não se explica por palavras, mas eu me pergunto por que a minha mulher e o irmão dela gostam do hinduísmo, embora não se interessem pelos seus rituais. Eles não falam comigo sobre isso. Sabem que para mim um lado da vida deles é um erro, e se intimidam. É por isso que eu gostaria que você conversasse com eles, pois de qualquer modo você é um oriental”.

Aziz se recusou a responder. Não queria encontrar Stella e Ralph novamente, sabia que eles não queriam encontrá-lo, não tinha curiosidade de saber seus segredos e achava que o bom Cyril era um pouco inábil. Algo — não algo visto, mas um som — passou rapidamente por ele e o levou a reler sua carta para a senhorita Quested. Não havia uma outra coisa que ele tinha pensado em dizer para ela? Pegando a caneta, acrescentou: “De minha parte, de agora em diante vou associá-la ao nome que é muito sagrado em minha mente: senhora Moore”. Quando terminou, o espelho do cenário estava espatifado, o prado se desintegrara em borboletas. Por sua cabeça passaram ligeiros um poema sobre Meca — a Caaba da União — e os arbustos espinhosos onde os peregrinos morrem antes de terem visto o Amigo; ele pensou em sua mulher; e então toda aquela reviravolta meio sensual, meio mística, tão característica da sua vida espiritual, chegou ao fim como uma avalanche e repousou no seu devido lugar, e ele se viu a cavalo na selva com o querido Cyril.

“Ah, cale-se”, disse ele. “Não estrague a nossa última hora com coisas tolas. Deixe Krishna em paz e vamos falar de alguma coisa sensata.”

Foi o que eles fizeram. Falaram sobre política durante todo o trajeto de volta a Mau. Ambos haviam endurecido depois de Chandrapore, e uma boa discussão revelou-se prazerosa. Eles confiavam um no outro, embora fossem se separar; talvez porque fossem se separar. Fielding disse que já não via necessidade de ser cortês, dando a entender que na verdade o Império britânico não podia ser abolido por ser rude. Aziz replicou: “Muito bem, e nós

não temos nenhuma utilidade para vocês”, e dardejou-o com um ódio abstrato no olhar. Então Fielding rebateu: “Sem nós, os indianos decairão imediatamente. Veja a Escola Secundária Rei-Imperador! Veja você, esquecendo a sua medicina e retrocedendo aos sortilégios. Veja os seus poemas”.

“São muito bons. Vão publicá-los em Bombaim.”

“Muito bem, mas o que dizem eles? Libertemos nossas mulheres e a Índia será libertada. Tente fazer isso, meu caro. Liberte a sua mulher em primeiro lugar, e quem irá lavar o rosto de Ahmed, de Karim e de Jamila? Bela situação!”

Aziz ficou mais agitado. Ergueu-se nos estribos e puxou a cabeça do cavalo, esperando que ele retrocedesse, porque assim se sentiria numa batalha. E então gritou: “Vão-se embora todos vocês, Turtons e Burtons. Nós queríamos conhecê-los dez anos atrás; agora é tarde demais. É por razões políticas que nós os visitamos e nos sentamos nas suas comissões, não se enganem”. Seu cavalo recuou. “Vão-se embora, vão-se embora, estou dizendo. Por que nós temos de sofrer tanto? Nós culpávamos vocês, agora culpamos a nós mesmos; ficamos mais sábios. Enquanto a Inglaterra não estiver em dificuldades nós ficaremos em silêncio, mas na próxima guerra européia... Ahá!, aí será a nossa vez.”

Fez uma pausa, e o cenário, embora sorrisse, caiu como uma pedra tumular sobre qualquer esperança humana. Eles passaram a meio galope por um templo dedicado a Hanuman — Deus que amou de tal modo o mundo que pôs sobre si a pele de um macaco — e por um templo de adoradores de Shiva que convidava ao desejo, mas sob uma aparência de eternidade; suas obscenidades não tinham nenhuma relação com as da nossa carne e do nosso sangue. Eles chapinharam por borboletas e rãs; grandes árvores com folhas parecendo pratos cor-de-rosa no meio do matagal. As divisões da vida cotidiana estavam voltando; o santuário estava quase fechado.

“Quem é que você quer em vez dos ingleses? Os japoneses?”, zombou Fielding puxando a rédea.

“Não, os afegãos. Meus ancestrais de fato.”

“Ah, seus amigos hinduístas vão gostar disso, não é mesmo?”

“Isso se resolve... uma conferência de estadistas orientais.”

“Realmente se resolve.”

“É aquela velha história do ‘Vamos assaltar todos os homens e estuprar todas as mulheres de Peshawar a Calcutá’, imagino, que vocês dizem a algum João-ninguém para repetir e depois fazem aparecer semanalmente no *Pioneer* para nos assustar e nos fazer desistir de expulsá-los! Nós sabemos disso!” Mas ele não podia concordar com afegãos em Mau, e percebendo que estava encurralado, fez o cavalo recuar novamente até se lembrar de que tinha, ou devia ter, uma pátria. Então gritou: “A Índia será uma nação! Sem estrangeiros de qualquer espécie! Hindus e muçulmanos e *sikhs*, e todos serão um! Viva a Índia! Viva! Viva a Índia!”.

Índia, uma nação! Que apoteose! A mais nova integrante da irmandade enfadonha do século XIX! Chegando com passos hesitantes, nesse momento do mundo, para ocupar seu lugar! Ela, só comparável ao Sacro Império Romano, talvez fique emparelhada com a Guatemala e a Bélgica! Fielding zombava novamente.

E Aziz, numa terrível fúria, dançava de um lado para outro sem saber o que fazer, e por fim gritou: “Abaixo os ingleses, de qualquer modo. Isso é certo. Sumam! Nós podemos nos odiar uns aos outros, mas sobretudo odiamos vocês. Se eu não conseguir expulsá-los, Ahmed conseguirá, Karim conseguirá; pode ser que leve cinquenta anos ou quinhentos, mas nós nos livraremos de vocês, sim, de qualquer maneira empurraremos todos os malditos ingleses para o mar, e então”, ele cavalgou furiosamente na direção de Fielding, “e então”, concluiu quase beijando-o, “você e eu seremos amigos”.

“Por que não podemos ser amigos agora?”, disse o outro segurando-o afetuosamente. “É o que eu quero. É o que você quer.”

Mas os cavalos não queriam: eles se afastaram um do outro; a terra não queria: pôs pedras no caminho dos cavaleiros, obrigando-os a andar em fila indiana; os templos, o lago, a prisão, o palácio, os pássaros, os cadáveres putrefatos e a Casa de Hóspedes — que se tornou visível quando eles saíram do desfiladeiro e viram Mau lá embaixo — não queriam, e nas suas centenas de vozes disseram: “Não, ainda não”, e o céu disse: “Não, ali não”.

GLOSSÁRIO

Todas as citações, a menos que se afirme o contrário, são de *Hobson-Jobson: being a glossary of anglo-indian colloquial words and phrases, and of kindred terms* [Hobson-Jobson: glossário de palavras e frases coloquiais anglo-indianas e de termos afins], de H. Yule e A. C. Burnell (Londres, John Murray, 1886), uma obra encantadora e erudita.

Almeira: “móvel (fechado) do tipo guarda-roupa ou cômoda”.

Badmash: “aquele que segue rumos ruins”.

Band-ghari: carruagem coberta.

Bangalô dak: “casa de repouso para a acomodação de viajantes, mantida antigamente (e até hoje, em menor grau) pelo governo da Índia”.

Begum: “princesa, ama, senhora de alta posição social; aplicado a senhoras muçulmanas [...]”.

Bhakti: devoção religiosa. Em *The hill of Devi* Forster define a palavra como “nossa união com o Divino por meio do amor”.

Bhang: “as folhas secas e as pequenas hastes de cânhamo (ou seja, *Cannabis indica*) que as pessoas fumam ou ingerem misturadas a doces, com o intuito de se inebriar”.

Bhil: membro de um povo da Índia Central formado sobretudo por tribos de aborígenes caçadores.

Brahma: “o Ser Supremo de acordo com os sistemas filosóficos indianos”.

Bundobust: disposição, organização. Fazer um mau *bundobust* é confundir tudo.

Bulbul: palavra persa para “rouxinol”.

Burra sahib: “o grande *sahib* (ou mestre)”, um termo que aparece constantemente, seja numa família, para distinguir o pai ou o irmão mais velho, numa área de residência de funcionários, para indicar o coletor, o comissário ou qualquer funcionário que possa ser reconhecido como cabeça da sociedade, ou num departamento, para designar o chefe dessa unidade, local ou remoto”.

Champak: champó.

Chaussée: estrada.

Chhatri: baldaquino (aqui um baldaquino de pedra).

Chota hazri: (“pequeno desjejum”): desjejum leve feito de manhã bem cedo.

Chukker: um dos tempos em que se divide o jogo de pólo.

Chunam: cal preparada.

Chuprassy: “aquele que tem um distintivo [...], um mensageiro de um escritório ou ajudante de confiança”.

Dhoti: “tecido usado por todas as castas hindus respeitáveis do norte da Índia; enrolado no corpo, sua extremidade é passada entre as pernas e presa sob a cintura, deixando um festão de calicô caído até um dos joelhos”.

Durbar: “governo executivo de um estado nativo”.

Durry: tapete de algodão.

Gram: grão-de-bico.

Hakim: médico.

Hammam: banho turco.

Howdah: assento, normalmente com balaustrada e baldaquino, levado por um elefante.

Huzoor: (“a presença”): usado pelos nativos como um modo respeitoso de falar de ou para pessoas respeitáveis, de ou para seu amo [...].

Izzat: reputação, prestígio.

Maharani: esposa de um marajá.

Maidan: espaço aberto na cidade ou próximo dela.

Mali: jardineiro.

Mensahib: “esse exemplo curioso de uma palavra híbrida é a palavra respeitosa comumente usada para designar uma senhora européia casada [...] sendo que a primeira parte representa *ma'am* [madame]”.

Milhafre brâmane: *Haliastur indicus*, “que os hindus consideram com alguma reverência como sagrado para Vishnu”.

Mohurram: “na verdade esse é o nome do primeiro mês do ano lunar muçulmano. Mas na Índia a palavra é aplicada ao período de jejum e luto público observados durante esse mês em comemoração à morte de Hasan e de seu irmão Husain (nos anos 669 e 680)”.

Nautch: “um tipo de bailado executado por mulheres”.

Nawab: título de nobreza indiano.

Nullah: curso d'água.

Pan: “combinação de bétele, castanha de areca, lima etc., gentilmente oferecida [...] às visitas”. Forster escreveu bastante sobre esse costume em *Abinger harvest*.

Pargana: divisão de território, compreendendo muitas aldeias.

Pathan: membro de uma das tribos que falam *pashto* na região da fronteira do noroeste.

Peon: ordenança ou mensageiro.

Pukka: permanente, genuíno, a senhora Turton usa a expressão significando *comme il faut*.

Punkab: “ventilador grande, fixo mas que se movimenta, formado por tecido esticado numa moldura retangular e pendurado no teto, que é usado para agitar o ar durante a estação quente”.

Purdah: cortina que oculta as dependências das mulheres numa casa; o sistema de segregação simbolizado por ela.

Raga: na música indiana, um tipo de melodia que é definido pela sua escala.

Ryot: lavrador ou fazendeiro.

Saddhu: asceta religioso hindu.

Sahib: “título pelo qual, em toda a Índia, os cavalheiros europeus, e pode-se dizer os europeus de modo geral, são tratados e referidos pelos nativos, quando estes não têm intenção de desrespeitar”.

Sais: cavalariaço.

Salaam: (“paz”): palavra usada como saudação; gesto de deferência que freqüentemente acompanha essa saudação: o indivíduo se curva profundamente e toca a testa com a mão direita; fazer esse gesto.

Shikar: caçada.

Tatty: “uma tela ou esteira, normalmente feita das raízes de uma grama perfumada, que é colocada numa estrutura de forma a preencher a abertura de uma porta ou janela e mantida úmida, para refrescar o ar de um ambiente”.

Taz̄ia: representação dos túmulos de Hasan e Husain, levada na procissão do Mohurram.

Touro brâmane: “touro consagrado a Shiva e que é deixado solto”.

Tiffin: refeição leve; por extensão, almoço.

Tonga: pequena carruagem de duas rodas, ou tálburi.

Topi: chapéu leve de sol, feito do caule de uma planta indiana.

Tum-tum: veículo leve de duas rodas, puxado por um cavalo, com dois assentos transversais dispostos um de costas para o outro.

Vakil: advogado.

Wallah: homem, companheiro; usado como sufixo com palavras como *punkab* e *tonga*.

- [1] Dadabhai Naoroji. *Essays, speeches, addresses and writings* (Bombay: Caxton Printing Works, 1887). Primeiro indiano a se tornar professor universitário, Naoroji foi para a Inglaterra aos trinta anos, onde passou a maior parte da vida escrevendo sobre o povo indiano e tentando influenciar a opinião pública a favor do autogoverno em seu país. Esteve presente na primeira reunião do Congresso Nacional Indiano em 1885 e foi eleito três vezes seu presidente, em 1886, 1893 e novamente em 1906. A reivindicação de independência (*swaraj*) feita pelo Congresso foi expressa publicamente por ele pela primeira vez em seu discurso de posse em 1906.
- [2] Thomas Babington Macaulay. “Minute of 2 february 1835 on Indian Education”, in: *Macaulay, prose and poetry*, seleção de G. M. Young (Harvard University Press, 1957), p. 729.
- [3] Abdul R. Jan Mohamed. “The Economy of Manichean Allegory: ‘The Function of Racial Difference in Colonialist Literature’”, in: Gates Jr., Henry Louis (ed.). *“Race”, writing, and difference* (Chicago: University of Chicago Press, s.d.), p. 94.
- [4] O Motim (ou Rebelião) irrompeu em áreas isoladas em 1857 e houve levantes sangrentos em Meerut, Délhi, Kanpur e Lucknow. Esse motim abalou os alicerces da Companhia e determinou o fim de seu domínio na Índia. Apesar do fracasso dessa primeira tentativa em grande escala de derrubar o domínio britânico, a revolta teve como consequência a decisão do Parlamento britânico de assumir total responsabilidade pelo governo da Índia.
- [5] Em 1876, por sugestão de Disraeli, a rainha Vitória adotou o título de Imperatriz da Índia, que a partir dali passou a ser conhecida oficialmente como Império indiano e governada por vice-reis no lugar de governadores-gerais.
- [6] E. M. Forster. “Preface”, in: *The Hill of Devi* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, s.d.), p. 7.
- [7] Id., *ibid.*, p. 238.
- [8] *Raj*: reino.
- [9] A analogia talvez não seja casual, dado o interesse de Forster pela música e pelos métodos musicais. Ver a entrevista de Forster a *The Paris Review*, 1952, p. 10.
- [10] E. M. Forster, “The art of fiction”. *The Paris Review*, 1952, p. 3. Traduzido no Brasil como “A arte da ficção”, in: *Aspectos do romance*. 4ª ed. (São Paulo: Globo, 2005), pp. 213-18.
- [11] Id., *Two cheers for democracy*, 1951, p. 299.
- [12] Id., *ibid.*, p. 328.
- [13] Virginia Woolf, “The novels of E. M. Forster”, in: *The Death of the Moth and other essays*.
- [14] Id., *ibid.*
- [15] Cavalariço. Os demais termos estão no Glossário, p. 365. (N. E.)
- [16] *Cousin Kate*, uma comédia de H. H. Davies (1876-1917), foi produzida pelo Haymarket Theatre de Londres em junho de 1903 e reencenada no Playhouse em 1911. (N. E.)
- [17] O coletor era o funcionário superior numa das muitas centenas de distritos em que, sob o domínio britânico, a Índia foi dividida. (N. E.)
- [18] Bolo com creme, claras de ovos, frutas, amêndoas etc. embebido em vinho. (N. T.)
- [19] Artista inglesa que se tornou popular entre o fim do século XIX e início do XX ao retratar cenas idealizadas do cotidiano doméstico. (N. E.)
- [20] Lanterna de óleo protegida contra correntes de ar ou ventos por uma manga de vidro. (N. T.)
- [21] No original: “Esmis Esmoor”; forma truncada de Mrs. Moore (sra. Moore). (N. T.)
- [22] No original, “God si Love”. (N. E.)